

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO – PPGSeD**

ÚRSULA TOSTES DA SILVA

***UM LUGAR AO SOL* DE ERICO VERISSIMO: MÚLTIPLOS OLHARES
SOBRE AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DAS MULHERES EM
DIFERENTES TEMPOS**

**CAMPO MOURÃO – PR
2021**

ÚRSULA TOSTES DA SILVA

***UM LUGAR AO SOL* DE ERICO VERISSIMO: MÚLTIPLOS OLHARES
SOBRE AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DAS MULHERES EM
DIFERENTES TEMPOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Sociedade e Desenvolvimento.

Orientador: Dr. Marcos Clair Bovo

Coorientadora: Dra. Fabiane Freire França

**CAMPO MOURÃO – PR
2021**

(Bibliotecário: André Luiz Ferreira Vidal-CRB 9/1767)

S586l Silva, Úrsula Tostes da.

Um lugar ao sol de Erico Verissimo: múltiplos olhares sobre as experiências e vivências das mulheres em diferentes tempos/ Úrsula Tostes da Silva. - Campo Mourão, 2021.
200 f.

Orientador: Marcos Clair Bovo.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Paraná, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, 2021.

Inclui bibliografia.

1. Mulher. 2. Lugar. 3. Interdisciplinaridade. 4. Erico Verissimo. I. Bovo, Marcos Clair. II. Universidade Estadual do Paraná. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. III. Título.

CDD 21. ed. – 305.4

ÚRSULA TOSTES DA SILVA

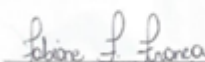
UM LUGAR AO SOL DE ERICO VERISSIMO: MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DAS MULHERES EM DIFERENTES TEMPOS

BANCA EXAMINADORA

Dr. Marcos Clair Bovo – UNESPAR, Campo Mourão



Dra. Fabiane Freire França – UNESPAR, Campo Mourão



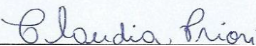
Dr. Fred Maciel – UNESPAR, Campo Mourão



Dra. Geniane Diamante Ferreira – UEM, Maringá



Dra. Claudia Priori – UNESPAR- Curitiba II



Data de Aprovação

04/08/2021

Campo Mourão – PR

DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação aos meus pais, aos meus irmãos, ao Marcelo, aos amigos e a todos aqueles que fazem da ciência um caminho para melhorar a humanidade. Dedico também ao autor que tanto me inspira, ao senhor Erico Verissimo que por meio de suas obras nos possibilita buscar caminhos para ter um novo olhar sobre e para a sociedade.

AGRADECIMENTOS

“Enquanto houver vocês do outro lado
Aqui do outro eu consigo me orientar
A cena repete
A cena se inverte [...]
Tua palavra
Tua história
E a tua ausência fazendo silêncio em todo lugar
Metade de mim agora é assim
De um lado a poesia, o verbo, a saudade
Do outro a luta, a coragem para chegar no fim
E o fim é belo, incerto
Depende de como você vê [...]”
(ANITELLI, Fernando. O anjo mais velho, 2012).

Primeiro agradeço ao Grande Arquiteto do Universo pela oportunidade, por cuidar de mim e de todos os que estão à minha volta. Se não fosse por ele não estaríamos aqui! À minha família que mesmo estando a dois mil quilômetros me deu todo o apoio necessário para que eu chegasse até aqui, porque sei que enquanto vocês estiverem do outro lado eu consigo estar bem. Aos meus sobrinhos Johann, Bruna Valentinna, Marcela e Lucas (que por conta da Pandemia eu nem pude ainda conhecer) eu agradeço do fundo do meu coração, e desculpem-me pelas inúmeras ausências, o motivo foi justo! Muito obrigada meus amores! Vocês são a minha luz e combustível. À minha irmã, às minhas cunhadas, obrigada por entenderem as renúncias, as conversas atrasadas, o meu eterno agradecimento. Ao meu irmão e cunhados também agradeço pelo apoio, pois ele é importante.

Aos meus pais que sofreram junto comigo, que riem e que sempre nos incentivaram a seguir nossos caminhos, vamos continuar de mãos dadas pela vida. Amo vocês mais do que tudo!

Aos amigos que a UFV me deu! Jana, Marcelo, Fernando, Maristela, Sara, Maria, Amanda, Maykeli, vocês moram em minha vida, no meu coração, obrigada por cada palavra de

incentivo, pelo carinho, pelas conversas! Nem todas as palavras são capazes de expressar a minha alegria por ter vocês em minha vida!

É impossível citar o nome de todos os amigos de Manhuaçu, Marilândia, são tantos! Portanto, deixo também meus agradecimentos, afinal, vocês fazem parte da minha história, obrigada!

Um agradecimento mais do que especial às pessoas que Deus colocou no meu caminho, Aline, Jean, Suzana, vocês mal me conheciam e o que fizeram por mim não tem preço algum que eu consiga pagar, me acolheram sem ao menos saber quem eu era. Obrigada, a generosidade de vocês nos torna irmãos, vocês são minha família! Falando em generosidade, agradeço a Flávia e ao Rafael (Marco, João e Catarina) por terem nos acolhido na cidade de Barbosa Ferraz, vocês fazem parte da nossa história que aqui estamos construindo. É bom demais ter vocês por perto.

Agradeço também à Professora Doutora Maria Aracy Bonfim da Universidade Federal do Maranhão que gentilmente cedeu-me seu livro *“Linha na roca, linha na pauta - O tecer da memória na obra O Tempo e o Vento, de Erico Verissimo”* que muito contribuiu na construção desta pesquisa. Obrigada Professora, seu texto foi extremamente valioso.

A luta é grande, a saudade é maior ainda, mas quem tem uma Márcia Cristina, uma Débora na vida tem tudo! Obrigada meninas pelos cafés, pelas conversas, pelos puxões de orelha! A falta que fazem na minha vida é gigantesca! Ao demais colegas do mestrado, obrigada por também participarem desse momento.

Durante a travessia, porque segundo um grande amigo, fazer mestrado é fazer uma travessia muitas vezes solitária, dolorida, mas pude contar com pessoas maravilhosas, ao Professor Marcos Bovo, meu orientador, e à Professora Fabiane, minha coorientadora, é com muito carinho e gratidão que agradeço por ter vocês ao meu lado no decorrer dessa caminhada, a travessia ficou mais fácil! Obrigada por tudo, por dialogarem, por confiarem em mim e comprarem a minha ideia!

A ausência, a falta, como você me faz falta!! Eliane (in memoriam), minha tia, você foi embora desse mundo muito rápido, mas sei que está olhando por mim aí de cima. Tia, agradeço do fundo do meu coração por todos os seus ensinamentos, por todos os livros que me apresentou, por todo o amor que tinha à Literatura e a nós. Sempre te amarei.

Ao meu amor, Marcelo, meu companheiro de vida, meu incentivador, ao que nos dias mais difíceis sempre está comigo, com todo o meu mau humor, irritação, nervosismo, que me abraça e abre um sorriso e diz que tudo vai passar. A coragem para chegar até aqui vem de ti! É você com toda a sua paciência, dedicação que me faz conquistar o meu lugar no mundo! Te amo e nem que escreva um texto de mil páginas, as palavras serão poucas para expressar o meu amor por você!

Ao Victor, ao Thiago, amigos que o Paraná me deu! Obrigada por acreditarem em mim! Por fazerem parte da minha história!!!

Ao meu amor de quatro patas, que me acompanha, que se falasse saberia explicar, discutir a dissertação comigo. Minha companheira Catarina, eu não podia deixar de agradecer o seu amor que é tão puro, tão seu, como você me faz feliz com os pulos, suas lambidas e abanos de rabo, como sou grata por sua companhia! Seus olhos brilhantes são a minha luz quando estou cansada. Te amo, minha Cat!

Um agradecimento especial às minhas queridas entrevistadas, agradeço a todas por terem participado da pesquisa, vocês foram essenciais!

A todos que direta ou indiretamente participaram dessa incrível travessia, só tenho a agradecer!

Agradecimentos à CAPES pelo financiamento da pesquisa.

Agradeço a participação da banca pelas importantes e enriquecedoras sugestões para a dissertação, vocês são importantes para que possamos nos tornar melhores pesquisadores.

“O Mestrado é uma grande travessia” (ALVARENGA, Fernando Marques).

“O meu lugar na sociedade é o lugar que eu quiser e não o lugar que querem me colocar. Eu não posso aceitar um lugar imposto, eu tenho um lugar de fala, eu tenho voz, eu tenho vez, ser respeitada no lugar que eu quero estar” (ALICE).

RESUMO

SILVA, Úrsula Tostes da. **UM LUGAR AO SOL DE ERICO VERISSIMO**: múltiplos olhares sobre as experiências e vivências das mulheres em diferentes tempos. 200fls. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2021.

A presente dissertação objetiva analisar o romance “*Um Lugar ao Sol*” de Erico Verissimo, obra na qual o escritor apresenta a personagem Clarissa já moça e de volta à cidade de Porto Alegre depois do assassinato do pai, ela já formada como professora, autossuficiente e mantenedora do seu lar, assim como Fernanda, que além de vizinha também é amiga de Clarissa e sua família. Nesse romance, Verissimo expõe essas duas mulheres de maneira diferente das figuras femininas daquela época, que viviam sob a égide dos valores machistas e conservadores, pois as mesmas não podiam expressar suas vontades e tampouco reivindicar direitos. Ao reapresentar Clarissa, já seguindo sua profissão, lutando por sua subsistência e da família, da mesma maneira que Fernanda o faz, Erico Verissimo apresenta essas duas mulheres como questionadoras de seu tempo, que enfrentam as adversidades da vida, da condição social em que vivem, observando as transformações sociais, políticas e econômicas que perpassam o romance. Levando em consideração a obra aqui analisada e que tanto ela quanto outras obras que compõem os primeiros romances de Verissimo, iniciadas com o romance “*Clarissa*” (1933) e culminam com “*Saga*” (1940), são obras ainda pouco estudadas, ou se estudam as mulheres em blocos comprando-as ou se estudam as mulheres do romance “*O Tempo e o Vento*”, além disso, até o momento não foram encontradas pesquisas interdisciplinares que envolvam a obra de Verissimo, a Literatura, a Geografia, História e Sociologia e Estudos de Gênero. Diante dessas perspectivas, esta pesquisa visa analisar a mulher criada por Verissimo bem como estabelecer relações com as experiências e vivências das mulheres reais que nasceram na segunda metade do século XX e chegam aos primeiros 20 anos do século XXI. A pesquisa é interdisciplinar e como tal ela se faz presente por meio da Geografia por meio dos conceitos de lugar, associados a ela se encontram os estudos do lugar também para a Literatura bem como a concepção do que é ficção e realidade, e, relacionado aos estudos já citados temos a História por meio dos estudos sobre origem e desenvolvimento da cidade de Porto Alegre e também sobre os movimentos feministas e a Sociologia que nos auxilia na compreensão dos estudos sobre a sociedade. Pautados nos princípios apresentados, levantamos os seguintes questionamentos: a) Como a mulher é representada no romance “*Um Lugar ao Sol*”? b) qual o lugar da mulher na ficção? d) qual o papel que a desempenhado pela mulher na sociedade? e) quais as transformações enfrentadas pelas mulheres nas últimas décadas do século XX e as que as mulheres ainda enfrentam nos primeiros 20 anos do século XXI? O aporte metodológico da investigação constitui-se de pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas semiestruturadas que foram gravadas e transcritas. Os resultados obtidos indicam os avanços e também o que ainda permanece igual na vida das mulheres na sociedade brasileira por meio de suas experiências e vivências. A pesquisa segue a abordagem interdisciplinar entre as áreas de Literatura e Geografia, História e Sociologia

Palavras – Chave: Mulher, Lugar, Interdisciplinaridade, Erico Verissimo

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the novel "Um Lugar ao Sol" by Erico Verissimo, in which the author introduces the character Clarissa as a young girl who, after the murder of her father, returns to the city of Porto Alegre to train as a teacher, self-supporter and housekeeper, as well as Fernanda, who is not only a neighbor but also a friend of Clarissa and her family. In this novel, Verissimo portrays these two women differently from the female characters of the time, who lived under the aegis of sexist and conservative values, as they could not express their desires or claim rights. By reintroducing Clarissa, who is now pursuing her profession and fighting for her livelihood and family, in the same way as Fernanda, Erico Verissimo presents these two women as questioners of their time, facing the adversities of life, of the social conditions in which they live, by observing the social, political and economic changes that permeate the novel. Considering the work analyzed here, and the fact that both this and the other works that make up Verissimo's first novels, beginning with the novel "Clarissa" (1933) and culminating in "Saga" (1940), are still little studied, or, when studying women in blocks, buying them or studying the women in the novel "O Tempo e o Vento", therefore, no interdisciplinary research has been found to date that includes the work of Verissimo, literature, geography, history and sociology and gender studies. Given these perspectives, this research aims to analyze the woman created by Verissimo and to establish relationships with the experiences of real women born in the second half of the 20th century and who lived the first 20 years of the 21st century. The research is interdisciplinary and as such it is present through geography through the concepts of place, related to this are the studies of place also for literature as well as the conception of what is fiction and reality, and in relation to studies already mentioned have history through studies on the emergence and development of the city of Porto Alegre and also on feminist movements and sociology, which helps us understand studies on society. Based on the principles presented, we ask ourselves the following questions: a) what is the representation of women in the novel "Um Lugar ao Sol?", b) what place did the fictional women have within the city? c) what is the role of women in society? d) what changes were women confronted with during the last decades of the 20th century? and the first decades of the 21st century? e) what changes have the women faced in the last decades of the 20th century and the first 20 years of the 21st century? The methodological contribution of the research consisted of bibliographic, documentary and semi-structured interviews, which were recorded and transcribed. The results obtained show the progress and what has remained the same in the lives of women in Brazilian society, through their experiences and experiences. The research follows an interdisciplinary approach between the fields of literature and geography, history and sociology.

Keywords: Woman, Place, Interdisciplinarity, Erico Verissimo.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Vista parcial do antigo Caminho Novo - 1880	55
Figura 2: Garagens dos bondes – Carris, 1920	59
Figura 3: Escola de Engenharia de Porto Alegre, década de 1910	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Características dos (as) personagens no romance “Um Lugar ao Sol”	108
Quadro 2: Os lugares de Clarissa em Jacarecanga e Porto Alegre	118
Quadro 3: Perfil das participantes da pesquisa	130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1	22
GEOGRAFIA, LITERATURA E INTERDISCIPLINARIDADE: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO.....	22
1.1. Geografia e Literatura: abordagens preliminares	25
1.2. O Lugar como <i>locus</i> da pesquisa	32
1.3. Interdisciplinaridade, complexidade e pesquisa.....	40
CAPÍTULO 2	45
LUGAR DAS MULHERES NA SOCIEDADE DE 1930: DA FICÇÃO À REALIDADE ..	45
2.1. Da ficção à realidade: abordagens conceituais	48
2.2. A Porto Alegre em vários tempos	54
2.3. Eita mundo velho sem porteira! Erico Verissimo: um escritor ou um contador de histórias?.....	65
CAPÍTULO 3	76
ERICO VERISSIMO E A MULHER: A VISÃO DE SEU TEMPO	76
3.1. “Um Lugar ao Sol” de Erico Verissimo: a mulher real na sociedade	78
3.2. Uma visão de seu tempo: quem são essas mulheres?.....	92
3.3. Um lugar ou vários lugares ao Sol?	100
3.3.1. Das mulheres fictícias às mulheres modernas: uma análise	108
CAPÍTULO 4	119
O LUGAR DA MULHER NA SOCIEDADE: NOVOS DESAFIOS	119
4.1. O lugar das mulheres na sociedade brasileira na segunda metade do século XX.....	121
4.2. O Lugar das mulheres nas primeiras décadas do século XXI.....	125
4.2.1. O (s) perfil (s) das mulheres entrevistadas.....	128
4.2.2. Do (s) lugar (es) da (s) mulher (es): diferentes olhares sobre o trabalho, a casa e a sociedade	133
4.2.3.1. As transformações sociais: uma reflexão a partir do ponto de vista das entrevistadas	141
4.2.4. Os múltiplos olhares experiências e vivências: das escolhas profissionais aos desafios da profissão.....	150
4.2.5. Da educação formal à liberdade: o que pensam as mulheres entrevistadas?.....	161
4.2.5.1. Entre as bonecas e os carrinhos: a educação de meninos e meninas é igual?.....	168
4.2.6. Um Lugar ao Sol: as diferentes perspectivas de ser mulher	172
CONSIDERAÇÕES FINAIS	184
REFERÊNCIAS	190
ANEXO I.....	201
ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	201
UM LUGAR AO SOL DE ERICO VERISSIMO: MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DAS MULHERES EM DIFRENTES TEMPOS	201
ANEXO II.....	202
TERMO DE LIVRE CESSÃO	202

INTRODUÇÃO

Desde o primeiro romance do escritor Erico Verissimo muito já se falou de sua obra literária, seja em relação às personagens, ao viés psicológico ou ao ideológico que o romancista dava às suas obras, perpassando pelo pensamento político e até mesmo sobre a religiosidade.

Contudo, as inquietações para esta pesquisa surgiram não apenas com a leitura dos primeiros romances, mas também pelos elementos presentes na narrativa “*Um Lugar ao Sol*” com o retorno da personagem Clarissa já adulta, assim como a maneira com que Erico Verissimo posiciona a mulher dentro da obra, citamos como exemplo a forma que Clarissa entende a vida, o mundo em que vive, razões pelas quais a personagem amadurece no decorrer da obra, e é exatamente pelo olhar de Clarissa para si e para o mundo que a coloca não como uma mulher à frente de seu tempo, mas sim uma mulher do seu tempo que questionava os padrões, normas impostas pela sociedade de sua época que a faziam vivenciar e experimentar o que muitas mulheres daquela época ainda não podiam.

Erico Verissimo (1905-1975) foi um escritor brasileiro, pouco reconhecido pela crítica fora do Rio Grande do Sul. Após a escrita do romance *Olhai os Lírios do Campo* (1940), o literato teve o reconhecimento do público e também da crítica. Os primeiros livros de Erico Verissimo são pouco perscrutados, ora as mulheres são analisadas em blocos envolvendo as personagens e comparando-as, ora se discorre sobre as personagens femininas respaldando as mulheres da narrativa *O Tempo e o Vento* (1949- 1962), mas de forma individual essas mulheres não são investigadas. Por conta das poucas explorações sobre as primeiras obras, buscamos compreender a importância das primeiras narrativas não só para os estudos literários, mas também para outras áreas do conhecimento como Geografia, História e Sociologia. Ressaltamos que todas as áreas aqui citadas são significativas para que a sociedade se desenvolva.

Por isso, buscamos, por meio desta pesquisa, assimilar a razão que leva Erico Verissimo não apenas a construir personagens femininas, mas também a maneira que as elas passaram a ocupar papéis de destaque dentro das obras, já que na década de 1930, as mulheres, mesmo que de maneira tímida, começaram a trabalhar fora de casa. Além disso, averiguar de que maneira as mulheres da realidade foram fontes de inspiração para o romancista construir suas personagens.

Ao ler as obras de Erico Verissimo, notamos que nos primeiros romances, também definidos como ciclo urbano, pois se passam na cidade de Porto Alegre e na cidade de

Jacarecanga, cidade idealizada pelo escritor e de origem de Clarissa. Nesses primeiros romances surgem as mulheres que são protagonistas de suas histórias. E, ao retratar as mulheres, o romancista lhes deu respaldo, diferenciando-as dos personagens masculinos, que são descritos pelas características físicas e não psicológicas.

Ao falar das personagens femininas, Zilberman (2003) discorre sobre as mulheres que lutam pela manutenção da família, independente dos obstáculos que a vida impõe. As mulheres tecidas pelo autor são bem construídas, são fortes por conta das situações que vivenciam, são mulheres questionadoras e, de forma simultânea, sonham com uma vida melhor para si e para a família. Podemos constatar as situações vivenciadas por meio de Fernanda, que surge pela primeira vez no romance *Caminhos Cruzados* (1935) e reaparece em *Um Lugar ao Sol* (1936), Fernanda possui uma capacidade de compreensão, adaptação, e, assim como Clarissa, Fernanda também é professora.

É por meio dos textos que percebemos o posicionamento crítico, e é por meio da crítica que Erico Verissimo faz a representação das mudanças e transições que ocorreram a partir do momento em que a mulher passa a trabalhar fora de casa. E é justamente nessa maneira de apresentar seus textos que o autor se posiciona em relação aos parâmetros impostos à mulher pela sociedade e são por meio dessas observações que o escritor arquiteta a maneira como as mulheres se colocam dentro do que Barbosa (2005) denomina de “nova sociedade gaúcha”.

As publicações de Flávio Loureiro Chaves, Maria Glória Bordini, Sandra Jathay Pesavento são as que embasam a maioria dos estudos sobre o escritor e suas obras, já que abordam, de uma maneira geral, questionamentos predominantemente ligados ao humanismo, ao compromisso ideológico, ao realismo, à ética e à estética, como observamos na percepção de Antônio Cândido (2000), quando ele alerta para a tendência “sentimentaleira” dada ao escritor gaúcho. No entanto, o crítico busca desassociar essa imagem ao defender Erico Verissimo do que ele chama de “falas requintadas”. Cândido (2000) faz o caminho oposto, porque acredita que Erico Verissimo “joga no mesmo time de Balzac e Dickens, exatamente por tender a agradar os leitores das mais diferentes classes”.

Barbosa (2005) destaca que nas obras de Erico Verissimo aparece o discurso direto e indireto livre, bem como a linguagem próxima à cinematográfica. As personagens fazem parte do meio rural e também da cidade, além de várias personagens migrarem de uma obra para outra, como Clarissa que surge pela primeira vez no romance homônimo em 1933 e depois reaparece nos romances *Música ao Longe* (1935), *Um Lugar ao Sol* (1936) e *Saga* (1940).

Sobre os estudos relevantes acerca da obra de Erico Verissimo, investigações como os de Flávio Loureiro Chaves (1981, 2001), Maria da Glória Bordini (1985, 1990, 1995), teses

como a de Evelin Leite Kantorski (2011) sobre o romancista cruz altense e suas obras apresentam lacunas a serem preenchidas a partir de novos estudos.

No campo da interdisciplinaridade não foram localizados, até o momento, estudos que abordem os romances verissianos de forma a associar à Literatura à Geografia à História e à Sociologia. Essas áreas do conhecimento, quando relacionadas, auxiliam na compreensão do(s) lugar(es) ocupado(s) pela mulher em uma época, em uma sociedade, na Literatura e também da maneira como a mulher participa ativamente dos processos históricos no tempo em que vivem.

Diante disso, o objetivo desta pesquisa é analisar a mulher delineada no romance “*Um Lugar ao Sol*” de Erico Verissimo estabelecendo relações com as experiências e vivências das mulheres nas primeiras décadas do século XXI. Apresentamos como objetivos específicos: a) Estabelecer o diálogo entre a Geografia e a Literatura por meio da abordagem interdisciplinar; b) Compreender o lugar da mulher na sociedade de 1930 destacando a relação entre a ficção e a realidade; c) Entender a visão de Erico Verissimo sobre a mulher no romance “*Um Lugar ao Sol*”; d) Analisar as experiências e vivências da mulher na sociedade destacando os novos desafios nas primeiras décadas do século XXI.

Assim sendo, apresentamos as questões basilares, para as quais procuramos obter respostas com a pesquisa: a) Quais são as possíveis inter-relações entre a Geografia, Literatura, História e Sociologia?; b) Como a mulher é representada no romance “*Um Lugar ao Sol*”, de Erico Verissimo?; c) Qual era o lugar da mulher fictícia na sociedade?; d) Qual era o papel desempenhado pela mulher ?; e) Quais foram as transformações enfrentadas pelas mulheres nas últimas décadas do século XX e nas primeiras décadas do século XXI?

Nesta pesquisa utilizamos a pesquisa bibliográfica – documental – exploratória qualitativa. Na pesquisa de cunho bibliográfico utilizamos livros, periódicos, teses e dissertações sobre a temática, estes nos auxiliaram na construção do corpus textual. A pesquisa documental, outra metodologia utilizada, foi por meio dela que tivemos acesso à história do autor e suas obras. Também tabulamos os diferentes lugares presentes no romance, sendo apresentados por meio de quadros descritivos - comparativos de como e onde os lugares frequentados por Clarissa aparecem na obra, tais quadros foram feitos e analisados pela pesquisadora.

A entrevista foi outra metodologia empregada na pesquisa, por meio dela pudemos compreender quais as mudanças, transformações e o que ainda permanece da mesma forma na vida das mulheres. A entrevista foi semiestruturada e contou com a participação de doze (12) mulheres. Optamos por entrevistar mulheres com o perfil semelhante ao de Clarissa, vale a pena ressaltar que a personagem é uma mulher construída por Erico Verissimo. No que diz respeito

às entrevistas, selecionamos 12 mulheres de três Estados brasileiros; Minas Gerais, Espírito Santo e Paraná. Os critérios utilizados para a seleção das participantes das entrevistas foram: o primeiro sucedeu-se por meio do orientador e coorientadora que entraram em contato com as mulheres, a segunda se deu por meio de indicação de colegas de turma e também por meio de outros professores, a terceira e última ocorreu por a pesquisadora possuir laços afetivos com algumas participantes. As entrevistas foram documentadas por meio de gravações e transcrições bem como as entrevistadas assinaram um termo de livre consentimento.

O roteiro da entrevista foi constituído por sete (7) questões (Apêndice I). Devido à Pandemia do Covid-19, elas foram agendadas com antecedência e ocorreram via Plataforma Google Meet, sendo gravadas e transcritas pela pesquisadora. Para análise das interlocuções, elaboramos categorias que foram agrupadas por semelhanças, por exemplo, o que as mulheres pensam sobre educação, trabalho, a diferença entre as gerações, feito isso, as categorias foram analisadas criticamente e, dessa maneira estabelecemos relações com o romance sob estudo.

A pesquisa seguiu a ótica da interdisciplinaridade, palavra essa que não pode ser definida como de sentido único, pois se trata de um neologismo e, por isso, tanto a sua significação quanto o seu papel não pode ser compreendido de uma única maneira.

A interdisciplinaridade, de acordo com Japiassú (1976), independente da palavra possuir vários significados, o seu sentido real não mudaria, já que a interdisciplinaridade possui como peculiaridade a intensidade de trocas que vem dos especialistas perpassando pelo grau de integração entre as disciplinas. Fazenda (2011) corrobora com o autor supracitado, mas enriquece a definição ao afirmar que a interdisciplinaridade tem o papel de também indicar a colaboração entre diversas disciplinas ou entre setores heterogêneos de uma mesma ciência. Além disso, Fazenda (2011, p.73) afirma que a “interdisciplinaridade não é nem ciência, nem a ciência das ciências”. Portanto, para a autora, ela seria um ponto de encontro entre os movimentos de renovação perante aos problemas da educação e do ensino, trazendo então a possibilidade de finalizar o hiato existente entre a atividade profissional e o ensino.

Dito isso, usarei a minha voz de pesquisadora para falar da minha trajetória, das questões que me trouxeram até aqui. Fiz minha graduação em Letras (Português e suas literaturas). Ingressei no curso pela Universidade Federal de Viçosa em outubro de 2008 e durante a graduação enveredei pelos caminhos da Literatura, pois foi por meio dela que descobri meu interesse pelo mundo das Letras. O mundo literário sempre me encantou, li e leio vários autores, vários gêneros literários, mas os romances de Erico Verissimo chamaram a minha atenção. Li quase toda a sua obra, e foi nela que durante a minha graduação dei início a minha trajetória de pesquisadora: pesquisei sobre a bibliografia, os textos e daí surgiram os questionamentos a

respeito dos estudos sobre o autor e suas obras. Tive a oportunidade de pesquisar o espaço, tendo como recorte o microcosmo a partir do primeiro romance do escritor, *Clarissa* (1933), nesse momento comecei a aprender a ser pesquisadora, a buscar algumas respostas para as várias perguntas que vinham surgindo. O projeto desenvolvido foi a base para a execução da monografia, embora esta pesquisa tenha respondido parte dos questionamentos sobre o romancista, sobre a obra estudada naquele momento, eu sabia que outras questões não caberiam ali, porque com o passar do tempo outras indagações viriam e com elas a possibilidade de continuar a estudar os primeiros romances de Erico Verissimo.

O certo é que pesquisar é um aprendizado contínuo, é colocar em prática “o saber ser e o saber fazer” proposto por Fazenda (2008) e com a intenção de aprofundar os estudos sobre a mulher, a Literatura e o lugar, tenho no mestrado a experiência de associar os conhecimentos por meio de um outro olhar: a interdisciplinaridade.

Dito isso, na sequência apresentaremos os quatro capítulos que compõem a dissertação. O Capítulo I, “Geografia, Literatura e Interdisciplinaridade: um diálogo necessário”, objetiva estabelecer diálogos entre a Geografia e a Literatura por meio da abordagem interdisciplinar. Para tanto, investigaremos as possíveis trocas e intercâmbios existentes entre a Geografia e a Literatura buscando compreender as duas áreas de conhecimento a partir de uma particularidade comum que pode privilegiar a amplitude e, conseqüentemente, tem-se como possível resultado a abertura à diversidade.

Neste capítulo teremos uma subdivisão em três tópicos, sendo o primeiro “Geografia e Literatura: abordagens preliminares”, objetivando analisar as possibilidades de diálogos possíveis entre as duas disciplinas. Esse tópico tem duas finalidades: a primeira é colocar em evidência de que maneira a Geografia e a Literatura contribuem para a construção da sociedade, já a segunda finalidade diz respeito ao conceito de lugar para a Geografia e para a Literatura, apontando, a partir das duas áreas do conhecimento, as variáveis sobre esse conceito. Somado a isso, trouxemos para o corpus da pesquisa, a relevância do lugar e a forma como ele influencia a construção da sociedade. Além dos conceitos sobre o lugar, inserimos nessa discussão estudos que versem sobre a cidade, já que é por meio da cidade que também se reconhece o lugar que o sujeito ocupa em uma sociedade.

O último tópico “Interdisciplinaridade e pesquisa” – tencionamos relacionar a pesquisa com o atual momento em que vivemos com vistas às sucessivas transformações no campo científico, estabeleceremos as possíveis relações entre a Geografia e a Literatura, visto que as áreas do conhecimento entendam o diálogo entre si como possível e necessário. Finalizamos o

primeiro capítulo com as discussões sobre a interdisciplinaridade e sua relevância para a pesquisa.

No Capítulo II: “O Lugar da Mulher na Sociedade de 1930: da ficção à realidade”, objetiva compreender o (s) lugar (es) das mulheres na sociedade de 1930 estabelecendo as relações entre a ficção e a realidade. Este capítulo foi estruturado em três tópicos, o primeiro (2.1) “Da ficção à realidade: abordagens conceituais” tendo por base os conceitos sobre realidade e ficção a partir das teorias de Iser (2002), Rosenfeld (1969) dentre outros com intuito de apontar as semelhanças entre as mulheres reais e as mulheres a partir da visão do escritor cruz-altense. Já o segundo tópico (2.2) “A Porto Alegre em vários tempos” visa apresentar a cidade de Porto Alegre e também o Rio Grande do Sul a partir da história tanto da fundação da cidade quanto do Estado brasileiro e da relevância política, social e econômica para a compreensão da significância destes para a construção do romance “*Um Lugar ao Sol*” e dos demais romances verissianos, para tal, utilizamos as teorias de Mattar (2009), Maroneze (2007), Maestri (2009) e da historiadora Sandra Jathay Pesavento (1980 e 1999). O terceiro e último tópico (2.3) “Eita Mundo velho sem porteira! Erico Verissimo: um escritor ou um contador de histórias?”, cujo intuito foi abordar a vida e a obra de Erico Verissimo bem como a sua significância para a Literatura brasileira. Nesse momento dialogamos com teóricos, estudiosos da vida e da obra do autor, dentre eles citamos Maria Aracy Bonfim (2014), Flávio Loureiro Chaves (1972), Maria da Glória Bordini.

O Capítulo III, intitulado “Erico Verissimo e a mulher: a visão dentro do seu tempo” tem como propósito compreender a visão do romancista sobre a mulher na obra “*Um Lugar ao Sol*”. Para tanto, esse capítulo foi dividido em três tópicos e um subtópico. O primeiro tópico (3.1) “Um Lugar ao Sol, de Erico Verissimo: a mulher real na sociedade” tem como finalidade discutir sobre a mulher na década de 1930 bem como assimilar a maneira como Erico Verissimo concebe a mulher daquela época para construir suas personagens femininas. Já o segundo tópico (3.2) “Uma visão de seu tempo: quem são essas mulheres?” objetiva discorrer sobre os relevantes estudos acerca das personagens femininas criadas por Erico Verissimo, é por meio dos estudos de Bordini (2003), Manuelito; Ornellas (2005) e Bourdieu (2012) e outros estudiosos que nos auxiliaram a pensar a razão da mulher verissiana, pensar sobre a sua condição de mulher no tempo em que vive, dado que tais condições ocorreram pelas fissuras sociais presentes no momento em que elas viviam. No terceiro e último tópico (3.3) “Um lugar ou vários lugares ao sol?” objetiva apresentar a análise do romance aqui estudado em que consideramos o conceito de lugar a partir da teoria de Tuan (2013), além de estudiosos como Minchillo (2013) dentre outros. Este tópico possui um subtópico (3.3.1) “Das mulheres fictícias

às mulheres modernas: uma análise” que tencionou apresentar análises e reflexões sobre as mulheres da ficção e da realidade, principalmente as de Clarissa e Fernanda, para que pudéssemos refletir sobre as experiências e vivências das mulheres da obra.

No Capítulo IV intitulado de “Os lugares das mulheres na sociedade: novos desafios” objetiva compreender quais foram/são os desafios encontrados pelas mulheres que nasceram na segunda metade do século XX e chegaram aos primeiros vinte anos do século XXI. O capítulo foi dividido em dois tópicos e seis subtópicos, os quais nos debruçaremos no decorrer deste texto. O primeiro tópico (4.1) “Os lugares das mulheres na sociedade brasileira na segunda metade do século XX” objetiva compreender tanto os lugares quanto os papéis que as mulheres desempenhavam na sociedade naquela época. Aqui retomamos tanto o conceito de lugar definido por Tuan (2013) como também retomamos o conceito acerca do feminismo. Já o segundo tópico (4.2) “O lugar das mulheres nas primeiras décadas do século XXI” tencionou compreender de que maneira as mulheres chegam as primeiras décadas do século XXI, o que mudou em suas vidas, o que ainda permanece da mesma forma em relação as mulheres da família, bisavós, avós, mães. Esse tópico foi dividido em subtópicos para que pudéssemos extrair ao máximo as entrevistas. O primeiro subtópico (4.2.1) “Ser mulher: as experiências e vivências” visou abordar as experiências e as vivências das mulheres para compreender o (s) lugar (es) que as mulheres vêm ocupando e também os papéis que elas vêm desempenhando na sociedade vigente e como elas lidam com as diferentes situações as quais são expostas em casa, na sociedade e no trabalho. O segundo subtópico (4.2.2) “O (s) perfil (s) das mulheres entrevistadas” teve como propósito demonstrar as características sociodemográficas das entrevistadas. O terceiro subtópico (4.2.3) “As transformações Sociais: uma reflexão sobre a partir dos pontos de vista das entrevistadas” tencionou compreender as transformações, os diferentes olhares das entrevistadas sobre a sociedade na qual as mulheres estão inseridas. No subtópico (4.2.4) “Os múltiplos Olhares; experiências e vivências: das escolhas profissionais aos desafios da profissão” teve como fim a partir da multiplicidade de olhares das entrevistadas abordar as escolhas profissionais e também os desafios enfrentados por elas em suas carreiras. Já no subtópico (4.2.5) “Da educação formal à liberdade: o que pensam as mulheres entrevistadas?” objetiva conceber o que as mulheres pensam a respeito das questões relacionadas à educação, à liberdade, e o conhecimento se são pertinentes para tornar a mulher autossuficientes. Pela extensão do tópico, houve a necessidade de dividi-lo em mais uma subdivisão (4.2.5.1) “Entre as bonecas e os carrinhos: a educação de meninas e meninos é igual?”, as abordagens estão relacionadas as questões voltadas à maneira de educar as meninas e os meninos, levando em consideração o que difere e o que ainda permanece igual na educação

das crianças e a forma como as mulheres lidam com isso a partir de suas próprias experiências enquanto mulheres e mães. O último subtópico deste capítulo (4.2.6) “Um Lugar ao Sol: as diferentes perspectivas de ser mulher” objetivam versar sobre as diferentes expectativas de ser mulher a partir da visão das entrevistadas, momento no qual elas puderam expressar suas compreensões sobre o que é ser mulher.

Após discorrer sobre os capítulos, apresentaremos as considerações finais desta pesquisa.

CAPÍTULO 1

GEOGRAFIA, LITERATURA E INTERDISCIPLINARIDADE: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

Como entender essa simpatia em comum que a geografia e a literatura apresentam pelo mundo, pela vida, e a necessidade de versar sobre ele – explicá-lo, mostrá-lo como algo que nem sempre surte diálogo? (CASTRO, 2016, p. 333).

Duas disciplinas, duas formas de compreender o mundo e o que nele está contido. A Geografia e a Literatura, nas dimensões do conhecimento são ciências, porque se ocupam com as marcas, os espaços, a linguagem verbal, e a linguagem não verbal; preocupam-se também com os gráficos da terra, tal como as palavras que se associam à abrangência de conceitos do mundo. Assim sendo, percebemos a Geografia e a Literatura a partir de uma particularidade comum: o privilégio à amplitude, resultando assim na abertura à diversidade.

Nas últimas décadas do século XX e nas primeiras décadas do século XXI, tem havido a ampliação dessa abertura para a diversidade devido à busca de novas formas de conhecimento da realidade e na tentativa de entender as questões presentes no campo científico. Desse modo, o fortalecimento e a aproximação entre Geografia e Literatura foram inevitáveis. Tal aproximação ocorre com a abordagem cultural na Geografia que propõe a cultura para a compreensão das temáticas geográficas por meio das relações humanas e a sua influência na organização espacial.

Neste sentido, a aproximação dessa abordagem está na leitura e a interpretação de obras literárias que no olhar do geógrafo humanista estão os objetos de investigação, pois estes indicam e informam sobre as condições humanas, ou seja, os estilos de vida, as características sociais, culturais, econômicas e históricas dos diferentes lugares retratados. Assim sendo, identifica-se a obra literária como documento de certa realidade dos indivíduos de determinado lugar. Diante disso, as produções dos escritores refletem a sua visão de vida, de homem, de espaço e de lugares de uma sociedade em um determinado período.

Diante disso, a abordagem cultural na Geografia é constituída de vários elementos, dentre eles: da reprodução, da percepção, da abstração, da relação entre as pessoas em sociedade ou entre grupos, das diferentes imagens e significados dos lugares. Ela é caracterizada pelas interações de conhecimentos entre as pessoas, das emoções, imagens, símbolos, valores e da visão e ideias em relação ao mundo. Essas apreensões contribuem para aprofundar a investigação presente na configuração do espaço das obras literárias, por meio da representação,

da linguagem escrita e da experiência humana do escritor. Para Lefebvre (1980), a linguagem literária é “uma certa maneira refletir, na sua estrutura, os objetos, as ideias, as sensações que comunica, que ela possa de algum modo imitar o seu conteúdo. Nem por isso, porém a obra deixa de repousar sobre uma realidade pré-existente, nem a função da linguagem de ser”. Para o autor, a obra representa uma determinada realidade que é “[...] “o mundo, mas é também uma visão do mundo e, finalmente, uma ‘tomada de posição’ sobre o mundo (LEFEBVRE, 1980, p. 18).

Assim, entendemos que a linguagem literária é uma forma de compreender a realidade, os fatos, as experiências humanas em determinado tempo, ou seja, ela revela a percepção e o posicionamento do escritor frente ao mundo.

Corroborando com Lefebvre (1980), Castro (2016) pontua que existem trocas, intercâmbios entre Geografia e Literatura, essas são a nosso ver mais uma vontade, resultado da decisiva convergência de olhares do que propriamente algo efetivo e viabilizado. Sendo assim, para a autora, a aproximação existente entre as duas áreas do conhecimento surge como a expressão de desejos assomados por entre interstícios do que é denominada ordem disciplinar, pois são anseios correspondentes também às expectativas da própria ciência. Contudo, uma ciência que busca transformar-se à luz de novos valores ao permitir a inovação e a transformação, corrobora também para o favorecimento e enriquecimento da complementação entre as áreas de conhecimento historicamente distanciadas.

Há entre a Geografia e a Literatura uma viabilidade, um acolhimento, uma predisposição, sobretudo no que diz respeito à incorporação da Geografia por parte da Literatura. Por outro lado, a Geografia tende a se aproximar da Literatura admitindo-a de maneira mais geral de duas formas: a primeira como “cópia da realidade” e a segunda como “representação”. Por isso, é possível afirmar que as obras literárias mostram: imagens de lugares, linguagens típicas regionais, descrições vivas dos personagens e paisagens.

Para Candido (2006, p.21), “a Literatura também é um fenômeno social da civilização”, pois ela dá expressão à sociedade e tende a se opor ao monopólio da realidade ao fazer “a análise do conteúdo social das obras”. Já Castro (2016) corrobora com o autor ao dizer que a Literatura pode oferecer à Geografia uma espécie de cartografia do mundo real ao destacar épocas, costumes de uma sociedade por meio de suas obras e também por caracterizar o real. Cartografia que seria a herança da Geografia baseada nas descrições geográficas, que redundaram em um instrumento clássico dessa ciência.

As afinidades entre a Geografia e a Literatura estão calhadas nesta discussão para enriquecer o debate sobre as espacialidades dos lugares presentes não apenas nos contos, prosa

e poesia, mas também considerando a relevância do lugar dentro do romance verissiano, “Um Lugar ao Sol”, que será analisado nesta pesquisa. Além das afinidades entre as duas áreas de estudo, é necessário perceber a interação da Geografia e da Literatura com a História e a Sociologia, já que estas duas últimas nos auxiliam a compreender o desenvolvimento social de uma determinada época.

Da mesma maneira que podem existir aproximações entre a Geografia e a Literatura, surgem outros questionamentos; o que teria a História a ver com a Literatura? De que maneira as duas disciplinas se aproximam?

Ao definirmos a História como uma ciência, consideramos o seu objeto de estudo a partir do historiador Mark Bloch (2002), em que ele nos diz que não é possível ter o passado como objeto da ciência, embora ele seja significativo para que se compreenda o presente, todavia, a definição do passado como objeto da ciência História não é satisfatório, dado que este não possui características comuns com a contemporaneidade. Portanto, quando falamos em objeto de estudo da História, considera-se o pensamento de Bloch (2002, p.5) em que a História como ciência estuda os homens no tempo”, dado que ele considera tanto os homens quanto o tempo em que eles vivem o objeto desta ciência.

No que diz respeito às aproximações entre a História e a Literatura, compreendemos que ambas possuem finalidades e métodos diferentes, conforme nos aponta Pesavento (1995, p.116-117), embora possuindo tais diferenças, essas áreas do conhecimento se entrecruzam, principalmente quando se reflete sobre as “construções sociais e identitárias”. Mesmo assim, ao dialogar com a Literatura, a História passa, de acordo com Pesavento (1995, p.117) a ser um indicativo daquilo que possa ter sido”, já que a História também se vale do recurso das narrativas para construir os textos.

Quanto à relação entre a Sociologia e a Literatura existem vários pontos de tensão, porém, é possível aproximá-las, tendo em vista que a Sociologia procura analisar os tipos de relações e “os fatos estruturais ligados à vida artística, como causa ou consequência”, conforme pontua Candido (2006, p. 30). Destarte, a literatura apresenta fenômenos que a tornam tão social que os mesmos nos fazem procurar o equilíbrio entre as duas áreas de conhecimento, porém, Soares (2014, p. 81) argumenta que é necessário buscar caminhos para que a “literatura seja reconhecida como uma epistemologia válida para a compreensão das dinâmicas sociais”.

Mesmo que a Sociologia estude o comportamento humano e a ela sejam relevantes os fatos que acontecem na vida das pessoas das mais diferentes esferas de organização, a Sociologia ao se aproximar da Literatura tende a transformar a ficção em uma maneira de também compreender a sociedade, as relações, os conflitos, as tensões, as ideologias e práticas,

pois, embora se faça sociologia, se estuda literatura (SOARES, 2014).

Portanto, ao associarmos a Geografia à Literatura, e a Literatura à História e à Sociologia é perceptível como estas áreas do conhecimento se completam, assim sendo, a Sociologia tende a compreender a ficção como uma maneira de entender a sociedade por meio dos fatos. Em vista disso, o tópico 1.1 objetiva compreender as relações existentes em Geografia e Literatura por meio de diferentes abordagens.

1.1. Geografia e Literatura: abordagens preliminares

A Geografia tem como objeto o espaço geográfico, entendido como o espaço produzido e apropriado pela sociedade (LEFEBVRE, 1974), constituído pela inter-relação entre os sistemas de objetos naturais, culturais, políticas e econômicas (SANTOS, 1996). Dessa maneira, o espaço geográfico é formado pelos arranjos de vegetação, água, clima, relevo, populações e seus habitats, movimentos, conflitos, imigrações, ambientes rurais e urbanos, formações e transformações das grandes, médias e pequenas cidades.

Já a Literatura tem como premissa a reconstrução do mundo por meio das obras literárias, a descrição do espaço, do tempo, bem como estar interiorizada pelos personagens e seus sentimentos, a forma de pensar e as enunciações que podem recorrer e expressar qualquer saber e também qualquer tipo de conhecimento. Assim sendo, percebemos no romance “Um Lugar ao Sol” a existência de compartilhamento de ideias e conceitos tanto da Geografia quanto da Literatura no que diz respeito ao lugar, pois, os limites entre as duas disciplinas parecem ser como linhas elaboradas em exercícios de flexibilidade.

Assim, percebemos que existem afinidades de diálogo entre a Geografia e a Literatura, tanto é que nos deparamos mais uma vez com a aproximação entre as duas áreas do conhecimento, uma vez que é perceptível a presença do pensamento geográfico na literatura, tendo em vista que “eles emergem em diferentes contextos discursivos, na imprensa, na literatura, no pensamento político, na estatística, na pesquisa científica, etc.”, afirma Moraes (1982, p. 32). Para o autor Brosseau (2007, p. 17) “o interesse dos geógrafos pela Literatura não é algo novo”. Ele destaca “[...] que o geógrafo Paul Vidal de La Blache aponta para uma geografia existente na obra Odisseia, em um artigo publicado nos Annales de Geografia em 1904”.

Assim sendo, Fernandes (2013), evidencia que as relações entre a Geografia e Literatura ficaram em estado de “dormência” por muito tempo, de maneira mais específica até meados da década de 1970. Diante disso, Brosseau (2007) corrobora com Fernandes (2013) ao

destacar que anterior a essa década estavam relacionadas e voltadas para o emprego do “romance” como se fosse um complemento das análises regionais e, conseqüentemente, a Literatura não era capaz de construir bases sólidas para uma Geografia científica e rigorosa. Tais ideias, de acordo com os autores, estariam associadas à construção de uma cientificidade, à delimitação da geografia como ciência, não dando a ela a ampla difusão da relação entre Geografia – Literatura ou ciência – arte.

Na década de 1970 surge uma nova perspectiva para a Geografia: a perspectiva crítica e a ela associava-se também à Geografia humanista, e na Literatura, de maneira especial, os textos literários aparecem como fontes para os estudos geográficos. Os autores Brosseau (2007) e Fernandes (2013) possuem um ponto de vista interessante no que diz respeito ao desenvolvimento das duas áreas de conhecimento, pois a partir do momento em que se desenvolveram ideias associadas ao campo humanístico, a relação entre Geografia e Literatura acabou ganhando outra condição: houve maior intensidade na relação entre ambas.

Partindo desse ponto, podemos dizer que as relações geográficas - literárias passaram a assumir três diferentes perfis propostos por Brosseau (2007), em um primeiro momento, a Literatura é apenas o complemento da Geografia regional, num segundo momento, a Literatura surge como troca de experiências dos lugares e por último, ela surge como forma de criticar a sociedade real. Como podemos notar na passagem do romance “Um Lugar ao Sol” em que Dr. Seixas, o médico que atende a família de Fernanda e Clarissa e a outras personagens da obra. Ele tece vários comentários sobre as condições humanas, é através do olhar de Dr. Seixas que surgem críticas sobre a sociedade, como é possível observar no trecho a seguir:

Saiu. A madrugada estava fresca. Caminhou por entre os casebres miseráveis. Seus pés se afundavam numa lama mal cheirante, dum pardo quase negro. Dr. Seixas prosseguia com a maleta na mão. Ia pensando em coisas amargas. Filhos, filhos, filhos! Não tinham dinheiro nem para se sustentarem a si mesmos, e sempre a fazer filhos! Depois atiravam as crianças na lama, como porquinhos! Ratos! (VERISSIMO, 1963, p.275).

Diante do trecho supracitado, constatamos o que Brosseau (2007) diz a respeito da Literatura como crítica à sociedade. É por meio do Dr. Seixas que Erico Verissimo critica a sociedade.

Já o segundo perfil está associado à Geografia Humanista que busca colocar o ser humano no centro das inquietações dos geógrafos, no que diz respeito aos lugares. A partir daqui os estudos geográficos que se desenvolviam como a ciência do espaço, passam a ter um novo propósito: a ciência dos lugares para o homem, estando, portanto associada aos estudos da Escola dos Annales, movimento que possuía um conjunto de estratégias, possuíam

sensibilidades, que não possuíam preocupações com a hegemonia e tampouco com as ditas definições teóricas, com isso, houve a abertura do pensar não só História de forma isolada, mas associada a demais disciplinas com outras áreas do conhecimento, fazendo com que houvesse integração entre elas, buscando desse modo assimilar não apenas a sociedade, mas também os modelos de sociabilidade nos múltiplos tempos vividos pela humanidade, o qual é um considerado um ser social.

Compreendemos, portanto, que essa seria a forma como a Ciência que se anuncia como neutra percebe a humanidade. Ao desenvolver estes estudos, tendo como objetivo trazer o ser humano para o centro das discussões, há a transformação do perfil a ser trabalhado, pois surgem noções de valores, representações, intenções, subjetividade e identidade, enquanto que o enraizamento e a experiência concreta aparecem como ideia de senso de lugar.

A partir da perspectiva humanista e das relações entre Geografia e Literatura é que se tem o principal objetivo: fazer da literatura o objeto privilegiado para que os geógrafos consigam lidar com o confronto entre objetividade e subjetividade. Ao se apropriar das ideias de Brosseau (2007), Fernandes (2013) diz haver privilégios, principalmente para o romance, porque os geógrafos humanistas o relevam de maneira a conceder o momento ideal para haver o encontro entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo. Destarte, o romance viria a expandir as teses a respeito das identidades espaciais. Não se pode então afirmar que esse perfil particulariza as representações do mundo exterior fundamentado sobre a concepção literal para tentar transmitir as coisas como elas são, conforme se observa no perfil anterior, pois esse está vinculado à denominada Geografia Regional Francesa, que beneficia a percepção dos lugares, baseando-se nas leituras da compreensão do subjetivo.

O terceiro e último perfil feito a partir do levantamento de Brosseau (2007) e também utilizado por Fernandes (2013, p.172) está alicerçado nos levantamentos feitos a partir da historiografia. Diante disso, Brosseau (2007, p.46) afirma que seria possível utilizar a Literatura como forma de criticar a “realidade ou ideologia dominante”. Através desse pensamento, foi possível analisar a relação existente entre a Geografia e a Literatura no tocante às maneiras possíveis para estimular a estruturação de um mundo cuja justiça social possa ser mais ampla.

Por isso, ao trazermos as possibilidades de diálogo entre a Geografia e Literatura, pautamos nos princípios de que as linguagens conversam a partir de textos e contextos, além disso existem os processos de interpretação e diálogo que são delimitados pelo tempo e espaço. Ao falarmos sobre as possíveis discussões, precisamos levar em consideração algumas possibilidades como a necessidade de compreender por meio da leitura quais as condições em que a leitora e o leitor se colocam no mundo. A outra possibilidade está na probabilidade de

que a comunicação precisa ser dialógica, hermenêutica e partir das mútuas interpretações possíveis.

Há a necessidade de compreender em que momento a obra literária foi elaborada, se existem fatores que vão além do motivo da elaboração, o local em que foi elaborada, ou ainda se conta também com a presença do autor e também se existe o uso dos dados geográficos. Para Ferraz (2011), existem relações escalares entre os locais da trama, a interpretação, os limites das ações, os sentidos das imagens que dialoguem enquanto paisagens elaboradas pelo leitor. Outro fator relevante é o fato de que a orientação e a localização do leitor partem das personagens e das ações.

Ao considerarmos a obra “Um Lugar ao Sol”, nosso objeto de estudo, as descrições dos lugares e das tramas, constatamos que as mesmas foram descritas de forma artística. E tais características podem ser denominadas auxiliares porque são lugares aos quais fazem referência. Daí serem levados em consideração, geralmente os aspectos físicos, econômicos, culturais e sociais do ambiente, tais como vegetação, relevo, clima, local em que as personagens vivem e a forma como falam.

Por meio das experiências do contato entre o discurso literário e o discurso geográfico, Bastos (1998, p.10.) afirma que “a representação do espaço geográfico construído pelo romance precisa ser contextualizada historicamente, já que no espaço a ser apreendido o homem somente tem acesso ao real através dos discursos que constroem as noções de realidade[...]”, é nesse sentido que a autora destaca que “o romance é um objeto capaz de desvendar articulações ideológicas expressivas do momento histórico por ele retratado e ao mesmo tempo capaz de propiciar uma representação espacial - produto das relações sociais estabelecidas em dado momento”.

Quanto à representação do espaço geográfico pelo discurso literário, Bastos (1998, p.10) destaca que este deve “[...] incorporar na análise do espaço o componente do simbólico e da representação [...]. A partir do entendimento de que a apreensão do real leva em conta uma construção simbólica e de que o espaço [...]” que deve ser compreendido como uma “representação do real” podendo estabelecer a relação entre homem e natureza. Diante disso, essa conexão entre Geografia e Literatura só se tornou possível a partir de 1970 com a inserção da Geografia Humanística, na qual o homem passa a ser analisado a partir do seu espaço de vivência, que é o fator primordial para a aproximação entre a Geografia e Literatura. Até então, a Geografia que está presente nas obras literárias era pautada em uma Geografia Física e descritiva do espaço geográfico.

De acordo com Ferraz (2011), foram várias tentativas desenvolvidas pelos geógrafos,

uma delas foi a de assumir a Literatura como forma de compreender não só a lógica espacial, mas também de trazer a inovação, fazendo com que os estudos geográficos buscassem outras experiências espaciais e de leitura de mundo por meio de documentos e obras e não de circunstâncias da abordagem científica. Destarte, Corrêa e Rosenthal (2007) que ao abordarem o desenvolvimento dos conceitos de “espaço vivido”, “sentido de lugar”, partem da ideia de que são as leituras dos fenômenos subjetivos que carregam consigo os sentidos e significados, os lugares e seus objetos, enfim, pontuam novos elementos bem como as percepções necessárias à leitura geográfica do que diz respeito à ordem espacial.

Diante disso, podemos afirmar a existência de um diálogo entre a Geografia e a Literatura por haver predisposição no que diz respeito ao acolhimento bem como à incorporação por parte da Literatura que, por sua vez torna explícito o quão as obras literárias expressam as imagens, os lugares, o linguajar típico, incluímos aqui as descrições vivas das paisagens e isso faz com que a Literatura seja pensada como imitação da realidade. Em contrapartida, a Geografia procura aproximar-se da Literatura de uma maneira geral, por meio da compreensão, como cópia da realidade e também como representação. É possível verificar tais características em obras como: O Primo Basílio de Eça de Queirós (1878), nas obras de James Joyce e em Madame Bovary de Gustave Flaubert (1857).

Tendo em vista as possíveis aproximações de diálogo entre a Geografia e Literatura, podemos observar que a segunda se destaca por expressar as experiências do autor assim como do grupo social ao qual ele pertence. Além disso, a Literatura tem a capacidade não só de apresentar o cotidiano dos indivíduos como também as vivências dos lugares e a alma dos locais, pois ultrapassam os saberes científicos e reconhece que a arte literária pode ser um instrumento de interpretação do mundo. Assim, para Bastos (1998), a Literatura deve ser vista como representação da realidade e fonte de investigação geográfica. Por conseguinte, a autora pontua que “através da literatura, fazer uma leitura geograficamente possível da realidade, a qual não dará conta, jamais da totalidade, pois a representação – no caso, a literatura – é sempre parcial. Através de uma ousadia nas associações, pode-se aproximar arte e ciência” (BASTOS, 1998, p.58). Assim, de acordo com as ideias apresentadas, compreendemos o quão a Literatura possui a capacidade de apresentar linguagem subjetiva, trazendo assim, probabilidade de complementar a linguagem objetiva da Geografia.

Portanto, estabelecemos no decorrer deste tópico as relações entre Geografia e Literatura enquanto áreas de conhecimentos. Diante disso, a Geografia enquanto ciência somente poderá estabelecer de um diálogo com a Literatura a partir do momento em que os autores entenderem a Literatura como representação de determinado espaço. Assim, deve ser

pensada como uma leitura realizada a partir de determinados princípios, o que faria com que a Geografia não mais reivindicasse para si a verdade da palavra em determinados diálogos, deixando-a mais apta a considerar a subjetividade que lhe torna inerente, mesmo porque tanto as pesquisas geográficas quanto as obras literárias acabam sendo interpretações do que denominamos realidade. E, mesmo havendo regras criadas no sentido de ordenar tanto o discurso científico quanto o literário, compreende-se que a ciência e as artes são interpretações das leituras criadas pelos sujeitos que estão em constantes contatos com o mundo.

Assim sendo, compreendemos que os geógrafos e os literários estão em constante produção do conhecimento por meio da linguagem, buscando desenvolver de forma racional e imaginativa os objetos de sua atenção. Para tanto, é necessário que a produção do conhecimento leve em consideração as diferentes manifestações do sujeito, os diferentes lugares que estão inseridos, os aspectos sociais, econômicos e culturais dos indivíduos sobre um determinado lugar.

Diante disso, Marandola Jr; Oliveira (2009) e Moura (2016) destacam que ao pensar a relação entre Geografia e Literatura não se pensa apenas na aproximação de dois campos de conhecimento, mas no diálogo entre as duas áreas do conhecimento que envolvem a aproximação de duas visões de mundo, pois cada uma possui suas especificidades, virtudes e limitações. Talvez, uma aproximação de forma simplificada reduziria o potencial de uma ou de outra. Ou seja, ler literalmente a Geografia ou ler cientificamente a Literatura em que os discursos se traspoem produziria deformações e reduções diminuindo as riquezas da interação e da permeabilidade.

Para Marandola (2006), a espacialidade é definida como manifestação dos fatos geográficos em sua essência, pois estabelecem relações perpassando pela política, economia, cultura, sociedade e natureza. Logo, o texto literário consegue traduzir os significados e valores vividos pelas pessoas tanto no patamar individual quanto no coletivo por meio das relações sociais.

Portanto, a constituição da Literatura como documento que conta, reconta, cria e recria um momento do espaço-temporal, que traz elementos para se pensar a sociedade e também o espaço constituem o ambiente pelo escritor, fazendo com que os escritores sejam testemunhas de seu tempo, podendo captar “eventos” retratando os aspectos da condição humana.

Destarte, a característica da Literatura como documento encontra-se presente em peças pré e pós-abolicionistas de Martins Pena, por exemplos, o Juiz de Paz na Roça (1838); O Dileitante (1844), O Cigano (1845), As desgraças de uma criança (1845), O noviço (1845), dentre outras. Por isso, a Literatura enquanto portadora desses sentidos e significados vem

enriquecer e complementar a realidade buscada pelos geógrafos. As contribuições de Lima (2000) e Marandola (2006) nesse momento são interessantes porque afirmam ser a Literatura um veículo para a transmissão das intensas experiências humanas, partindo desse princípio, podemos afirmar que é por meio da obra literária que se pode mostrar a narrativa não apenas como a parte macro manifestada por meio da própria narrativa como também pelos valores dos indivíduos.

Tais valores ganham destaque quando o indivíduo na perspectiva de uma visão sinalizadora da vida, do espaço e também dos lugares vividos por meio da variedade de expressões que contribuem com as experiências dos sujeitos e do mundo em que vive e seu ambiente. Procuramos por meio dessas palavras afirmar o quão esta combinação é intensa no sentido de estabelecer na trama das obras literárias os fatos objetivos e subjetivos sem a característica separação do discurso científico. Portanto, essa combinação evidencia uma visão holística da experiência do espaço, deixando-o mais próximo da realidade dos significados da essência da humanização das paisagens geográficas, naturais a serem construídas, conforme afirma Marandola (2006).

Os possíveis diálogos entre a Geografia e a Literatura nos levam a perceber a maneira como as áreas de conhecimento podem não apenas trocar experiências, mas também construir novas formas de compreender o mundo que está a nossa volta e, nesse caso, perceber o lugar apenas sob uma única perspectiva.

No tópico 1.2 intitulado “o lugar como *locus* da pesquisa”, temos por objetivo analisar o conceito de lugar a partir do ponto de vista de diferentes teóricos.

1.2. O Lugar como *locus* da pesquisa

“It is not down in any map; true places never are¹” (MELVILLE, 2017, p.119).

Os seres humanos têm a capacidade de criar referências com as quais se relacionam. É por meio dessas referências que, de alguma forma, o ser se relaciona com o mundo a sua volta, que consegue imaginá-lo, situá-lo e, acima de tudo, atribuir ao ser um sentido certo: estar em um determinado lugar. Quando executamos tais operações, produzimos lugares para o ser, assim sendo percebemos a busca do lugar não apenas por meio da personagem Clarissa, mas de todas aquelas que a rodeiam no romance “Um Lugar ao Sol”. Compreendemos, portanto, que Clarissa busca o seu lugar não apenas como cidadã de uma cidade que está em processo de urbanização e desenvolvimento, ela também procura o seu lugar como mulher nessa cidade.

Poderíamos iniciar a discussão conceituando lugar afirmando que tal conceito pode ser aplicado a diferentes propostas de estudo e com abordagens diferentes. Assim sendo, ao abordarmos o conceito de lugar dentro da Geografia contemporânea, compreendemos a sua importância. Para Callai (2000, p. 107), “em tempos que se fala tanto em globalização, a questão do lugar assume contornos importantes, pois, são em lugares determinados e específicos que este processo” ocorre.

A primeira e mais antiga definição de lugar foi estruturada por Aristóteles em sua obra “Física”, ao definir lugar como o limite do corpo. Séculos mais tarde, essa ideia foi complementada por Descartes em sua obra “Conceitos Filosóficos”, em que afirma que além de delimitar o corpo, o lugar também deveria ser definido em relação a outros corpos.

Por muito tempo, “o conceito de lugar foi utilizado por La Blache e Sauer sem que eles, entretanto, aprofundassem a discussão sobre o seu significado” (FERREIRA, 2000, p. 01). Porém, foi somente a partir da década de 1970 que “a chamada Geografia Humanista irá realizar um esforço de recuperação do conceito associando-o à base filosófica da Fenomenologia e do existencialismo e transformando-o em um de seus conceitos-chave” da ciência geográfica, pois o lugar passou a ser considerado como produto da experiência humana, por outro lado havia a Geografia Radical ou Dialética Marxista com a ideia de lugar enquanto espaço de singularidade, pois ambas definem o lugar a partir de uma dinâmica única em que o resultado das características históricas e culturais são relevantes para o seu processo de formação do espaço geográfico.

¹ Não está em nenhum mapa; Lugares verdadeiros nunca estão (tradução livre).

A distinção entre espaço e lugar pode ser considerada como dois universos que se estranham e, ao mesmo tempo, se cruzam e se entrelaçam. Pensando nesses conceitos que, simultaneamente estão entrelaçados e separados, podemos ter a ideia do que o lugar significa a partir do olhar de Marinho (2016, p.274-275), quando ele apresenta a concepção de que é preciso compreender as relações peculiares que estejam “fora de um plano dicotômico preestabelecido (representação x homem), as intrínsecas relações (a vida, a existência, geograficidade) entre o homem-lugar que eventualmente propiciaram a realização de uma criação artística”.

Seguindo com as concepções que abrangem os conceitos de lugar, têm-se os estudos de Carlos (1996, p.17), explorando a seguinte concepção; o lugar guarda uma dimensão prática, sensível, real e concreta que analisada aos poucos se revela. Para a autora a definição de lugar seria, “a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade: habitante – identidade-lugar”, indicando assim a necessidade de considerar o corpo, visto que é por meio dele que o homem tanto habita quanto se apropria do espaço, em razão disso, o lugar está associado ao plano vivido, ao imediato.

Sobre o lugar também incidem as perspectivas indenitárias, principalmente as históricas, pois são elas que fazem a ponte entre o homem e o local em que a vida é processada, pois há a relação entre o lugar e a produção de vida que fazem parte dos contextos sociais presentes no romance *“Um Lugar ao Sol”*. É importante destacarmos os vínculos estabelecidos entre às famílias de Clarissa e com a Fernanda e na de Vasco com o Conde. Mesmo que o lugar seja produto das convivências sociais e a elas estão vinculadas as interações entre o ser humano e a natureza por meio das interdependências sociais construídas no plano do vivido. Sendo assim, ao concebermos o lugar, tem-se uma rede de significados e sentidos, os quais são engendrados pela história e pela cultura civilizatória, portanto são estes elementos os produtores da identidade. É por meio da identidade que o sujeito se reconhecerá, pois esse é o lugar da sua vida.

Quando o indivíduo compreende que pertence a um lugar, ele entende que o lugar o pertence porque está “indissociavelmente ligado a produção da vida” (CARLOS, 2007, p. 22). Segundo a autora, a definição de lugar também engloba a ideia de uma construção e que ela é tecida por meio das relações sociais, as quais são realizadas no denominado “plano vivido” e, assim, garantindo a constituição “de uma rede de significados e sentidos”, os quais são construídos tanto “pela história e pela cultura civilizadora produzindo a identidade” homem – lugar. Assim sendo, o lugar está diretamente relacionado ao conhecido-reconhecido.

Se para Carlos (2007), o lugar está diretamente associado intimamente ao vivido, para

Gonçalves (2010), o lugar está diretamente ligado à realização dos sentimentos, bem como a ligação com as experiências íntimas, já que elas dão ao lugar tal diversidade, cabendo ao lugar o que poderíamos denominar de a mais humana das categorias geográficas porque será ele que refletirá toda a diversidade de ações praticadas pelo homem e pela mulher, daí nos embasarmos na afirmação de Gonçalves (2010), quando assevera que os lugares são as pessoas, já que estas são cada um dos lugares que realizam durante a vida.

Portanto, a Geografia compreende o lugar como categoria de análise fundamental a sua ciência, embora haja divergências no que tange às linhas de pensamento geográfico para a definição da epistemologia do lugar, assim sendo é por meio das reflexões e debates emergentes do pensamento geográfico que existem as pluralidades.

Embora tais conceitos sobre lugar estejam ligados ao que o indivíduo humano vivencia, aos seus sonhos e realizações, existem autores que fazem o caminho contrário, trazendo para o contexto as questões relacionadas ao mundo globalizado. É o que assegura Massey (2000, p.185) ao afirmar que a análise entre o local x global é necessária, pois parte do pressuposto da “relação com outros lugares”. A autora ainda aponta a necessidade de se “ter consciência global do lugar”, de maneira que não seja negada “a relevância das especificidades locais e reiterasse a história acumulada nesse espaço”.

Partindo desse pressuposto, Massey (2000, p.184) dá ao “sentido de lugar o sentido extrovertido”, já que ele faz a integração entre o global e o local dando a todos a possibilidade de se realizar. Para a autora, é relevante que seja repensado o lugar partindo do princípio da perspectiva progressista, tendo em vista as novas configurações espaciais a fim de adaptá-las na sociedade contemporânea. É nesse sentido que as especificidades e o local devem ser garantidos, visando o conjunto de relações sociais que reestabelece na constituição dos lugares.

No sentido oposto as ideias de Massey (2000), o geógrafo Milton Santos (2005) aborda de forma crítica os denominados espaços da globalização apontando as diferenças entre o local e o global. De acordo com Santos (2005, p.170) “a ordem global busca impor a todos os lugares, uma única racionalidade”, assim sendo, “[...] os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade”, para o autor:

[...] o lugar – não importa a dimensão – é a sede dessa resistência da sociedade civil, mas nada impede que aprendemos as formas de entender essa resistência às escalas mais altas [...]. A tendência atual é que os lugares se unam verticalmente e tudo é feito para isso a toda parte. [...] mas pode unir-se horizontalmente reconstruindo aquela base de vida comum e susceptível de criar normas locais, normas regionais [...]. (SANTOS, 2005, p. 142).

Assim, entendemos que ao combinar os conceitos de horizontalidade e verticalmente que os lugares em rede reconhecem a globalização e sai em defesa do espaço banal, conforme pontua Santos (2005), ou seja, o lugar é caracterizado por uma ordem que estabeleça a escala do cotidiano, apontando, portanto, parâmetros de vizinhança, cooperação e de localização. Nesse sentido, podemos trazer para a nossa discussão uma das passagens do romance de Verissimo (1963):

- Vizinha!

Fernanda aparecia:

- Pronto!

-Me empreste um pouco de açúcar que o armazém está fechado e nós nos esquecemos de comprar.

Lá subia o açúcar. Tinham inventado uma caçamba especial, um balde velho preso a uma corda. Por ela Fernanda mandava para cima ou recebia as coisas que uma ou outra casa tinha falta. Café, pão, agulha... (VERISSIMO, 1963, p. 225)

Quando Clarissa ou Dona Clemência pede algo emprestado a Fernanda e o pedido descia ou subia pelo balde fica explícito para nós o que Santos (2005) propõe ao falar da ordem estabelecida, no caso, os empréstimos que aconteciam entre as famílias, podem ser considerados o que SANTOS (2005) denomina como o senso de cooperação entre eles, porque havia a ajuda entre as famílias.

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Milton Santos (2005) e estabelecendo diálogo com a Geografia Cultural, os autores Hissa e Cogosinho (2006, p.17) indicam que a relevância da “vida cotidiana dos lugares é uma fábrica de aproximações, estranhamentos, emoções, afetividades, subjetividades”. Assim, os lugares dão oportunidades para muitos ou para todos e, conseqüentemente é comum pensar o quão os lugares são dotados de força política e social. Essas possibilidades de aproximação são as mais evidentes nos lugares, tornando-os fortalecedores de relações tanto de solidariedade e identidade.

Já para Tuan (2013), lugar e objeto definem o espaço, sendo que esses lhe dão personalidade. Ressaltamos que tanto os objetos quanto os lugares são considerados por Tuan (2013), núcleos de valor, pois tendem a atrair-se ou repelir-se nos mais variados graus. Dessa maneira, quando existe a preocupação, mesmo que de forma momentânea com eles, há o reconhecimento de seus valores e realidade. Logo, percebemos o mundo através das impressões, e essas são para o autor recebidas por meio dos sentidos, portanto as impressões podem adquirir a estabilidade, assim como os objetos e lugares.

Torna-se evidente que o espaço para Tuan (2013, p.72) “é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço aberto permanece aberto; sugere futuro e convida à

ação”, embora não existam padrões nem estabelecidos e nem sinalizados, assim sendo é possível dar a ele inúmeros significados. Em oposição a essa definição, o geógrafo assegura que “o espaço fechado, humanizado é o lugar”. Ao comparar “o espaço, o lugar seria um centro calmo, de valores estabelecidos”. E aos olhos do autor, “os seres humanos necessitam de espaços e lugares”.

Compreendemos as diferenças entre o espaço e o lugar para a Geografia, dando a entender que ambos são tratados pelos estudos geográficos, principalmente no que tange à Geografia Cultural Humanista o quão o espaço é abstrato e o lugar concreto, justamente porque é por meio dele que construímos ligações afetivas. Por isso mesmo, a ligação entre o espaço e o lugar se dá por meio da experiência, dado que o lugar e o espaço segundo Tuan (2013, p. 3) oferecem experiências comuns, pois “estamos ligados ao primeiro e desejamos o segundo”. Desse modo, ao pensarmos sobre ambos, compreendemos que podem assumir significados diferentes.

De acordo com Tuan (2013, p.49), os animais e os homens possuem noção do que seria território e lugar, para ambos existem a necessidade de “demarcação” e defesa contra os “invasores”, enquanto os lugares para o geógrafo são definidos como os núcleos aos quais agregamos “valores”, necessidades biológicas são supridas, bem como o ato de procriar. Espaços e lugares são abordagens relevantes, embora tenham a necessidade de ser complementados por algumas experiências pelas quais os indivíduos passam para serem coletadas e interpretadas com veracidade, porque somos humanos e por essa razão, somos privilegiados por termos acesso ao que Tuan (2013, p. 5) denomina de estado de espírito, pensamentos e sentimentos, ele ainda acrescenta que os seres humanos possuem “visão interior dos fatos humanos, uma premissa de que não podemos fazer a respeito de outros tipos de fatos”.

A humanidade possui características únicas, como a capacidade de desenvolver a cultura, e é a cultura que influencia de maneira direta tanto o comportamento quanto os valores humanos, fato que faz os povos compreenderem de forma diferente o lugar. Tuan (2013) afirma que essa abordagem é válida, porém ela não considera traços comuns que ultrapassam as peculiaridades culturais, refletindo, portanto, a condição humana. É por meio das capacidades, necessidades acentuadas pela cultura que há um entrelaçamento de três temas ligados diretamente à experiência: os fatos biológicos, as relações de lugar, espaço e lugar e a amplitude de conhecimento.

Portanto, a experiência está voltada para o mundo exterior (Tuan, 2013), isso implica ser a experiência um ato necessário, já que é a partir dela que se vivência o lugar, a experiência está voltada para o que o indivíduo aprendeu e pelo que pode criar partindo de seu aprendizado.

O que nos leva a entender que só existe um espaço experienciado quando há um “lugar novo para se mover”, atribuindo ao espaço uma “organização” “coordenada no eu”. Por outro lado, tem-se o que Tuan (2013) denomina de movimento intencional e percepção visual que dão aos seres humanos um mundo familiar de “objetos díspares” no espaço. Isso nos leva a entender o lugar como uma “classe especial do objeto”, a ele é agregado valor, todavia o lugar não pode ser considerado valioso ou facilmente manipulado, levado de um lado ao outro, é um lugar em que se pode morar.

Por outro lado, tem-se as experiências vividas no espaço que, por sua vez, acontecem de inúmeras maneiras, por meio das localizações relativas de objetos e lugares, as distâncias, extensões que tanto se ligam quanto se separam dos lugares e de forma mais abstrata, como área definida por uma rede de lugares (TUAN, 1983, p.20). O lugar em seu mais pleno significado é entendido como algo abstrato, tanto quanto uma pessoa pode conhecer a outra e no tangível a teoria, o (s) lugar (es) seria (m) ponto (s) em um sistema espacial. Em oposição ao abstrato e a teoria, lugar (es) seria (m) sentimento (s) com alta carga de profundidade.

Todavia, o (s) lugar (es) eventualmente é (são) identificado (s) nesses extremos, porque de acordo com Feitosa e Pereira (2018), esses extremos apresentam diferenças, enquanto o primeiro encontra-se muito longe do que as pesquisadoras definem como experiências sensoriais para estar ligado à realidade, o segundo presume a consolidação em uma dada localidade em que exista o comprometimento emocional, algo que conforme as pesquisadoras, “é altamente raro”.

Destarte, compreendemos que a existência do lugar depende das experiências vivenciadas pelos indivíduos, são as “experiências que constroem os lugares nas mais diferentes escalas”.

Apresentado o conceito de lugar sob o ponto de vista da Geografia, entendemos haver diferença entre espaço e lugar e que ambos se diferenciam pelas experiências, pelas maneiras de vivenciar cada um, enquanto o primeiro é a liberdade, o segundo é a segurança, vivemos no primeiro e almejamos o segundo. Embora os geógrafos da perspectiva humanista façam essa separação, há outras ciências, como a Literatura em que, ora esses conceitos se fundem, ora eles se separam, levando-nos a levantar o questionamento sobre os conceitos de lugar que são trabalhados pela Literatura.

Souza e Porto (2016) discutem a definição de lugar na Literatura, trazendo a ideia de que os lugares descritos na Literatura são criados a partir das experiências, dos significados, das vivências que irão interagir com o ambiente em que se situam, além de contribuir com a construção dos lugares já que são agentes nesse processo. Nesse ponto, os conceitos de lugar

de Tuan (2013) corroboram com Souza e Porto.

Por outro lado, Santos e Oliveira (2011) asseguram que ao falar do espaço em uma obra literária, tem-se em mente, imediatamente o espaço físico e, de acordo com os pesquisadores, é aí que as personagens circulam. Desse modo, comprovam a tendência de privilegiar as relações estabelecidas por meio dos vários sentidos. Os sentidos, a percepção do espaço presente na obra literária *Um Lugar ao Sol*, o objeto de análise em questão, pode ser comprovado por meio de uma entre várias passagens do romance em que Vasco Bruno, o primo de Clarissa, em suas excursões pela cidade de Porto Alegre se encanta com as luzes, com o ir e vir das pessoas nas ruas. Isso demonstra o estabelecimento dos vários sentidos propiciados pelos espaços em que o personagem passa, os cafés que ele frequenta. Ou até mesmo pela maneira como a vizinhança é percebida por Dona Clemência ou pela visita que Clarissa, a mãe e a tia. Zina fazem a uma prima na tentativa de conseguir uma carta de recomendação com o marido da prima que era desembargador.

[...] apertaram o botão da campainha. Uma criada veio abrir a porta. Hesitou, quando lhe perguntaram se o desembargador estava em casa. Mas Dona Zina fez avançar o corpo enorme e foi dizendo:

- Nós somos de casa, sou prima da Nora [...] sentaram-se em poltronas fofas. Andava no ar um cheiro indefinível. Era dos móveis? Dos tapetes?

A mobília era de madeira dourada dum vago Luís XV, muito frio e convencional [...] Clarissa olhou com horror para um jarrão onde se via pintada uma paisagem egípcia: uma pirâmide contra um céu esbraseado: silhuetas de camelos e beduínos. Depois seus olhos passearam pelas almofadas de cetim de cores berrantes, com marquesas e marqueses, japonesas e ciganos (VERISSIMO, 1963, p. 129).

É justamente por isso que Santos et al (2016) pressupõem que o espaço tende a ser definido por aquilo que pode ser percebido por meio dos corpos. Eles citam o exemplo dos sentidos, visto que os corpos ocupam um espaço, que por sua vez, de maneira especial ocupam o que pode ser visto, observado.

Tal como a Geografia, percebemos em um primeiro momento que a Literatura tem a visão de que o espaço é algo abstrato. Maia (2016) dialoga com as ideias de Tuan (2013) ao afirmar que o homem tem a capacidade de dar significado ao espaço, organizando-o e, ao desenvolver tal função, compreendermos que a organização se dá justamente por meio da cultura, sendo esta, produzida por nós, os seres humanos. Logo, é possível afirmar que o lugar seria o centro das atenções. Porque é nele que se desenvolvem as experiências e eventos importantes para que o ser humano exista.

Dessa maneira, entendemos que o lugar ganha identidade, estabilidade, porque é no lugar que as experiências são vivenciadas. Havendo então o estabelecimento das relações, por

consequente é preciso alimentar o lugar para que seja possível criar o sentimento de pertença.

Quando falamos do ser, precisamos dar a ele referências, com as quais, de alguma forma o ser se relaciona com o mundo. E para que essa ação seja realizada, é necessário que se produza o espaço. Embora seja possível e de maneira bem genérica como Santos e Oliveira definiram (2011, p.67), “o espaço como conjunto de indicações tanto concreto quanto abstrato constituindo assim um sistema variável de relações”.

Embora tenhamos compreensão da existência de um universo ficcional, ao lermos uma narrativa, temos a necessidade de tentar identificar os espaços concretos para os seres, habitantes de tal universo literário, como podemos observar na passagem a seguir:

Clarissa olhava para o pátio, no qual notava grandes mudanças. Havia uma casa nova de telhado vermelho, no fundo, dando para outra rua. Um galinheiro também novo, com tela de arame. Mas lá estava ainda o pessegueiro, o seu velho amigo dos tempos do colégio. Ficou comovida. (VERISSIMO, 1963, p. 106).

Partindo dessa passagem, buscamos em Santos e Oliveira (2011) a compreensão de que a Literatura tem o poder de questionar os espaços concretos, já que ele se sobrepõe aos outros tipos de espaço, os denominados espaços subjetivos, ficcionais, abstratos e imaginários.

Justamente por haver teorias abrangentes sobre a definição de espaço como as teorias de Tuan (2013), Holzer (1999), Relph (1976), existe a necessidade de considerar as teorias que não possuam como finalidade de definir o espaço como verdades absolutas e imutáveis. De acordo com Brandão (2013, p.52), “as teorias sobre os conceitos de espaço que se modificam e se relacionam a fatores referentes a objetos analisados em relação às perspectivas como ao ponto de vista a ser analisado”.

É por essa razão que a Literatura costuma questionar as certezas que levamos a acreditar na concretude dos espaços, já que a intenção não é negar a existência do espaço físico, mas compreender a impossibilidade de desassociar o espaço físico da maneira como nós o compreendemos. Daí ser preciso ter a percepção do espaço físico ser mensurado por valores e, então cabe a Literatura demonstrar que tais valores são imutáveis, podendo constantemente ser redefinido e repensado.

Diante das considerações acerca do espaço e do lugar para a Literatura, identificamos a existência de diferenças entre as percepções de lugar para a Geografia e a Literatura, dado que os estudos geográficos sobre o lugar e o espaço são divididos entre a Geografia Crítica, que apresenta estudos sobre o lugar a partir do mundo global por meio da visão de estudiosos como Milton Santos, Massey e Harvey, por outro lado temos Geografia Cultural Humanista, que define o lugar como algo concreto, em que o lugar é definido como uma porção do espaço e é

nessa pequena porção que vivenciamos as mais diferentes experiências, é no lugar que desenvolvemos a afetividade, as afinidades e por isso o lugar torna-se concreto.

Por sua vez, a Literatura ora separa espaço de lugar, ora os associa não os diferenciando, tornando muitas vezes difícil defini-los separadamente, o que nos dá subsídios para dialogar entre as duas áreas de conhecimentos, pois as definições de espaço e lugar da Geografia e da Literatura se completam.

É justamente porque a Literatura ora separa o espaço do lugar, ora une os dois conceitos, não fazendo diferença entre eles, que temos por intenção, por meio da interdisciplinaridade entender o porquê da relevância das pesquisas interdisciplinares. No próximo tópico vamos apresentar algumas considerações acerca da interdisciplinaridade e pesquisa.

1.3. Interdisciplinaridade, complexidade e pesquisa

A interdisciplinaridade é mesmo capaz de não ser qualquer coisa que se faça. Ela situa-se algures, entre um projeto voluntarista, algo que nós queremos fazer, que temos vontade de fazer, mas ao mesmo tempo, qualquer coisa, independente de nossa vontade, se está inexoravelmente a fazer o que queiramos ou não (POMBO, 2005, p.4).

Hodiernamente pesquisas pautadas na interdisciplinaridade têm ganhado espaço no meio acadêmico, já que as mesmas têm se mostrado relevantes. Dado que, procuram o diálogo entre áreas, antes sem afinidades aparentes. Dentro dessa ótica, buscamos estabelecer a relação entre a Geografia e a Literatura, tendo em vista as novas possibilidades de investigação. Destarte, entendemos a interdisciplinaridade como um processo de diálogo entre as disciplinas.

De acordo com Raynout (2016, p.103), a interdisciplinaridade é “um processo de diálogo entre as disciplinas firmemente estabelecidas em sua identidade teórica e metodológica, mas conscientes de seus limites e do caráter parcial do recorte da realidade sobre a qual operam”.

Dada a definição da palavra, procuramos estabelecer o que vem a ser a interdisciplinaridade para a ciência e para a pesquisa. Embora o dicionário traga a definição da palavra de uma maneira simples, sabemos que na academia, de acordo com Belini (2016), tem-se o conhecimento do conceito interdisciplinaridade há pelo menos cinquenta anos. Contudo, dir-se-á que definir a palavra não é das tarefas mais fáceis, mesmo a interdisciplinaridade tendo conquistado adesões na prática e na teoria

No que tange ao contexto histórico do desenvolvimento da interdisciplinaridade, sabemos que mesmo com as definições e adesões, a interdisciplinaridade foi introduzida no vocabulário da

ciência, e tal palavra se mantém inserida no meio científico porque é a partir dela que se faz uma crítica à especialização da ciência.

Para Belini (2016), a especialização crescente resulta do efeito do progresso científico, por sua vez impõe limites não só à comunidade científica como também aos que participam de outras comunidades.

Continuando com as ideias de Belini (2016, p.12-13), ao falarmos da “divulgação e recepção o conceito de interdisciplinaridade decorre das discussões da década de 1960, e constitui, nesses primeiros 15 anos do século XXI, um rol de definições”, embora algumas divergissem outrora concordassem, havia um ponto em comum: a de que “a especialização da ciência em diferentes campos de conhecimento científico que, por sua vez, se dividiram em outros ramos”. Foi também na década de 1960 que a interdisciplinaridade foi pensada para melhorar a formação tanto dos professores quanto dos alunos. A interdisciplinaridade entraria no âmbito “curricular uma concepção avançada”.

A interdisciplinaridade, portanto, em sua multiplicidade de aspectos, com suas características, possibilidades e desafios que tem a capacidade de indicar em qual nível as questões teórico-metodológicas se apresentaram no início da segunda metade do século XX e continuam nos desafiando. O fato é que em sua essência, a ciência procura se distanciar e se emancipar de outras formas de conhecimento por se considerar tal atitude válida, no entanto este fato ocorre para que exista entendimento entre o homem e a natureza, independente da natureza ser mítica, religiosa, de senso comum e também filosófica.

Ao buscar pensamentos que permitam trocas entre as duas áreas de conhecimento, de forma específica entre a Geografia e a Literatura por meio do conceito de lugar que compõe o título do romance “Um Lugar ao Sol”. Portanto, compreendemos haver comparações, conceitos e teorias que pertencerão à outra disciplina e isso, de maneira predominante, acarretará a desconexão das explicações próprias daquela disciplina, como já foi apresentado no tópico anterior, a conceituação de lugar para a Geografia e para a Literatura, pois existem diferenças fazendo com que as duas áreas de conhecimento sejam divididas em duas classes: as afirmações pressupostas pela teoria e as afirmações típicas de cada teoria.

Para conseguirmos uma visualização da forma óbvia de pensamento, destacar-se-á ideia de que ao identificarmos as diferenças entre as pesquisas disciplinares e interdisciplinares teremos a produção do conhecimento, mas para que este fato ocorra é necessário o avanço do conhecimento.

Decerto, a ciência ao usar seus próprios critérios para a descrição da realidade separará de uma maneira radical os seres humanos e aqueles que habitam o restante do universo. De

maneira simultânea, podemos asseverar que a ciência não traz afirmações de que tudo seja igual, mas nos faz compreender que o ser humano possui muitas coisas em comum com outros seres, sejam eles humanos ou não.

Desta forma, entendemos que a ciência não tem a possibilidade de responder todas as questões consideradas éticas, por outro lado a ciência tem o papel essencial e também a responsabilidade para que se traga novos desafios conceituais. Acreditamos, portanto, no pensamento de Alvarenga *et al* (2011), quando evidenciam que por ter um caráter não intrínseco, tanto das fronteiras quanto dos recortes aplicados a ela, principalmente ao pensarmos o mundo e a posição que o ser humano ocupa dentro dele, daí é possível permitir que se vá além das simplificações para melhor compreender a complexidade do mundo.

O maior desafio é ter como objetivo a reivindicação de novas maneiras de construir o conhecimento. Além disso, é preciso adotar um novo enfoque interdisciplinar, porque é por meio dele que se poderá, ainda que de maneira parcial, restituir o caráter totalitário e de complexidade do mundo real. Essas duas palavras fazem parte do contexto interdisciplinar, embora o mundo real em toda sua essência seja total, pois é feito de interações múltiplas e complexas entre os mais variados elementos que compõem esse mundo, podendo então admitir e conhecer fronteiras estanques.

A intenção dessa nova maneira de fazer ciência é que ela dialogue com outros saberes, utilize trocas, muitos aprendizados que possam auxiliar o ser humano na interpretação de seus sentidos de localização e experimentação do mundo ao invés de apenas mostrar como o mundo pode ser apenas partindo de uma idealização que busca por meio da metafísica que se sobrepõe a ele.

Essa nova forma de fazer ciência, para Castro (2016), difere-se da ciência feita até então, por meio de diálogos entre os discursos que foram separados artificialmente e que não ocorrem de “maneira espontânea” e ao trazer o “diálogo para esta nova maneira de fazer ciência”, seria experimentar as possíveis formas de indagar o outro, estimulando, portanto, não apenas a valorização das indagações a si mesmo como também estar aberto ao diálogo, ao exercício da dúvida, logo, estar aberto à aceitação do caráter provisório das afirmações. Portanto, “o diálogo para que possa ser nomeado dessa maneira, pressupõe o envolvimento das partes, cujo resultado é, em última instância imprevisível”, mas que vislumbra outros diálogos que, por sua vez, formariam novas bases, permitindo então a operacionalização e também a proposta da interdisciplinaridade e da ecologia dos saberes.

Assim sendo, Castro (2016) evidencia uma atração entre os saberes por meio de tentativas de diálogo que só é possível se ter uma certeza quando: a de que no mundo, tal como

ele é constituído, não há limites e separações, mas uma natural e dinâmica interação entre os diferentes espaços. Diante disso, o mundo não necessita de mais cortes e separações, mas precisa sim de indivíduos com a capacidade de criar ligações, de rearranjar novas misturas, já que a separação da ciência em disciplinas acabou por produzir conjuntos compartimentados de conhecimentos que foram contaminados uns pelos outros, que se avolumaram nas últimas décadas.

Partilhamos dos conhecimentos de Fazenda (2008, p.13-14), ao entender que o conhecimento desponta de uma tríplice aliança: “saber”, “saber fazer”, e “saber ser”. Logo, a interdisciplinaridade precisa ser compartilhada e não replicada. Daí, pressupõem-se que o conceito de interdisciplinaridade tende a procurar a troca de ideias locais e, como tal, a sua universalização buscando para tanto não confundir a lógica com a lógica das coisas (FAZENDA, 2008, p.14).

Para enriquecer nossa discussão acerca da interdisciplinaridade, falamos da relevância da Geografia e da forma como ela pode colaborar para o enriquecimento de outras disciplinas, é interessante destacar o ponto de vista de Santos (2008), ao dizer que o pressuposto da interdisciplinaridade é geral a todas as ciências e que elas se desenvolvem nas fronteiras de outras disciplinas, bem como a forma que elas se integram em uma filosofia. Portanto, é a busca pela interdisciplinaridade que inspira as ciências a perscrutarem soluções em conjunto com outras disciplinas. Podemos citar a Geografia como ciência interdisciplinar, porque por meio dela tem-se a possibilidade de se compreender outras ciências como a Economia, a Literatura, dentre outras.

É o que nos diz Castro (2016, p.344) ao afirmar que a Geografia enquanto ciência poderá dialogar com a Literatura quando entender a si mesma como representação. E ao pensar a “leitura que é realizada a partir de certos princípios, a Geografia deixaria de reivindicar, para si, a palavra verdadeira em supostos diálogos, considerar a subjetividade que lhe é inerente”. Pois, ao falar da subjetividade, consideramos que tanto os estudos geográficos quanto as obras literárias, de acordo com as regras convencionadas, principalmente o que é denominado de realidade, estão predispostas a obedecerem tais “regras criadas no sentido de ordenar o discurso científico e literário a ciência e as artes são interpretações ou leituras criadas por sujeitos em contato com o mundo”.

Quando falamos em contato com o mundo, respaldamo-nos em Castro (2008, p.334), dado que ela afirma que tanto os geógrafos quanto os escritores se utilizam da linguagem para construir questões e assim eles desenvolvem de maneira racional e imaginativa “os seus objetos de atenção”, é dessa maneira que o conhecimento é produzido, a partir de sujeitos que estão

localizados em seus próprios contextos”. Ao tratarmos da interdisciplinaridade no meio científico, sobretudo, no que tange à pesquisa, fica perceptível o quão essa palavra é polissêmica em termos de estudos, interpretação e ação, provocando uma amplitude de sentido entre uma gama de autores. A interdisciplinaridade, como já foi visto, tem a capacidade de interação entre as disciplinas, podendo como nos afirma Gionolla (2008, p.114), implicar na transferência das leis de uma disciplina para outra originando, portanto em alguns casos um novo curso disciplinar. Com isso, podemos afirmar que a interdisciplinaridade tem a capacidade de conviver com as diferenças, com a impotência, hegemonia e com o poder, conseguindo, portanto, ter infinitas possibilidades já que há espaços que necessitam ser preenchidos.

É exatamente pelos vários sentidos polissêmicos que a palavra interdisciplinaridade provoca, principalmente, no que os geógrafos e os escritores constroem, pois ambos partem da linguagem para desenvolver de maneira racional e imaginativa seus objetos de estudo que os levam a produzir o conhecimento de uma forma própria. No próximo capítulo vamos apresentar considerações acerca das mulheres na sociedade de 1930.

CAPÍTULO 2

LUGAR DAS MULHERES NA SOCIEDADE DE 1930: DA FICÇÃO À REALIDADE

Silenciosa as mulheres? Mas elas são as únicas que escutamos dirão alguns de nossos contemporâneos que com certa angústia, têm a impressão de sua irresistível ascensão e de sua fala invasora. Elas, elas, elas, sempre elas, vorazes, tagarelas..., mas não somente nos salões de chá, agora transbordando do privado para o público, dos conventos para a mídia e, até mesmo para o Parlamento (PERROT, 1998, p.9).

Ela sabia alegrar a gente, dar esperança. E conhecia as coisas! Tinha remédio para tudo, resolvia com rapidez os problemas e não se atrapalhava nunca (VERISSIMO, 1963, p. 224).²

Se no início havia o verbo e o verbo era Deus e os Homens³, então o que eram as mulheres? Seriam as mulheres o chão firme para os heróis pisarem?⁴ Do privado ao público, que lugar as mulheres ocupam em uma sociedade?

Poderíamos ter iniciado este texto sob outro ponto de vista, por exemplo, quem sabe ter aqui letras de música de Chico Buarque, das poesias de Vinícius de Moraes e tantos outros que sempre falaram das mulheres. No entanto, iniciar a nossa conversa partindo da introdução de uma autora que estuda as mulheres, que fala sobre o silêncio das mulheres, nos dá dimensão do que aqui queremos discutir: estudar de que maneira Erico Verissimo construiu as personagens femininas no romance *Um Lugar ao Sol*.

Ao tratarmos da Literatura, compreendemos que ela está diretamente ligada ao desenvolvimento de qualquer sociedade. Quem nos confirma essa teoria é Candido (2006, p.21), pois para ele a “Literatura é um fenômeno da civilização” e para se construir e concretizar, a Literatura depende do entrelaçamento de vários fatores sociais, visto que esses interferem de forma direta nas várias características de uma dada obra.

A Literatura, por sua vez, é a porta de entrada para inúmeras discussões sobre os mais variados temas, incluímos aqui os temas ligados à mulher e a forma como se encontra inserida num dado espaço, lugar. A sua idealização enquanto personagem e enquanto mulher vive nas questões cotidianas da casa, do trabalho, do estudo. E muitos autores trouxeram as mulheres para a ficção, inclusive na década de 1930 do século XX, trazendo inovações não só no estilo da escrita, mas também na forma de retratar a mulher e suas representações nos meios públicos e privados.

Para Candido (2006), a compreensão sobre a Literatura e a Filosofia vem sendo estudada/pesquisada por vários autores que buscam compreender as questões sociais e psíquicas,

² Clarissa falando sobre Fernanda, sua amiga e também personagem relevante da obra.

³ Referência ao livro de Gênesis, Bíblia.

⁴ Floriano Cambará (Erico Verissimo, O Arquipélago, 1981).

sendo assim eles têm procurado vê-las como agentes da estrutura e não mais como matérias a serem registradas pelo trabalho de criação. Destarte, tais aspectos passam a ser encarados como fatores estéticos. Daí tem-se que os elementos sociais variarão de acordo com a arte considerada.

É neste sentido que Candido (2006) destaca a relevância da literatura para a sociedade, devendo levar em consideração os estudos sobre o lugar da mulher dentro de uma sociedade, pois sabemos das diferenças de papéis femininos e masculinos, seja por meio da ficção, seja na realidade, os papéis assumidos não são iguais, bem como a própria sociedade enxerga a representação feminina e masculina.

Quanto aos estudos sobre o papel desempenhado pela mulher na sociedade, existem vários debates, dentre eles podemos destacar, o (s) lugar (es) que a mulher vem a ocupar no trabalho e na família, na ciência. E diante dos discursos estabelecidos em normas e valores que foram cultuados pela e na sociedade por vários séculos e, ainda hoje se reproduzem, dando assim sua contribuição para a manutenção das ditas verdades, tidas como únicas e finalizadas. Por esse motivo, faz-se necessário o reconhecimento das fortes conexões entre literatura e sociedade.

Diante disso, entendemos que a Literatura é o fio condutor de determinados discursos e isso faz com que ela reforce estereótipos e discriminação de gênero. Portanto, cabe a nós reconhecermos a Literatura como representação ficcional da realidade, assim sendo existe uma incorporação dos fatores socioculturais já apresentados por Candido (2006) que são incorporadas na estrutura de uma dada obra.

Há inúmeras possibilidades para se levantar tanto sobre a Literatura, quanto o lugar que uma mulher ocupa na sociedade no romance: *Um Lugar ao Sol* de Erico Verissimo, objeto de estudo desta pesquisa. Buscamos, dessa forma, compreender historicamente o surgimento da cidade de Porto Alegre e de que forma ela agregou e ao mesmo tempo foi recriada pelo romancista para que suas personagens nela vivessem. É preciso compreender também que a fundação da cidade de Porto Alegre se mistura com a do Estado rio-grandense e com a vida do próprio Erico Verissimo.

Existem alguns lugares comuns situados dentro e fora da vida literária e a cidade de Porto Alegre é um desses lugares - como já foi dito - tais lugares comuns acabam por se tornar verdades absolutas que, por sua vez, podem ser colaboração dos próprios autores. Logo, Gonzaga (1990, p.38-39) define Erico Verissimo como “um simples contador de histórias”, Erico Verissimo, por sua vez, parecia renunciar não só a um grau elevado de complexidade de seus textos. Embora o escritor tenha se inserido nos movimentos de ficção mais relevantes daquele século, o romance modernista de 1922 e o romance modernista de 1930.

Erico Verissimo incorporou algumas conquistas obtidas pela geração de 1922, longe dos vanguardismos da época, das obsessões nacionalistas, paródias, ele conquistou experiências radicais

da prosa moderna, um coloquialismo muitas vezes insuperável aos seus contemporâneos, talvez, por isso ele tenha se tornado o herdeiro da tradição revolucionária da palavra.

Ao falarmos de Erico Verissimo, buscamos compreender seu estilo literário, pois o autor tende a expressar as possibilidades da realidade. É a partir dessa tendência do autor em expressar as possibilidades que a realidade oferece que traremos para este capítulo não apenas a forma como o escritor delineou as mulheres, mas também compreendemos que as mulheres reais foram fontes para que Verissimo se inspirasse para compor suas personagens femininas. Abordaremos também neste capítulo os conceitos de ficção e realidade. Além disso, procuramos mostrar a relevância do autor para a Literatura e a sociedade.

Sob o prisma da ficção, da realidade e pelas lentes da Literatura, desenharemos os próximos tópicos partindo dos conceitos acima citados. Em um primeiro momento, delinearemos a cidade de Porto Alegre, a fundação da cidade, sua história, seu desenvolvimento político, social e econômico a partir das teorias de Pesavento (1980, 1999), Mattar (2010), Maroneze (2007) e Maestri (2010). No segundo tópico sob a luz dos estudiosos da vida e obra de Erico Verissimo, abordaremos a sua vida, obra e relevância no campo da literatura brasileira, nesse momento traremos as teorias de Bonfim (2014), Chaves (1972), Bordini (2005) dentre outros. No terceiro e último tópico, conceituaremos a ficção e a realidade a partir de teóricos como Iser (2000), Rosenfeld (1969) e Campagnon (1999).

As relações estabelecidas entre a ficção e a realidade, a história da cidade de Porto Alegre e a biografia de Erico Verissimo, são definidas a partir das estruturas que compõem o primeiro tópico deste capítulo, já que a ficção ela possui componentes da realidade, embora ela construa sua própria realidade, no entanto, a composição deste capítulo se dá justamente pelas relações obtidas pela história da capital do Rio Grande Sul, dado que esta como outras capitais brasileiras passou por uma reestruturação e devido ao processo de modernização política, econômica e social, fatores que Erico Verissimo pode observar e transferir para suas obras, bem como a própria biografia do autor e as relações que ele possuía com a sociedade da qual fazia parte e a forma como ele construiu não só a cidade de Porto Alegre mas também como ele idealizou a cidade em seu romance.

No tópico seguinte, veremos a relevância da realidade e da ficção para a construção do romance *“Um Lugar ao Sol”* e como essas relações se combinam com os outros dois tópicos presentes neste capítulo.

2.1. Da ficção à realidade: abordagens conceituais

[...] diz o que é o “real” supostamente basta-se a si mesmo, que é bastante forte para desmentir qualquer ideia de “função”, que sua enunciação não precisa ser integrada a uma estrutura e que sua enunciação não precisa ser integrada a uma estrutura e que o “ter-estado-lá” das coisas é motivo suficiente para que sejam relatadas (BARTHES, 2004, p.188).

“Fictício não significa falso, mas apenas historicamente inexistente” (D’ONÓFRIO, 2005, p.322).

Para compreender como os textos literários são de natureza ficcional, é preciso considerar a distinção entre eles e os demais. Pois, enquanto os textos de cunho científico, históricos, químicos estão relacionados ao polo da realidade, os textos literários encontram-se no polo oposto: o da ficção.

Nesse sentido, concordamos com Iser (2002, p.957) quando ele diz haver oposição entre ficção e realidade e que tal dissemelhança faz parte do que o autor denomina de “saber tácito” ou conhecimento prévio. Tal expressão foi cunhada pela Sociologia e ela torna necessária a discussão prática entre os denominados textos ficcionais e não ficcionais.

Dentro das possibilidades de definições sobre o que seria ficção, Coutinho (1976, p.30) afirma que “a essência da ficção para os estudiosos seria a narrativa, já que ela tem a ver com o instinto humano: o de contar histórias”. É justamente por conta das técnicas, dos arranjos e apresentações presentes no ato de contar histórias, que dá à narrativa a estrutura e unidade de efeito. Percebemos esses traços nos romances verissianos, em destaque *Um Lugar ao Sol*, nosso objeto de estudo. Dessa forma, Erico Verissimo utiliza elementos que fazem parte da ficção quando ele fala da cidade de Jacarecanga, cidade presente nas obras *Música ao Longe* e *Um Lugar ao Sol*, como fica explícito no seguinte trecho da primeira:

E Clarissa vê a vida de sua cidade. Vê, sente, analisa, esmiúça e imagina o que essa vida poderia ser. E para ela todas as pessoas que passam pela sua frente, ao alcance têm dois aspectos. O real que lhes empresta ao cabo de uma série de reflexões. A cada uma delas Clarissa procura dar uma cor nova, diferente do habitual, uma cor que é sempre mais bonita do que os olhos comuns podem ver. (VERISSIMO, 1994b, p.68).

Assim, entendemos como a narrativa se dá, vemos por meio do olhar de Clarissa a representação que ela dá de sua cidade, de como vê seus habitantes, a percepção que tem da cidade. Para Gomes (1994, p.23), “a cidade que construída por um discurso”, que é apresentada a partir da maneira como o leitor também percebe, de como o autor, no caso, Erico Verissimo a constrói a partir de suas experiências, daí a cidade vista enquanto texto, enquanto ficção, a cidade se apresenta múltipla.

O que diferencia a ficção das obras bibliográficas ou históricas é o fato de as últimas narrarem fatos reais, o que não impede o autor de trazer estes fatos para a ficção, como Erico Verissimo fez em seu romance histórico *O Tempo e o Vento* (1947-1962) ou quando ele fala sobre as incursões de Vasco na cidade de Porto Alegre em *Um Lugar ao Sol*. E, de acordo com Rosenfeld (1969, p. 09-10), a diferença entre elas se dá também pelo fato de que “as ações são idealizadas em contextos objectuais, e, por meio destes, os seres, os mundos, especificamente intencionais, que não se referem, a não ser de modo indireto aos seres intencionais (ônticamente autônomos), isto é; os objetos indeterminados independem do texto”. Principalmente se partirmos da ideia de que os enunciados dos textos ficcionais culminam em evidenciar de forma clara a intenção ficcional não é divulgada.

Em consonância com Coutinho (1976) e Rosenfeld (1969), compreendemos que a diferença entre os textos de ficção e as outras formas de narrativa, está no fato da primeira ser tida como a transfiguração e transmutação da realidade, e nas demais obras, as denominadas reais, não é possível encontrá-las.

Assim, mesmo a ficção sendo produto da imaginação, ela não tem a menor intenção de oferecer apenas a retratação da realidade, mas sim criar a intenção do real. A respeito disso Iser (2002, p.958) faz o seguinte questionamento: “seriam os textos ficcionais de fato ficcionais? Ou seriam eles isentos de ficção?” Ao responder a indagação Iser (2002) salienta que não há jeito de negar a autenticidade dos questionamentos, porque ao interpelar o “saber tácito” e como ele se opõe tanto a ficção quanto à realidade, esse fato, de acordo com o autor acaba por aceitar o óbvio, contudo o “saber tácito” neste caso não pode auxiliar.

Diante da interpelação acima, Iser (2002) destaca que os textos ficcionais não se encontram isentos de realidade. Tal afirmação está no seguinte trecho do romance *Um Lugar ao Sol* onde “Vasco lembrou que aquela noite era noite de Ano Bom. Para toda aquela gente começaria no dia seguinte um ano novo. Todos tinham esperança”. (VERISSIMO, 1963, p.13). A partir desse fragmento, buscamos em Compagnon (1999) a concordância e ao mesmo tempo a completude das ideias de Iser (2002) ao afirmar que na ficção os atos de linguagem são realizados da mesma forma que no mundo real, bem como perguntas são feitas, ordens são dadas. A diferença está no fato das ações, questionamentos serem concebidos e fabricados pelo escritor/autor da obra. Em vista disso, leva-se em conta que a Literatura explora as propriedades referenciais da linguagem em que tais atos da linguagem são fictícios.

Segundo Brait (1985, p.11), para compreendermos uma linguagem em um texto é necessário “entender a construção do mesmo e, dessa forma, entendemos que linguagem está presente nas formas que o homem inventou para reproduzir as suas relações com o mundo”.

Portanto, voltamos nossos olhares às formas inventadas pelo homem para inventar e recriar a realidade. Logo, é fato que inúmeras vezes tomamos por real o que pode ser apenas linguagem. Partindo desse pressuposto, torna-se possível verificar que tanto a ideia de reprodução quanto a de invenção de seres humanos é combinada com o processo artístico, sendo que é por meio dos recursos de linguagem dos quais o autor dispõe.

De um modo geral, existem critérios para se descrever os textos ficcionais, evidenciando, portanto, a existência de medidas que se misturam, reconhece e se relaciona frequentemente, bem como os elementos, os dados e as suposições. Essa relação mostra existir algo muito maior do que uma simples oposição. Tem-se aqui uma relação dupla da ficção com a realidade que é substituída por uma relação tríplice. Visto que Iser (2002, p.957) nos afirma que o “texto ficcional contém elementos do real”, por não se esgotar na descrição deste mesmo real, portanto, o componente fictício não possui caráter de uma finalidade em si mesmo, embora enquanto fingida se tem a preparação para o imaginário.

Tendo em vista que o objeto da pesquisa é o romance *Um Lugar ao Sol* de Erico Verissimo e que a obra se passa no decênio de 1930, compreendemos existir nele a relação proposta por Iser (2002) e Rosenfeld (1969), porque compreendemos haver dentro do romance fatos que correspondem à realidade e por isso é viável conceber que este contraste deixaria de fora das discussões sobre o fictício no texto, já que existe no texto bastante realidade, a qual não precisa ser identificada como realidade social, pois ela também pode ser da ordem sentimental e emocional. Como é possível notarmos nos fragmentos a seguir:

Parecia impossível. Iam seguindo o rumo de Porto Alegre. Tudo se havia resolvido com tanta rapidez[...] Lembrava-se da relutância de D. Clemência. E revia-se falando, gesticulando, pintando para a gente do casarão a nova vida que podiam levar longe de toda aquela miséria, de todas aquelas recordações tristes (VERISSIMO, 1963, p.88).

- Boas notícias! – exclamava. – Boas notícias!
 - D. Zina botou a mão no peito. Os olhos de Clarissa pararam, fitos no tio; não teve força para falar. [...]
 - Parabéns! Transferida. – Mostrou com o dedo uma notinha no “Diário Oficial”. – transferidinha da Silva.
 Clarissa deixou-se cair numa cadeira. D. Clemência não podia acreditar. Assim tão depressa, tão fácil... Era impossível. Pegou o jornal. Olhou. Sim, ali estava o despacho [...] (VERISSIMO, 1963, p.184).

Decerto, tais realidades tão diversificadas não podem ser denominadas de ficção e tampouco podem ser transformadas por constarem na construção de textos ficcionais. Contudo, não deixa de ser verossímil que estas realidades ao surgirem no texto ficcional façam referência à realidade, logo não se esgotam nessas referências porque fazem com que surja, neste sentido,

as repetições, por sua vez não têm como finalidade pertencer à realidade que se repete, fazendo surgir então um imaginário que está relacionado diretamente com a realidade que o texto retoma.

Portanto, as relações tríades propostas por Iser (2002) se diferem da proposta por Rosenfeld (1964) justamente porque o primeiro afirma ser esta relação tríade do real com o fictício e o imaginário mostrando a existência de uma propriedade fundamental do texto ficcional sendo simultânea. Tornando evidente o que caracteriza o ato de fingir e, portanto, dá também característica ao fictício do texto. Por sua vez, esse é por nós experimentado de forma difusa e fluída não possuindo o que Iser (2002) define como objeto de referência.

Embora existam diferenças entre a ficção e o real, há categorizações que precisam ser levadas em consideração, pois elas definem as consequências que resultam das especificidades desse modo de fingir. De acordo com Iser (2002), existem três planos de rompimento de fronteira com o real, já que as transgressões são distinguidas pelos relacionamentos existentes no texto ficcional.

A primeira categorização exposta por Iser (2002) está relacionada aos “processos de seleção”, que por sua vez estão articulados com as convenções, normas, valores, alusões e citações que se encontram no texto. Nessa categorização, a ficção tem como função manter unidos dentro do texto, em um único espaço uma variedade de linguagens, focos, ponto de vista que podem ser considerados contraditórios em outros discursos que possuem o fim empírico particular. Já a segunda categorização diz respeito ao plano do relacionamento, sendo mantido em determinados espaços semânticos que, por sua vez estão organizados no texto literário pelo relacionamento e, por meio desses relacionamentos surgem em campos de referências intertextuais já que são resultantes dos elementos, cujo texto se apropria.

Notamos a segunda categorização a partir de fatos históricos que surgem no romance *Um Lugar ao Sol*, fatos peculiares àquela época. Como no diálogo entre Vasco e o Conde Oscar “[...] – Faz muito tempo que seu amigo morreu? – Na guerra. – E o se e você também esteve na guerra? ” (VERISSIMO, 1963, p.116). A guerra da qual Vasco e o Conde falam é Primeira Guerra Mundial, ocorrida de 1914 a 1918.

Lembramos que Erico Verissimo nasceu no período entre guerras, fato que o autor retrataria mais tarde no romance *Saga* (1940) quando Vasco parte para lutar na Segunda Guerra. A guerra é um fato real, mas também se torna uma inferência dentro do diálogo entre Vasco e o Conde Oscar.

Ainda no campo dos estudos relacionados à ficção e a realidade apoiamos nos estudos de Barthes (2004, p.187) para enriquecer a discussão ao afirmar que “existem resíduos

irredutíveis na análise ficcional”, mesmo tendo em comum o intitulado real concreto”, assim chamado o que seria a representação pura e simples do real” “o relato nu”, o que Barthes chama de “aquilo que é” ou “foi” surge como resistência ao sentido. Esta resistência viria a confirmar a existência da oposição mítica do vivido ao compreensível. O autor nos lembra que na ideologia de nosso tempo, a referência observa o concreto.

Quando se fala em resistência, de forma compreensível, tem-se a escrita e a estrutura como limitadas na narrativa de ficção. Essa resistência de acordo com Barthes (2004, p.187-188) é “estabelecida por definições que partem de um modelo, que por sua vez, fazem parte de grandes modelos”, logo, outras injunções não possuem senão o óbvio, de modo que esse mesmo real passa a ser preferencial e essencial na narrativa histórica, supondo então que o relato daquilo que passa a não importar para a funcionalidade de um pormenor desde que denote “aquilo que se deu”, o real concreto e por isso torna-se justificativa suficiente do dizer.

Ao tratarmos do real, esta palavra tão pequena e originária do latim *realis*, e relativa às causas existentes, é conhecida desde a antiguidade e sempre esteve ao lado da História, apesar de fazer oposição a verossimilhança, o real opõe-se a própria narrativa. Mesmo que por séculos a Cultura Clássica tenha vivido sob a ideia de que a verossimilhança jamais poderia ser contaminada pelo real por duas razões; 1) a verossimilhança está completamente predisposta à opinião do público. Essa razão é preenchida pelo pensamento de Barthes (2004, p. 41) ao complementar seu estudo citando Nicole ao asseverar que as “coisas não devem ser olhadas como em si mesmas, menos, menos ainda como as conhecemos, mas devemos relacioná-las somente àquilo que delas sabemos as que leem, as que ouvem”. 2) o segundo posicionamento diz respeito ao geral: o real é geral e não particular, visto que a História existe nos textos clássicos, terreno propenso a fecundar pormenores, além de produzir estruturas fortes e não permitir nenhuma notação, a não ser ponderar o real. E por isso, a verossimilhança se opõe ao real pelo fato de não ser impossível.

Se para Barthes (2004, p.41), o real resiste porque há uma linguagem escrita e, por sua vez, é contrária à verossimilhança, justamente por esta última nunca ser impossível e nos faz pensar não em um ponto de vista único e predominante, e ao fazer o caminho inverso ao do real que levanta questionamentos sobre sua tomada de lugar na estrutura. Partindo desse ponto de vista, compreendemos haver a ruptura do real moderno e da verossimilhança antiga. Essa ruptura faz surgir nova forma de pensamento a respeito da nova verossimilhança, porque entendemos que ele, de maneira precisa é o realismo, no entanto para que isso aconteça, levamos em conta todos os discursos para aceitar os enunciados creditados pelo referente.

Destarte, não se pode colocar em dúvida que o uso da ficção na linguagem transgride o princípio da existência da lógica, visto que os lógicos entendem não ser possível fazer referências ao inexistente. Contudo, Compagnon (1999), Rosenfeld (1964) nos chamam atenção para o fato da Literatura associar de maneira constante o mundo real e o mundo fictício em que há interesse tanto pelas personagens quanto pelos acontecimentos reais. Daí a necessidade de se buscar mecanismos referenciais da linguagem não ficcional para fazer referência ao mundo ficcional, assim sendo os mundos ficcionais podem ser considerados mundo possíveis (COMPAGNON, 199, p.136-137). Retomando à questão do diálogo entre Vasco e o Conde Oscar sobre a guerra, vê-se explícita o mecanismo proposto por Compagnon, em que é necessário trazer elementos do real para tornar o mundo ficcional factível.

Em contrapartida, Iser (2002, p.973) verifica que no texto ficcional existem inúmeros fragmentos da realidade, de maneira que exista possibilidade de observar por meio da seleção, os fragmentos que são retirados do contexto sociocultural, bem como da literatura prévia do texto ficcional que também é possuidor de uma realidade reconhecível, embora isso ocorra pelo signo do fingimento. Posto isso, deixamos de lado este mundo porque necessitamos compreender que o mundo fictício não é o mundo dado, mesmo que precise ser compreendido como se o fosse.

Ao abordarmos a ficção e a realidade, procuramos estabelecer um diálogo entre os dois mundos em que as diferenças entre ambas pudessem se complementar. Não existe ficção sem realidade, embora a primeira tenha traços da segunda, ela se desenvolve dentro de sua própria realidade.

No segundo tópico abordaremos não apenas a história da cidade de Porto Alegre, mas também a maneira como a modernização da capital do Rio Grande do Sul influenciou na construção da identidade daqueles que habitavam a cidade como também o comportamento social e econômico da capital rio-grandense, além disso, traremos a (re) construção da urbe pelo romancista Erico Verissimo, já que é por meio de sua vivência e experiência naquela cidade que ele compõe os lugres, espaços por onde Clarissa e as demais personagens da obra transitam.

2.2. A Porto Alegre em vários tempos

A história das cidades é a história das tensões, das diferenças, dos tempos descontínuos e dos lugares plurais. E esta diversidade expressa na sua paisagem, na riqueza, e multiplicadores percebidos na atmosfera peculiar de suas ruas e bairros nos permite compreender melhor os diferentes momentos de seu desenvolvimento (MATTAR, 2010, p.66-67).

As primeiras menções que se têm sobre a cidade de Porto Alegre datam da passagem do século XVII para o século XVIII, dado que nesta região havia grande quantidade de gado, o que tornou o Rio Grande do Sul fornecedor de animais de tração e corte, principalmente para a chamada zona das Gerais devido à descoberta de ouro naquela região. Daí, para que se entenda a maneira como a modernidade contribuiu e também afetou a cidade de Porto Alegre, é preciso entender que a história da cidade e do Estado do Rio Grande do Sul se misturam em suas origens no processo de formação histórica.

Alguns colonizadores iniciaram o povoamento na região a partir do momento em que a Coroa Portuguesa se interessou pelas terras ali existentes, sendo assim várias sesmarias foram distribuídas e uma delas era a de Jerônimo de Ornellas, que comprovou já habitar as terras próximas ao rio Guaíba, dessa sesmaria surge então a Vila Dornellas que receberia os Casais d'El Rei que deveriam ocupar o território das Missões, mas por causa do Tratado de Madrid em 1750 não puderam se estabelecer por lá conforme destaca Pesavento (1999).

De acordo com Pesavento (1999, p.10), a região sul da Província de São Pedro estava em conflito, o que acarretou a ida de mais casais açorianos para a então Vila Dornellas que foi renomeada para Porto dos Casais. Já em 1793, o Porto dos Casais passa a ser a freguesia de São Pedro dos Casais e mais tarde passaria a ser a freguesia de Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre. Porém, no local da freguesia deu início à construção do centro físico, mais tarde denominado de Alto da Praia, iniciando “a construção dos primeiros edifícios civis e religiosos, como a Igreja da Matriz, a Casa da Junta, o Palácio da Presidência. Além dos prédios públicos também foram construídas fontes públicas, os armazéns gerais”, dentre outros.

Pesavento (1999) destaca que a freguesia de Porto Alegre possuía uma posição militar e comercial estratégica devido ao cruzamento das rotas, o que elevou a cidade a capital da Província de São Pedro, fazendo com que a freguesia se expandisse devido ao aumento da população, sendo esta elevada à categoria de vila em 1810. Já em 1882 em decorrência do processo de independência do Brasil, a vila passou a categoria de cidade. De acordo com Pesavento (1999, p.10), foram abertos novos caminhos ligando Porto Alegre a outros povoados e cidades da região. Esses caminhos “marcaria o início dos primeiros percursos que anos mais tarde formariam algumas de suas principais artérias” ligando a outras cidades e povoados.

Assim, o denominado antigo Caminho Novo é hoje conhecido como Voluntários da Pátria, conforme figura 01.

Porém, com o processo de independência do Brasil ocorreram várias transformações sociais, econômicas e política, que transformavam o Brasil e suas cidades, e com Porto Alegre não podia ser diferente. O Brasil nesse período de transição era um país totalmente agrário, tendo o café como produto movimentador da economia voltada à exportação. A mão de obra escrava deixava de ser utilizada nas lavouras de café, sendo substituída com a mão de obra livre, principalmente a dos imigrantes europeus. E como tantas outras cidades brasileiras, Porto Alegre também passa pelo processo de transformação, dado que ao longo do século XIX, a cidade recebia outros moradores que começavam a chegar e alterar a estrutura da cidade, da economia e da sociedade portalegrense.

Figura 1: Vista parcial do antigo Caminho Novo – 1880.



Fonte: Disponível em: < <https://litera.mus.br/porto-alegre-seculo-19/>>. Acesso nov. 2020.

Dessa forma, à medida que Porto Alegre se desenvolvia, desenvolviam-se também novos hábitos, novos comportamentos e novos valores, assim começava a surgir a classe burguesa na mesma proporção que a cidade progredia. Para Pesavento (1999), a ideia de progresso começa a se consolidar com a nova identidade urbana e, no decorrer de um período de setenta anos, quando Porto Alegre transitava, tal como o país, nos rumos da lenta internacionalização do capitalismo.

Outro fator que muito colaborou para o desenvolvimento da cidade de Porto Alegre foi a chegada dos imigrantes oriundos da Alemanha, estes foram povoar o Vale do Rio dos Sinos, tendo como resultado a abertura de uma nova possibilidade de ligação entre a Porto Alegre a região do Vale do Rio dos Sinos. Como consequência da abertura do Vale para a cidade de Porto Alegre, houve a necessidade de ampliar as atividades portuárias, dado que as mesmas atendiam à demanda dos produtos produzidos nas chamadas zonas coloniais conforme pontua Pesavento (1999).

De acordo com Pesavento (1999, p.29), a Revolução Farroupilha (1835-1845) trouxe inúmeras consequências para a capital gaúcha e também para o Rio Grande do Sul. Nessa década, a cidade teve um significativo aumento populacional, o que causou uma série de problemas infraestrutura, fazendo com que a maior parte da população viesse a ocupar o centro da cidade, pois essa era a área mais segura. Por outro lado, com o fim da Revolução Farroupilha, Porto Alegre passa a ser o “maior centro econômico da província, constituindo-se assim num foco de atração para investimentos dos capitais vindo da comercialização dos produtos coloniais”. Porto Alegre torna-se, então, o maior mercado consumidor do Rio Grande do Sul.

Diante da expansão da cidade, tanto as áreas que circundavam Porto Alegre, quanto os primeiros arraiais eram zonas em que se começavam a surgir olarias, moinhos, matadouros, lavadeiras, doceiras e também a população negra alforriada que prestava pequenos serviços urbanos, assim sendo estes novos bairros que surgiam delineavam o mercado informal de serviços que começava a se formar.

Segundo Pesavento (1990, p. 30), foi a partir do “traçado destas ruas e becos” que daria a cidade o esboço das “muitas ruas centrais existentes”, e muitos arraiais constituíram vários bairros centrais de Porto Alegre. E devido à expansão da cidade, continua a historiadora, foi preciso que os poderes municipais se preocupassem em resolver esses problemas. Assim sendo, pontua Pesavento (1990):

As áreas urbanas das chácaras que margeavam a região central de Porto Alegre passavam a sofrer retificações para o surgimento de novos arraiais e ruas. Tinha iniciado o alinhamento e a numeração das casas, a limpeza, o calçamento das ruas principais com suas denominações. A implantação do serviço de iluminação pública, abastecimento de água e de esgoto cloacais, assim como a criação de passeios públicos, eram questões a serem solucionadas (PESAVENTO, 1999, p.30).

E corroborando com Pesavento (1999), Mattar (2010, p.46-47) pontua que foram diversas “as formas de ocupação do espaço urbano da capital”. Além disso, a pesquisadora destaca que a divisão da cidade por zonas teve início na década de 1892 por meio do “ato nº 7

que foi assinado pelo intendente Alfredo Augusto de Azevedo”. Assim sendo, o município de Porto Alegre foi dividido em 6 distritos, posto que a “península central fazia parte do primeiro distrito e “a área correspondente ao 4º distrito que “contém espaços que hoje pertencem a outros bairros”.

Para Mattar (2010), Porto Alegre teve sua primeira planta em 1772, enquanto a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro obteria a sua primeira planta em 1808. A planta da capital do Rio Grande do Sul foi desenvolvida pelo Capitão Montanha, nesse primeiro documento é apontado que além dos limites da península há outras quatro passagens denominadas de “Caminhos”: do Azenha, do Meio, do Passo da Areia e o Caminho Novo, que além de ladear o rio Guaíba também não terminava no Portão, que era o único caminho que ligava a região central da cidade às chácaras existentes à margem do Guaíba e a Várzea do Gravataí.

Segundo Mattar (2010), a chegada dos alemães ao Estado, por volta de 1824, teve como consequência não apenas os primeiros agrupamentos, que com o passar do tempo se transformaram em arraiais que originaram o bairro Navegantes, como também alteraram, de forma expressiva, a estrutura da cidade. Além disso, vários alemães povoaram o Vale do Rio dos Sinos, o qual ligou essa região com a urbe e também com outras regiões como Viamão e outras localidades.

Os autores Pesavento (1999) e Mattar (2010) pontuam que à proximidade do Caminho Novo com o rio Guaíba e ao acesso facilitado tanto na malha fluvial quanto no transporte ferroviário contribuíram para o desenvolvimento do comércio naquela região, além das fábricas. Desse modo, a região mais próxima ao rio Guaíba tornou-se próspera e valorizada. Outro elemento de destaque é o porto que contribuiu para a economia não apenas de Porto Alegre, mas de todo o Estado, notoriamente em função ao que Pesavento (1999, p.57) define como “acumulação de capital baseado na comercialização de produtos coloniais” que abasteciam o mercado regional.

Dessa forma, Mattar (2010, p.77-78) corrobora com Pesavento (2010) ao destacar a valorização daquela área da cidade e por conta da influência dos imigrantes, a densidade populacional cresceu ao longo do Caminho Novo e das “instalações portuárias”, sinalizando que o crescimento urbano seria maior do “lado norte e considerando a sua vocação de entreposto comercial e industrial da cidade”.

Assim, Porto Alegre foi desenvolvendo com o capital proveniente da comercialização dos produtos confeccionados pelas colônias alemãs que se destinavam apenas ao mercado regional. Porém, Pesavento (1999, p.57) destaca que a atividade comercial acabou limitada e, dessa forma, limitou-se também a transformação da burguesia da cidade. Todos esses fatores

não impediram “uma renovação tecnológica e urbana na cidade “assim como o restante do país’ que vivia o “sonho das civilizadas cidades europeias”.

Diante disso, a ideia de construir uma cidade organizada, bonita e limpa era um ideal não apenas de Porto Alegre, mas de outras cidades como Rio de Janeiro, São Paulo que estavam passando ou já haviam passado pelo processo de urbanização. É nesse contexto que a burguesia se consolidava e, a cidade era o reflexo dessa nova classe social que passara a habitar e ocupar os espaços nas cidades.

E assim como no Rio de Janeiro, que teve suas ruas principais remodeladas, morros foram postos abaixo para dar lugar a novas avenidas e novas construções, sua população mais pobre foi levada para a periferia da cidade. Em Porto Alegre também as mesmas ações foram feitas por meio de um discurso higienista e de uma política com o objetivo de moralizar ao modo dos padrões burgueses. Assim sendo, a população pobre passa a ser mal vista, tornando-se focos de criminalidade, prostituição e promiscuidade. Em meio a esses transtornos, essa população foi empurrada para os setores mais afastados da cidade.

Por 106 anos (1908-1914), Porto Alegre viu o volume de negócios crescer e com isso houve melhoria na infraestrutura urbana dentre elas, os bondes de tração elétrica (figura 02); ocorreram também benfeitorias no sistema de vias e aumento no número de construções, principalmente de casas no ano de 1925. A Companhia Predial, uma das maiores companhias de construção, estando à frente da expansão urbana da cidade, conforme firma Mattar (2010).

De acordo com Pesavento (1999, p.58), foi a partir da consolidação do setor fabril na cidade de Porto Alegre, que surgiram os bairros operários e loteamentos que antes eram chácaras e sítios. Para a historiadora esses bairros passaram a ser “espaços de controle e focos de tensão social”, o governo tinha o dever de manter a ordem e a vigilância. Embora agregados a esses espaços urbanizados, os referidos bairros foram visualizados pelo campo imobiliário como investimentos, já que a partir deles seria possível lotear e vender, pois eram valorizados pela expansão imobiliária. Diante disso, o governo viu a necessidade de implementar serviços públicos como água, luz e transporte.

Figura 2: Garagens dos bondes – Carris, 1920.



Fonte: Disponível em <<http://lealevalerosa.blogspot.com/2010/03/ruas-de-porto-alegre-antigo.html>>. Acesso nov. 2020.

Assim sendo, Pesavento (1999) destaca que o primeiro plano de melhoramentos para a cidade de Porto Alegre foi feito em 1914, por Moreira Maciel e a partir dele surgiram outros melhoramentos. Foram feitos inúmeros aterros na orla do rio Guaíba, houve a organização da zona portuária. Todo esse processo de transformação socioeconômico foi imposto pela elite de Porto Alegre, também efetuou-se o melhoramento da “profissionalização de mão de obra” conforme figura 03. De acordo com Pesavento (1999) foram implantados:

[...] o Instituto Parobé para a formação de operários qualificados, o Instituto Júlio de Castilhos para formar jovens de boa família” que se preparavam para ingressar na faculdade e as Instituições de Ensino Superior: Escola de Engenharia, Escola de Medicina, Faculdade de Direito. A Escola Militar de Porto Alegre por seu turno atraía estudantes de todo estado. A implantação destes centros de formação educacional implicou a ocupação e o loteamento já em fins do século XIX, de parte do Parque da Redenção (PESAVENTO, 199, p.59).

Ainda na primeira metade do século XX, nos anos de 1920 e 1930 a capital gaúcha passou pelas modificações urbanas mais significativas. De acordo com Maroneze (2007, p.20), as maiores transformações aconteceram nas ruas centrais, principalmente na chamada Rua da Praia, havendo, portanto, “uma tradução da vida pública intencional, uma espécie de adaptação das ideias metropolitanas à necessidade local”. As modificações sofridas pela cidade não ficaram restritas apenas a ela, as modernizações também foram parar na literatura, “nas sociabilidades”.

Figura 3: Escola de Engenharia de Porto Alegre, década de 1910.



Fonte: <http://lealevalerosa.blogspot.com/2010/03/ruas-de-porto-alegre-antigo.html>.

Maroneze (2007) evidencia que o processo de modernização que se encontra presente nas obras literárias, como é o caso do romance “Os ratos” (1935) de Dionéllyo Machado e os romances urbanos de Erico Verissimo que apresentam em suas obras a temática da modernidade. Comprovamos a ideia de modernidade proposta por Maroneze por meio do seguinte trecho escrito por Verissimo, 1963, p.122), “[...] as palmeiras passavam. Casas. Jardins. Janelas iluminadas. Janelas fechadas. Bondes”.

Assim, Maroneze (2007, p.20) expõe que nos romances de Erico Verissimo são apresentadas temáticas em que a cidade é palco de tensões, do individualismo ao mesmo tempo que existe um contraste entre “hegemonia da cidade repleta de arranha-céus e grandes avenidas contracenam com a heterogeneidade de seus habitantes”.

Mediante as transformações na sociedade portalegrense houve desenvolvimento da economia, a cidade se modificou tanto no nível micro quanto no nível macroeconômico. Há a ampliação de serviços de forma constante, o que leva Porto Alegre a se tornar um ponto de entroncamento com outras cidades da região e o porto tornou-se um local para o escoamento da produção do estado para outras regiões do país e para o exterior.

Para Maroneze (2007, p.67), o porto da cidade é de extrema relevância para o escoamento da produção tendo em vista a quantidade de mercadorias que passam por lá conectando Porto Alegre ao interior do Estado e as principais “praças comerciais do país”.

Diante disso, ocorre o desenvolvimento da economia na sociedade local tanto no significativo aumento de estabelecimentos comerciais quanto nas alterações urbanas da época.

A transformação da cidade de Porto Alegre não se deu apenas no campo da urbanização e na economia, outros setores também passaram a investir, principalmente os que estavam situados no centro da cidade, dado que esse espaço possuía expectativas em relação à modernidade. É mediante a renovação do porto, principal porta de entrada e saída de mercadorias, que setores como cinemas, bares mantêm seus contatos econômicos e culturais. Maroneze (2007, p.67) “hotéis como o Majestic, por exemplo, surgiram e se mantiveram intimamente ligados às transformações do centro e da vida do porto”.

Não foi apenas nos campos econômico, urbano e cultural que Porto Alegre se alinhava com a modernidade, no que diz respeito à política, a cidade encontrava-se ligada aos princípios positivistas que de maneira direta influenciaram setores da sociedade. E com a chegada da República, são fundadas as primeiras faculdades do Estado que, por sua vez, atraíam a população jovem oriunda do interior e também da capital, formando, assim, a parte intelectualizada, que seria muito importante para os rumos políticos e culturais que a cidade tomaria. Destarte, as faculdades de acordo com Maroneze (2007, p.226) seriam “um divisor de águas na história da cidade, na medida em que fornecem novas possibilidades para a reflexão intelectual”.

Embora a capital do Rio Grande do Sul tenha se modernizado no decorrer da década de 1920, os rumos políticos e econômicos do país começavam a mudar. Para Pesavento (1980, p.12), a “cultura dominante da República Velha- a cafeicultura – pela sua própria estrutura e funcionamento, tanto possibilitava a acumulação quanto se apresentava como um entrave à maior diversificação econômica do país nos moldes do capitalismo”. Assim, este setor se firmou de maneira hegemônica, bem como a burguesia oriunda da cafeicultura assegurava o seu poder que vinha dos outros setores da economia e também do controle do estado. Diante disso, Pesavento (1980, p.12) afirma que os entraves oligárquicos surgiram por meio da prática da valorização do café que foi “estendida a nível federal. O fato de ficar claro que o ônus da sustentação do produto seria pago pelas demais oligarquias fez com que seus interesses entrassem em conflito com o centro hegemônico do país”. O problema é que esse procedimento foi constatado pelos Estados que não faziam parte da economia agroexportadora, o que causou uma fragmentação no interior da classe dominante.

A crise cafeeira não só colocaria fim à Velha República como também acabaria com a hegemonia daquele setor que já se mostrava inviável à manutenção da agroexportação, a qual findava como forma de acumulação de capital. Nas palavras de Pesavento (1980):

[...] o desenvolvimento econômico do capitalismo – entendido sempre como processo de acumulação privada de capital cumpria uma etapa histórica do país”. O café fora capaz de internalizar o processo de acumulação, mas obstaculizava em si próprio: seu funcionamento impedia a generalização pelo país deste processo (PESAVENTO, 1980, p.15).

Em 1929 com a quebra da bolsa de Nova York e associadas a esse acontecimento estavam as revoluções que fizeram ruir a Primeira República do país. Diante disso, os estados com economias periféricas se juntaram para defender seus interesses, e com eles, estava a oligarquia cafeeira, que não estava satisfeita com a atual política econômica do país. Pesavento (1980, p.15) pontua que não havia dentre aqueles que faziam parte da “zona periférica” que fosse forte o suficiente para desbancar a hegemônica burguesia paulista substituindo-a; a historiadora ainda afirma que a ideia não era substituir a hegemonia paulista pela gaúcha, mas sim salvar o país da crise em que se encontrava.

Com a instauração da República Nova em 1930, juntamente com as novas medidas tomadas em decorrência da crise de 1929 e de suas consequências sobre o café, também deu início à diversificação das culturas agrícolas produzidas no país para que auxiliassem na amenização dos efeitos que a dependência econômica do café causara. O governo de Getúlio Vargas fez acordos com a Alemanha, Japão que começaram a comprar do Brasil. Contudo, a indústria não parecia ser uma preocupação para esse governo, já que foram tomadas algumas resoluções contra a indústria naquele período, por exemplo, foi proibida a importação de máquinas em 1931 e também pelo “Acordo de Reciprocidade” em 1934 com os Estados Unidos.

O Rio Grande do Sul dentro do novo modelo de governo ocupava a posição “periférico dependente mais importante”. A posição do Estado era relevante por duas razões apontadas por Pesavento (1980), a base econômica do Rio Grande do Sul era a agropecuária que abastecia o mercado interno brasileiro de forma secundária o mercado internacional. Esse modelo de economia se consolidou com a República Nova, pois com ele gerou a oportunidade de o Rio Grande do Sul se inserir no mercado nacional.

Todavia, alguns setores da agropecuária rio-grandense estavam em crise, o que acabou levando a classe dominante desse Estado a procurar soluções para o e uma saída encontrada foi procurar uma maior articulação entre os órgãos que lidavam com a agropecuária, todavia existia o aumento do auxílio disponibilizado pelos governos locais e central. E o setor mais prejudicado era o dos produtores de charque, já que havia pouco investimento. Problema que também é narrado em Um Lugar ao Sol (1963) [...] veio a crise da pecuária [...]. Perdida a estância, João de Deus sentiu-se como um rei sem trono nem reino [...] (VERISSIMO, 1963, p.25).

As classes industriais, principalmente as de São Paulo e Rio de Janeiro, tiveram suas necessidades apoiadas por Getúlio Vargas, que de maneira autoritária, supria essas necessidades. Mesmo sem fazer parte da classe industrial, de acordo com Maestri (2010, p.320) “crescia embebido na doutrina positivista apoiado pelo Estado Regional do Desenvolvimento do progresso autônomo e harmônico da sociedade sulina e mostrava-se sempre favorável ao intervencionismo do Estado na economia do que os republicanos históricos”. Assim sendo, a elite gaúcha ascendia, tanto pelo apoio que os industriais deram a Vargas quanto pela estabilidade política e econômica que o Estado havia conquistado.

No período de 1930 a 1940, o quadro social e cultural da cidade de Porto Alegre possuía hegemonia, em que de um lado estava a população que sofria influências e incorporações de identidades e padrões próprios dos imigrantes, do outro estavam os que resistiam as mudanças, mantendo seus hábitos e valores passados.

De acordo com Mattar (2010), tal oposição nessa década é bem concebida por meio de textos literários, “como os romances de Erico Verissimo”, *Um Lugar ao Sol*, *Caminhos Cruzados*, “podem revelar o caráter sugestivo desse quadro difuso”. A pesquisadora continua dizendo que ao identificar o lugar e o habitante, há por parte do autor a descrição dos “elementos reais, isto é, os que são perceptíveis fisicamente, e suas significações sociais enquanto representação social”. Desta forma, o romancista apresenta “um contraponto” fazendo com que a narrativa se divida em duas partes antagonicamente sociais, em que existe a rua suburbana, que é cenário escolhido pelo autor para as mais diversas ações dos personagens pobres, mostrando, portanto, “os tipos de relações de sociabilidade que tem por base a vida comunitária em que os habitantes definem os “vínculos de proximidade”.

Estes vínculos de proximidade podem ser percebidos nos seguintes fragmentos de *Um Lugar ao Sol*:

E os três – Fernanda, Clarissa e Vasco – ficaram na varanda a conversar enquanto D. Clemência dormia, aliviada já de suas dores. (VERISSIMO, 1963, p.257).

Clarissa e Fernanda sentaram-se no sofá. Noel permaneceu ao pé da mesa. Vasco recuou para o canto mais remoto da sala. E no meio do compartimento, como se estivesse representando para uma grande plateia, Álvaro Bruno contou sua vida [...] (VERISSIMO, 1963, p. 369).

Ao falarmos sobre os “vínculos de proximidade” que Mattar (2010) nos apresenta, retomamos o conceito de lugar que já nos foi apresentado anteriormente. A definição de lugar apresentada por Tuan (2013) diz-nos que lugares são núcleos em que agregamos valor, sentimentos e o lugar está ligado às experiências vivenciadas pelos indivíduos, portanto os

vínculos de proximidade tratados por Mattar (2010) estão diretamente relacionados ao lugar em que as personagens de *Um Lugar ao Sol* se encontram.

Embora exista um otimismo em relação às transformações ocorridas na cidade e visível nos romances verissianos, Maroneze (2007) faz-nos pensar nas expectativas para que se possa indagar o quanto de “reificação é perpassada nas imagens construídas na época sobre a modernidade. As grandes transformações urbanas e no imaginário são um fato, mas a apologia ao novo esconde o provincianismo e a irregular implantação daquelas ideias a uma realidade maior”. (MARONEZE, 2007, p.84).

No transcorrer da história da cidade, da modernização que aconteceria não apenas no âmbito urbano no passar dos anos, dos séculos, também trariam outras modificações dentre elas, as transformações sociais, políticas e econômicas, sendo essas últimas decorrentes das crises que já vinham acontecendo desde 1929 e perdurariam por algum tempo. Uma das mais importantes Revoluções ocorridas depois da quebra da bolsa de Nova York, está a Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder e, com isso, houve o fortalecimento da indústria, causando um estremecimento, particularmente nas áreas de colonização italianas e alemãs.

Embora Porto Alegre se desenvolvesse nas questões urbanas, as crises econômicas e política tomavam conta, o que acabou gerando uma greve de origem têxtil que segundo Maestri (2010, p.345) “foi engrossada pelos metalúrgicos e pelos gráficos da Livraria do Globo em 1935 [...]”. Também houve a adesão dos “[...]ferroviários que acabou controlada duramente pela polícia sob o argumento de que as classes estavam sendo “manipuladas por extremistas”. Após esse movimento que foi violentamente desbaratado pela polícia e com a repressão do Estado Novo a movimentos voltados contra as “tendências regionais”, teve na política de nacionalização uma repercussão muito grande, principalmente nas regiões de colonização alemã e italiana.

Com a criação do Estado Novo em 1937 que manteve Getúlio Vargas no poder até 1954, incitou o movimento antifascista, principalmente na região ocupada pelos italianos. Nessas regiões houve a fundação de Associações Nacionalistas, elas tinham por objetivo reprimir a população alemã, a qual os brasileiros não nutriam muita simpatia. Maestri (2010) assevera que havia por parte da população um sentimento de simpatia “para com os italianos, a existência de “perigo alemão” desde a chegada dos imigrantes em 1824, a mobilização antialemã durante a Primeira Guerra Mundial haveria que investigar como razão da sanha de Cordeiro de Farias contra os teutos-rio-grandenses, a proximidade dos industriais daquela época (MAESTRI, 2010, p.352).

No que diz respeito à economia gaúcha durante o Estado Novo, seu desenvolvimento de acordo com Maestri (2010) foi interno por não haver investimentos relevantes do governo federal. Nesse ínterim, o Rio Grande continuava a se inserir no mercado nacional, principalmente como provedor de gêneros alimentícios. Todavia, a inserção do Estado não trouxe os resultados esperados no que diz respeito à quantidade da “produção pastoril e agrícola, apoiada sobretudo na expansão extensiva da área cultivada já em esgotamento” (MAESTRI, 2010, p.336).

Em relação à construção da cidade, é possível enxergá-la como uma primordialidade histórica, seria ela segundo Gomes (1994, p.23) “o resultado da imaginação do trabalho coletivo do homem”, já que ele desafia a natureza, perpassando pelas conquistas dos continentes e também das experiências que, por sua vez, estão intimamente ligadas às experiências que o ser humano vivencia, transformando espaços em lugares, seja na realidade, seja na literatura. Além disso, para Gomes (1994), a cidade também é o registro, uma escrita da materialização de sua própria história. A cidade da qual tratamos é a cidade que foi construída pela história daquelas pessoas que nela habitam, mas também foi construída por meio de várias visões, interpretações daqueles que escreveram e viveram nela.

Neste tópico, apresentamos a cidade de Porto Alegre mediante sua história, trouxemos Erico Verissimo que a construiu em suas obras, no próximo tópico abordaremos não apenas a biografia de Erico Verissimo, como também um pouco de suas obras e as influências sofridas pelo que pode viver e experimentar na cidade.

2.3. Eita mundo velho sem porteira⁵! Erico Verissimo: um escritor ou um contador de histórias?

Erico é escritor que não precisa ser apresentado ao público; trata-se, com Jorge Amado, do único escritor no Brasil que pode viver da venda de seus livros. Vendem como pão quente. Recebido de braços abertos pelos leitores, no entanto, a crítica muitas vezes o condena (LISPECTOR, 1997, p. 9).

A década de 1930 foi significativa para a literatura nacional, pois nesse período estavam surgindo autores de várias regiões do Brasil, dentre eles, despontava o gaúcho da cidade de Cruz Alta, Érico Veríssimo que junto a nomes como Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Rachel de Queiroz contribuiu com a literatura nacional. Embora Érico Veríssimo seja um dos nomes relevantes dentro dessa geração de escritores que estavam surgindo, portanto faz-se necessário contar um pouco sobre sua vida e trajetória no cenário da literatura nacional.

⁵ Referência a fala de Liroca, amigo dos Terra- Cambará (VERISSIMO, O CONTINENTE, 1981)

Erico Verissimo nasceu em 17 de dezembro de 1905 na cidade de Cruz Alta, no interior do Rio Grande do Sul, era filho de Sebastião Verissimo e Abeghay Lopes Verissimo. Os pais, como ele mesmo conta no primeiro livro de suas memórias, *Solo de Clarineta I* (1976), eram bem diferentes, o pai por quem ele tinha admiração era um sonhador, um gastador, enquanto a mãe era uma realista “ela mantinha os pés bem plantados na terra (VERISSIMO, 1976, p.33). O pai era dono de uma farmácia, a família Verissimo, como tantas outras era uma família abastada, mas acabaram perdendo tudo, inclusive a farmácia. Os pais de Erico se separaram quando ele tinha 17 anos, nessa época ele estava morando em Porto Alegre e estudava no Colégio Cruzeiro do Sul, por causa da situação financeira em que sua família se encontrava ele teve que largar os estudos e retornar para Cruz Alta.

O primeiro emprego de Verissimo foi no armazém de secos e molhados do tio, lá ele escreveu suas primeiras histórias nos papéis em que embrulhava a mercadoria dos clientes. Erico Verissimo também foi bancário, professor particular de inglês e francês e assim como seu pai teve uma farmácia. Em 1928, Verissimo retorna para Porto Alegre, lá começou a trabalhar na Editora do Globo, local em que fez carreira. Verissimo descende de uma elite rural gaúcha que se estava em processo de decadência e, talvez por isso, tenha buscado nas letras o meio de se manter dentro do circuito social aristocrático já que sua família possuía boas relações com nomes importantes na cidade de Porto Alegre. Diante da sua ida em definitivo para a capital, o envolvimento com nomes relevantes da literatura gaúcha foi inevitável, nomes como Viana Moog, Theodomiro Tostes, Augusto Meyer, dentre outros.

Uma parcela dos escritores da mesma época de Erico Verissimo não vivia exclusivamente da literatura, alguns como Carlos Drummond de Andrade, Rachel de Queiroz trabalhavam em outras áreas, por exemplo, Drummond era funcionário público e Rachel de Queiroz era jornalista de formação. Todavia, em outros aspectos ele se assemelhava aos demais escritores de sua época. Na contramão, estavam Erico Verissimo e Jorge Amado que sobreviveram da literatura que produziam. Erico Verissimo, como ele mesmo conta: “a ideia de me tornar empregado público me era desagradável, pois eu associava essa condição à necessidade de votar sempre sucessivamente com o governo” (VERISSIMO, 1976, p. 235).

A ascensão de Erico Verissimo se deu dentro de um processo de transformação política, pois a elite intelectual rio-grandense prosperava devido à estabilidade política, social e econômica do Estado. Além disso, o governo de Getúlio Vargas trazia a hegemonia e um consenso entre as oligarquias existentes, nessa época também ocorreu a consolidação universitária e ampliação do sistema editorial. E a Editora em que Erico Verissimo trabalhava se consolidava nesse mercado devido aos investimentos proporcionados pelo governo. Ainda

dentro do contexto histórico, da parte do governo federal, não houve nenhum tipo de repressão ou oposição à classe intelectual. E não apenas a ampliação do sistema editorial, mas também a edificação da cultura gaúcha e as boas relações de Erico Verissimo e o dono da Editora O Globo, Mansueto Bernardi, que integrava a AIB (Ação Integradora Brasileira)⁶ e que tinha uma posição de destaque dentro do governo, o que é uma situação ambígua, já que ele também era dono de uma das maiores editoras da época.

No decênio de 1930, o país estava passando por conflitos políticos e econômicos, nos anos de 1930, o principal produto de exportação brasileira estava entrando em decadência, havia muito café e o preço estava baixo, motivando o governo a buscar soluções drásticas para que os cafeicultores não perdessem o dinheiro. Aliada à crise cafeeira, estava a quebra da bolsa de Nova York ocorrida em 1929 que deixara seus resquícios na economia brasileira. Na década de 1932, ano da Revolução Constitucionalista que visava pôr fim à Constituição que vigorava desde 1890.

Foi diante desse turbulento período político que Erico Verissimo surge como escritor, nesse mesmo ano, 1932, ele lançou o livro de contos *Fantoches*, no ano seguinte ocorre a publicação que ele chamou de novela *Clarissa* (1933), sendo que este não obteve uma boa vendagem, muitos exemplares ficaram no porão da editora e acabaram sendo destruídos em um incêndio, mas como havia seguro, Erico recebeu pelos exemplares queimados, Dois anos após o lançamento de *Clarissa*, o escritor lança *Música ao Longe* (1935) para concorrer ao prêmio Machado de Assis, ele divide o prêmio com Dyonélio Machado (*Os ratos*), um ano depois ele escreve o romance *Um Lugar ao Sol* (1936) e em 1938 Erico publica o romance que o colocaria em destaque no mundo da literatura, *Olhai os Lírios do Campo* (1938). Sobre esse livro Erico escreve:

Naquele tempo a Editora Globo não tinha escritórios próprios[...]. Foi nessa pequena sucursal do inferno que escrevi boa parte de *Olhai os Lírios do Campo*, livro que do ponto de vista de vendas foi decisivo na minha carreira de escritor. Publicado em 1938, teve logo uma grande, surpreendente aceitação popular (VERISSIMO, 1976, p. 267).

Além dos romances denominados Ciclo Clarissa ou Ciclo de Porto Alegre, que abrange os romances que se iniciam em 1933 e se encerram com o romance *Saga* em 1940. Erico nas

⁶ AIB (Ação Integradora Brasileira): foi um movimento e um partido político de extrema direita, possuíam estrutura verticalizada. De cunho ideológico, forte, conglomerador. Este partido e movimento tinham por objetivo exprimir toda a angústia da integração da população em que exprimiam as características propostas por Plínio Salgado, seu líder “caráter absoluto”, na procura de arquétipo ideal de homem e nação. Ideologia, doutrina e símbolo: a representatividade na Ação Integralista Brasileira. ALMEIDA, Ana Lúcia de. Disponível em: encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340747908_ARQUIVO_Artigoparapublicacao-AnaisANPUH2012.pdf. Acesso em 01 mar.2021.

décadas posteriores, principalmente nas décadas de 1960 e 1970 escreve obras com teor mais político⁷ como *O Prisioneiro* (1967), *Incidente em Antares* (1971), *O Senhor Embaixador* (1965). A contribuição de Erico não se deu apenas como escritor, mas também como indivíduo, pois ele percorreu vários países divulgando nossa literatura, dessas viagens surgiram os livros; *Gato Preto em Campo de Neve* (1941), *A volta do Gato Preto* e, ainda dentro das narrativas de viagem, ele escreve *Israel em Abril* (1966), *México* (1957) contando sobre suas viagens juntamente com a esposa Mafalda. Além dessas narrativas, Erico escreve *Noite* (1953). Erico também escreveu livros infantis como: *O Urso com música dentro da barriga* (1938) entre outros e um livro infanto-juvenil *Viagem à aurora do mundo* (1939). O escritor também estava com o projeto de um novo livro *A Hora do Sétimo Anjo*, mas não chegou a sair dos rascunhos porque em 28 de novembro de 1975 ele sofreu um infarto que o matou.

De acordo com Bonfim (2014), Erico Verissimo ministrou palestras em universidades americanas e também foi convidado a dar aulas de literatura na Universidade de Berkeley nos Estados Unidos. É importante destacar que ele aceitou o convite, pois o Brasil vivia uma situação política difícil, e encontrava-se descontente por conta da situação política, na qual o Brasil se encontrava com a instauração do estado novo. As aulas e palestras proporcionaram ao escritor a publicação do livro *Breve História da Literatura Brasileira* que foi publicado em inglês e posteriormente em português. Erico também ocupou o cargo de Diretor de Assuntos Culturais Pan-Americanos de 1953 a 1956.

No decênio de 1947, Erico deu início à escrita do que se tornaria sua maior obra; a primeira parte de *O Tempo e o Vento*, a ideia inicial era escrever um romance que contasse em oitocentas páginas a história do Rio Grande do Sul (1745-1945), a previsão era concluir o romance em três anos. Contudo, como apresenta Bonfim (2014), à medida que a escrita da obra avançava, Erico percebeu que não seria possível apenas um volume, mas dois, para que seu projeto se completasse. “Finalmente decidi que a obra seria uma trilogia” (BONFIM, 2014, p.57).

Dessa forma, assinalamos que os escritores, independente da época em que viviam são testemunhas de seu tempo e com Erico Verissimo não podia ser diferente, afinal, ele era um intelectual que não estava incluído nos estratos mais populares, além disso ele participava da elite rio-grandense e também prestava serviços a setores que lhe garantiam a sobrevivência. Sendo assim, Erico tinha como desafio olhar para a realidade que estava a sua volta e muitas

⁷ Existem outros estudos a respeito destas obras, em que há o destaque para um escritor mais engajado e voltado para as questões políticas brasileiras. Estudos como o *Compromisso Social em incidente em Antares* (2005) de Fábio Lucas.

vezes essa realidade era representada em seus romances, como em *Um Lugar ao Sol* (1963), quando Clarissa, D. Clemência e Tia Zina vão à casa de uma prima distante, casada com um desembargador pedir que escrevesse uma carta de recomendações para que Clarissa conseguisse a vaga de professora. Como podemos notar no seguinte trecho:

- Não vê que... – ia começando D. Zina [...]

- A mocinha é professora, quer ser transferida para cá.

- Não é? – perguntou olhando para D. Zina. E antes que esta tivesse tempo para fazer o menor sinal, D. Nora voltou-se de novo para o marido e continuou:

- Querem que dê um cartão de recomendação para o Secretário de Educação... [...]

-É Não posso.... Não posso. Absolutamente. Não posso. [...]

Clarissa morria de vergonha, pedir era horrível [...]. Desejava nunca ter vindo [...] (VERISSIMO, 1963, p.133)

No fragmento acima é claro o desconforto de Clarissa em relação ao pedido que é feito ao desembargador, o marido de uma prima rica e distante de D. Clemência e Tia Zina, a realidade exposta na obra possui dois lados de uma questão; de um lado está o desembargador, em sua posição social de destaque. Dessa forma, Maroneze (2007, p.20) destaca como características de um “cenário vivo de tensões” em que existe “o individualismo narcisista” e a miséria que divergem num “espaço que aplaude a liberdade”. Por outro lado, é possível que Erico tenha transformado em representações situações experienciadas por ele mesmo, como quando ele ao procurar o então chefe de gabinete de Oswaldo Aranha, o escritor Moyses Vellinho que não havia vagas na Secretaria, assim Lajolo (200, p.130) afirma que tal situação acabou “abrindo caminhos para uma experiência rara na literatura brasileira”.

Portanto, diante da negativa de emprego a Erico Verissimo, ele por sua vez, conseguiu trabalho na Revista do Globo em 1931, dando início à vida intelectual que se construiu ao longo de cinquenta anos. De acordo com Lajolo (2005), o caminho percorrido por Erico, em princípio na Revista do Globo e depois já na Editora Globo acontece simultaneamente sob a égide da modernidade, em que tanto “nossa história quanto nossa crítica parecem míopes, imantado que é seu discurso pela ebulição paulistana da Semana de 22” (LAJOLO, 2005, p.130). É nesse contexto que emergia a modernidade que visava compreender o quão seria essencial a produção literária nacional.

Assim sendo, Lajolo (2005) destaca a precariedade de “infraestrutura” da cultura disponível no Brasil no decênio de 1930 e afirma que muitos escritores acabam pagando pela edição dos próprios livros. E foi diante dessa condição precária, que já vinha sofrendo alterações

desde 1920 e que, na década seguinte, tanto a Editora Globo quanto a Revista que possuíam características desse mercado investiram em infraestruturas, visando atender a um número maior de consumidores. Foi diante desse cenário de modernização e de uma nova configuração socioeconômica promissora que Erico Verissimo desponta enquanto escritor.

Nas palavras de Lajolo (2005):

Essa modernização se traduz por exemplo, na editora, por uma linha editorial que tem os olhos voltados para o público de classe média, consumidor virtual dos escritores nacionais que a editora lança e dos estrangeiros que traduz. Com os olhos no mesmo público, a existência continuada de uma revista como a do Globo dos anos 30 é representativa: sugere o aproveitamento das novas condições para a produção de cultura, satisfazendo e ampliando os horizontes de expectativas de um público provinciano (LAJOLO, 2005, p.131).

Diante da modernização pelas quais estava passando a indústria editorial nacional, e da entrada de Erico Verissimo nesse mercado, deu a ele uma visão sem muitas ilusões no modo de produção literária daquele período, ao mesmo tempo, o escritor cruz- altense tinha contato com o Estado e também com o mundo da produção literária que lhe trouxe algumas marcas diante da situação vivenciada., Para Lajolo (2005, p.142), Erico Verissimo “desconfiado de idealizações e talvez pouco compreendido por ter mergulhado nas contradições de seu tempo já que foi neste momento que o país celebrava os primeiros acordos com a modernidade”.

Essas observações, tanto da modernização do campo editorial brasileiro quanto da entrada de Erico Verissimo no mundo da literatura, e enfatizado anteriormente por Lajolo (2005), traz à baila as questões levantadas por estudiosos dos romances verissianos, pois ao mesmo tempo em que estes tivessem a compreensão de que ele é um dos grandes escritores do Modernismo Brasileiro, ainda há uma boa parcela da crítica nacional que não reconheceu nem o valor e nem a significância de sua obra. Talvez pela dificuldade do que expôs Lajolo (2005).

Alguns estudiosos dos romances verissianos utilizam a expressão “um contador de histórias”, embora não seja possível determinar nem como nem quando esta expressão surgiu, Chaves (1972, p.71) afirma que o termo foi empregado pelo próprio autor, adotando-o com uma “modéstia exagerada” e até mesmo “impiedosa” de acordo com seus comentários à edição de 1966.

Nesse sentido, a crítica não colaborou muito porque eles também adotaram esse termo para se referir ao autor em questão. Para Chaves (1972) quando a crítica adota o termo “contador de histórias” é de forma pejorativa e acabam por enxergar Erico Verissimo com um autor desatento a humanidade. Dessa forma, o pesquisador ainda pontua que o autor estava preocupado unicamente com a “arquitetura da intriga” dando pouca atenção à humanidade,

sendo descuidado em relação aos aspectos psicológicos individuais. Tais classificações precipitadamente didáticas agradaram a muitos e a distorção germinou em campo fértil, principalmente no que diz respeito ao sucesso literário de Olhai os Lírios do Campo.

Na mesma linha de raciocínio, temos Gonzaga (1990), afirmando que ao se auto definir como um “contador de histórias”, Erico Verissimo parece intencionalmente renunciar o nível de complexidade presente em suas obras, bem como no movimento literário de maior expressão no Brasil; o romance modernista de 1922 e 1930, Gonzaga (1990) ainda diz mais;

Erico se contemplava no espelho como uma espécie de autor menor, bafejado pela fácil popularidade de relatos sentimentais com enredos instigantes. Em regra geral, a crítica corroborou esta visão e concedeu ao escritor cruz altense uma posição subalterna na galeria dos principais autores do país (GONZAGA, 1990, p.38).

Os autores Gonzaga (1990), Chaves (1972) e Bordini (2005) reafirmam a posição e a condição de Erico Verissimo dentro do cenário da literatura brasileira. A ideia de repetir várias vezes que era apenas um “contador de histórias” tornariam as inovações literárias nos romances verissianos não percebidas, fazendo com que transparecesse apenas a parte negativa conforme citado anteriormente.

É nesse sentido, que Santos (2016) corrobora com Gonzaga (1990), Chaves (1972) e Bordini (2005) ao afirmar a capacidade técnica do romancista de “conceber” a narrativa que nem foi percebida e nem foi reconhecida pela maioria dos críticos fora do Rio Grande do Sul. Para Santos (1990), foram poucos os críticos não rio-grandenses que souberam reconhecer nas narrativas verissianas as estratégias por ele utilizadas na década de 1930 e 1940 que até então eram desconhecidas nas narrativas vigentes e, por isso são consideradas inovações na literatura produzida na época.

Diante disso, Chaves (1972), Gonzaga (1990) e Bordini (2005), Vellinho (1972) corrobora com os três estudiosos que em termos de inovações na narrativa, Erico Verissimo muito contribuiu por possuir recursos técnicos, todavia a crítica literária daquela época mesmo com o sucesso do escritor não atestava a qualidade dos seus textos.

Esses estudiosos ao concordarem e conversarem entre si nos dão a dimensão das narrativas verissianas. E apesar de Erico Verissimo passar por um escritor não engajado politicamente, principalmente nos romances que vão de 1933 a 1940, seus textos incorporaram algumas conquistas da geração de 1922, mas afastado dos vanguardismos de sua época, das observações nacionalistas, das paródias, o escritor cruz altense conseguiu tirar das experiências radicais da prosa moderna um coloquialismo muitas vezes insuperável entre os seus

contemporâneos e, talvez por isso, ele tenha se tornado herdeiro de uma tradição revolucionária da palavra.

A técnica narrativa de Erico Verissimo permitiu que suas auto - definições rigorosas e sua linguagem cotidiana não tornassem seus textos panfletários e muito menos dessem a eles o que Gonzaga (1990) chama de “simplificações políticas”, daí sua postura descompromissada, frente a uma radicalização ideológica, que lhe deu o “título ora de fascista ora de bolchevista”.

De maneira simples, quase imperceptível para o leitor, Erico Verissimo era fluente em suas técnicas. Bordini (1995) faz-nos perceber as técnicas no romance *Olhai os Lírios do Campo* (1938), apesar de ter sido por este romance que o autor se tornou relevante, é considerado por ele como um romance ruim, todavia naquela trama existem inovações em sua composição formal. *Olhai os Lírios do Campo* foi considerado por Gonzaga (1990) um romance extremamente sentimental, pois “possui estrutura narrativa centrada no jogo milimétrico de avanços e recuos temporais, que ainda hoje nos causam admiração” (GONZAGA, 1990, p.39).

Santos (2016) atribui a Erico Verissimo uma das maiores contribuições a Literatura Brasileira; a técnica do contraponto. Essa técnica é originária da música e ela consiste em dar voz a duas ou mais vozes melódicas, que são independentes entre si, embora mantenham relações de contraste criando harmonia. Decerto, pode-se definir o contraponto através da harmonização polifônica (SANTOS, 2016, p.28). Dentro da literatura, a técnica se deu por meio da criação do romance que, em sua composição possui várias intrigas e personagens paralelas, de maneira que a narrativa se torne fragmentada e descentralizada formando assim um conjunto harmonioso por meio das vozes que o constituem através do contraste polifônico. Podemos observar esta inovação nos trechos a seguir:

[...]. Muito mais tarde Annelise ergueu-se, puxando de novo para os ombros queimados as alças do maiô. Vasco sentia vontade de chorar. Odiava-se por ser tão sentimental, por ter agora vontade de descansar a cabeça zonzona no colo de Annelise (VERISSIMO, 1963, p.158).

Quando na segunda feira Clarissa e a mãe voltaram à Secretaria de Educação, encontraram lá de novo a moça morena. Cumprimentaram-se com alegria. Sentaram-se e começaram a conversar (VERISSIMO, 1963, p. 159).

Por meio da técnica do contraponto, vemos como o autor cruz altense traz no romance *Um Lugar ao Sol* tal técnica, ficando claro, que são duas ações simultâneas de personagens diferentes, mas que compõem um mesmo capítulo.

Ainda sobre a técnica do contraponto, Antônio Candido (1989) em seu livro *Educação pela Noite e Outros Ensaios* afirma que Erico Verissimo fez “ajustes” nesta técnica para a Literatura Brasileira, da mesma forma, que ele fala do corte transversal da sociedade de 1930.

E ao incorporar tal técnica no romance “*Um Lugar ao Sol*” e tendo um olhar mais atento sobre as mulheres presentes nos romances verissianos, podemos perceber o quão elas são significativas não apenas para a manutenção da família como Clarissa e Fernanda de *Um Lugar ao Sol*, que buscam a felicidade, lutam pela sobrevivência, tentam superar as dificuldades da vida pelas quais todas elas passam. As mulheres que compõem os romances de Erico Verissimo também procuram a independência, a felicidade, mas ao mesmo tempo amparam os que delas dependem. Podemos notar a atitude de amparar por meio de Fernanda: “Vasco observa Fernanda. Era admirável. Cuidava da casa, carregava um filho no ventre e os outros filhos mais velhos nas costas. Tinha tempo para ler e discutir livros! Menina de fibra” (VERISSIMO, 1963, p. 247).

Em seu estudo: “Mulheres entre o mito e a história das figuras femininas” Zilberman (2003) evidencia que além das migrações de várias personagens de um romance para outro, como Clarissa que ressurge em *Música ao Longe*, *Um Lugar ao Sol* e *Saga* ou Fernanda que aparece pela primeira vez em *Caminhos Cruzados* e depois em *Um Lugar ao Sol* ou ainda Maria Valéria que se encontra presente nos três tomos de *O Tempo e o Vento* foi um ato arriscado do romancista, todavia, a pesquisadora vê que tal migração tem sentido, pois a “a repetição dos mesmos atores” chamados a desempenhar papéis semelhantes, mesmo que em diferentes romances, mesmo surgindo em diferentes épocas de sua “existência fictícia”, assegura a “Verissimo a coerência do universo sugerido pela sua imaginação” (ZILBERMAN, 2003, p. 108).

Dessa maneira, podemos considerar que suas personagens principais e secundárias, mulheres que fogem a ideia do convencional, do esperado, mulheres que buscam sua liberdade, mesmo ocupando o papel tradicional de mãe, esposa, são o que Barbosa (2005) chama de esteio emocional, como vemos em Fernanda no seguinte fragmento: “Ficou pensando na vida, na vida de seus filhos, da sua gente [...]. Pensou na mãe. Pensou no irmão. Pedrinho precisava entrar nos trilhos” (VERISSIMO, 1963, p.210).

O fragmento acima demonstra a preocupação de Fernanda com a família, a quem ela chama de filhos, ela é o esteio emocional da família, ela é quem busca dar o equilíbrio a eles. Assim como Bibiana de *O tempo e o Vento* é o esteio emocional da família, e esse papel é passado a Maria Valéria tempos depois.

Outro ponto a se destacar nos romances verissianos é a estrutura dada a mulheres e homens, tendo em vista que o autor os diferencia em vários aspectos, dentre eles o amadurecimento, que para as mulheres é mais rápido do que para os homens. Há nos textos de

Erico Verissimo uma crítica em relação às mudanças sociais e também no que se refere à entrada da mulher no mercado de trabalho.

Erico Verissimo apresenta uma galeria de personagens femininas, descrevendo-as como fortes e bem resolvidas e moralmente bem delineadas. Outrossim, como demonstra Barbosa (2005), o autor também traz para suas obras questões ligadas à raça, apresentando personagens negras como Dona Docelina, a proprietária da pensão e amante de Amaro, o amigo de Vasco, Xexé, presentes em *Um Lugar ao Sol*, as questões relativas à mestiçagem e também faz alusão às questões relativas à homossexualidade⁸.

Existe um contraste de personalidades, como afirma Barbosa (2005), embora que esse contraste não ocorra apenas entre as mulheres e homens, do mesmo modo em relação às próprias mulheres. Essas relações, declara Barbosa (2005): seriam um tipo “especular de relações que o romancista utilizou de forma magistral”. Erico Verissimo, nas palavras da pesquisadora foi cuidadoso em apontar detalhes e em enfatizar as injustiças sociais em comparação com as mulheres mais jovens e “posicionando-as em diferentes camadas sociais e chamando atenção para a vida fútil das ricas e a vida amarga das pobres”.

Em *Um Lugar ao Sol*, identificamos a comparação proposta por Verissimo no seguinte fragmento:

[...] Clarissa estava com o rosto em fogo [...] sentaram-se em poltronas fofas [...]. Clarissa olhou com horror para um jarrão onde se via pintada uma paisagem egípcia: uma pirâmide contra um céu esbraseado: silhuetas de camelos e beduínos [...]. Elas não tinham coragem para falar. A sala não convidava. Impunha-lhes silêncio. Era fria, cerimoniosa. Incoerente, escura (VERISSIMO, 1963, p. 129-130).

O trecho da narrativa deixa claro o desconforto de Clarissa diante da situação, a de estar na casa de uma prima rica e distante, que não fazia parte de sua realidade e a situação de estar naquela casa para pedir um favor ao marido da tia. Pessoas de classes diferentes, com objetivos diferentes de lugares diferentes.

Para Barbosa (2005, p.315), Erico Verissimo estava atento às transformações na sociedade gaúcha, pois ele consegue “pluralizar a caracterização das personagens, descrevendo mulheres de várias classes sociais, raças, profissões, idades, nacionalidades”. Já Chaves (1972, p.77) afirma que os homens verissianos são tidos como “personagens do presente, como Vasco ou o Capitão Rodrigo de O Tempo e o Vento, enquanto as mulheres, cabe assegurar a continuidade de um mundo que se volta sempre para o futuro”.

⁸ O termo homossexualismo é um conceito de conotações médicas patológicas. Enquanto o conceito de homossexualidade está relacionado a valorização das diferentes possibilidades de ser. É provável que Verissimo tenha utilizado os dois termos devido ao contexto histórico da época.

Embora Erico Verissimo tenha trazido inovações para a Literatura Brasileira, é inevitável indagar até que ponto o romancista retrata as representações sociais em torno das mulheres e até que ponto ele faz mediações das vozes dessas mulheres, já que o público leitor o qual ele quer atingir é a classe média, portanto é preciso que ele circule entre os dois polos, o das representações sociais e o polo das mediações.

Mediante às colocações feitas neste tópico, é possível compreender alguns porquês sobre os estudos das obras, e até mesmo da vida do autor ser tão interessante e instigante, partimos para o próximo tópico na tentativa de vê-lo não como um “contador de história”, mas como um romancista que também trouxe inovações em relação aos estudos sobre as mulheres. E como disse seu filho Luiz Fernando Verissimo na apresentação do livro *A Liberdade de Escrever* (1997) ao afirmar que o pensamento de um romancista sobre o mundo em que suas personagens habitam é diferente do que o autor pensa de si e de suas obras, é diferente e bem mais fácil já que não existe a necessidade de um recurso literário, mas ao mesmo tempo é difícil já que não se pode contar com o “refúgio literário”.

No terceiro capítulo, dividido em três tópicos procuramos compreender as razões que levaram Erico Verissimo a construir personagens femininas com características marcantes e que na maioria das vezes fogem aos padrões sociais da época. Já o segundo tópico objetiva tecer considerações a respeito da discussão sobre o feminismo será evidenciado de forma bem resumida as principais ondas que contribuíram para que a mulher ocupasse outros lugares dentro e na sociedade, estabelecendo relação como a Literatura enxergava as mulheres em seus diversos movimentos literários e por fim, no terceiro tópico, apresentaremos a análise do romance “*Um Lugar ao Sol*”.

CAPÍTULO 3

ERICO VERISSIMO E A MULHER: A VISÃO DE SEU TEMPO

[...] aposto como seguirás nesse romance a tua velha linha....

- Qual?

-A parcialidade para com as mulheres. Tuas personagens do sexo feminino (se não me falha o olho crítico, nem a memória) sempre têm melhor caráter do que as do sexo masculino. – Para resumir o assunto, teus romances são escritos (não te ofenda) dum ponto de vista quase feminino. [...] ⁹ (VERISSIMO, 1981, p.751)

[...] O ensejo a fez tão prendada

Ela foi educada para cuidar e servir

De costume, esquecia-se dela

Sempre a última a sair

Disfarça e segue em frente

Todo dia até cansar (Uhu!)

Vira a mesa, assume o jogo

Faz questão de se cuidar (Uhu!)

Nem serva, nem objeto

Já não quer ser o outro

Hoje ela é um também (PITTY, Amélia, 2009)

Talvez, o diálogo de Floriano com Tio Bicho¹⁰ auxilie-nos a construir a resposta para entender porque Verissimo constrói personagens femininas que questionam, se sobressaem em relação as demais mulheres da década de 1930. E o que levou esse escritor a ter interesse em transitar pelo universo feminino, uma constante em suas obras.

Levantamos esses questionamentos a respeito do ponto de vista de Erico Verissimo sobre as mulheres para compreendermos os porquês de o escritor ter um olhar diferenciado sobre e para as mulheres.

Para Pesavento (1990), Verissimo possuía um senso refinado no que diz respeito à observação do mundo real, e possivelmente por essa razão, o escritor teria conseguido romper com o que a historiadora define como barreira da chamada “ideologização” que a sociedade detém ao se assumir como machista, além disso, seus romances possibilitaram o autor a mostrar tanto as contradições da vida intelectual de sua época quanto o choque com as tradições, as quais ele também pertencia.

⁹ Diálogo entre Tio Bicho e Floriano Cambará (Arquipélago, tomo III, 1981). Floriano Cambará nesta obra é considerado o alter-ego de Erico Verissimo.

¹⁰ Tio Bicho era o apelido de Roque Bandeira, amigo da família Terra- Cambará, ele e Floriano Terra- Cambará mantinham longos diálogos, principalmente sobre o pai, o deputado Rodrigo Terra- Cambará.

Esses processos atrelados ao posicionamento que Erico Verissimo tinha para com as mulheres presentes em seus romances, apontam-nos para a quebra das tradições patriarcais ainda vigentes e, assim sendo, as mulheres verissianas estavam em busca da luta por uma vida melhor e pela liberdade.

Embora as personagens femininas sejam figuras permanentes e relevantes nos romances de Erico Verissimo, Soares (1984) mostra-nos a existência de uma “evolução sincrônica” tanto do escritor quanto de suas personagens que amadureciam moral e espiritualmente, é o que ocorre com Clarissa, que amadurece de um livro para o outro, de menina na obra homônima a mulher que é o pilar de sustentação da família no romance aqui estudado.

Por outro lado, Barbosa (2005) apresenta-nos parâmetros, principalmente no que diz respeito à divisão de papéis sociais, culturais e morais, presentes nas sociedades patriarcais, e essa divisão está de acordo com o que Bourdieu (2012) define como a oposição entre o masculino e o feminino, pois existe uma ordem masculina a qual não é necessária enunciá-la em discursos que tendam a dar a ela a legitimidade, logo, é por meio da divisão social que dá a homens e mulheres diferentes papéis na composição da sociedade.

Em consonância com esses parâmetros, podemos constatar que é na família que se dá não apenas as construções de diferença de gêneros, mas também as estruturas definirão a masculinidade e a feminilidade, bem como suas representações socioculturais que são evidenciadas nos romances verissianos. Todavia, é necessário lembrarmos que Erico Verissimo distingue essas representações, justamente porque o escritor procura analisá-las mediante ao que Barbosa (2005, p.302) “define como dinâmica de gêneros, pois, são as mulheres os pilares de sustentação financeira, moral e emocional das famílias”. Portanto, Verissimo faz uma análise das transformações da sociedade patriarcal gaúcha para uma sociedade em processo de modernização.

Ao analisarmos as questões sociais da década de 1930, levamos em consideração pontos relevantes; como a quebra da hegemonia patriarcal, bem como as transformações históricas e sociais que se passavam naquele período tanto no Brasil quanto no Rio Grande do Sul.

A seguir apresentaremos o primeiro tópico deste capítulo, sendo que o mesmo objetiva averiguar a mulher real na sociedade brasileira.

3.1. “Um Lugar ao Sol” de Erico Verissimo: a mulher real na sociedade

A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história de seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofrem e que praticam, da sua loucura, dos seus amores e dos sentimentos [...]. Teria então chegado o tempo de lermos, sobre elas sem tantos a priori? (PRIORI, 2004, p.7-8).

Para falar das mulheres, sejam elas idealizadas ou reais, é necessário compreender a diferença entre elas porque para entendermos a primeira, precisamos da segunda, dado que a ficção carrega consigo traços da realidade. E para melhor alcançar esse processo é preciso investigar o relevante caminho percorrido que une as duas partes, por isso recorreremos à cronologia histórica para compor este tópico.

Ao introduzirmos os períodos literários dentro do contexto da maneira como as mulheres foram/são retratadas dentro do contexto histórico, levamos em consideração a representação feminina na Idade Antiga e Média a partir do pensamento de Silva (2014):

[...] a representação do feminino na Idade Média consiste na inferioridade e submissão, desde os discursos proferidos pelos filósofos da antiguidade clássica. A representação do feminino diante o contexto social durante a Idade Média, consiste de heranças que retratam a inferioridade e submissão, tendo em vista que as mulheres se encontravam à beira da sociedade e sua contribuição era apenas de auxiliar aos homens, cuidar dos filhos e da família. Na Idade Média, a instituição católica apenas oficializou essas teorias, com o objetivo de estabelecer o seu poder na sociedade, principalmente sobre o feminino. (SILVA, 2014, p.12).

A despeito da visão apresentada por Silva (2014) sobre as mulheres medievais, constatamos que existem situações no romance *Um Lugar ao Sol* (1963) que demonstram não só a subserviência e a inferioridade como mostram também o auxílio em tarefas. Os primeiros pontos são percebidos por meio da mãe de Clarissa, já que ela apenas obedecia às ordens, como aponta o seguinte fragmento: “Clemência, quero um banho” (VERISSIMO, 1963, p. 19). Outro fragmento que destaca a ideia sobre a posição pela mulher na sociedade é explícita na forma como o pai de Clarissa tinha das mulheres: “Ele sonhava com uma boa dona de casa. Imaginava-a com aquelas belas mãos a encher linguça [...]. Reconhecia nela também a fêmea forte e apetitosa. Desejava-a” (VERISSIMO, 1963, p. 22).

As épocas, independentes de quais sejam, passam por transformações econômicas, culturais e sociais e, com as mulheres não pode ser diferente. Já que a noção de mulher é reconstruída de acordo com os valores e modelos socioculturais vigentes. Embora entendamos que as transformações não são vistas apenas nos corpos e na maneira que as mulheres têm de

se comportar, elas são observadas também por meio das construções sociais, que simbolicamente são produzidas por meio dos discursos, sejam visuais (pintura, fotografia) ou pelo discurso escrito em forma de romances e de poesias.

O fato é que durante muito tempo as mulheres foram silenciadas, de modo mais relevante em assuntos relacionados à política ou à sexualidade. Para melhor compreendermos os silêncios impostos às mulheres, é preciso reputar que por muito tempo elas foram consideradas seres intelectualmente incapazes e por isso não podiam participar da vida pública, portanto, cabendo a elas a vida privada, o lar, os filhos, o marido. Esse modo de pensar destacava o papel desempenhado pelas mulheres, o que salienta as relações de dominação existentes e deixando claro qual era o lugar que elas ocupavam dentro da sociedade.

Com o advento da industrialização houve muitos avanços em vários âmbitos, como por exemplo na sociedade, na cultura e economia, tudo isso associado às ideias vanguardistas oriundas da Europa e que acabavam por incentivar não só as transformações relativas ao comportamento, como também a outros fatos, dado que nessa época, as mulheres já podiam sair de casa desacompanhadas dos pais, irmãos ou maridos. Nesse ínterim, as mulheres começavam a entrar no mercado de trabalho. E de acordo com Kantorski (2011) foi a partir da Revolução Industrial que a condição não apenas da mulher, mas das classes desfavorecidas começaram a mudar, pois ambas passaram a ter participação na sociedade.

Todas essas mudanças trouxeram uma série de implicações nos mais diferentes níveis sociais incluindo as mulheres das classes mais abastadas perpassando pelas mulheres das camadas mais pobres. Todavia, torna-se claro que ao começar a existir uma abertura, ainda que reduzida para as mulheres, independente da classe a que pertenciam era ainda pequena a quantidade de mulheres trabalhando no meio público até meados do século XX.

Aliada às transformações socioculturais e econômicas, as mulheres iniciaram a luta por seus direitos, pela liberdade para não mais serem submissas aos homens e, ainda que muitas delas tenham acesso ao conhecimento intelectual, que por sua vez é valorizado, ainda existem mulheres buscando o reconhecimento nas mais diferentes carreiras. Foi o conhecimento que deu à boa parte das mulheres o acesso à liberdade, e associado a ele está o fato de as mulheres se mostrarem capazes de pensar, de agir, fatores que se tornaram uma das bandeiras levantadas pelo feminismo do século XX, logo as mulheres passaram de donas de casa, boas mães e esposas a trabalhadoras e chefes de família.

Por mais que a mulher desempenhasse papéis fora do espaço privado, o trabalho delas ainda era restrito, normalmente eram operárias de fábricas, professoras ou trabalhavam nas repartições públicas. Segundo Louro (2004, p.379) foi o magistério que inseriu as mulheres

nos espaços públicos, era um trabalho que permitia a elas manter suas “obrigações domésticas”, além do mais, ser professora era a concepção de trabalho fora de casa, por mais que fosse considerada uma “ocupação transitória”, podendo contribuir caso fosse abandonada após o casamento. Por hora vale ressaltar o quão o magistério foi importante para que as mulheres tivessem uma profissão.

À luz das transformações que aconteciam em fins do século XIX no Brasil, estava a consolidação do capitalismo, que trouxe consigo o início da vida urbana e, conseqüentemente, novas possibilidades de vida social. E justamente com a ascensão do capitalismo que surge junto com a burguesia um jeito novo de pensar, assim sendo trouxe com essa nova maneira de pensar, não apenas uma nova forma de organização familiar, mas também das vivências familiares, dos afazeres domésticos, designando um novo olhar para as mulheres e as atividades que desempenhavam dentro de casa.

De acordo com D’ Incão (2004, p.190), as transformações também ocorreram dentro das casas, principalmente nas residências das famílias mais abastadas que abriam os salões e salas de jantar para os amigos e parentes. Além disso, ocorreu nesse espaço a “interiorização da vida doméstica”, fato acontecido justamente com a abertura das salas de visita e salões que, por sua vez, tinham por objetivo ampliar a intimidade e, nestes lugares, as mulheres eram submetidas “a avaliações e opinião dos outros”. Nessa mesma época, as mulheres da elite começaram a frequentar “bailes”, “cafés”, “teatros”, elas agora possuíam alguma liberdade, porém não eram apenas os pais, irmãos e maridos que as vigiavam, sob o olhar atento, a sociedade também as vigiava. Diante de olhares vigilantes da sociedade, as mulheres tiveram que aprender a se comportar.

De forma semelhante, Rago (1985, p.62) aponta que a mulher dos últimos decênios do século XIX como “frágil”, “abnegada” e “vigilante”, qualidades dadas a elas, e quando houve a mudança no comportamento das sociedades, em um primeiro momento, as regras de comportamento e etiqueta ficaram restritas às mulheres oriundas das famílias mais ricas e depois, de maneira progressiva, essas regras e comportamentos foram disseminados às classes trabalhadoras, em que havia a exaltação das denominadas virtudes burguesas da laboriosidade, da castidade e do esforço individual.

As mulheres, independentes de sua classe social, enfrentaram caminhos nada suaves diante das exigências desse período de transformação das cidades, no que se refere à urbanização, ao desenvolvimento comercial e também o industrial que começava a tomar conta dos grandes centros do país. Eram muitas inovações e transformações ocorrendo

simultaneamente, logo essas mulheres, de alguma forma, começaram a ser necessárias nos locais públicos, nos acontecimentos sociais e também como trabalhadoras.

Uma das maneiras de ascender socialmente para manter o status social da família era por meio do casamento, normalmente o matrimônio ocorria entre membros de famílias ricas e burguesas. E as mulheres ao se casarem tinham que assumir uma nova função: a de contribuir para a manutenção do projeto familiar de mobilidade social, além de serem boas esposas, também deveriam ser boas anfitriãs, portanto era responsabilidade exclusiva da mulher o sucesso da família, em vista disso o homem tornara-se dependente dela porque eles precisavam passar uma boa imagem da família para a sociedade. Contudo, temos Clarissa, em *Um Lugar ao Sol* que segue o caminho contrário pois, é ela que sustenta a casa com seu salário de professora antes e após a morte do pai.

Logo, deparamo-nos com a questão das posições de papéis de homens e mulheres em uma sociedade proposta por Bourdieu (2002, p.9) em que ele assevera ser a dominação masculina imposta e legitimada, o que dispensa justificativas e discursos, conseqüentemente há uma “ordem social” que endossa a dominação masculina, dado que é a partir da “divisão social do trabalho que se distribui de forma bem específica aos dois eixos”.

Os eixos aos quais Bourdieu (2002, p.41) se refere, estão diretamente ligados à divisão social, sendo que é sob essa divisão que as distinções anatômicas entre o feminino e o masculino são construídas, portanto tem-se a fundamentação da dita divisão social tendo como consequência outra divisão que o autor define como “relações sociais de divisão e exploração” que são inseridas entre os gêneros.

As relações sociais de divisão e exploração entre os gêneros exposta por Bourdieu (2002), ficam explícitas no romance *Música ao Longe* (1994), justamente pelo posicionamento do pai de Clarissa a respeito do seu papel de homem, provedor e rio-grandense. Observamos a divisão apontada pelo sociólogo no seguinte fragmento:

- Mas tu precisa trabalhar...- arrisca Dona Clemência. - As contas vivem na porta e não se tem dinheiro.

- As contas? – repete.

A raiva embargou-lhe a voz. Clemência não deveria tocar nas contas. As contas realmente não existem. O que existe é a honra. É a tradição dos Albuquerque. O cavalheirismo dos Albuquerque. A coragem dos Albuquerque. E a obrigação do povo de Jacareacanga de sustentar a todo o custo os Albuquerque [...] João de Deus está indignado. A sua raiva cresce sobre a mulher, que já está arrependida de ter falado (VERISSIMO, 1994b, p.131).

Diante do trecho acima, observamos duas situações; a primeira é o fato de a família de Clarissa ser uma família tradicional do interior do Rio Grande do Sul que se encontra em processo de falência, já haviam perdido tudo o que tinham, mas não a honra do homem, a tradição familiar, deixando claro que não apenas aqueles que viviam na casa como os demais habitantes da cidade deveriam sustentá-los. O segundo ponto está justamente atrelado à proposta de Bourdieu (2012, p.17), quando ele discorre sobre a divisão entre os sexos, deixando explícito que tal divisão está diretamente ligada à “ordem das coisas”, pois considera-se que a divisão está “presente”, “incorporada” “como se fosse uma incorporação tanto nos “corpos” e “habitus” das pessoas”.

O que nos chama atenção, já que João de Deus não apenas deixa à mostra as duas “estruturas cognitivas” enunciadas por Bourdieu (2012) em que “a existência da subordinação do ser”, que é percebida pelo arrependimento de Dona Clemência ao falar das contas, assunto proibido em casa quanto das “formas do conhecer” que também estão ligadas a ela e ao restante da família, ainda que falida compreende que diante da divisão social, é João de Deus quem tem o poder de decisão, tornando assim necessária a lembrança das condições sociais de suas possibilidades.

As condições sociais e suas possibilidades existem mediante duas condições; a existência da conformidade e as formas do conhecer, assim sendo é por meio delas que existe a possibilidade de assimilar o mundo social, como também suas experiências e as divisões arbitrárias, sobressaindo, portanto o que Bourdieu (2002, p.17) define como “divisão socialmente construída” entre os sexos, dessa forma, tal divisão torna-se um processo de naturalização evidente, o que valida a dita divisão socialmente construída proposta pelo sociólogo, pois de acordo com ele, quando não é possível a identificação de “mecanismos profundos”, como os que esteiam a concordância entre as estruturas cognitivas e sociais que consequentemente mantém a ordem social em funcionamento, pois essa é tida como uma máquina simbólica que se destina a legitimar a dominação masculina, a qual é fundamentada na divisão social do trabalho que limita a distribuição das funções para os dois sexos.

Posto que a divisão social apresentada por Bourdieu (2002) faça sentido e nos dê ferramentas para compreender como e porque se dá a diferença entre os sexos, também entendemos ainda que o homem tenha a imagem do provedor da família, a autoridade máxima da casa, havia a constante dependência dessa imagem, sendo que ela deveria ser passada para as mulheres, as responsáveis por transmitir a boa imagem da família e do próprio homem para as pessoas que faziam parte de um semelhante círculo social.

Apesar de ser um primeiro momento e a educação das mulheres estar voltada para a vida doméstica, o acesso à escrita e à leitura interferiram de maneira direta na transformação da vida feminina porque simultaneamente em que a escrita deu à mulher possibilidade de confrontar, dado que não era mais possível evitar que elas aprendessem a ler e escrever, ao menos seria possível, como nos indica Perrot (1998. p.271) isolá-las em modos de escrita privada (a correspondência familiar por exemplo) e formas públicas (obras de educação).

Nesse sentido, percebemos que as mulheres ao estarem voltadas para suas atividades ditas “naturais, exercendo a função de mãe, esposa, dona de casa” deixa explícito o papel da educação, mas uma educação a qual Perrot (1998, p.217) denomina estar voltada para o setor privado, para as “questões familiares”, “maternais” e também ligadas às questões religiosas. Sendo, portanto, notória a participação e a intervenção da Igreja na educação da mulher, pois a “instituição propriamente dita” ocupou, diga-se por, bastante tempo, “um lugar menor ao lado das práticas domésticas”, “caritativas” e “morais”. Portanto, os vínculos entre as mulheres e a religião são “antigos”, “poderosos” e “ambivalentes”. Ainda que essa associação fosse opressora, limitadora e poderosa, havia uma ligação externa entre as mulheres e a Igreja.

Dentro do panorama de transformações do século XIX e a transição deste para o século XX, percebemos mudanças no que diz respeito à vida da mulher, tendo agora a casa como um lugar privilegiado, embora a casa seja um espaço privilegiado, a casa não pertence à mulher. Quem muito bem retrata este fato é a escritora Virgínia Woolf, ela fala sobre o lugar da mulher na sociedade bem como da casa que não é dela. Portanto, o fato da mulher ser dona de casa, não necessariamente reflete que ela tivesse um lugar de pertença. No limiar das transições da segunda metade do século XIX e os primeiros 30 anos do século XX, a educação feminina foi uma das maiores conquistas do movimento feminista, dado que era uma das pautas para o movimento. Em um primeiro momento, a educação foi voltada para as mulheres das classes abastadas, um dos objetivos era educar as mulheres para a gestão do lar, em um segundo momento, a educação feminina abrangeu as classes mais pobres, tendo como foco o trabalho. Mesmo existindo essa diferença educacionais entre as classes sociais, não é possível negar que a educação foi um aspecto muito relevante para a modernização do país.

No entanto, foi na virada do século XX, mais precisamente com as ideias anarquistas que as questões relativas à educação feminina ganharam força, pois a educação passou a ser vista como instrução, como “uma arma privilegiada” de libertação para a mulher. Além da imprensa, dos encontros que, à noite reuniam mulheres e homens em prolongadas discussões – entre outros temas, tratavam da educação e da participação feminina no movimento operário e

na sociedade. As escolas libertárias também se preocupavam com a instrução das meninas (LOURO, 2004, p.373).

De acordo com Louro (2004, p.375), a falta de professoras e professores causava preocupação no país, tendo em vista a necessidade de alfabetizar a população. Dessa forma, nos fins do século XIX, algumas medidas foram tomadas, levando para algumas cidades do país escolas normais para que fossem formados os primeiros docentes. Com a abertura das primeiras escolas de formação docente, abriram-se vagas para homens e mulheres, todavia as classes e até as aulas deveriam ocorrer em horários e até em prédios separados. Vale lembrar que os primeiros a exercerem a atividade de docência foram os homens, mas com o passar do tempo, as mulheres tornaram-se necessárias nas salas de aula, pois as classes de meninas deveriam ser regidas por “senhoras honestas”.

O século XX havia chegado trazendo para a vida moderna uma nova forma de pensar, não obstante muita coisa não houvesse mudado. Ao ganhar mais espaço na vida pública e tendo começado a se emancipar e a participar mais efetivamente na sociedade, essa nova forma de viver da mulher não escapou às críticas, principalmente das que buscavam seus direitos e que lutavam em prol das causas feministas, essas eram tidas como “mulheres-homens”. Colocações como essas e tantas outras tiveram enorme divulgação, objetivando impedir a luta feminista. Nesse primeiro momento havia o intuito de lutar pela conquista de direitos políticos, além da defesa do trabalho feminino e pela evolução intelectual da mulher, é o que nos aponta Costa (2011).

Assim sendo, Costa (2011, p. 26) pontua que de um lado estavam as mulheres que lutavam por uma “emancipação coletiva”, “uma maior participação na sociedade” e do outro lado estavam os representantes do Estado, das classes dominantes e da Igreja católica. É nesse contexto que Perrot (1998, p.11) determina que “as mulheres acabam sendo mais imaginadas do que contadas ou descritas, logo seria inevitável não entrar em conflito com os grupos contrários”. Por isso, Costa (2011, p.27) destaca que as “mudanças de hábitos das mulheres são consideradas uma ameaça às tradições familiares que redefiniam os papéis sociais e retiravam a mulher do seu verdadeiro papel social porque se voltavam para questões consideradas masculinizantes, consequência da má formação feminina nesses novos tempos”.

Diante das considerações acerca da evolução da história das mulheres ocorrida em fins do século XIX e nos primeiros decênios do século XX, é necessário compreender como e porque os movimentos feministas e as questões relacionadas ao gênero afirmaram as primeiras ações para se entender como a mulher da década de 1930 vivia.

Se as lutas pela liberdade, pela emancipação e por mais voz na sociedade eram pautas consideradas coisas de “mulher-homem”; de que forma os movimentos a favor desses fatores supracitados são relevantes para compreender a vida da mulher real no terceiro decênio do século XX?

Antes de tudo, é preciso estabelecer significados. E o que significaria feminismo, qual seria sua origem etimológica? Saber a origem das palavras, muitas vezes, faz-nos compreender o quão as lutas são importantes para o desenvolvimento de uma sociedade. De acordo com Silva e Camurça (2013), a palavra feminismo tem sua origem na língua francesa, ela deriva da palavra *femme* que em francês significa mulher. Portanto, o feminismo pode ser compreendido como tudo o que diz respeito às mulheres.

Sendo o feminismo ligado a tudo o que diz respeito à mulher na atualidade e segundo as autoras supracitadas, “o feminismo pode ser compreendido como teoria crítica, que tem a função de não só avaliar a condição das mulheres, mas também o mundo, sendo, portanto, um movimento social que luta por transformação e atitude pessoal diante da vida” (SILVA; CAMURÇA, 2013, p.11). As autoras seguem a definição de feminismo dizendo que como “uma linha de pensamento, o feminismo visa explorar a situação das mulheres, além de elaborar de maneira contínua e crítica a denúncia das injustiças da sociedade patriarcal, sendo, portanto de acordo com Silva e Camurça (2013, p.11) uma teoria aberta e em constante construção”. Destarte, o feminismo também pode ser definido a partir de sua organização já que envolve segundo as autoras a “movimentação das mulheres na sociedade” em que exista a luta pelos direitos, pela igualdade.

Num primeiro momento, a primeira onda feminista, originada na Europa em fins do século XIX, momento em que a mulher europeia passou a lutar pela emancipação, essa luta estava presente em várias classes sociais. Foi nessa época, segundo França (2014, p.22) que os movimentos e teorias feministas produziram muito, principalmente no que diz respeito ao gênero e auxílio na concretização do que a pesquisadora define como “representação de identidades de homens e mulheres” já que ambos são sujeitos sociais.

Enquanto as europeias e americanas tinham características políticas, acadêmicas e reivindicatórias, no Brasil as mulheres lutavam pelo direito ao voto, fato que se concretizou em 1934. Levando em consideração essas questões, Rago (2008) e França (2014) concordam que mediante a um movimento feminista organizado e até fora dele foi possível construir “táticas de confronto” em oposição a Igreja, ao poder masculino e ao Estado.

De fato, em decorrência das transformações, as mudanças, os conflitos e as discussões tornaram-se inevitáveis na vida real e também na literatura produzida naquele tempo. Mediante

as atitudes de personagens femininas presentes no romance *Um Lugar ao Sol* (1963) Clarissa, Fernanda nos mostram de que forma as transformações, que por motivos de sobrevivência afetaram a vida dessas mulheres. Comprovamos essa teoria a partir de citações da obra: [...] nos últimos tempos era Clarissa que com seu ordenado de professora fazia a maior parte das despesas da casa, ajudada pela mãe que costurava para fora (VERISSIMO, 1963, p. 25).

Mediante o excerto acima e pelo pensamento de Rocha (2011), compreendemos que as sociedades constroem representações e prescrevem práticas e comportamentos desejáveis, de modo a servir de orientação na forma de pensar e agir de seus membros. No entanto, o comportamento de Clarissa naquele momento foge à regra, ela trabalha para o sustento da família, além de estar inserida em um meio, em uma sociedade que está se transformando. E ao considerarmos as transformações ocorridas na sociedade, averiguando o papel da mulher na sociedade, temos a dinâmica de gêneros presente nos romances verissianos que nos são apresentadas por Barbosa (2005), quando a pesquisadora discorre sobre a visão do autor naquela época, dado que no romance *Um Lugar ao Sol* escrito quando a primeira onda feminista já havia perdido muito força. De acordo com Barbosa (2005, p.313), Erico Verissimo descreve a perspectiva da sociedade vigente, mulheres que desafiam “a ordem falocêntrica, questionam a versão domesticada da feminilidade”. São em sua maioria mulheres jovens que “desafiam padrões morais, sociais, descartam papéis convencionais e assumem papéis de comando”.

No romance *Um Lugar ao Sol* há uma crítica não apenas à sociedade, como também existe por parte de Erico Verissimo à representação do que Barbosa (2005, p.313) define como “mudanças sociais e as transições que ocorreram com a entrada da mulher no mercado de trabalho”. Além disso, Erico Verissimo analisa os padrões impostos às mulheres pela sociedade e também apresenta como a mulher se dispõe na “nova sociedade rio-grandense”. Nas palavras de Barbosa (2005), as mulheres verissianas tanto predominam o lugar privado (a casa) quanto estão presentes no lugar público (o trabalho), como é o caso de Clarissa, além de trabalhar e sustentar a família, Barbosa (2005, p.314) expõe que Clarissa é de outra geração, bem diferente de sua mãe, pois ela “transpõe e vence barreiras sociais que limitavam as aspirações profissionais da mulher”. Ao ultrapassar tais barreiras sociais, fica explícito que este poder advém das conquistas das mulheres da primeira onda feminista. Portanto, Clarissa consegue fazer a ponte entre o privado e o público de maneira a conciliar a vida doméstica e a vida pública em um mesmo espaço- tempo.

A despeito da primeira onda feminista, houve inúmeros ganhos para as mulheres, inclui-se também as mulheres fictícias, contudo, é mister ressaltar que a classe mais beneficiada foi a classe privilegiada, lembramos que Clarissa vem dessa classe. E como todo movimento, seja

ele político, literário, cultural existe a perda de força e com a Primeira Onda Feminista não foi diferente, na década de 1930, o movimento, de maneira gradual, foi desarticulado dos Estados Unidos ao Brasil, ressurgindo somente na década de 1960 de forma mais intensa. Nesse ínterim, surgiram algumas obras essenciais para o desenvolvimento do movimento feminista, entre elas estão “O Segundo Sexo” (1949) de Simone de Beauvoir e na década de a publicação de “A Mística Feminina” (1963) de Betty Friedan. As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por várias revoluções em todo o mundo, passando pelo movimento hippie até os movimentos estudantis e os que se puseram contrários a Ditadura na América Latina. Portanto, esses movimentos fortaleceram o retorno dos ideais feministas, sendo assim a Segunda Onda Feminista vislumbra mais potente nos Estados Unidos e na Europa.

De acordo com Pinto (2010), esse movimento tinha por objetivo lutar para que mulheres e homens tivessem uma nova maneira de se relacionar, fazer com que a luta feminina não mais fosse para que as mulheres tivessem seus lugares garantidos na vida pública, na escola e no trabalho, mas que elas pudessem ter domínio sobre seus corpos, suas vontades, suas vidas. Foi a partir desse segundo movimento feminista que surge a ideia de que existe não apenas uma dominação de classe, mas também a definição que é asseverada por Pinto (2010, p.16) que há uma dominação do homem sobre a mulher em que a pesquisadora afirma não poder existir a “dominação de uma classe sobre a outra” já que tanto homens quanto mulheres possuem suas peculiaridades. Havia outras reivindicações dentro daquele movimento, questões voltadas para as violências sofridas pelas mulheres; as violências sexuais e familiares. Segundo Siqueira (2015), esses tipos de violências sofridas no interior das casas precisavam ser expressas para a sociedade, no intuito de que ela se envolvesse para que fossem solucionadas de maneira pública.

Assim como a Primeira Onda Feminista, a Segunda também foi perdendo força, principalmente porque as maneiras de analisar os acontecimentos estavam mudando. À vista disso, percebeu-se que os movimentos feministas predecessores assistiam a uma pequena parcela de mulheres, deixando de fora as de classe baixa, trabalhadoras rurais, as negras, imigrantes, as lésbicas, entre outras que, mesmo sendo mulheres, não pertenciam à mesma condição social daquelas que foram amparadas pelos movimentos precedentes. Por isso, a Terceira Onda tinha como objetivo, de acordo com Siqueira (2015), dar destaque às diversidades femininas existentes fazendo com que essas mulheres fossem reconhecidas.

Decerto, as ondas feministas causaram impacto na vida da mulher e da sociedade e também na literatura, pois foi a partir das conquistas feministas no decorrer dos anos que se têm personagens como Clarissa, que luta por sua sobrevivência e busca ocupar o seu lugar dentro de uma sociedade que estava em transformação. E, de uma maneira geral, foi por meio do

feminismo que as mulheres conquistaram e ainda lutam pelos seus direitos, independente da época.

As lutas e as conquistas das mulheres por meio do feminismo são constantes, e a Literatura não poderia se eximir dessas lutas femininas, pois ao compararmos a ficção com a realidade, compreendemos que é por meio das manifestações voltadas para a figura feminina que a mulher foi representada nas mais diferentes épocas e das mais variadas formas. E ao apresentarmos as principais épocas e seus movimentos literários, poderemos conceber o modo como cada época retratou as mulheres.

O Trovadorismo foi um movimento literário do século XI ocorrido na Europa em que a representação da mulher se deu por meio das cantigas. Nesse período, as mulheres eram vistas como seres intocados, os homens só podiam observá-las. De maneira semelhante, o Classicismo, outra escola literária tem a ideia do amor puro, a mulher como no Trovadorismo continua intocada e o amor não era físico porque era ligado ao espírito. Observamos no romance *Um Lugar ao Sol* (1963), o personagem Amaro, bancário desempregado, pianista sem muitas expectativas, nutria um amor por Clarissa desde a época em que a menina foi morar na pensão de Dona Zina. Amaro via Clarissa como os trovadores e os classicistas viam suas amadas, ele não a tocava. Podemos ver a semelhança do amor de Amaro por Clarissa a partir do seguinte excerto:

De manhã bem cedo Clarissa saiu de casa e, como de costume, foi esperar na praça mais próxima a passagem do ônibus [...]. Nesse momento, de trás de uma árvore, surgiu um homem [...] era Amaro [...]. Levava na mente a imagem de Clarissa, fresca e matinal. Notara que ela estava amis alegre que no dia anterior. (VERISSIMO, 1963, p. 241).

Em seguida, temos o Barroco, movimento literário que surge com a idealização de uma mulher não mais pelo espírito, mas pelo seu porte físico, contudo, havia várias sátiras que eram destacadas, portanto as características físicas mais evidentes são as seguintes: o nariz grande, a falta de dentes, os cabelos, o comportamento das mulheres. Já no Arcadismo, a mulher surge como ser inalcançável, superior e maternal.

Percebemos que as mudanças relacionadas à mulher variam com as épocas, a maneira como o sujeito feminino é representado nos mais diferentes tempos. Segundo Carneiro (2013, p.17), o Romantismo foi o movimento em que a mulher é representada menos inferiorizada e por mais que a submissão seja presente no discurso masculino, ainda é explícita a condição de inferioridade da mulher, porque ela ainda se encontra à margem da sociedade.

Se no primeiro momento do Romantismo houve a representação de um amor angelical, cortês e civilizado, em que o homem é a representação de um verdadeiro cavalheiro e a mulher

é a representação de uma princesa, a segunda geração romântica fará um contraponto, porque as representações da mulher ocorrem através da sensualidade feminina, até então reprimida, justamente porque ela era vista não como um ser de carne e osso, mas um ser sublime, intocado. Vale ressaltar que o poeta não era digno de tocar sua amada, não obstante houvesse a necessidade de mostrar uma mulher sensualizada, ela nunca seria tocada. Na última geração romântica, a mulher saiu do pedestal de santa, podendo ser tocada, beijada e a idealização da mulher passa a acontecer de outra forma.

Como as rupturas ocorrem em todos os campos, na literatura não foi diferente, quando surge o movimento literário Realista/Naturalista aparece outro modelo de mulher, ela já não mais é um ser frágil, passa a ser real, um ser comum, mas aparece como um objeto destinado ao sexo, um objeto de prazer e adultério, surgem aqui obras como “O Cortiço” de Aluísio Azevedo (1880). Já no Simbolismo, a perspectiva feminina é a partir do espiritual, do sonho, da imprecisão, a mulher é um ser sublime, não podendo novamente ser tocada, temos como representante deste movimento literário o poeta catarinense Cruz e Souza, autor de dois livros: *Missal* e *Broquéis* ambos de 1893.

No segundo decênio do século XX, para romper com o academicismo e o passadismo, tão vigentes em outros movimentos literários surge o Modernismo, ele vem com a Semana da Arte Moderna em São Paulo no ano de 1922. Uma semana de eventos culturais, artísticos e literários que vieram transformar a Literatura, a cultura e a sociedade. Foi durante a Semana de Arte Moderna que pela primeira vez as mulheres não são meras expectadoras dos espetáculos, elas também participam dos eventos e nomes como Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e tantas outras figuras femininas se destacaram naquele momento. O Modernismo no Brasil tem duas vertentes, a primeira, a mais radical, que tinha como objetivo romper com os padrões vindos de outros tempos porque o Modernismo veio para inovar, construir uma nova forma de fazer literatura, essa fase vai até 1930, quando começavam a surgir autores preocupados com os problemas políticos, regionais.

Na década de 1930 surge a segunda vertente modernista, ela traz consigo as inovações ocorridas na primeira fase, os modernistas da década de 1930 estavam mais preocupados com os acontecimentos voltados para o social, é a partir dessa década que surgem nomes como o de Jorge Amado, Rachel de Queiroz dentre outros que mostram seus Estados de origem e o que neles acontece.

Mas as mulheres retratadas nesse período surgem tanto como as sensuais, como Gabriela cravo e canela (1958) de Jorge Amado, suas mulheres, de acordo com Beline (2008, p.27) “eram transgressoras e superavam códigos injustos”. “Eram mulheres que passam de objeto

manipulado pelo homem a sujeito do próprio destino amoroso ou profissional”. Ao contrário das mulheres construídas por Rachel de Queiroz, sertanejas como Conceição de O Quinze (1930, que é descrita sem nenhuma preocupação com a beleza ou a vaidade. As mulheres de Rachel de Queiroz, conforme Oliveira et al (2012, p.204) tinham preocupação com os dramas sociais que viviam: “a seca, as políticas oligárquicas, o misticismo”. Outra característica das personagens femininas de Raquel de Queiroz era que suas mulheres, ao contrário das mulheres de Erico Verissimo não deixavam descendentes, ou seja, não existe a continuidade familiar. Eram mulheres como Maria Moura, trilhavam um caminho sofrido e individual e acabavam por pagar um preço alto por sua escolha. Já no sul do Brasil, surge no Rio Grande do Sul, Erico Verissimo, com suas mulheres; Clarissa, Fernanda, Olívia, Ana Terra e Bibiana, mulheres que buscam seu lugar no mundo, não transgressoras como as de Jorge Amado, mas que lutam por seu lugar ao sol na sociedade vigente.

Isso posto, percebemos que as representações das mulheres pela literatura passam por várias alterações no decorrer dos séculos e dos anos no andar da História. Principalmente no que diz respeito à maneira como a literatura passou a fazer parte da vida feminina e também de como a mulher passou a fazer parte da literatura. Em consonância com Souza (2005), a literatura permite não apenas “agregar o conhecimento espacial” como também o conhecimento histórico, sendo que este está ligado às “críticidades” e “experiências da vida”. A autora ainda nos diz que é a partir dos espaços expandidos pela literatura, por meio das personagens femininas, que a mulher também passa ser educada.

Para Souza (2005) entre a literatura e a história existe “uma linha do tempo das mulheres”, e levando em consideração a não continuidade dessa linha, compreende-se a existência da “evolução”, porque acontece nos âmbitos sociais, intelectuais no que diz respeito ao homem, mas no que tange ao processo de evolução da mulher, quando ela tem a possibilidade de ser compreendida como um “ser pensante” passa a ser líder não apenas dentro de casa, mas também no trabalho.

Em se tratando de Erico Verissimo, Kantorski (2011, p.22) aponta que as personagens femininas do autor sendo ou não protagonistas “deixavam-se representar por meio de suas tensões, anseios, comportamentos e pensamentos, de maneira individual ou coletiva, numa sociedade representativa ou em um mundo representado”. Decerto, tais fatores decorrem de o fato do escritor trazer para suas obras elementos que estão muito “além do jogo literário”, abrindo dessa forma para o leitor a possibilidade, segundo Kantorski (2011, p.21) de “entrever quem são os homens e as mulheres por traz de suas personagens e de seus cenários”.

Sob o ponto de vista de Chaves (2001, p.58), o romance de Erico Verissimo pode ser denominado de realista por apresentar de maneira fidedigna o real, por meio de detalhes descritos, mas também pela “fórmula empregada na gênese da personagem”, “na explicação de seu destino”, em que o importante são os “antecedentes, as raízes sociais, a função desempenhada na coletividade”. Por isso, traduzem as suas vacilações, que são do pensamento liberal da época e não alcançam ainda integrá-las na unidade da obra literária.

Levando em consideração as palavras de Chaves (2001) e Kantorski (2011), corrobora Bordini (1995, p.85) ao dizer que para Erico Verissimo, o romance seria um mosaico da vida, “uma figura do mundo a partir de vários pedaços de experiências próprias ou alheias que o trabalho da memória e do desejo retirou a verdade objetiva”, assim, o autor procura “[...] dar-lhes um novo corpo feito de projetos e palavras, nem por isso deixa de pensá-lo enquanto construto, em seu processo de vir a ser esse mosaico.”

Portanto, Erico Verissimo é fiel ao que Bordini (1995) define ser a “sua estética realista”, valorizando, então, dois eixos presentes em sua constituição de gênero; o primeiro seria a fábula e o segundo seria a personagem, os dois pontos são fundamentais para que o romance exista. Partindo desta definição, e buscando respostas para o nosso questionamento a respeito do autor em entrevista ao repórter do Correio da Manhã, Celito de Grandi (1971) ao ser questionado sobre a possibilidade de uma função social e denúncia social da literatura, Erico respondeu acreditar, todavia a literatura não exerce uma única finalidade, porque a Literatura sempre é, contudo, é preciso o escritor engajar-se consigo próprio.

As transformações sociais e culturais ocorridas na sociedade do terceiro decênio do século XX deram à mulher um novo papel na sociedade, todavia o sujeito feminino tenha por muito tempo ocupado apenas o papel de mãe, esposa, dona de casa. Essa transformação também ocorreu na ficção, contudo afirma-nos Barbosa (2005, p.327) quando diz que ao caracterizar de maneira positiva a mulher, o romancista mostra-nos uma crítica à sociedade que está em pleno período de transição, e que a mulher tem suas atividades duplicadas, a função de trabalhadora e a função de dona de casa.

Podemos perceber essa dupla função em Fernanda, amiga e vizinha de Clarissa.

- Fernanda, eu quero um banho.

Ela se ergueu e foi arrumar a roupa do marido e levar a toalha e o sabonete para o quarto de banho.

Noel atirou-se numa cadeira, afrouxou o nó da gravata e desabotoou o colarinho... (VERISSIMO, 1963, p.166).

Diante dessa cena, percebemos a crítica que Erico Verissimo faz à sociedade e por mais que Fernanda sendo uma mulher que trabalha fora, que sustenta a casa com o seu ordenado de

professora, conforme destaca Barbosa (2005), existe a ineficiência do papel de “reformadoras sociais” de Clarissa e Fernanda, e questiona até a autonomia delas por não romperem totalmente com os antigos padrões, como ocorre na situação acima citada.

Barbosa também diz:

[...] mesmo que a sua incursão no mercado de trabalho e o seu poder de decisão sejam sinais de avanços conquistados em comparação às gerações anteriores, as mudanças de comportamento não lhes concedem autoridade e poder reais, já que elas funcionam como um complemento e um suplemento do duplo masculino [...] (BARBOSA, 2005, p. 332).

Diante dos pressupostos e da exposição dos autores estudados, compreendemos que as transformações se dão por meio da quebra de paradigmas, no entanto, as reais transformações se dão por meio da revisão de conceitos, novas formas de pensar e agir, mas acima de tudo, compreende-se que conceitos e valores entranhados em uma sociedade por décadas não mudam de um dia para o outro.

Neste tópico tivemos como objetivo fazer a aproximação entre as mulheres da realidade com as de 1930 retratadas por autor Erico Verissimo, para isso nos respaldamos nos estudos históricos, as transformações pelas quais a sociedade passou, bem como os estudos feministas abarcando as últimas décadas do século XIX e os primeiros trinta anos do século XX, embora tenhamos trazido informações sobre como o romancista percebe a realidade da mulher e como ele constrói suas personagens. Para isso, consideramos a teoria de Bakhtin (1979, p.29) quando ele nos aponta ser um equívoco comum “extrair de um material biográfico de uma obra e explicá-la a partir de elementos coincidentes entre a vida do autor e do personagem”. Por isso, Meirelles (2008) ao afirmar que Erico Verissimo construiu suas personagens a partir de suas experiências pessoais está em consonância com a conceituação de Bakhtin (1979).

Dito isso, no próximo tópico procuramos compreender razões que levam um autor a construir personagens femininas com características marcantes e que na maioria das vezes foge ao padrão social da época. Além disso, apresentaremos a análise do romance *Um Lugar ao Sol*.

3.2. Uma visão de seu tempo: quem são essas mulheres?

Em vários momentos de sua vida, Erico Verissimo deixou claro qual era o seu posicionamento sobre as mulheres em seus romances. De uma forma notável, há a constância de tipos femininos que vem a ocupar a posição central em suas obras.

As personagens femininas verissianas, de acordo com Soares (1984), vão evoluindo de maneira sincrônica, quase junto com o romancista. E à medida que ambos ampliam seus

horizontes vitais, tornam-se mais amadurecidas física e espiritualmente e assim, permitem que seja feito um traçado de gradientes. Outro ponto que não se pode negar nos romances verissianos diz respeito aos tipos femininos que são mulheres que se comportam de maneira diferente das mulheres de Jorge Amado por exemplo, ao fazermos esta observação, compreendemos que as personagens femininas amadianas mesmo sendo trabalhadoras e lutarem por sua liberdade, são sensuais, se diferem das mulheres verissianas, que se apresentam como mulheres não sensualizadas.

As personagens de Erico Verissimo são apresentadas de maneira diferente. Via de regra, o autor apresenta os personagens masculinos de forma direta, são descritos a partir de um retrato físico e traços caricaturais, e apenas um esboço moral do personagem. As personagens femininas, por sua vez, são apresentadas de maneira crua, conforme vão se movendo na trama. Para tanto, exemplificamos com a personagem Clarissa em que está presente nos romances denominados de *Ciclo Clarissa* ou *Ciclo de Porto Alegre*.

Clarissa olha furtivamente para o primo. Vasco nem sequer baixa os olhos para ela. Ali está o Gato-do – Mato, debaixo do lustre com sua cabeleira preta toda puxada para trás, a cara morena e decidida, os olhos muito vivos, a gravata com nó frouxo, o colarinho desabotoado... (VERISSIMO, 1994a, p.41).

Em contraponto a Vasco, que Erico dá algumas descrições físicas, mas não do caráter, temos Fernanda, personagem que tem origem no romance *Caminhos Cruzados* e ressurge em “Um Lugar ao Sol”. “Desde o tempo em que íamos para o colégio juntos, eu sempre puxei Noel pela mão. Ele cresceu e continuou sendo um menino mimado. Tirei-o de casa, afastei-o dos pais para fazer dele um homem [...]” (VERISSIMO, 1963, p.165). No que tange às experiências literárias do escritor em sua função não ocorreram por mero acaso, Erico Verissimo era um leitor assíduo, de Aluísio Azevedo a Èmile Zola, perpassando por outros nomes renomados da literatura brasileira e mundial. Como mostra em seu livro de memórias, *Solo de Clarineta* (1976); “meu pai tomara para mim uma assinatura da revista carioca O Tico-Tico. Estou certo de que suas estórias muito contribuíram para a germinação de sementes do ficcionista que dormia nas terras interiores do menino [...]” (VERISSIMO, 1976, p.66).

Assim, notamos que o contato com as mais diversas literaturas auxiliou o autor em sua formação como ficcionista. Daí vem a compreensão de que vocação para escritor não surge do nada, ao estrear no mundo da ficção com o livro *Clarissa* em 1933, Erico traz consigo um repertório de leituras, que de acordo com Bordini (2003) privilegiam o realismo europeu ao lado do simbolismo, de maneira especial, o francês.

A vida no país vinha sofrendo inúmeras mudanças no âmbito social, político econômico bem como nas artes, na música e na literatura. E com isso, o Movimento Modernista encontrava-se no auge que, por sua vez, era o resultado da conscientização nacional, uma tentativa corajosa e humana para conseguir reintegrar o Brasil na totalidade de suas realidades. Destarte essas mudanças ocorressem de maneira lenta, mas intensa, muitos autores perceberam as transformações que vinham ocorrendo e entre eles Erico Verissimo, possuidor de características que o integrava nas categorias fundamentais de um ficcionista.

Para Ornellas (2005, p.27) “era desembaraçado, que sabe jogar com todas as vantagens criadoras do espírito, além de colocar em relevância suas saudáveis ironias. Ele, como ninguém consegue por meio das palavras simples nos mostrar as paisagens que o leitor reconhece”. Fato que pode ser exemplificado por meio dos passeios que Vasco faz pela cidade de Porto Alegre, como podemos observar: “[...] tomaram o rumo de Ipanema. Vasco fechou os olhos [...]. De repente o auto parou, e ele abriu os olhos. Estavam em Ipanema. Viu o rio largo, sereno, espreado ao luar. Silêncio. Brilhavam pontos luminosos na margem oposta” (VERISSIMO, 1963, p.122).

Ademais, o romancista em suas possibilidades conseguiu distinguir um momento transformador, em que é possível observar a redenção da desigualdade que ocorre por meio do conteúdo individual das ações e não pela força de um movimento social como fizeram Jorge Amado, Rachel de Queiróz e José Lins do Rego que apresentavam em seus romances as representações das misérias brasileiras, em que não existe saída para aqueles da base da pirâmide social a não ser por meio das revoluções, rebeliões que os impasses se resolviam. A maneira que o romancista expressava suas observações da realidade, das desigualdades sociais se encontrava inseridas nas tendências dominantes da historiografia vigente da época.

Por outro ângulo, considera-se na obra do escritor cruz altense o que ele remete à mulher. Para Pesavento (1990, p.43), é no plano historiográfico, já que a mulher foi isolada tanto como protagonista quanto em termos de historiador. “Em sociedades patriarcais forjadas em termos de história em tempos de guerra, no trato com o gado, não havia espaço para elas, tais atividades eram denominadas de virtudes masculinas”. Essa divisão segundo Bourdieu (2002, p.20), ocorre porque existe uma diferença entre os papéis sociais de homens e mulheres. Enquanto aos homens cabe o lugar público, o mundo fora de casa, às mulheres é destinado o lugar privado, o mundo da casa, a elas cabe à identidade minoritária.

Pesavento (1990, p.43) traz um novo elemento sobre as personagens femininas do autor. Ela as nomeia de “personagens-terra”, pois para a historiadora, o elemento terra é o que puxa os demais para a realidade, como Fernanda. São fortes, racionais, estáveis e em constante

contraste com as figuras masculinas, que têm como características o ímpeto e a emoção, eles são personagens imprevisíveis, arrebatados e apaixonados. Por conseguinte, consideramos a afirmação de Soares (1984, p.14) ao falar dos tipos masculinos e femininos do romancista em relação às construções de características que o próprio autor respondeu a Soares “em geral, pinto cara de homem e caráter de mulher”. Já as mulheres são simbolizadas da seguinte forma:

[...]. Não me parece possível retratar com palavras um rosto de mulher. O que importa não é o seu formato, a cor dos olhos, o desenho da boca e do nariz, o tom de pele. É antes uma certa qualidade interior que ilumina a face, animando-a e tornando-a distante de todas as outras e essa qualidade raramente ou nunca se deixa pender nem mesmo pela câmera fotográfica” (SOARES, 1984, p.14 -15).

D. Clemência também se entregava à vizinha. Admirava Fernanda, gostava dela. Era um recurso que sempre tinha à mão, um socorro pronto, um conselho firme (VERISSIMO, 1963, p.225).

Tendo em vista a maneira como Verissimo retrata as mulheres, não dando a elas muitas características físicas, descrições de corpo, rosto, e sim do caráter, torna-se visível para o leitor o quão as personagens femininas de Erico Verissimo são pautadas, nas ações cotidianas, na forma como resolvem as pendências que as cercam. E Fernanda, assim como era uma dessas mulheres de caráter, de provocar nos outros sentimentos de bem-estar.

De acordo com Athayde (2005, p.86) em toda obra verissiana existe uma sutil ligação, porém tensa entre “alma heroica, e a alma contemplativa e a alma ativa; a alma masculina e a alma feminina”, tornando “clara e aguda a ideia do heroísmo e do machismo”. Sendo o primeiro um fato e o segundo seria “a caricatura e uma simplificação primária”. Para esse estudioso, o antimachismo é uma constante nos romances verissianos, justamente porque existe uma multiplicidade de traços que, por sua vez representam a crítica em torno das deformidades do heroísmo não em seu sentido real, mas sim como machismo, o privilégio do homem.

Essa informação leva-nos a refletir sobre a questão do heroísmo por considerá-lo não ser uma virtude apenas do meio militar, dos homens que lutam nas guerras, da morte, da valentia física masculina, porém uma atitude calma em relação ao sofrimento e também à vida. Para Athayde (2005, p. 86-87), “a respeito do heroísmo há uma virtude bissexuada, um privilégio de criaturas e, de forma especial em determinados momentos da criatura humana, isto é, tal virtude não se reserva ao sexo masculino”. Mas o machismo seria uma deformidade masculina por ter uma inversão de virtudes em sua estrutura natural. Essas atitudes, de acordo com Athayde (2005), tornam-se claras no romance *Saga* (1940), em que Verissimo apresenta aos seus leitores uma sucessão de formas do heroísmo, passando pelo machismo como pseudo-heroísmo,

perpassando pelo heroísmo verdadeiro que beira a santidade por conta do absoluto desinteresse do eu.

Percebemos também esse fato nas muitas mulheres que povoam os romances de Erico Verissimo, elas formam uma extensa galeria humana, e é justamente nesse ponto que as mulheres verissianas se colocam em lado oposto aos personagens masculinos, e ao levarmos em consideração a *trilogia “O Tempo e Vento”*, encontramos o vento que representa os homens, enquanto as mulheres são representadas pelo tempo. Essas mulheres que não possuem rosto, apenas caráter, podem ser consideradas, de acordo com Athayde (2005, p.87), uma resposta ao machismo, tendo em vista a tentativa desse de destinar as virtudes heroicas para o denominado “sexo forte” ou melhor, dizendo, o sexo que se faz forte.

Quando falamos em antimachismo nas obras verissianas, não há nenhuma crítica ao verdadeiro heroísmo e, menos ainda qualquer tipo de engrandecimento da covardia, do conformismo e do efeminamento do homem em renunciar sua masculinidade, o que realmente existe tanto nos homens quanto nas mulheres, essas se apresentam muito mais heroicas e varonis à medida que menos apresentam tais qualidades. Por outro lado, tem-se a oposição ao mito tanto do machismo quanto do masculinismo, tendo em vista a representação dos mesmos como uma deformação primária da verdade da atitude heroica em face da vida. E ao repudiar todo o exibicionismo, autopromoção tanto da vida real quanto da literatura, o herói se torna para Erico Verissimo o oposto do valentão, manifestando-se por meio de personagens que se opõem.

É notável a presença do que Athayde (2005) denomina de eterno feminino, o qual perpassa toda obra de Erico Verissimo, pois essa é antagônica ao eterno machismo de seu povo, de seu meio, da filosofia de vida que a vida toda o escritor combateu, implicando, assim, na vingança do oprimido pelo opressor, é uma filosofia do antiheroísmo. Daí torna-se perceptível que o denominado sexo frágil é representado pelo verdadeiro sexo forte, no caso, o sujeito feminino. Em se tratando das inovações no estilo literário, Erico Verissimo possui um estilo que nos faz compreender a busca do autor em expressar tudo o que for possível da realidade. Embora seja uma referência oportuna, Biasi (2013, p.76) assegura-nos que “ao ler um romance do autor cruz altense, tem-se a impressão de estarmos diante de uma opção pela realidade”. Há em todas as suas obras um realismo, pois ele nos sugere o tempo toda uma sensibilidade, que nos é denotada pelo comportamento dos personagens. Biasi (2013) dá-nos a entender que é a humanidade o foco de Erico Verissimo, daí o escritor ser considerado um autor moderno.

Se por um lado há evidências de que Erico Verissimo não mergulha no espírito humano, por outro é possível contestar essa afirmação, porque Biasi (2013, p.71) fala-nos que o autor

cruz altense, na maioria das vezes, tenciona apresentar tipos sociais aos seus leitores, todavia Erico Verissimo precisa manter determinada distância da individualidade de suas personagens, tornando, assim, as suas personagens a salvo, sendo, portanto aquele tipo representado, mas sem tirar-lhe o significado geral em função das peculiaridades desta ou daquela personagem.

Diante das evidências propostas por Biasi (2013), é necessário a compreensão de que Erico Verissimo fazia parte de uma sociedade que não estava em contato com os estratos populares, além do que, o escritor prestava serviços a setores mais abastados, era o setor editorial que, por sua vez, estava em verdadeiro processo de expansão devido aos subsídios dados pelo governo de Getúlio Vargas que lhe garantia a sobrevivência, portanto havendo a necessidade de Erico Verissimo ter um olhar desafiador sobre a realidade que o circundava.

Ao procurar ter um olhar desafiador e até diferenciado para a sociedade que representava em seus romances por meio de sua percepção da realidade, isso não o fez trilhar o caminho de um romantismo esquerdista e escapista, logo Erico Verissimo foi levado a dar soluções sociais que não estavam condenadas a acontecer no campo real. Consideremos aqui que tais situações apresentadas foram suavizadas e não conflitivas, em termos de classe não é dada nem a submissão e a acomodação às regras que até hoje nos foram apresentadas.

Para Pesavento (1990), o papel histórico da mulher ao lado dos homens ou na falta deles fez com que em alguns momentos a mulher assumisse um papel de manutenção das atividades na estabilidade do lar e dos negócios, além disso, é característica das mulheres a construção de comunidade, pois, elas possuem aptidão para estimular a comunidade, o altruísmo, a reconciliação e também a inclusão, dado que as mulheres são o pilar mantenedor família. E nos romances de Erico Verissimo esses papéis se destacam por duas razões: a primeira está relacionada ao senso observador existente no autor, e é justamente por ele ter esse senso que lhe deu a possibilidade de romper a barreira da visão ideologizada da sociedade, dessa maneira o escritor ao assumir que vivia em uma sociedade machista, ele conseguiu se resgatar em suas obras. Já o segundo motivo está ligado ao fato das contradições serem presentes em seus romances, dado que ao mesmo tempo em que existiam mulheres com uma vida intelectual naquela época, por outro lado havia uma visão social que entrava em choque com as tradições, as quais nem o próprio autor estava imune.

Outra inovação nos romances de Erico Verissimo são os finais de seus textos, visto que não são finais fechados, esse fato permite ao leitor imaginar as trajetórias de vida das personagens principais e secundárias. Quem nos mostra tal novidade é Barbosa (2005, p.302). Segundo a pesquisadora, os romances tanto da primeira fase (1933-1943) e da segunda (1949–1971) possuem personagens que variam seu ângulo de foco. O romancista era atento às normas

de conduta, mudanças e transições socioculturais, daí descrever personagens que buscassem sair do círculo de giz em que se encontravam, ou seja, essas personagens procuravam sair de seus espaços fechados e limitantes de suas aspirações sociais, de suas ilusões pessoais. Talvez seja por suas personagens procurarem sair de dentro do círculo de giz que as cerca que faça o romancista tentar enxergar a realidade de maneira diferente da que ele escrevia.

Acompanhando as inovações do romancista, tem-se sua técnica narrativa, que por sua vez, está atrelada à técnica chamada contraponto, técnica que se fez presente na trama do livro *Caminhos Cruzados* (1935). Erico Verissimo conheceu essa técnica ao traduzir o livro *Point conter point* de Aldous Huxley.

A técnica do contraponto, como já apresentamos no primeiro capítulo dessa dissertação tem sua origem na música, a qual consiste em combinar de maneira simultânea duas ou mais vozes melódicas, mas entre si elas são independentes uma da outra, todavia as relações de contraste são mantidas criando harmonia. Então, o contraponto pode ser definido por meio da harmonização da polifonia (SANTOS, 2015, p.28). A sua transposição para a literatura se deu por meio da criação de um romance que é composto por várias intrigas e personagens paralelas, de maneira que a narrativa se torne fragmentada e sem centro, mas que forme um conjunto harmonioso por meio das vozes que o constituem por meio do contraste polifônico.

Quando se trata dos romances verissianos, precisamos fazer alusão à História, pois sem ela não é possível compreender as personagens que povoam suas obras, salvo quando estão associadas diretamente ao contexto histórico que, por sua vez, será denunciado na pluralidade dos dramas pessoais. Dessa forma, segundo Chaves (2005, p.227), o texto ficcional é instalado de maneira direta ao mundo imaginário, mantendo, assim, a referência com a realidade. Isto nos revela os problemas que foram vividos pela família de Clarissa ainda quando morava em Jacarecanga e observado nesta passagem: “Veio a crise da pecuária. João de Deus teve prejuízos enormes. Tentou reajustar os negócios. Novo fracasso [...]. Os prédios da família aos poucos foram sendo entregues aos credores hipotecários” (VERISSIMO, 1963, p. 25).

Dada a situação da economia mundial e nacional após a quebra da bolsa de Nova York em 1929, vários problemas começaram a surgir com o fim do ciclo cafeeiro no Brasil, já que era esse produto o movimentador econômico nacional tanto no mercado interno quanto no mercado externo. E com o fim do ciclo do café, veio o fim da República Velha, o que causou a necessidade de se ter uma nova classe no poder. Com isso, houve a instauração da República Nova na década de 1930, tendo como presidente o gaúcho de São Borja: Getúlio Vargas.

Com a instalação da República Nova, e nos anos pós 1930, a indústria se impôs como a nova forma de acumulação de capital no país, o que levou ao maior desenvolvimento e,

consequentemente, culminou na imposição da industrialização, sendo que de acordo com Pesavento (1980) não uma imposição do governo, mas sim por ser a “única saída histórica” possível dentro dos “quadros do capitalismo”, pois era inviável a restauração do modelo agrário-exportador até então vigente.

No início da República Nova, o modelo agropecuário estava em desenvolvimento no Rio Grande do Sul, o que possibilitaria de acordo com Pesavento (1980) a integração não apenas com o mercado nacional, embora alguns setores da economia agropecuária estivessem em crise (as charqueadas, os frigoríficos e a criação). Sendo assim, houve por parte da classe dominante a procura por saídas que, por sua vez, dificultaram a articulação dentro do órgão e, por outro lado, estavam os governos estadual e federal auxiliando os produtores pela demanda existente.

Por acontecimentos como esses e com as transformações sociais que também estavam acontecendo naquela época, Chaves (2001) releva-nos que a sociedade brasileira vai se apresentando em um painel amplo.

Isso ocorre tanto em *Um Lugar ao Sol*, quanto nas demais obras e em qualquer uma delas, as narrativas iniciais giram em torno de dois focos temáticos. Para Chaves (2005) pode haver o registro da urbanização da cidade de Porto Alegre, bem como a formação da classe média ou ainda podem fotografar a pequena Jacarecanga, cidade fictícia, mas que representa a típica cidade do interior do Rio Grande do Sul. Ao trazer este fato, entende-se também a divisão existente entre o patriarcado rural e a população de imigrantes que estavam chegando às pequenas cidades. Um fato que foi bem representado pela chegada dos imigrantes italianos à Jacarecanga foi a chegada da família dos Gamba à cidade, eles possuíam uma padaria e à medida que o patrimônio econômico deles aumentava, compravam os imóveis hipotecados da família de Clarissa.

Como podemos ver a seguir:

Illma. Viuva João de Deus de Albuquerque

Sentimos ter de comunicar-Vos que tendo vencido a hypotheca da casa em que mora V. Excia. e o facto de não ter vosso falecido esposo effectuado o pagamento da mesma, nos vemos forçados a executar a dita hypotheca pelos canais competentes. O nosso advogado procurar-vos-há para tal fim e como prova de nossa boa vontade e consideração dispensamos os juros. Saude e fraternidade. Vittorio Gamba assinava a carta (VERISSIMO, 1963, p. 74).

Os textos de Erico Verissimo também carregam outra marca; o conflito das gerações, em que existe a descrição das mulheres de mais idade e das mulheres mais novas. As primeiras são detentoras do poder social e econômico, do outro lado, podem ser analisadas as matronas, viúvas, que são as figuras dependentes, pessimistas e apagadas, aqui entram a D. Eudóxia e D. Cleonice, a mãe de Fernanda e a mãe de Clarissa, presentes no romance *Um Lugar ao Sol*.

Mediante a seguinte passagem podemos notar as diferenças entre as conversas de D. Clemência e D. Eudóxia:

[...] em D. Eudóxia D. Clemência encontrava uma aliada. Reuniam-se as duas a conversar, umas vezes na casa de baixo, outras na casa de cima. D. Mag reunia-se a elas. Faziam um coro de suspiros e queixumes. Depois cada uma cantava em solo as suas desgraças. Cada uma se achava mais infeliz que a outra (VERISSIMO, 1963, p. 225).

Em contrapartida, entre as segundas, as mais novas, têm-se Clarissa, Fernanda e as jovens mulheres dispostas a lutar pela vida, pelo trabalho. De acordo com Barbosa (2005, p. 315), Erico Verissimo faz essa diferença tanto para explicar quanto para compreender a tristeza das gerações anteriores e não para condená-las, ao fazer este contraste, o escritor também procura entender o papel delas como os dos homens e enfatizar as mudanças ocorridas. Portanto, compreendemos que as diferenças entre as gerações não se dão apenas em virtude do tempo vivido, mas, mais que isso, ocorrem por conta dos movimentos feministas.

Sob o prisma da ficção, e dos estudos feitos não só sobre o autor, mas sobre suas personagens femininas, pudemos considerar que Erico trouxe inovações para sua escrita e suas personagens ao questionar as bases da sociedade gaúcha que assim como o restante do país passava por mudanças e estava em processo de modernização.

A seguir, analisaremos a obra *Um Lugar ao Sol*, partindo dos aspectos estudados no primeiro capítulo. O conceito de lugar pelas óticas da Geografia e da Literatura e os demais conceitos até aqui estudados.

3.3. Um lugar ou vários lugares ao Sol?

[...]. Quem me sugeriu a coisa foi o Casanova.... Nós estávamos no pátio. Fazia um frio danado e a sombra do muro ia se espichando. Havia um resto de sol num canto [...]. Mas não é isso mesmo a vida da gente? A luta por um lugarzinho ao sol? (VERISSIMO, 1963, p.393).

Um Lugar ao Sol foi escrito em 1936. Em prefácio escrito pelo autor na edição de 1963, ele inicia seu texto falando do velório de João de Deus que morre já nas primeiras páginas. O autor diz “ter um fraco por velórios”. Em seus romances produzidos até a ocasião, *Clarissa* (1933), *Música ao Longe* (1935) e *Caminhos Cruzados* (1935) os velórios surgem de maneira breve, mas o de *Um Lugar ao Sol*, segundo ele, depois de uma releitura chegou a comovê-lo.

Sob o ponto de vista do próprio autor nesse prefácio, o romance *Um Lugar ao Sol* é um romance “desigual”, “tumultuado”. Poderia ser, de acordo com Erico, de maneira semelhante a “uma casa construída sem um plano, mas que a ela foram acrescentadas peças de acordo com a

necessidade do momento”. Ele continua dizendo que talvez isso tenha ocorrido porque Erico “desejou reunir em um só livro personagens de histórias anteriores separadas em um espaço” (VERISSIMO, 1963, p.1).

O romance em questão, nas palavras do próprio autor foi escrito com “interesse”, “afeição por aquela gente, com tamanha fé em sua própria existência” (VERISSIMO, 1963, p.1). Embora o autor demonstrasse entusiasmo e apreço por suas personagens, ele deixa claro no prefácio da edição de *Um Lugar ao Sol* de 1963 que a obra faltava unidade e possivelmente essa falta poderia ser suavizada caso o autor estivesse disposto a reescrever novamente a história, o que para Verissimo não seria original, pois daria a entender que tanto no mundo real quanto no mundo imaginário é impossível passar a vida a limpo.

Considerando a exposição do autor sobre sua obra, é mister que apresentemos, de maneira sucinta o resumo do romance em questão. Neste livro Erico Verissimo traz novamente a personagem Clarissa, que deu nome ao seu primeiro livro em 1933. Agora Clarissa reaparece amadurecida. Além dela, também ressurgem personagens oriundas de outros romances verissianos, como é o caso de Fernanda e Noel que se encontram presentes em *Caminhos Cruzados* (1935). Na narrativa em questão, as personagens Clarissa, Vasco e Dona Clemência deixam a pequena cidade de Jacareacanga após a morte de João de Deus a mando do prefeito da cidade e da perda da casa. E por não mais terem vínculos com a cidade, eles se mudam para a capital do Estado, visto que lá Clarissa e Vasco poderiam ter oportunidades de uma vida melhor. Clarissa retorna a Porto Alegre, cidade em que passou três anos estudando para ser professora. É na urbe que eles conhecem Fernanda, Noel e com eles começam a conviver. As personagens são a todo momento levadas a refletir sobre si, o tempo em que vivem, sobre a necessidade que cada um possui de buscar o seu “lugar ao sol”.

No que tange aos estudos sobre descrição e sua relevância dentro do romance de 1930, Minchillo (2013) chama-nos atenção para o fato de a primeira cena de *Um lugar ao Sol* parecer ser continuidade à “situação de imobilidade e enclausuramento” da família de Clarissa, os Albuquerque tendo como momento inicial a casa da família, local em que o corpo de João de Deus está sendo velado. Além disso, continua Minchillo (2013), a primeira sensação que se tem sobre o romance é que ele seria a continuação do livro anterior; *Música ao Longe*, mas o que se nota no decorrer da leitura do romance é o equívoco existente no que diz respeito a essa impressão.

A impressão sobre “o prolongamento” da obra é desfeita no momento em que se compreende que pela primeira vez em sua obra, como se refere Minchillo (2013, p. 148), “o

desdobramento último de uma armação política”. Sobre o assassinato de João de Deus e algum tempo depois o de Xexé, o amigo de Clarissa, Minchillo diz o seguinte:

A morte de João de Deus e na sequência de Xexé não advém da má sorte de uma transformação genérica da sociedade e nem mesmo das injustiças estruturais do mundo ou das falhas essenciais dos homens, ainda que possam ser relacionados a cada um desses fatores. Decorrem antes do embate entre vivos em uma circunstância histórica específica, em função do choque de seus interesses e de suas ligações sociais (MINCHILLO, 2013, p.148).

Comprovamos a teoria de Minchillo (2013) a partir de fatos ocorridos na trama. Primeiro sobre o assassinato de João de Deus; “Ele tinha mandado matar João de Deus. O prefeito...” (VERISSIMO, 1963, p.43). E depois a morte de Xexé.

- Me balearam, os bandidos!

Entrincheirado atrás do muro, a ordenança fez fogo contra o negro. Xexé largou o revólver, segurou o ventre com ambas as mãos e caiu de borco. [...]. No lugar que caíra o negro, via-se um pequeno lago de sangue (VERISSIMO, 1963, p. 68-69).

Notamos nessas passagens, a preocupação de Erico Verissimo em denunciar situações de violência, que eram comuns nas cidades do interior do país nos anos de 1930 ao se referir aos personagens que compõem a obra, assevera Fresnot (1997). E diante da perspectiva social dos seus romances, há que se considerar que Chaves (2001) e Candido (2004) concordam no que diz respeito ao “corte transversal da sociedade”.

Assim sendo, Erico Verissimo descreve como nos excertos expostos anteriormente, a decadência social, além de um panorama mais abrangente dessa mesma classe média. E tanto Braga (1997) quanto Chaves (2001) concordam que são esses os aspectos que movem a escrita do romancista, pois quando Erico Verissimo elabora as “engrenagens sociais”, “seus mecanismos”, de maneira que os sujeitos humanos pudessem ser mostrados “em sua dinâmica social”, assim, “como os indivíduos em sua humanidade”. O que nos leva a crer, como afirma Santos (2014) sobre a matéria literária de Erico Verissimo ser constituída por “pedaços da vida” explicando assim, a “consciente escolha por uma literatura de abordagem sociológica” em lugar da “profundidade psicológica”. “Dessa forma, a matéria prima utilizada por Erico Verissimo são os elementos sociais externos que se internalizam em seus romances” (SANTOS, 2014, p. 331).

Diante das questões voltadas para os elementos externos e internos, Candido (2000) explica-nos: “no caso do social, o elemento externo não é importante nem como a causa e nem como significado, mas sim como elemento que tem como função desempenhar um certo papel na constituição da estrutura, portanto, ele se torna interno” (CANDIDO, 2000, p.14).

Portanto, quando o autor opta pela abordagem sociológica, ele estabelece relações baseadas na época em que vive, já que ele é produto de seu meio. Conforme Santos (2014, p.332), Erico Verissimo surge como escritor no período entre guerras e, por isso há na sua literatura o reflexo “dos dilemas enfrentados pelos escritores do mundo todo num período marcado por oposições “capitalismo x comunismo, socialismo x fascismo, arte x vida, beleza x verdade e contemplação x participação”, desse modo esse reflexo tem como resultado o surgimento de “uma literatura engajada”, a sua escolha por uma literatura social, portanto engajada advém do seu posicionamento diante de tantos problemas”.

Já Kantorski (2011, p.22) destaca a preocupação que o escritor tem em estabelecer uma verdade que seja “baseada na observação, na descrição material de suas condicionantes”. Dessa forma, é notória a opção do autor pela narrativa em terceira pessoa, pois, assim, continua a pesquisadora, é possível acompanhar os dramas vivenciados pelas personagens. Pois quando ele proporciona elementos representativos que, por sua vez estão além do que Kantorski (2011, p.23) denomina de “jogo literário”, e sendo assim, é possível que os “leitores enxerguem os homens e as mulheres além dos personagens e cenários que lhes são expostos”.

Dá tem-se dentro da narrativa de *Um Lugar ao Sol* características realistas, sendo estas sempre voltadas para o psicológico e para o social e ao partirmos desse princípio, Chaves (1981) afirma haver um “modelo realista de narrativa torna-se ‘realista’ não por ser mostrada como uma fotografia do real e, sim, por submeter essa “realidade constantemente à análise objetiva e revisão crítica”. Kantorski (2011) completa a teoria de Chaves (1981) ao apontar que o que nos leva a compreender o realismo como forma de representação ficcional da realidade é por meio do comportamento do narrador em relação aos fatos narrados.

Como um dos estudiosos da obra de Erico Verissimo, Chaves (1981, p.52) informa que o material humano apresentado pelo escritor cruz altense não apresenta nada de fantástico e tampouco situações extraordinárias, o que existe é a naturalidade do discurso em que esse material humano é concomitantemente fácil e reconhecível. Tais características, portanto, levam-nos a compreender a solidez da técnica “da reiteração dos tipos significativos” que acabam por se fixar na memória do leitor. Tipos como Amaro e Docelina.

Apesar de apresentar personagens secundários como Amaro e Docelina, que desempenham papéis anônimos, mas é através da classe média urbana e a partir das indignações dessa classe e de acordo com Chaves (1981) é que surgirá no romance verissiano “a voz de sua consciência”. Tal atitude continua o estudioso, provém da problemática instalada no romance realista e também do individualismo da burguesia, os fatores relacionados ao confronto do

sujeito com a sociedade e que culminará com gestos de rebelião que serão traduzidas na busca pela liberdade.

A narrativa de *Um Lugar ao Sol* desenrola-se em dois espaços diferentes, uma em Jacarecanga e outra na cidade de Porto Alegre. Surge aqui um fato curioso, pois Kantorski (2011) afirma que Erico Verissimo nos apresenta uma cidade detalhada, independentemente de ser a capital ou a cidade do interior, por outro lado Bordini (2012) e Minchillo (2013) afirmam que no recorte urbano no romance verissiano não há referências claras a respeito da cidade de Porto Alegre, as ruas, as praças não têm nomes. Apenas em algumas passagens que surgem os nomes de Bairros. Nem o nome da rua em que Clarissa e a família residem é nomeado.

Podemos comprovar a teoria de Minchillo (2013) e Bordini (2012) por meio de três passagens do romance. A primeira refere-se com os inúmeros passeios de Vasco pela cidade de Porto Alegre. A segunda, por mais que seja ação rotineira de Clarissa. E a terceira ação ocorre quando a mãe de Clarissa passa mal e Vasco vai até a farmácia. Ações como essas nos levam a refletir sobre a proposta dos pesquisadores:

A Zona dos Moinhos de Vento, com seus palacetes em torreões, seus chalés, seus jardins muito limpos, com ciprestes, pinheiros [...] parecia uma cidade alemã. Depois – contraste horrível – havia os casebres dos Navegantes, em terrenos alagadiços, as crianças pobres brincando no barro se misturam com bichos domésticos [...] e havia as zonas das fábricas. São João, o bairro dos operários, era uma cidade à parte. E como eram belos e verdes e veludosos ao sol de inverno os morros da Glória e de Teresópolis! (VERISSIMO, 1963, p.306).

[...] Clarissa saía todas as manhãs às sete para tomar o ônibus que a levava a Canoas [...] Canoas era bonito, com suas vivendas no meio de jardins floridos. Ouvia-se o canto dos passarinhos. Um silêncio fresco envolvia as casas, as árvores e as criaturas [...] (VERISSIMO, 1963, p. 223).

[...] – Bom. Eu não tenho dinheiro agora. É um caso urgente. Nós moramos ali perto, o senhor sabe? Ali no 430, nesta mesma rua. O senhor conhece o Noel? E a Fernanda? É urgente [...] (VERISSIMO, 1963, p.256).

Mas o que teria a ver estas três passagens com nossa pesquisa? Seriam estas passagens lugares ou espaços?

Antes de retomarmos o conceito de lugar, precisamos compreender o que é a cidade, o que ela representa e como ela é representada dentro da narrativa do romance em evidência.

Na intenção de buscar as relações entre a Literatura e a experiência urbana, Gomes (2009) estabelece que ambas se tornaram mais “contundentes e radicais durante a modernidade” a partir do momento em que as cidades passaram a se apresentar como um “fenômeno novo”.

E foi sob a égide da mudança e aliada ao progresso que as transformações ocorreram, não apenas no perfil, mas também no que se relacionam às experiências dos habitantes que nela vivem.

É a partir das relações entre a Literatura e a experiência urbana supra apresentada que consideramos as cidades difundidas pela Literatura como textos, que de acordo com Gomes (2009, p.24) levam em consideração os “aspectos geográficos e também os aspectos culturais mais específicos bem como os costumes, a cartografia simbólica em que se cruzam o imaginário, a história a memória das cidades”. Daí a cidade ser vista como discurso, legitimamente uma cidade, já que fala aos seus habitantes.

Logo, podemos definir as cidades no romance em questão, a partir dos pressupostos de Gomes (2009, p.24), quando ele afirma que as cidades são “resultados das leituras, da construção dos sujeitos que a lê enquanto espaço físico, pois, quem a lê a entende como um espaço físico e como construção simbólica”.

Na preocupação de estabelecer conexões com a cidade imaginada e a cidade real e em conformidade com Bordini (2012, p.7), compreende-se que as cidades “oferecem imagens a quem a habita ou a visita mesmo que sua figura seja tão variável quanto o número daqueles que a olham”. O que dá não apenas a quem a observa, mas a própria cidade a possibilidade de “travar um diálogo” entre o “visível” e o que é “imagem”. De modo que as interações entre a imagem dada e a constituída na percepção são alimentadas tanto pelas características urbanas tanto das idiossincrasias de quem as vê (BORDINI, 2012, p.7).

Em se tratando de imagens, principalmente as que se formam pela imaginação, conforme ressalta Bordini (2012, p.9) estão “impregnadas de sentimentos e armazenadas pelas memórias são a matéria prima para o artista que recria uma cidade existente ou inventa a que ainda não nasceu”. Sendo assim, afirma a pesquisadora, por menor que sejam os padrões, eles derivarão de uma experiência concreta, pois, assim eles orientam “as imagens de uma “cidade real”, reproduzida, ou de uma totalmente “fictícia”.

Os padrões supracitados auxiliam na constituição das cidades na Literatura. Assim como as cidades reais, as imaginárias necessitam de ruas, vias de trânsito, praças, casas, limites tanto no plano físico quanto no plano de ocupação humana. Daí esses espaços, assinala Bordini (2012 p.13) podem ser públicos ou privados, e no que diz respeito à organização, eles podem ser racionais ou não, dando, portanto, o que a estudiosa define como “a imagem das cidades literária seus atributos caracterizantes”.

No que tange à construção das cidades, Bordini (2012) afirma que terá a sua disposição, as memórias vividas no campo ou na cidade. De forma que essas imagens ao serem projetadas

por meio dessa dicotomia, “campo-cidade”, possivelmente trará alterações a essas imagens, que por sua vez, são percebidas por meio dos sentimentos que tendem a enxergar a cidade por quem é da cidade como quem está fora dela, porque as imagens da memória, as vivências emocionais ou históricas podem de acordo com a pesquisadora ser “retrabalhadas pela imaginação do escritor”. Assim faz Clarissa ao olhar para a sua cidade natal, Jacarecanga;

E Clarissa vê a vida de sua cidade. Vê, sente, analisa, esmiúça e imagina o que essa vida poderia ser. E para ela todas as pessoas que passam pela sua frente, ao alcance de sua vista, têm dois aspectos. O real e o que ela lhes empresta ao cabo de uma série de reflexões. A cada uma delas Clarissa procura dar uma cor nova, diferente do habitual, uma cor que é sempre e sempre mais brilhante e mais bonita que os olhos comuns podem ver (VERISSIMO, 1994a, p.68).

Compreendemos que a cidade inventada possui as mesmas características das cidades reais, sendo que as primeiras se diferenciam das últimas no sentido de a elas serem associadas à verossimilhança, o que dá à cidade fictícia o sentido de “convenção realista”, todavia não é nesse sentido que o “estatuto de uma obra” pode ser definido, afirma Bordini (2012, p.154).

Ao construir Porto Alegre, cidade em que Erico viveu até o ano de sua morte e as demais cidades por ele construídas, as fictícias Jacarecanga, presente nos três primeiros romances: *Clarissa* (1933), *Música ao Longe* (1935) e *Um Lugar ao Sol* (1936), Santa Fé a cidade fictícia de *O Tempo e o Vento* (1949-1962), e que assim como as outras, ele esboçou em papel e as demais por ele construídas nos romances posteriores podem ser frutos dos conhecimentos que o escritor adquiriu nas suas muitas viagens pelo mundo.

Dado que Kantorski (2011, p.22) afirma em sua tese de doutoramento que “Erico Verissimo faz uma descrição detalhada do ambiente urbano”, portanto há dois estudiosos que contradizem essa afirmação; tanto Bordini (2011) quanto Minchillo (2013) indicam que os romances verissianos no quesito descrição de ambientes urbanos é pouco explorado. Vale ressaltar que o romancista se pauta nas relações humanas. Sendo que essas podem ser estabelecidas nos mais variados meios, em encontros coletivos, em centros políticos, periferias distantes dos que possuíam o poder de decisão. Como no momento em que Clarissa e Fernanda se encontram na sala de espera da Secretaria de Educação ou na forma como as famílias das duas se frequentam.

A primeira parte da trama se passa na cidade de Jacarecanga, por sua vez, representada em nos romances *Clarissa* (1933), *Música ao Longe* (1935) e *Um Lugar ao Sol* (1936), sendo que neste último, a cidade é representada pela última vez, e no que diz respeito a representação dessa cidade há uma diferença na forma de olhar para ela. Daí a relevância do olhar de Clarissa para a cidade, como explica Bordini (2012)

Há uma leniência, um desejo de compensar as dificuldades vividas, suas aflições, o amor pelos seus, da fantasia e de uma esperança resistente e inexplicável como se para Erico Verissimo a mulher soubesse retirar do cerne duro das coisas os momentos de exaltação e beleza. Ao contrário da visão masculina em que estão presentes o ceticismo, o desencanto e a indignação, desejo de evasão que o impede de expandir culturalmente (BORDINI, 2012, p.48).

Para Bordini (2012), também podemos incluir o olhar de Fernanda sobre a vida, sobre o momento em que vive. Como podemos observar:

[...] – Mas não está desanimado, está? - perguntou, num tom de desafio.

-Você acha?

[...]. Gostava dele, de sua coragem, da maneira como ela atendia o “pessoal de cima” (Fernanda, Noel e os outros eram o “pessoal de baixo”). Via-a tão humana, tão sem preconceitos, tão profundamente compreensiva [...]

- Não acho. Não desanime. Mostre seu muque! (VERISSIMO, 1963, p.233)

Sobre os excertos acima, podemos representar as dificuldades vividas pelas personagens por meio do quadro comparativo (quadro1) em que observarmos as características de cada uma em destaque.

Quadro 1: Características dos (as) personagens no romance “Um Lugar ao Sol”.

PERSONAGENS	CARACTERÍSTICAS
Clarissa	Jovem, professora, sonha com um futuro melhor para si e para a família, sustenta a casa.
Vasco Bruno	Primo de Clarissa, órfão de mãe e abandonado pelo pai. Assim como ela quer um futuro melhor, desempregado, deslumbrado com a cidade grande. Dos demais personagens masculinos, Vasco é o oposto.
Dona Clemência	Mãe de Clarissa, viúva, o marido foi assassinado por causa de questões políticas, vai morar em Porto Alegre com a filha e o sobrinho.
Fernanda	Professora como Clarissa, sustenta a casa, grávida do primeiro filho, é uma mulher justa e preocupada com os que estão a sua volta.
Dona Eudóxia	Mãe de Fernanda, assim como o marido de Dona Clemência teve o marido assassinado por questões políticas. É também mãe de Pedrinho, rapaz que só pensa em si.
Noel	Marido de Fernanda, eram amigos quando crianças, se casaram contra a vontade da mãe de Noel, advogado que não exerce a profissão. Trabalha em um jornal, está escrevendo um livro, é sonhador e dependente de Fernanda.
Orozimbo	Vizinho de Fernanda e Clarissa, doente com câncer, sofre muito por causa da doença e da filha rebelde.
Magnólia (D. Mag)	Casada com Orozimbo, evangélica, tem uma filha Lú, a quem quer bem, mas não a entende.
Lú	Filha de Dona Magnólia e Orozimbo, rebelde, quer viver a vida à sua maneira, mas os pais não permitem.
Amaro	Morador da pensão da Tia de Clarissa, homem de 40 anos, desempregado, apaixonado Clarissa, já não tem sonhos, por falta de dinheiro muda-se para uma pensão mais barata, a pensão de Dona Docelina com quem tem um caso. Espreita Clarissa todos os dias para admirá-la.

Fonte: A própria autora

3.3.1. Das mulheres fictícias às mulheres modernas: uma análise

Para Paim e Araújo (2014, p. 20), as mulheres verissianas, como Clarissa, são delineadas sob a forma da sociedade burguesa de 1930, a mulher na maioria das vezes, estava à margem da sociedade, isso ocorria de várias formas, por exemplo: a mulher não opinava em assuntos que não pertenciam à sua esfera, ou seja, assuntos relacionados à política, economia e a qualquer outro que não dissesse respeito ao ambiente doméstico.

Diante disso, algumas passagens não apenas de *Um Lugar ao Sol* (1963), mas também do romance anterior *Música ao Longe* (1994) revelam ao leitor situações que Clarissa acaba

por ser a solução de problemas para a família, como na vez em que D. Clemência foi, em nome do marido, pedir emprestado à filha duzentos mil reis, pois o marido não havia recebido dinheiro algum e “estava atrapalhado com as contas”. Esta ação faz com que o autor dê as suas personagens características que as fazem fugir dos padrões de mulher da década de 1930.

Sendo assim, torna-se evidente o que Matos (1998) expõe sobre as mulheres, quando a pesquisadora afirma que foi por conta da crescente presença dos sujeitos femininos nos mais diferentes espaços que acarretou o interesse de muitos estudiosos no que tange à reconstrução da vida, das experiências e expectativas femininas nas sociedades do passado. E por meio desse interesse pelo passado, tornou-se possível descobri-las como sujeitos da História.

No que diz respeito aos estudos sobre a perspectiva masculina nos romances verissianos, existe diferença explícita entre homens e mulheres. Enquanto as mulheres no decorrer do tempo vão amadurecendo moralmente, psicologicamente de maneira mais célere, todavia não se pode dizer das personagens masculinas. Estas, segundo Barbosa (2005) seriam a dissemelhança por expressarem características opostas à das mulheres. Para ela, os homens são apresentados pelas características físicas do que pelos atributos morais e psicológicos. Nessas dissemelhanças entre o feminino e masculino podemos alicerçar os estudos também em Kantorski (2011), pois para essa pesquisadora é clara a existência de paradigmas femininos e masculinos. Para ela, apesar de existirem pesquisas sobre gênero nos romances verissianos, essa oposição entre feminino x masculino ainda não havia sido discutida.

A oposição entre o feminino e o masculino presente no romance *Um Lugar ao Sol* se manifesta a partir do “comportamento, pensamento e experiências”, características apontadas por Kantorski (2011, p.129), sendo que essas particularidades são evidenciadas quando falamos de Clarissa tendo seu oposto em Vasco e em Fernanda em oposição a Noel. É nesse sentido que Kantorski (2011) corrobora com Barbosa (2005, p.317) ao compreender que nos textos de Verissimo existe a indagação sobre papéis masculinos e femininos: “bem como é des/caracterizada por uma densidade emocional opressora (raiva, ira, violência, brigas) ou pela supressão do discurso das emoções”. É a partir da oposição dos pares e, de maneira peculiar e retratada no campo familiar que segundo Barbosa (2005):

Verissimo mostra a divergência entre as personagens femininas e masculinas “levantando indagações sobre a diferenciação binária, analisa o discurso do corpo físico e social, lança dúvidas sobre a divisão do trabalho, desconstrói a estrutura de poder e escruta os valores socioculturais que definem instituições como a família. A fazê-lo, critica os padrões machistas nos quais se forjou a sociedade gaúcha e, por extensão a sociedade brasileira (BARBOSA, 2005, p.319).

Essa oposição entre o feminino e o masculino que povoa o romance, deixa evidente o quão os homens verissianos não possuem sustentação psicológica. Assim sendo, Barbosa (2005) define como par feminino, já que eles fogem da realidade por meio da arte, tanto Vasco quanto Noel são artistas, o primeiro é desenhista e o segundo é escritor enquanto seus respectivos pares ganham a vida como professoras.

Já Biasi (2013, p.73) coloca em evidência o fato de as mulheres verissianas serem sempre constituídas de uma moral mais forte do que os sujeitos masculinos verissianos, tal diferença é estabelecida sob o “sustentáculo do mundo que ameaça a desabar”. Essa ameaça ocorre quando a Clarissa, Vasco e Dona Clemência se mudam para Porto Alegre.

Ao nos referirmos a Clarissa, é preciso considerar suas primeiras experiências em Porto Alegre, dado que ela conheceu a cidade quando era ainda menina, portanto, as experiências de Clarissa ocorrem em momentos diferentes de sua vida, a primeira ainda na passagem da infância para a adolescência e depois quando a personagem já é adulta.

No romance Clarissa há um olhar para a vida e para cidade bem diferentes do que as experiências vivenciadas por ela algum tempo depois. É o que podemos observar nas passagens a seguir: “Na praça os jacarandás estão cobertos de flores roxas. Lá em cima, no topo do monumento, a imagem da República [...]. Clarissa fica um instante a contemplar as árvores. Na sua mente se pinta de repente uma imagem familiar! A estância do papai [...] (VERISSIMO, 1995b, p.13). Ou ainda, quando a menina vai descobrindo sobre a vida com as pessoas que moram na pensão. O momento em que a menina vê a mulher de um pensionista beijando outro homem na escada ou na morte de Tônico, o vizinho de sua tia, levam Clarissa a amadurecer. Quando a menina, já moça ressurgem em Música ao Longe, Clarissa começa a enfrentar a vida ao lado de sua família que está passando por graves problemas financeiros, parte do amadurecimento da personagem vem das várias conversas que ela mantém com Vasco, o primo órfão de mãe e que o pai abandona.

De acordo com Santos (2018, p. 192) é com as conversas que ela mantém com o primo sobre os mais variados assuntos faz com que “desenvolva pensamentos mais complexos sobre a situação social, sobre o tradicionalismo belicista, além de sustentar a casa com o seu ordenado de professora”. As conversas com Vasco fazem Clarissa refletir, e é possível justificar a maneira como a personagem modifica seu olhar para aqueles que estão à sua volta e também para o que acontece encontra-se numa passagem em que Clarissa escreve em seu diário: outra coisa que não compreendia: dum lado da pensão havia uma casa de gente rica, muito grande, muito bonita, com vitrola, rádio, jardim [...], do outro lado, numa casa pequena havia e úmida morava uma viúva que tinha um filho doente; o bonde tinha cortado uma perna dele. Eu pensava, o mundo

está errado. Não deveria existir gente rica e gente pobre. Mas a verdade é que existia mesmo. [...] (VERISSIMO, 1994c, p. 58). Ou ainda neste fragmento: “Agora tudo mudou. A gente vai crescendo, vai estudando, vai observando e compreende que as coisas não são como pensávamos” (VERISSIMO, 1994c, p.59).

É a partir desses dois fragmentos que percebemos o quanto o pensamento da personagem vai se complexificando no decorrer das obras das quais ela faz parte, de como as reflexões de Clarissa, tornam as demais personagens “mais instigantes” conforme destaca Santos (2018, p. 193). Tanto em *Um Lugar ao Sol* como *Música ao Longe* as narrativas acontecem em 3ª pessoa, portanto, quem narra é Clarissa, é pelos olhos dela que vemos as demais personagens, a cidade. A percepção dela sobre a cidade, as pessoas com as quais ela convive são percebidas de uma maneira diferente por ela, diferente da Vasco e de dona Clemência já conhecer Porto Alegre, como no momento em que ela olha pela janela do quarto da pensão, local em que viveu sua adolescência e que novamente se encontra olhando para o pátio, local em que brincava enquanto menina-moça e que agora notava as maiores mudanças; “Havia uma casa nova de telhado vermelho ao fundo, dando para outra rua” (VERISSIMO, 1963, p.106)

Da mesma maneira temos Fernanda, mulher que reaparece neste romance, que sustenta a casa com o salário de professora, mulher com os pés no chão, que se preocupa com todos os que se encontram a sua volta, que Clarissa sente uma enorme admiração, justamente ela enorme força que Fernanda possui, como no dia em que mudaram para a casa nova:

[...] – Que cara é essa companheira? – perguntou rindo. Clarissa contou-lhe as mágoas... Segurou Clarissa pelos ombros e contou: - Olhe, sabe de uma coisa? Juntando tudo que eu e Noel ganhamos não chega setecentos mil-réis.... Somos quatro pessoas: mas ninguém morre de fome. A vida é assim mesmo.... Tem mais graça quando se luta (VERISSIMO, 1963, p. 222).

Outro personagem que muito auxilia no amadurecimento de Clarissa e também se diferencia das demais personagens masculinas de Verissimo, é Vasco, quem faz tal afirmação é Santos (2018, p.192), segundo a pesquisadora, Vasco possui uma dualidade humana, dado que ele “mescla o feminino e o masculino” apresentando, portanto, características antimachistas, pois Vasco “se constrói como ser dialético, portando ora características ativas ora líricas”. Daí a forma como Clarissa vai percebendo mundo ao seu redor, os problemas que a cercam e também as questões relacionadas a sociedade serem influenciadas de forma direta pelo primo, pela amiga e pela própria vivência da personagem enquanto mulher.

De um modo geral, as ligações entre o escritor e suas experiências refletem em suas obras, personagens, assim como os espaços e lugares, dada a importância que lhes é apresentado.

No primeiro capítulo, definimos o que era o lugar e o diferenciamos do espaço dentro da perspectiva geográfica e literária. Para a primeira existe diferença entre o espaço e o lugar, como podemos observar as definições de Tuan (2013, p.49) sobre espaço, para ele “o espaço seria algo abstrato que é utilizado por um conjunto de ideias”, sendo, portanto, aberto e passível de sugestões, principalmente as relacionadas ao futuro e à ação. Já o que define como “espaço fechado e humanizado é o lugar”.

Independentemente de que os indivíduos precisem dos espaços e dos lugares, é ao lugar que o indivíduo se afeiçoa, cria laços de convivência que lhe é familiar, ao contrário do espaço que Tuan (2013) aponta ser “uma condição para a sobrevivência biológica”. Sendo assim, o que representa a cidade de Jacarecanga e Porto Alegre para Clarissa? Quais são os seus lugares? E de que maneira Clarissa ocupa os lugares públicos e privados na cidade?

Clarissa Albuquerque surge pela primeira vez no romance que leva o seu nome, em 1933, na época com treze anos de idade e no decorrer da narrativa completa quatorze anos. A menina é descrita como uma “menina de pele morena, olhos pretos e levemente oblíquos, rosto oval e cabelo repartido ao meio muito lambido” (VERISSIMO, 1995b, p.100). Clarissa é natural da cidade de Jacarecanga, cidade fictícia do interior do Rio Grande do Sul, filha de uma família abastada que se encontra em pleno processo de decadência. Vale destacar que a menina que inicia os estudos nesta primeira obra torna-se professora e desempenha seu papel na docência no romance *Música ao Longe* (1935), *Um Lugar ao Sol* (1936) e *Saga* (1940).

Depois do assassinato de João de Deus na primeira parte da obra, foi tomada a decisão de que não se tinha mais nada a fazer em Jacarecanga e caso Clarissa realmente fosse transferida para Santa Clara, um lugarejo longe da cidade natal da moça, o melhor seria mudarem-se para Porto Alegre porque lá haveria mais oportunidades de emprego para todos. A partir daí a narrativa se situa na cidade de Porto Alegre, num primeiro momento, eles se hospedam na pensão de Tia Zina, irmã de Dona Clemência, a mesma em que Clarissa reside no primeiro romance. Na cidade de Porto Alegre, eles conhecem Fernanda e Noel com quem passam a conviver, eles viviam uma relação de amizade e eram vizinhos.

Kantorski (2011, p.85) afirma que a década de 1930, além de ser o tema central da narrativa é também a década em que acontece o processo de “aburguesamento vivido no Brasil nos anos 1930”. Decerto, sustenta Kantorski (2011, p.85), o autor consegue “mostrar tanto o

Rio Grande do Sul com enormes latifúndios rurais, com seus costumes tradicionais que dá espaço para as novas classes sociais que surgiam pelo país”.

Diante disso, são apresentados na trama dois núcleos familiares: o de Clarissa, composto por Vasco e Dona Clemência, e o de Fernanda, composto por Noel, Dona Eudóxia e Pedrinho, e, concomitante a esses dois núcleos, estão os demais personagens como Docelina, Amaro, Álvaro Bruno o pai de Vasco, que abandona a esposa e o filho em Jacarecanga e vai viajar pelo mundo e tempos depois retorna para a cidade de Porto Alegre.

Se os lugares para os seres humanos podem ser definidos por meio das afinidades e afeições ainda na primeira parte do livro, percebemos que por mais que Clarissa tenha alguma ligação afetiva com a sua cidade natal, torna-se claro que a partir do momento em que o pai é assassinado os vínculos que ali havia são rompidos, mas, ainda assim, no dia da partida Clarissa está com os olhos vermelhos. O trecho a seguir mostra que até a partida para Porto Alegre existe por parte de Clarissa afeição pela sua cidade natal. “Assim, Vasco olhou mais uma vez para Jacarecanga e odiou-se por ser tão sentimental. Decerto era o sangue do pai [...]. Entrou no vagão. Clarissa estava sentada ao lado da mãe, com os olhos vermelhos. Sorriu para o primo [...]” (VERISSIMO, 1963, p.88).

Com efeito, esse trecho leva-nos a perceber que nessa parte da narrativa há um vínculo de Clarissa com a cidade e por tudo o que ela representava em sua vida por causa das relações afetivas, já que este lugar começasse a ruir. Por outro lado, quando os três chegam à cidade de Porto Alegre, existe primeiro um espaço e não um lugar, porque segundo Santos e Oliveira (2001, p.82), o espaço pode ser definido a partir dos vários planos “espaço-tempo que os sujeitos experimentam”, causando assim a apresentação o que os autores denominam de “uma dimensão múltipla” dentro da narrativa, todavia não se deve reduzir os espaços à perspectiva determinista, da qual os autores compartilham e nem apenas ao psicológico-social, sendo que este último faz referência aos lugares como representações ou como configurações dos espaços íntimos da consciência das personagens.

Desta forma, compreende-se que as coisas, nesse caso, as cidades existem apenas dentro de um dado espaço no qual são estabelecidas distâncias entre si e que vão se espalhando e formando grandes extensões (SANTOS e OLIVEIRA, 2001, p.81-82). Por conseguinte, a cidade de Porto Alegre para eles é um espaço, por não existir pertencimento, pois eles poderiam ser considerados estrangeiros e acabam por enunciar a qualquer pretensão de totalidade de completude, “é a não existência nem do centro nem da periferia, não sendo estes mais fixos e delimitados, tornando-se então “um capo de batalha em que fervilham traços multiculturais”.

A cidade de Porto Alegre da década de 1930, assim como várias outras capitais do país, passava por intensas transformações, no caso da capital do Estado do Rio Grande do Sul, tais mudanças tiveram início em 1778 quando o governador do Estado pediu a um engenheiro militar para traçar as principais ruas da cidade. Já no século XIX a cidade havia se desenvolvido bastante, isso se deve ao crescimento do porto, a chegada de alemães e italianos e também por ser centro receptor de escravos libertos. No período da República (1889), a cidade tem um governo autoritário tendo como base o positivismo de Augusto Comte que foi a matriz que conduziria a nova política daquele governo que, por sua vez, propiciaria um desenvolvimento econômico para o Rio Grande do Sul buscando dar uma dinâmica à indústria e à urbanização para um Estado caracteristicamente agrário.

Mas, diante do desenvolvimento trazido pelo novo século, a cidade apresentava problemas. A princípio a cidade havia sido traçada com ruas que fossem paralelas ao Rio Guaíba, no entanto, no século XIX já havia várias ruas e becos que de acordo com Pesavento (1999) denominou de “lugares de enclave”, locais com crescimento desordenado que abrigava a parte mais pobre da população. Contudo, foi durante o governo de Otávio Rocha (1924-1928) que a cidade realmente se deu o processo de modernização e urbanização das vias de Porto Alegre, construção de avenidas largas, pavimentadas e arborizadas.

Kantorski (2011, p.75) destaca que os jornais dão o título ao governador de “remodelador da cidade”, no centro, assim como na cidade do Rio de Janeiro, os cortiços, os casebres e tudo o que compunha a habitação popular é destruída para dar lugar aos prédios imponentes e simultaneamente a este processo, o governo também inicia a campanha do “saneamento moral” para acabar com a prostituição, com o alcoolismo e tudo aquilo que não fizesse jus a cidade que estava surgindo.

Quando Clarissa retorna à cidade, ela está diferente, mas ela a reconhece como um lugar, pois passou três anos de sua vida lá quando começou a cursar a Escola Normal. Como podemos ver no seguinte trecho:

De tão comovida, Clarissa não podia falar. Revia a velha pensão, da qual tinha recordações agradáveis. Lembrava-se daquela fachada simples, mas com muitas janelas, compoteiras com platibandas, entradinha do lado [...]. Mas tudo com um ar tão diferente, como se não fossem as mesmas árvores, as mesmas pedras. Que cosia engraçada é o tempo! (VERISSMO, 1963, p.105).

Com o retorno à cidade, com ela voltam as lembranças e as memórias de quando viveu naquele lugar: a pensão tinha relevância na vida da personagem. Porque a pensão, conforme Bachelard, em sua obra *Poética do Espaço* (1999), diz-nos que a casa carrega consigo as

memórias, os sonhos, objetos, a casa, no caso de Clarissa a pensão representava sua realidade, portanto, seu lugar. Bem diferente das reações de Vasco e Dona Clemência a respeito da cidade de Porto Alegre, ainda naquele momento não possuíam vínculos afetivos com a cidade, daí a carregam consigo a ideia da pensão, da cidade serem apenas espaços em que eles se encontram.

Podemos notar a compreensão desses dois personagens sobre a cidade por meio de suas falas e de suas ações. Como exemplificaremos a seguir. Primeiro com a reação de Dona Clemência, depois com uma das passagens em que Vasco se encontra e se encanta pela cidade.

Um silêncio frio como que emparedou suas palavras. Para Dona Clemência, Porto Alegre era uma cidade enorme, impiedosa, cheia de perigos, dificuldades e sustos. Era verdade que lá ela tinha uma irmã (a mais velha) dona da pensão em que Clarissa se hospedara quando estudava na Escola Normal. Nunca, porém, havia lhe passado pela cabeça mudar-se para a capital (VERISSIMO, 1963, p.76).

Naquela noite saíram juntos rumo ao centro da cidade. Vasco caiu deslumbrado no meio dos anúncios luminosos da agitação. Sentiu uma tontura ao caminhar por entre a multidão que formigava na rua... Lembrou-se da sua Jacareacanga de noites solitárias, galos cantando, cachorros latindo, a luz amarelenta das lâmpadas da rua [...] (VERISSIMO, 1963, p. 115).

Duas reações totalmente diferentes a respeito de uma mesma cidade. Dona Clemência, a mãe de Clarissa, aparece já no primeiro romance, ela escreve cartas para a filha que está na capital estudando para ser professora. Dona Clemência como tantas mulheres de sua época viviam sob as ordens e vontades do marido e que nunca havia saído de casa, mas com o assassinato dele precisava junto com a filha e o sobrinho tomar decisões sobre a vida. Talvez o medo do novo, de encarar uma nova realidade a tenha feito pensar em não ir. Do outro lado, estava Vasco, o primo de Clarissa, que é apresentado ao leitor em *Música Ao Longe*. Filho da prima de João de Deus, Vasco vive com a família do tio desde o suicídio da mãe e o sumiço do pai.

É Vasco quem motiva a tia e a prima a se mudarem e começarem uma nova vida. No trecho citado, Vasco passeia pela cidade e se encanta com ela. Zilberman (2005) assevera que a cidade apresentada para Vasco não é diferente da que Clarissa conhece, pois, as imagens para ela permanecem as mesmas de quando ainda era normalista. Mas para Vasco, oriundo da pequena cidade de Jacarecanga, manifesta estranhamento perante o ambiente e, ao contrário da prima, o rapaz não necessita de guia ou de acompanhantes. Seu olhar para a cidade, ainda que turvado pela emoção e pela multiplicidade de cenas fragmentadas que passam diante de si, é suficiente para situá-lo no mundo moderno (ZILBERMAN, 2005, p. 246-247).

Embora já tenhamos mencionado Fernanda, ela aparece na trama no sexto capítulo da segunda parte da obra. Ela, assim como Clarissa, é professora e está grávida, é casada com Noel seu amigo de infância e de família rica, mas é um homem frágil, formou-se com advogado, mas nunca exerceu a profissão. Noel quer ser escritor e trabalha em um jornal na cidade. Todos os moradores da casa dependem de Fernanda financeiramente e psicologicamente e, assim como Clarissa, o pai de Fernanda fora assassinado, o que a levou para o mundo do trabalho muito cedo, daí vem sua independência financeira. Como muitas mulheres naquela época, Fernanda trabalhava para sustentar a família. Fernanda se diferenciava dos demais moradores da casa, ela era forte, os aconselhava.

A mudança para a nova casa acontece logo no início da terceira parte do romance, no início de abril, com a nomeação, fica acertado que Clarissa dará aulas em Canoas, cidade metropolitana de Porto Alegre.

Não é descrito nem a rua e nem o bairro em que a família de Clarissa mora, é descrito o apartamento: uma sala de jantar, cozinha banheiro, um quarto nos fundos para Vasco e um quarto na frente para as duas mulheres. Os móveis foram comprados com parte das economias de Dona Clemência, eram móveis usados e foi comprado apenas o necessário para a casa.

Novamente retomamos os conceitos de lugar, pois ao retirar os “tarecos” que havia trazido do casarão, Clarissa saiu a pendurá-los pelas paredes, a enfeitar a casa e depois de um dia trabalhoso sentou-se num canto para olhar o “seu corredor” que, concomitantemente, era sala de visitas. Com a mudança há a aproximação maior entre Clarissa e Fernanda, elas se tornam amigas bem como suas famílias. A relação das duas é destacada pelo narrador:

[...] E vivia na certeza consoladora de que dentro em pouco estaria habituada à nova vida, querendo bem à nova casa, aos vizinhos, às árvores e às crianças de Canoas [...] (VERISSIMO, 1963, p. 224).

[...], mas de todas as criaturas que a cercavam, uma tinha importância real, era absorvente, impunha-se, superior a todas as outras: Fernanda. Quando ela entrava ali na sua casa, Clarissa tinha a impressão de que abria o sol e todas as nuvens se evaporavam (VERISSIMO, 1963, p. 224).

Os trechos citados levam-nos novamente a refletir sobre os lugares e o que eles representam. Portanto, em uma perspectiva humanista, o lugar se destaca porque de acordo com Gonçalves (2010), seria uma realização totalmente sentimental, logo são “as vivências pessoais, as experiências íntimas que lhe atribuem densidade”. Dessa forma, percebemos nas falas e nas ações de Clarissa que a nova casa e a nova cidade estavam se tornando seu lugar.

No que tange ao trabalho, tanto Clarissa quanto Fernanda são professoras, apesar de trabalharem em cidades distintas, ambas partilham da mesma profissão. Clarissa pega o ônibus

diariamente para Canoas e retorna à Porto Alegre no final do dia. Não há descrições da escola em Canoas, nem dos alunos, apenas algumas passagens que existem canteiros com flores e canto de pássaros.

Podemos, então, compreender que não há apenas um lugar, mas vários lugares, tanto Clarissa quanto os demais personagens transitam por vários espaços e lugares. Considerando-se que as mulheres da década de 1930 ao entrarem no mercado de trabalho já rompiam duas barreiras culturais, a de ser educada para se tornar dona de casa e a de ser mãe, pois as que conseguiam quebrar esse bloqueio social eram as mais sagazes.

As que trabalhavam fora transitavam entre o lugar público e o privado. Clarissa ocupava um lugar na sociedade como trabalhadora, pois ela sustentava a família, por outro lado tinha sonhos como as moças de sua idade. Ela também transitava entre o privado, a casa e público, a cidade. Para demonstrar os lugares pelos quais Clarissa se encontrava, elaboramos o quadro 2. Ao avaliarmos as estruturas dos lugares que Clarissa frequentava na primeira e na segunda parte, consideramos que embora não haja descrição do autor, das ruas, nem das casas, atentamos para o fato de que existe a restrição econômica, já que a família de Clarissa é por ela sustentada, ela era professora e, diferente de muitas mulheres de classes sociais mais altas, frequentava a escola para serem educadas, boas esposas e ótimas mães. Ao contrário das mulheres que pertenciam às classes mais baixas e dedicavam-se à educação dos filhos e com os cuidados da casa, ou seja, tinham uma dupla jornada, dividiam-se entre o lugar privado e o lugar público.

Quadro 2: Os lugares de Clarissa em Jacarecanga e Porto Alegre.

JACARECANGA		PORTO ALEGRE	
Lugar	Número de vezes que aparece	Lugar	Número de vezes que aparece
Casarão (quarto)	3	Pensão de Tia Zina (quarto)	1
Casarão (sala de jantar)	2	Pensão de Tia Zina (salão de almoço/jantar/sala de estar)	3
Casarão (quarto da mãe)	1		
Casarão (quarto de Vasco).	1	Secretaria de Educação	2
Casarão (varanda)	1	Casa da prima Nora	1
Casarão (sala de visitas).	1	Casa (quarto)	2
		Sala	2
Estação de trem	1	Casa (quarto de Vasco)	1
		Casa de Fernanda	4
		Ponto de ônibus (Canoas)	4
		Hospital	1

Fonte: a própria autora

Destarte, percebemos também que o narrador, segundo Minchillo (2013, p.148) “apresenta o mundo a partir do lugar social da protagonista”, desta forma, é por meio de Clarissa e sua família que as transformações históricas da nova classe social que surgia; “pequena burguesia”. Por conseguinte, é por meio dessa nova classe que Erico Verissimo, como nos afirma Minchillo (2013, p.159), perceberá de maneira mais complexa “os liames sociais e históricos que estão em jogo nas atitudes humanas”. Daí o realismo fomentar a estrada para o engajamento social, uma constante nos romances da década de 1930.

No quarto capítulo, dividido em quatro tópicos enfocaremos os novos desafios enfrentados pelas mulheres no século XXI, buscando compreender qual/ quais são os lugares que essas mulheres ocupam, além das transformações significativas na vida delas bem como suas experiências e vivências e a definição do que é ser mulher.

CAPÍTULO 4

O LUGAR DA MULHER NA SOCIEDADE: NOVOS DESAFIOS

“Eu morava num sítio e quando tive a oportunidade de fazer o curso de Técnico Agrícola em uma cidade próxima, meu pai não deixou...” (LOLA, 2020).

“Eu sou o que sou pelas influências da minha mãe e da minha avó, do exemplo que elas me deram. Quanto à área de agrárias, apesar de ter muitas mulheres, ainda é predominantemente masculina, não é fácil, mas eu fui fazer Engenharia” (HELGA, 2020).

“Nós sempre temos que passar a ideia demonstrando que merecemos o lugar que conquistamos. Nós temos que ser as melhores em tudo que fazemos para que tenhamos respaldo para justificar o porquê estamos no lugar que ora ocupamos” (BIBIANA, 2020).

“A liberdade, o não ser igual, o não ser livre porque eu não tenho os mesmos direitos. Eu fico imaginando que deve ser muito difícil para uma mulher saber que ela tem mestrado, que ela é mais qualificada, que ela se dedica, que ela se empenha, mas que ainda existe uma diferença salarial por uma questão machista” (ALICE, 2020).

É relevante observamos os fragmentos acima expostos, pois é por meio deles que conseguimos constatar aspectos presentes nas construções das identidades de mulheres que nasceram na segunda metade do século XX, e que em alguns pontos herdaram conquistas das mulheres que vieram antes. As mulheres sempre enfrentaram desafios, seja em qual época, a palavra desafio sempre esteve presente. Nos trechos acima, notamos que as mulheres falam sobre a oportunidade de estudo que lhes foi negada; sobre as influências sofridas por outras mulheres da família e pelas constantes provas que passam todos os dias para poder ocupar um determinado lugar dentro do emprego que escolheram e, até mesmo, pela questão de não se acharem livres porque não há igualdade, e por terem que provar o tempo todo que têm competência para ocupá-lo.

É a partir das vivências, das experiências das mulheres que foram entrevistadas por nós e associadas às vivências e experiências de Clarissa e algumas vezes Fernanda, nosso objeto de estudo e personagens do romance *“Um Lugar ao Sol”*, que construiremos este capítulo.

Com o objetivo de compreender como as mulheres lidam com os desafios que surgem em sua vida o tempo todo, seja no trabalho ou em casa, buscamos entender como essas mulheres vêm ocupando lugar (es) na vida pública e na vida privada, levamos em consideração a (s) realidade (s) delas.

Para que pudéssemos entender qual (is) lugar (es) essas mulheres ocupam, levamos em conta alguns fatores como a profissão, a etnia, a raça, a família, os papéis desempenhados dentro e fora de casa, dentre eles o perfil semelhante à da personagem Clarissa, por isso nossas

entrevistadas são docentes tanto da educação básica quanto da educação superior, sendo este um dos critérios para a seleção das participantes, mas isso não impediu que entrevistássemos mulheres que seguiram outras profissões como: serviço social, engenharia, dentre outras.

Selecionamos um total de doze (12) mulheres para a entrevista. É necessário ressaltar que devido à Pandemia da Covid-19, os encontros ocorreram via Plataforma Google Meet, sendo que todas foram previamente agendadas com as participantes. As entrevistas ocorreram de agosto a dezembro de 2020. O caminho percorrido para chegar até essas mulheres foram três: algumas foram indicações de professores, outras indicações de colegas e outras foram por meio de laços estabelecidos. A origem dessas mulheres é variada, entrevistamos mulheres de quatro Estados: Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná. Destacamos também que para preservar a identidade das participantes utilizamos nomes fictícios de personagens femininas presentes não apenas nas obras de Erico Verissimo, mas em obras de outros autores como Machado de Assis, Maria José Dupré e José Saramago que também são relevantes para a Literatura. Evidenciamos que os nomes dados às entrevistadas foram escolhidos conforme a personalidade delas e das personagens escolhidas serem semelhantes.

De um modo geral, as participantes ficaram à vontade para responder um questionário semiestruturado com sete (7) questões. Como as entrevistas eram semiestruturadas, as questões foram apresentadas no decorrer da conversa, o que deu às entrevistadas maior liberdade para responder aos questionamentos, principalmente as questões relativas à falta de comunicação com as mães sobre sexo, namoro, histórico familiar (mães, avós), a história delas mesmas em relação às adversidades, as conquistas profissionais e pessoais de cada uma, a forma como as entrevistadas casadas conduzem a vida profissional e a pessoal. Algumas das mulheres entrevistadas também divergem em alguns pontos, principalmente no que diz respeito às diferenças entre estudo e conhecimento.

Destacamos também os pontos em comum entre as entrevistadas, precipuamente no que se relaciona à educação de meninos e meninas, nas questões referentes ao trabalho, isso demonstra o quanto esses eventos asseguram à mulher uma vida melhor, pois é por meio do conhecimento, do estudo e do trabalho que elas têm a condição de uma vida melhor. Ressaltamos aqui a busca de Clarissa e Fernanda por essa vida melhor, a luta para ocupar o lugar delas na sociedade, dado que quando retomamos o conceito de lugar do ponto de vista geográfico, compreendemos que ele acontece a partir dos estabelecimentos de laços e de estabilidade. E entender o lugar que essas mulheres ocupam é fundamental para a percepção de como os movimentos feministas vêm transformando a vida da mulher, dando a elas a

possibilidade de não ter somente a identidade de dona de casa, de mãe e esposa, mas de mulher trabalhadora, independente e que também ocupa lugar (es) fora do espaço privado.

Em seus discursos, as participantes deram-nos abertura para outros questionamentos que muito nos auxiliaram na construção deste capítulo, o que enriqueceu a pesquisa. Essa abertura nos proporcionou excelentes discussões no que tange as diferenças entre as gerações, a educação de meninas e meninos, o que é ser mulher.

Ademais, constatamos que boa parte das participantes possui a mãe, a avó como exemplos, embora elas tenham, em sua maioria, deixado explícito a existência de diferença na educação delas e dos irmãos. Todavia, é explícito para todas que o fato de ser mulher já é um grande desafio dentro da sociedade em que vivemos, porém, ao mesmo tempo, algumas afirmaram que ser mulher é algo maravilhoso, é uma dádiva poder ser mulher. Além disso, foi possível notar por meio da fala de uma entrevistada que ainda há mulheres que não compreenderam qual o lugar, o papel delas no mundo de hoje.

Este capítulo também apresenta reflexões sobre questões que ainda permanecem as mesmas do século XX, como o trabalho doméstico, o cuidado com a casa e com os filhos, tudo isso nos faz refletir sobre o que sofreu transformação no decorrer dos anos e o que ainda permanece igual.

4.1. O lugar das mulheres na sociedade brasileira na segunda metade do século XX

Ao tratarmos do lugar da mulher na segunda metade do século XX, precisamos retomar alguns conceitos sobre o lugar e sobre a mulher, pois ambos têm relevância dentro do que até aqui estudamos. Consideramos o conceito de lugar neste estudo a partir da visão da Geografia, sendo que o lugar é definido como um “centro calmo, de valores estabelecidos” é o que nos diz Tuan (2013, p.72), portanto, os lugares existem porque os seres humanos precisam tanto dos lugares quanto dos espaços. Assim sendo, as mulheres no decorrer de sua existência enfrentam a busca para ocupar o (s) lugar (es) dentro da sociedade brasileira.

Entendemos que a luta do movimento feminista foi engendrada em fins do século XIX, na virada para o século XX, ou seja, é um fato recente para as mulheres que travam batalhas todos dias na busca pela autonomia, seja nas questões pessoais, políticas e em relação ao seu próprio corpo, seja nas questões voltadas para o trabalho, sobre ter um salário menor e às vezes desempenhar a mesma ou até função superior a de um homem.

Os movimentos feministas, como vimos no capítulo anterior, deram à mulher a liberdade para estudar, votar e ser dona de seu corpo. As mulheres lutaram e ainda lutam para

que possam ocupar lugar (es) no espaço público e também no privado. Com as conquistas das mulheres, sobretudo nos anos de 1960, houve um grande impacto na sociedade, dado que acarretou uma crise da civilização estremecendo não apenas a “ordem social imposta, mas também os princípios e valores que a sociedade se alicerça”, é o que nos aponta Monteiro (2008, p.35), diante desse cenário, surgem mulheres mais participativas em áreas como: política, cultural e social. Diante disso, Castells (2018, p.171-172) aborda as transformações ligadas à conscientização da mulher, e também dos valores que aconteceram em menos de trinta anos em praticamente todas as sociedades, os quais trouxeram efeitos essenciais para “toda experiência humana” perpassando pelo “poder político até a estrutura da personalidade”.

Tais transformações, independente do campo, fazem-nos questionar o momento em que elas ocorreram. Novamente buscamos em Castells (2018) a resposta para que possamos entender como e de que forma as transformações trouxeram novos desafios para que as mulheres ocupassem lugares na esfera pública na segunda metade do século XX. Castells, em sua obra, *O Poder da Identidade* (2018, p.171), aponta-nos que ao consideramos que as circunstâncias das transformações sociais eram favoráveis para que tais mudanças ocorressem, dado que as “ideias feministas têm estado presentes há pelo menos um século, se não mais”. Essas ideias, já foram apresentadas no capítulo 3, as quais mostram o caminho que as mulheres fizeram para poder se libertar do patriarcalismo vigente.

No entanto, Castells (2018, p.171) indica-nos algumas hipóteses que corroboraram para que as transformações acontecessem. Ele se alicerça na possibilidade de quatro elementos em que foram as transformações da economia e do mercado de trabalho que associadas à “abertura da oportunidade para as mulheres no campo da educação”, como também já expusemos em outros momentos desta pesquisa, foi por meio da educação que a mulher começou a se qualificar para o mercado de trabalho, tendo a educação também como uma profissão.

Arelada à educação, estão as transformações apontadas por Castells (2018), as transformações tecnológicas que por virem das ciências biológicas, farmacológicas e médicas deram às mulheres a possibilidade de um maior controle, não apenas sobre a gravidez, mas também a reprodução humana, pois a mulher passa a decidir se quer ter filhos ou não, se sim, quantos filhos gostaria de ter. E relacionada a essas duas categorias, estão as transformações: econômica e tecnológica, as quais atingiram o patriarcalismo a partir do desenvolvimento feminista, dessa maneira essas transformações, em especial, foram frutos dos movimentos sociais que surgiram nos anos 1960. Nesse mesmo encaixe dessas mudanças de comportamento está a disseminação das ideias de um “mundo globalizado” em que há inter-relação entre as

pessoas, e as experiências que elas vivem e se fundem, tornando, assim, “uma imensa colcha de retalhos formada por vozes femininas”, transformando a vida das mulheres.

De acordo com Monteiro (2008), embora existam transformações na vida das mulheres, seja o lugar que ocupam na esfera pública ou na esfera privada ainda há fatores sociais que influenciam a condição da mulher como a dependência econômica e a falta de oportunidades, resultando, assim, na condição de mulheres que ainda vivem sob as ordens do marido. Além disso, o preconceito, pensamento ultrapassado ainda interferem no desenvolvimento de uma sociedade mais igual. Outro fator que muito influencia o lugar que a mulher ocupa dentro de uma sociedade é o gênero, pois é ele quem intervém de maneira direta na definição de mulher como papel que ela desempenha na sociedade.

Com o surgimento da Segunda Onda Feminista, ocorrida entre o fim da década de 1960 e durante a década de 1970, as mulheres passam, não apenas a tomar decisões sobre sua vida e seu corpo, mas também começam a ocupar lugares dentro da sociedade e do trabalho e, essa autonomia por elas conquistada as desobriga de seguir modelos prontos, que eram apenas obedecidos sem questionamento, conforme destaca Monteiro (2008). Para Oliveira (1999), as mulheres, ao entrarem no mercado de trabalho acabam quebrando as barreiras entre os espaços públicos e privados e também entre homens e mulheres, dessa forma elas passam a ocupar lugares no meio público por intermédio do trabalho. Não obstante, o lugar que a mulher ocupa dentro de casa permanece: cuidar da casa, dos filhos etc., é uma opção, mas é visto como uma obrigação. Este fato é percebido em nosso objeto de estudo, o romance “Um Lugar ao Sol” com a personagem Fernanda, amiga e vizinha de Clarissa, que além de professora e mantenedora da casa ainda carrega consigo um filho e o restante da família. Comprovamos o fato por meio do seguinte fragmento:

[...] já não lhe sobrava mais tempo pra trazer a casa arrumada. Não podiam alugar criada. Ela mesma tinha que lavar os pratos (mal ajudada pela mãe); cuidar da roupa do marido, do irmão; controlar as contas; arrumar as camas, fazer um milhão de pequenas coisas. Felizmente ela tinha leite e podia amamentar a filha [...] (VERISSIMO, 1963, p.318).

É relevante observar que existe a comunicação entre o meio público e o meio privado, pois eles se entrelaçam em vários momentos, e mais uma vez trazemos à baila o conceito de lugar, pois este se difere do espaço por apresentar não apenas relações peculiares, mas também as que são predispostas e inerentes entre o homem-lugar, conforme Marinho (2016). Assim sendo, quando falamos do lugar, também demonstramos a identidade daqueles que estão inseridos neles, de forma mais explícita, é por meio do lugar que Clarissa e Fernanda ocupam no romance verissiano *Um Lugar ao Sol*. Diante disso, procuramos compreender de que forma

as mulheres da segunda metade do século XX ocupam os lugares públicos e também os privados.

Quando nos referimos aos lugares, não nos reportamos apenas ao lugar concreto que está associado ao pertencimento, o lugar está também relacionado às condições sociais, as quais determinados grupos se encontram, contudo, a condição em que se encontram é a que designará ou não o acesso a lugares de cidadania. Sendo assim, Ribeiro (2017, p.48) afirma que o lugar de fala é “um debate estrutural” não procedendo somente das “experiências individuais, mas “de entender como o lugar social que certos grupos restringem oportunidades”.

A partir desse conceito de lugar, compreendemos o quanto as mulheres, no decorrer da História não ocuparam e ainda não ocupam o lugar de fala, já que por muito tempo elas não tinham sequer o direito de escolha, sendo oprimida pelo grupo dominante, no caso, os homens, pois eram eles que detinham o poder.

Os movimentos feministas contribuíram para que a mulher tivesse assegurado seus direitos civis, políticos e sociais, foram muitas reivindicações e lutas para que pudessem ocupar o lugar público. A sociedade se transformava, dando à mulher a possibilidade de desempenhar outro papel dentro da família, de não apenas ocupar o lugar de dona de casa, mãe e esposa. Dessa maneira, o papel social da mulher é remodelado, assim a dinâmica da família também sofre mudanças, com por exemplo, um número maior delas tendo como provedores o homem e a mulher ou apenas a mulher, como é apresentado no romance “Um Lugar ao Sol em que Clarissa sustenta a casa e, em um mesmo contexto temos a fala de uma participante da pesquisa:

[...] Com o seu ordenado Clarissa pagara o aluguel, o armazém, a luz, o leite, o pão, a pensão que fornecia a comida e mais algumas miudezas. E depois de tudo pago se vira desolada e ao mesmo tempo feliz, com cinquenta réis na mão. Feliz porque tinha pago todas as contas [...] (VERISSIMO, 1963, p. 244).

[...] Mas nem sempre é ele quem paga, muitas vezes sou eu quem pago, dividimos bem as contas. Sou eu quem me sustento, eu que me banco, pagos as minhas contas, compro minhas roupas e as da minha filha (ALICE, 2020).

Observamos nas duas passagens acima que a condição da mulher se modificou com o passar dos tempos, no primeiro excerto temos a personagem de um romance publicado em 1936, época em que as lutas femininas estavam começando a dar voz às mulheres, e a personagem construída por Erico Verissimo é a que sustenta a mãe e o primo que moram com ela. O primo ainda não havia conseguido emprego, o que faz Clarissa sustentar a casa. Do outro lado, 85 anos depois, temos o recorte da fala de uma entrevistada que não apenas divide as contas com o marido, mas que também é autossuficiente em seu sustento, pois é por meio de seu trabalho

que consegue ocupar o lugar no espaço público e também no espaço privado não apenas como a mãe e dona de casa, mas também como a que provém o lar.

Ademais, Corrêa (2019) afirma que mesmo com a mulher atuando no mercado de trabalho, as responsabilidades delas aumentaram no decorrer do tempo, pois além de em muitos casos serem as provedoras da família, ainda há as questões relacionadas aos trabalhos domésticos, sendo que os mesmos, por questões culturais e históricas, ainda são considerados tarefas exclusivas das mulheres, o que muitas vezes impedem que as mesmas tenham uma maior participação no mercado de trabalho.

O fato de as mulheres da segunda metade do século XX passem a ocupar um lugar dentro do espaço público não as isentou de ocupar o lugar dentro do espaço privado já que as tarefas de cuidar da casa, do marido e dos filhos continuam sendo delas. Diante disso, é compreensível que as mulheres da segunda metade daquele século transitem entre os espaços públicos e privados, buscando em ambos suprir as necessidades de poder e ter que trabalhar e sustentar a família e de maneira simultânea, a mulher ocupa outro lugar dentro de casa, dado que é ela também quem mantém a família, assim sendo é perceptível a mudanças ocorridas no (s) lugar (es) que a mulher ocupa na sociedade.

No próximo tópico, versaremos sobre o lugar que a mulheres passam a ocupar nas primeiras décadas do século XXI, procurando entender de que forma as mulheres que chegam ao século XXI percebem as transformações advindas não apenas dos movimentos feministas, mas também das transformações da sociedade em que vivem.

4.2. O Lugar das mulheres nas primeiras décadas do século XXI

Ao tratarmos das mulheres do século XXI, precisamos levar em consideração a forma como as mulheres da segunda metade do século XX viviam, porque essas mulheres que nasceram na segunda metade do século passado são as que hoje assumem suas vidas, cuidam dos filhos e têm uma carreira profissional. Mas em que a vida dessas mulheres é diferente das vidas de suas mães, avós, bisavós? Qual é o lugar que essas mulheres ocupam na sociedade? Em casa, como elas lidam com as diferenças e divergências que surgem ao seu redor, vivendo as transformações que chegaram com o início do novo século.

Para compreendermos o lugar que as mulheres do século XXI ocupam, precisamos compreender as transformações, as lutas ocorridas para que as desse século tivessem as possibilidades que as mulheres de suas famílias não tiveram. Pois, para que pudessem ter a liberdade de escolher casar ou não, ter filhos ou não, estudar, trabalhar, optar por uma carreira

ou deixar de lado a carreira para cuidar e educar os filhos ou de manter o emprego. Para que isso ocorresse, foi preciso que as antecessoras lutassem em prol de direitos, da educação, de serem donas de seus próprios corpos, de suas vontades, para as gerações de mulheres posteriores pudessem optar, mas não mais serem obrigadas a servir, a serem meras mercadorias.

A primeira conquista das mulheres foi o direito de votar, a partir desse momento as mulheres passaram a ser cidadãs, porém não eram todas as mulheres que tinham tal direito. As que usufruíam do direito ao voto eram brancas e de classe média alta, as analfabetas, negras e trabalhadoras não tinham os mesmos direitos. As mulheres, por muito tempo, não frequentaram a escola, não podiam adquirir conhecimento, portanto a discussão sobre quaisquer assuntos relacionados à política, à economia e a qualquer outra área do conhecimento não cabia a elas. À mulher cabia ocupar o lugar dentro do lar, cuidar dos filhos, do marido, da casa. No terceiro capítulo, de acordo com D’Incão (2004), vimos que a sociedade estabelecia um papel para o homem e um para a mulher, sendo que para ela cabia o lar, a casa, a mulher administra a casa, porém é o homem a maior instância do lar, e perante a lei, a mulher é subordinada ao homem, sendo ela uma propriedade.

A situação da mulher de acordo com Mendonça e Ribeiro (2010, p.07) foi se moldando, pois a mulher foi se desenhando como o resultado de uma construção ideológica, como a Igreja, o direito e a medicina, instituições que eram coordenadas por homens. Foram os homens quem “atribuíram à mulher um lugar”, que estabeleciam o lugar que ela deveria ocupar, garantindo à mulher o papel de mãe, de esposa e dona de casa. Enquanto o homem ocupava o papel dele fora de casa, na vida pública, ao homem era instituído poder, a ele cabia dominar a mulher, e ser dono de seu corpo.

Enquanto a mulher permanecia em casa desempenhando o seu papel, o homem trabalhava, provia o lar, isso lhe respaldou e legitimou, dado que as diferenças entre o homem e a mulher eram muito grandes. Sobretudo porque a oposição entre trabalhar fora e ocupar um lugar de destaque, fazia a desigualdade entre homens e mulheres aumentar, principalmente por meio do poder, já que era o homem quem o detinha.

Dois fatores relevantes atuam na construção da manutenção das relações de poder, são os discursos médicos e os discursos religiosos, quem nos aponta esses fatores é França (2014, p.46) ao falar sobre o médico pertencente à corrente evolucionista Italiano Cesare Lombroso “que no século XIX que vinculava às mulheres características negativas similares as das crianças como: exagerado ciúme, tendência à vingança e um senso moral deficiente”. De acordo com a pesquisadora, tais características negativas seriam amortecidas por meio da maternidade e de outras atitudes que colocavam a mulher em posição de inferioridade.

Para França (2014, p.46-47), “o discurso religioso também participa da naturalização da forma do que é ser mulher quando relaciona a punição de Deus aos primeiros seres humanos, Adão e Eva por terem comido o fruto proibido, perpetuando a mulher como traidora e perigosa”.

Ao apontarmos tais fatores, é evidente que a disparidade entre homens e mulheres se calcavam nos costumes e nas tradições da família brasileira. O papel desempenhado pela mulher era consequência dos discursos médicos, e também do discurso religioso, cabendo a elas a responsabilidade da manutenção do lar, da harmonia da casa, os cuidados com os filhos, bem como a subordinação, primeiro ao pai, aos irmãos e depois ao marido.

A situação de submissão da mulher perdurou todo o século XIX e mais da metade do século XX, mas por conta dos Movimentos Feministas, a situação da mulher começou a se alterar. Na década de 1934, a mulher brasileira, branca, de classe média alta, alfabetizada passou a ter direito ao voto, contudo a população brasileira tinha a maioria de sua população formada por analfabetos, o que limitava o voto a poucos. Além disso, eram poucas as mulheres que tinham o direito à educação e quando instruídas aprendiam a cozinhar, a cuidar da casa, do marido e dos filhos. Elas não precisavam ler e escrever muito, era apenas o básico para desempenhar as funções do lar. Os movimentos feministas transformaram a vida da mulher em vários aspectos, dentre eles, a mulher pode começar a trabalhar fora e a profissão que abriu as portas para as mulheres foi o magistério, mesmo que essa profissão fosse vista como uma extensão do papel que desempenhava na família: o cuidar. Destarte, a mulher começou a sair de casa. Assim sendo, a mulher começou a sair de casa, passou a ocupar um lugar no espaço público e a participar de outro contexto social.

As mulheres que nasceram na segunda metade do século XX possuem outras perspectivas a respeito da vida, do trabalho e sobre si mesmas. Essas mulheres carregam consigo uma série de conquistas que vieram das décadas de 1960 e 1970, a garantia de domínio de seus corpos, a opção de engravidar ou não. Mas mesmo com todas as transformações advindas das conquistas dos movimentos feministas, com os avanços da tecnologia e com a transformação da sociedade, as mulheres ainda desempenham funções que foram impostas pelos homens às mulheres. No entanto, a questão da cultura é algo que pode ser modificada, é o que pontua Adiche (2014), ao afirmar que se há uma humanidade inteira de mulheres que não faz parte da sociedade, é preciso mudar a cultura.

O século XXI chegou e com ele vieram as transformações, mulheres se formando em cursos que até então eram feitos por homens, ocupando cargos que até o final do século XX, apenas homens os ocupavam; já as mulheres que trabalham fora, são provedoras da família, dividem as contas da casa com o marido ou assumem sozinhas a casa e os filhos. Nesse sentido,

as mulheres de hoje têm a opção de se casar, ter filhos e para educá-los passam a não mais trabalhar; ou se optarem pelo casamento, preferem não os tê-los e trabalham fora. Assim, encontramos na sociedade as mulheres que vivem sozinhas e se sustentam, e outras por opção administram empresas, dentre outras possibilidades.

Diferente das gerações anteriores, as mulheres do século XXI têm escolha, e opção, contudo algumas práticas continuam as mesmas do tempo das nossas avós e bisavós. Nas gerações anteriores, algumas mães faziam algumas tarefas essencialmente relacionadas ao trabalho doméstico, não por opção, mas por obrigação imposta à mulher, independente se ela trabalha fora. Enfim, toda essa carga de atribuições ainda continua sob a responsabilidade da mulher, sem contar também que ela ainda continua cuidando dos filhos e da casa.

Por mais que as mulheres tenham chegado ao século XXI conquistando o direito de estudar, participar da sociedade, trabalhar, decidir sobre sua vida e usufruir de todas as transformações que os movimentos feministas trouxeram, elas ainda lutam para ocupar lugares que lhes são de direito na sociedade.

No próximo subtópico, versaremos sobre as experiências e vivências das mulheres, a partir das entrevistas para compreender o lugar que vêm ocupando, para entender suas experiências e vivências na vida, no trabalho e, principalmente, como elas lidam com as situações para as quais elas são apresentadas.

4.2.1. O (s) perfil (s) das mulheres entrevistadas

As participantes desta pesquisa terão as características sociodemográficas apresentadas no quadro 3. O intuito desse quadro é identificar as características do grupo estudado, levando em consideração as personagens Clarissa e Fernanda do romance “Um Lugar ao Sol” de Erico Verissimo, dado que os perfis das entrevistadas se assemelham aos das personagens em vários aspectos. A nossa intenção não é aprofundarmos em teorias aqui já estudadas, mas compreender as percepções das nossas entrevistadas sobre o lugar em que elas ocupam na sociedade. No que diz respeito à escolaridade das participantes, a maioria possui nível superior completo, dentre elas, três são doutoras, duas mestradas, uma mestra, duas concluindo a graduação, uma possui duas graduações e uma o ensino médio completo.

Em relação ao estado civil, seis são casadas, sendo que dessas, apenas três têm filhos. As outras seis mulheres são solteiras, sendo que três delas estão namorando. Além dessas características, tivemos mulheres que se reconhecem negras e brancas.

Concordamos com hooks (2020, p.35), quando ela diz que o feminismo permitiu à mulher a se libertar do “controle do pensamento patriarcal sobre nossa consciência”. Compreendemos também que a luta das mulheres pela liberdade é constante e é por meio da liberdade que a mulher sempre buscou e ainda busca ocupar o seu lugar, não apenas como a dona de casa, a mãe e a esposa, mas também como trabalhadora e dona de sua vida. Essa liberdade para hooks (2020) é justamente a de conquistar o lugar social, seja ele qual for.

De um modo geral, observamos tanto nas entrevistas quanto na obra analisada que as mulheres se assemelham em vários aspectos, principalmente na questão das experiências, dos exemplos que trazem consigo de suas mães e avós. Assim, a forma como essas mulheres conduzem suas vidas, seu trabalho, dão-nos a dimensão do quanto as transformações sociais, políticas e econômicas influenciaram a vida de cada uma delas.

Quadro 3: Perfil das participantes da pesquisa.

Entrevistadas	Estado de Origem	Escolaridade	Estado Civil	Profissão	Etnia
Lola	Minas Gerais	Superior Completo	Casada	Aux. De Secretaria em Escola Pública	Branca
Laurinda	Minas Gerais	Graduação em andamento	Namorando	Estudante de Pedagogia	Branca
Leonora	Paraná	Mestrado em andamento	Namorando	Advogada	Branca
Sílvia	Paraná	Mestrado em andamento	Casada	Assistente Social	Branca
Bibiana	Paraná	Doutorado	Solteira	Professora do Ensino Superior	Branca
Capitu	Paraná	Mestrado	Solteira	Professora do Ensino Superior	Negra
Maria Valéria	Paraná	Doutorado	Casada	Professora do Ensino Superior	Negra
Ana Terra	Paraná	Doutorado	Casada	Professora do Ensino Superior	Branca
Alice	Espírito Santo	Superior Completo	Casada	Professora do Ensino Básico	Branca
Luzia	Minas Gerais	Ensino Médio	Solteira	Artesã	Negra
Helga	Espírito Santo	Graduação em andamento	Namorando	Eng. Florestal	Negra
Blimunda	São Paulo	Graduação em andamento	Casada	Estudante de Filosofia	Negra

Fonte: da própria autora

Nessa categoria, as entrevistadas descreveram suas origens quando começaram a trabalhar, e as funções que desempenham ou desempenharam, também apresentaram características comuns como, por exemplo, entraram no mercado de trabalho na adolescência, tendo o primeiro emprego entre os 13 e 15 anos de idade em busca da liberdade financeira.

[...] Eu trabalho desde os 14 anos, fui para a minha cidade, Poços de Caldas, onde passei a morar próximo da zona rural. Queria arrumar um emprego e buscar novas oportunidades. Foi aí meu primeiro trabalho com 14 anos (LOLA).

[...] Eu comecei a trabalhar aos 14 anos. E tenho uma irmã que é um ano e nove meses mais velha do que eu. Então, quando ela completou seus 14 anos aproximadamente, começou a trabalhar, e eu fiquei naquela expectativa de

trabalhar também, querer o meu dinheiro. Meu primeiro emprego foi numa loja de material de construção, na qual auxiliava nas vendas, na limpeza de balcão e tudo mais. Depois eu comecei a trabalhar na prefeitura de Nova Cantú, já tinha terminado o ensino médio e ganhava um salário mínimo. Portanto, trabalhei em várias atividades” (SÍLVIA).

[...] Eu trabalho desde os meus quinze anos de idade, trabalhei no comércio de Linhares, trabalhei em diversas áreas. Meu primeiro trabalho com quinze anos era numa empresa terceirizada, um serviço terceirizado para uma fábrica de móveis. Nós colocávamos insulfime em vidros para as gavetas dos roupeiros. Era uma fábrica famosíssima da cidade. Também trabalhei numa loja de irrigação, numa joalheria, relojoaria, ótica, farmácia, em hospital vendendo plano de saúde e mesmo depois de formada, trabalhei em diversas áreas por um tempo porque aqui na cidade, o trabalho no setor educacional é muito fechado e de difícil acesso. Mas, fui trabalhar na educação aos 26 anos” (ALICE).

[...] Eu sempre trabalhei porque meus pais tinham um comércio. E quando eu tinha 14 anos, comecei a ajudá-los, depois com 17 anos, estava próximo a terminar o 3ª ano, eu quis trabalhar em outro lugar, então meus pais permitiram a experiência, trabalhei numa padaria, mas a experiência não foi muito boa porque os patrões eram muito desorganizados, comecei a perceber que estava prejudicando meus estudos, por isso pedi para sair, e na época não precisava do dinheiro. Depois que eu vim para Curitiba é que comecei a ter uma vida longe dos meus pais, pois eles nunca me obrigaram a nada, mas senti necessidade de trabalhar, até para ter autonomia. Então, trabalho fora desde que vim para Curitiba (BLIMUNDA).

Vale ressaltar que uma das entrevistadas começou a trabalhar de maneira informal:

A minha vida de trabalho começou desde a adolescência, de uma forma menos formal, mas começou. Quando eu era adolescente, por volta dos 13 anos, eu era babá dos meus sobrinhos para que as minhas irmãs pudessem trabalhar fora. Eu cuidava dos meus sobrinhos, ora de um ora de outro. E aí havia uma remuneração simbólica, mas havia. Era o dinheiro que eu usava para comprar minhas coisas” (CAPITU).

Para mais, as entrevistadas que começaram a trabalhar na adolescência, mesmo que informalmente tinham o mesmo objetivo: serem autossuficientes, ademais, o trabalho pode ser um dos caminhos para a autossuficiência, mas não para a independência das mulheres, já que ao falarmos sobre o trabalho ser “um transformador social” apontado por Braga (2011, p.02) estamos excluindo as mulheres que optam por serem mães e donas de casa do contexto social, pois, além de restringir essas mulheres apenas ao espaço da casa, entendemos que as mesmas só tem acesso ao espaço público se ganharem dinheiro. Portanto, o trabalho é um dos caminhos para a autossuficiência, mas não o único e tampouco o que dá acesso aos espaços públicos. À vista disso, quando as participantes nos dizem que começaram a trabalhar por volta dos 13 a 15 anos, elas passam também a ocupar um lugar dentro do espaço público e participar de um determinado contexto social.

Em contraponto, temos as mulheres que tiveram a possibilidade de trabalhar depois que se formaram ou quando começaram a graduação, assim sendo percebemos que as suas lutas e o contexto social em que viviam proporcionaram que elas trabalhassem após se formarem ou enquanto estavam estudando.

[...]. Antes eu trabalhava em tempo integral, quando estava em um escritório de advocacia. Eram oito horas diárias, mas agora como estou em casa trabalhando, faço meu horário. Umas duas horas de manhã, umas quatro horas à tarde e, às vezes, eu também trabalho a noite. Eu não tenho um horário fixo, mas também no final de semana, faço alguma coisa, porque eu advogo e sempre tenho que estar estudando e trabalhando. Olha, o meu trabalho é advogar. Eu trabalho para mim mesma. Antes eu trabalhava para os outros num escritório de advocacia, mas vi que não estava dando certo e agora me sinto mais livre para fazer os meus horários e para exercer o meu papel de advogada, ajudando os meus clientes nos problemas deles (LEONORA).

[...]. Antes que me formasse, fiz estágio na Secretaria de Assistência Social aqui de Maringá e foi uma experiência bem bacana, foi logo no segundo ano da faculdade que comecei. Surgiu essa oportunidade de estagiar na Secretaria para Assistente Social. Na minha área é raríssimo aparecer oportunidade de estagiar, pois eu fazia bacharel em Ciências Sociais, diferentemente das áreas de licenciaturas que ofertam mais vagas para estagiar. A minha atividade é análise de dados, e a vaga de estágio na Secretaria era justamente coletar dados. Então foi bem legal, era estágio de um ano, mas depois, em contato com as meninas de lá, elas adoraram a ideia de ter alguém que estava fazendo Ciências Sociais. Dessa forma, elas abriram a vaga de novo para me recontratar para outro projeto e fiquei o máximo que pude, foram dois anos lá até eu começar o mestrado” (BIBIANA).

[...]. Eu estudava pela manhã na UEL (Universidade Estadual de Londrina) e no finalzinho do terceiro para o quarto ano, eu comecei a dar aulas numa escola particular e no final do quarto para o quinto ano passei no concurso para professora no Estado, então no quinto ano, fiz bacharelado. No quinto ano, estudava de manhã e às quintas e sextas dava aulas na escola e aos sábados fazia uma Pós-Graduação em Análise Ambiental Latu Senso. Eu tinha os estágios, também porque estágio é emprego, pois é remunerado, por isso eu considero como emprego. Então, eu dava aulas e fazia estágio na Prefeitura” (MARIA VALÉRIA).

Os discursos revelam que algumas das participantes, independente da classe social, foram incentivadas a estudar, sendo esses incentivos vindos das mães e em alguns casos, mais precisamente dos pais.

As mulheres que começaram a trabalhar depois que entraram na graduação deixaram a ideia clara de que o estágio, por ser remunerado, é um emprego e que isso as auxiliou em seu sustento.

Pudemos observar neste subtópico que as mulheres, em sua maioria, começaram a trabalhar antes de se ingressarem no ensino superior, o que deu a elas a responsabilidade de assumir, perceber o mundo de maneira mais amadurecida, pois tiveram experiências que as

demais não tiveram. Todavia, as entrevistadas que tiveram a possibilidade de trabalhar durante e depois de formadas, vivenciaram outras experiências, elas tiveram a oportunidade de se dedicar, de entrar no mercado de trabalho mais tarde do que as mulheres que começaram a trabalhar ainda na adolescência, por outro lado, essas mulheres que entraram no mercado de trabalho mais cedo, tiveram a possibilidade de vivenciar a independência financeira.

Apenas uma entrevistada não teve o apoio da família para estudar, o que não a impediu de buscar meios para conquistar seus objetivos pessoais e profissionais.

No próximo subtópico, abordaremos as questões associadas ao trabalho, à casa, aos diferentes lugares que elas ocupam, as suas experiências e vivências.

4.2.2. Do (s) lugar (es) da (s) mulher (es): diferentes olhares sobre o trabalho, a casa e a sociedade

Nessa categoria, analisamos os diferentes olhares das entrevistadas sobre o trabalho, a casa e a sociedade em que estão inseridas, levando em consideração o conceito de lugar a partir do ponto de vista delas sobre as experiências profissionais e, principalmente da sociedade em que vivem.

Anteriormente, discutimos o conceito de lugar a partir da Geografia e compreendemos que este está associado às perspectivas indenitárias e históricas, especialmente esta última categoria, já que o identitário e o histórico fazem a ligação entre o ser humano e o local em que a vida acontece, daí a percepção do lugar estar relacionada às vivências dos indivíduos.

Diante da percepção do (s) lugar (es) ocupado (s) pelas mulheres, dado que elas desempenham papéis variados em lugares diferentes, já que podem ser donas de casa, mães, chefes de família, entre outros, são as profissionais encarando horas de trabalho fora e dentro de casa. Além de ocupar esses lugares, a mulher também vive em constante luta por seus direitos, para que de forma factual, participe da sociedade a qual pertence, assim sendo entendemos que as mulheres buscam não apenas se enxergarem como mulheres, mas como seres humanos que buscam a sua realização pessoal e profissional, é o que nos aponta Corrêa (2018).

Dito isso, analisaremos as percepções das participantes sobre o trabalho, a casa e também sobre a sociedade na qual vivem. Como podemos observar, mesmo as que ainda moram com os pais, possuem uma opinião semelhante sobre o lugar em que ocupam dentro de casa. A maioria delas, como é possível perceber, sempre trabalhou fora e dentro de casa. Como nos aponta Lola, casada, mãe de três filhos, mineira da cidade de Poços de Caldas: “Sempre

trabalhei fora e dentro de casa. Porque eu sempre “ajudei” minha mãe em casa nos afazeres domésticos. E até hoje é assim[...]”. E, ainda na mesma perspectiva, temos os casos de: Blimunda, uma paulista que veio estudar em Curitiba, ou ainda com relação à Sílvia, uma paranaense, assistente social e ainda Alice, uma capixaba. Os fragmentos a seguir indicam-nos o que elas pensam sobre as atividades domésticas:

[...]. Acaba que na parte da organização da casa, às vezes tenho que pedir para ele ajudar mais, a questão da organização acaba que como a carga horária dele é bem maior que a minha, por isso acabo contribuindo para amenizar essas questões, pois tenho mais tempo para organizar essas coisas (SÍLVIA).

[...]. Geralmente, com as coisas da casa, eu tenho mais responsabilidade, mas, por exemplo, não gosto de lidar com roupa. Assim, quando é para colocar na máquina, faço sem problemas, mas se tiver que passar, eu não tenho muita paciência. E como ele já sabia disso antes da gente se casar, ele não exige isso de mim. Mas comida, comida eu gosto de fazer, então eu cozinho mais do que ele, apenas quando ele quer fazer uma coisa diferente ou algo de sua preferência, então ele faz. Com relação à-ouça, geralmente é assim: ele chega, às vezes, ele lava, às vezes sou eu quem lavo, é bem dividido, o banheiro.... Principalmente agora no finalzinho da gravidez, eu não estou em condições de lavar, então é ele que lava, desse modo ele ajuda bastante. (BLIMUNDA).

[...]. As tarefas do lar é uma briga constante. É uma quebra de paradigma todos os dias. E por mais que a gente converse, ainda persiste a ideia machista de achar que a maior parte das atividades domésticas está vinculada à mulher. Então, na minha casa é uma quebra de paradigma todos os dias, uma luta constante de falar: - Ah, mas é sua função! Não! Não tem a minha função ou a sua função, é nossa função porque todo mundo mora junto (ALICE).

Em contrapartida, temos entrevistadas que vivem situações diferentes, como Leonora, Capitu, Bibiana e Laurinda que ainda moram com os pais. Nessa situação, observamos uma divisão melhor das atividades domésticas. Observamos que as três auxiliam no que é possível nas tarefas domésticas.

Eu moro com os meus pais. O meu pai sempre está trabalhando fora e dificilmente ele faz algum papel que esteja ligado às atividades da casa, no máximo levar um lixo, lavar uma louça, nós não temos empregada, ficamos apenas eu e minha mãe, então aqui em casa é tudo dividido entre eu e minha mãe, geralmente eu faço a parte mais pesada da casa, limpar o chão e a minha mãe fica com a parte de fazer comida (LEONORA).

Eu voltei a morar com os meus pais no ano passado e foi uma readaptação difícil. Agora com a pandemia, estamos todos juntos na mesma casa quase o tempo todo. Aqui em casa, a estrutura familiar sempre foi voltada para cada um ter um papel dentro de casa, é muito claro isso. Quanto às tarefas diárias, nós sempre compartilhamos, então cada um tem a sua responsabilidade, em especial, todo mundo tem que fazer a manutenção da casa, mas cada um também é responsável pelo seu espaço. Eu cuido do meu quarto, meus pais do quarto deles. Nós temos que fazer a manutenção e priorizar a casa (BIBIANA).

Eu ainda moro com os meus pais, os dois já estão aposentados e mais a minha irmã. Somos em quatro. Em relação aos trabalhos domésticos, tanto eu quanto a minha irmã que é pedagoga, acabamos trabalhando em horário comercial. E agora estamos trabalhando em home office, então as tarefas diárias, durante a semana acabamos não conseguindo fazer muita coisa. Enquanto que a minha mãe, apesar de ser aposentada e de ser idosa, consegue fazer boa parte dos serviços domésticos durante a semana. No entanto, no sábado, que é nosso dia de folga, fazemos uma faxina mais densa na casa, com uma divisão justa do serviço. A louça do domingo religiosamente é minha (CAPITU).

[...]. Aqui em casa, ajudo no que for preciso, lavo louça, faço comida, tomo conta das crianças e faço faxina (LAURINDA).

Ressaltamos aqui que há nos fragmentos supracitados a priorização da figura materna, o que evidencia haver uma distribuição injusta de afazeres domésticos, sendo assim fica explícito que o ambiente doméstico ainda está atrelado à mulher, e quando se faz menção à figura masculina, esta fica sempre em segundo plano, como um apoio, uma ajuda e não uma participação efetiva.

Ainda sobre a casa, a divisão das tarefas domésticas, temos duas entrevistadas que vivem situações diferentes das demais, sendo que uma mora sozinha, logo, é ela a responsável por todas as tarefas domésticas. “Eu moro sozinha, então tudo sou eu que faço, resolvo tudo” (Luzia). Sob outro ponto de vista, temos Helga que nos diz o seguinte:

Eu divido a casa com uma amiga, nós dividimos tudo, as contas, as tarefas. Dividimos tudo, até para ser mais justo para todo mundo. Enquanto eu morava com a minha mãe que é professora e trabalha o dia inteiro, então eu ficava com as tarefas de casa porque o meu irmão era pequeno.

Por outro lado, temos uma entrevistada que diverge das demais nessa questão, conforme fragmento a seguir:

[...]. Eu acho que a minha resposta vai ser bem diferente das demais, pois não dividimos as tarefas de maneira igual porque nós não somos iguais, então isso é bem claro para mim. Deus não nos fez seres iguais, então o meu marido faz uma atividade ou outra; leva o lixo, lava louça e tudo mais. Mas não como as outras colegas; eu dou banho, você faz almoço, quem faz o almoço não lava a louça, quem lava a louça não arruma a cama. Aqui eu tenho uma diarista, tenho também uma baba para cuidar do meu filho, pois o meu trabalho é remoto e não dou conta de tudo e ainda cuidar dele. Eu tenho 40 horas e não dou conta, porém faço as atividades, mas eu faço porque também eu gosto. Então eu gosto de cozinhar, tenho prazer em fazer coisas para o meu marido, isso não é um peso, não é uma angústia, isso não é um fardo para mim. Então, o meu ponto de vista é diferente, porque eu posso e proporciono que o meu marido descanse, enquanto eu faço a comida, não me custa nada! Porque depois ele vai lavar a louça, vai levar o lixo e eu não preciso pedir isso para ele, porque ele vai fazer. Então, as nossas divisões não foram acordadas, nós temos 12 anos de casamento e nunca foi uma coisa de “eu vou fazer isso” e “você aquilo”. O lado bom é que funciona. Então, eu troco o meu filho, ele dá

banho, ele leva o lixo, leva nosso filho para a escola. Alguns casais amigos nossos as divisões das tarefas são assim: nas 2ª, 4ª e 6ª o marido leva as crianças à escola e nas 3ª e 5ª a esposa leva, tenho amigos assim. Enquanto que no nosso acordo não tem isso. Então é uma coisa mais leve, o relacionamento é muito mais tranquilo, até mesmo a divisão financeira é assim. O nosso acordo espontâneo funciona bem, parece que tem alguma coisa incorporada, sendo que eu não consigo dizer eu faço isso e ele aquilo (MARIA VALÉRIA).

O discurso de Maria Valéria chama-nos a atenção por seu ponto de vista parecer ser divergente das demais entrevistadas. Contudo, ela nos diz uma coisa, mas despercebidamente vive outra. Ao dizer que homens e mulheres são diferentes, Maria Valéria parece entender que os homens, são superiores às mulheres. E ao contrário do que pensa Adiche (2014) ao afirmar que homens e mulheres são diferentes, mas do ponto de vista biológico, assim sendo, não é possível afirmar que existe preeminência masculina. Além disso, notamos que Maria Valéria tem necessidade de contratar o serviço de outras mulheres para cuidar de seu filho e da casa enquanto trabalha.

Outro ponto relevante dentro da perspectiva de Maria Valéria está no fato de ela o marido não fazerem uma divisão de tarefas domésticas, não havendo obrigação da divisão dos afazeres da casa, existe a ideia de que o marido compreenda a necessidade de participar das atividades da casa, mas sem ser algo cobrado, imposto, facilitando a vida cotidiana da casa.

Mesmo as mulheres que moram sozinhas e dividem a casa com outra pessoa, as que moram com os pais ou são casadas deixam claro que a maior parte das tarefas domésticas é feita por elas, pelas mães e que os homens possuem pouca ou nenhuma participação nas atividades da casa. Ainda sobre a percepção das mulheres sobre o papel que elas desempenham dentro de casa, todas apresentaram a mesma compreensão, elas auxiliam no pagamento das contas, embora, os maridos tenham uma responsabilidade maior, dado que os mesmos possuem um salário maior do que os das esposas. Além disso, as mulheres que ainda moram com os pais, duas colaboram com as despesas, sendo que uma não possui obrigação de contribuir, já Capitu, contribui, todavia, por causa da construção de sua casa, foi liberada de contribuir.

[...] Faz mais ou menos um ano e meio que eu não estou “ajudando” em casa porque eu estou investindo na construção da minha casa, então meus pais fizeram essa concessão para que eu consiga concluir a construção. Mas todo tempo antes disso, quando eu não estava nessa situação de precisar do dinheiro para o investimento, eu sempre contribuí com algum valor, não o valor total das despesas porque quem mantém a casa são os meus pais. (CAPITU).

Notamos também que uma das participantes junta o seu salário com o do marido para pagar todas as contas da casa, portanto, nesse caso não há uma divisão de contas e sim uma

junção das responsabilidades: “Nós juntamos o que ele ganha com o que eu ganho, nós juntamos o todo para seguir com os pagamentos da casa” (LOLA).

Em relação às experiências do trabalho, como pudemos observar, a partir de teorias estudadas, hooks (2020, p.82) afirma que “não é o trabalho que liberta a mulher da dominação masculina”, embora existam mulheres que possuam altos cargos e salários, há mulheres abastadas que se encontram em relacionamentos com homens que são pautados na “dominação masculina”. Todavia, compreendemos que se uma mulher do ponto de vista econômico for independente, tem mais facilidade de romper o relacionamento em que predomina a dominação masculina. hooks (2020, p.83) ainda pontua que muitas mulheres mesmo com o início do movimento feminista, sabiam que essencialmente o trabalho não iria dar liberdade à mulher, “mas que esse fato não muda a realidade de que a autossuficiência econômica é necessária para a libertação das mulheres”. E ao trazermos a questão da “autossuficiência libertadora ao invés de trabalho” de que hooks (2020) trata é preciso conceber a ideia de que empregos com horários flexíveis e melhores remunerações “tendem a oferecer mais liberdade à trabalhadora”.

A partir disso, apontamos o que o trabalho representa para essas mulheres, principalmente as que começaram a trabalhar cedo e depois concluíram a faculdade e puderam a partir das experiências obtidas, ter uma visão sobre o trabalho. Temos como exemplo Sílvia, que nos aponta em sua fala o quanto o trabalho lhe trouxe independência, ao mesmo tempo cita a mãe, que sempre foi dependente do marido. Sílvia destaca:

[...], mas essa questão me dá autonomia, me ajuda e me ajudou muito. Eu falo com o meu marido, pois sou muito independente, tanto nos estudos quanto profissionalmente e isso é muito bom. Em relação à minha mãe, a gente cresceu vendo-a ser dependente do meu pai, tudo o que precisava tinha que falar com ele, pedir para ele (SÍLVIA).

Ou ainda na fala de Blimunda e de Alice, em que os pais sempre procuraram mostrar a necessidade de ter um trabalho para que se tenha independência, ambas foram explícitas em seus discursos que o trabalho é importante não para se ter liberdade e sim independência. Assim sendo, pontua Blimunda:

A minha vivência com a da minha mãe é bem parecida. A minha mãe também teve uma vida de mulher moderna, porque ela sempre trabalhou também. A minha mãe e o meu pai sempre me ensinaram a não depender do marido e esperando tudo dele. Porém, esse marido deveria ter as mesmas responsabilidades com os serviços da casa e tivesse as mesmas ambições. Eu acho que toda essa questão de ter escolha, liberdade, tanto dentro do casamento quanto na vida profissional dão um certo alívio, eu não sei se é a palavra certa, mas sinto-me poderosa. (BLIMUNDA).

Alice complementa a ideia de Blimunda ao dizer da relevância da independência.

[...]. Os meus pais sempre nos orientaram para fôssemos muito independentes. Então, o meu pai sempre falava: – Olha, quando quiser casar, vai estudar! Ah! Deu vontade de casar de novo? Dá mais uma estudada! Ele sempre dizia para a gente não confiar em homem. Ele tinha essa loucura “não confie em homem”. “Não se faz homem como antigamente”. Seja independente, porque se você for embora ou se ele te largar, você tem como se sustentar, mas não dependa de homem para viver. Ele sempre teve isso na cabeça, assim, o meu pai sempre foi muito mais feminista do que minha mãe, a gente sempre cresceu com essa ideia de ser independente, de trabalhar, de se sustentar e se não der certo, a vida segue (ALICE).

O fato de que o trabalho torna a mulher independente é equivocada, como nos apontou hooks (2020, p.83) anteriormente ao afirmar que o trabalho “não necessariamente liberta” posto que a liberdade das mulheres viria da autossuficiência, pois as mulheres tanto sustentam a casa ou colaboram com a divisão das contas, bem como conseguem manter suas despesas pessoais, como nos fala Alice: “Sou eu quem me sustento, eu que me banco, pago as minhas contas, compro minhas roupas e as da minha filha” (Alice). E ao associarmos os discursos aqui apresentados ao pensamento de hooks (2020, p. 88), ao ratificar que as mulheres estão no mercado de trabalho há muito tempo e por receber altos ou baixos salários, algumas não pensaram o quão o trabalho “é significativo quanto a utopia feminista sugeria”. Vale ressaltar que a autora concebe a ideia de que quando a mulher trabalha para ganhar dinheiro que seja apenas para consumir em prol do seu bem-estar, mas sem “melhorar a qualidade de vida em todos os níveis, o trabalho não leva à autossuficiência econômica” daí a necessidade de abordar o trabalho como uma forma de sair da pobreza, de dar à mulher a possibilidade de uma vida melhor.

Em relação às diferenças de classe, preferencialmente no que tange à raça e ao sexo, observamos que do total de entrevistadas, apenas 4 são negras, sendo que uma é doutora, uma é mestre, uma é estudante de Engenharia Florestal e uma trabalha como autônoma. As demais participantes são brancas. É sabido que as mulheres brancas, principalmente as de classe mais abastada usufruíram e ainda usufruem dos direitos conquistados pelas lutas feministas. Por meio dos trechos a seguir, notamos as diferenças ligadas à raça, como podemos observar: “Porque ser mulher e negra é ainda mais difícil, e a minha mãe sabia disso, ela teve que se desdobrar para conquistar o espaço dela” (HELGA).

Notamos nos trechos a seguir as diferenças em relação à etnia das entrevistadas, em que duas falam sobre a dificuldade de ser mulher e negra, e uma aponta dois fatos ocorridos com ela, deixando explícita a questão do racismo por conta de colegas de trabalho. Em seguida, Luzia a outra participante fala do quão difícil é ser mulher, gorda e negra, e foi a partir de suas experiências com o racismo que ela se posicionou na luta do Movimento Negro “Tereza de

Benguela” para dar voz às mulheres negras de sua cidade no interior de Minas Gerais. Diante disso, Maria Valéria expõe:

O preconceito em uma conversa ou em outra é comum. Por exemplo, eu fui a única negra do meu doutorado, da minha sala, da minha turma, como fui também a única negra na minha turma de mestrado. Como fui a um Hotel Fazenda esse fim de semana e eu era a única negra, eu estou relatando, não que isso me incomode. Eu já sofri discriminação, por isso vou te contar uma coisa: Quando eu estava em Brasília, Brasília é a “terra da fantasia”, eu morava no Plano Piloto, não morava nas cidades administrativas, eu costumo dizer que só tinha eu e o meu marido ali de classe média. Então, ali mesmo entre os professores, todo mundo era sobrinho de senador, primo de deputado, de embaixador, de chanceler, gente com muita experiência fora do Brasil. Quanto às mulheres, eu acho que a maioria dá aula ali em Brasília só para se ocupar, pelo menos as mulheres ali não era um ofício, essa foi a experiência que eu tive, não estou generalizando e esse caso não vou esquecer porque ele foi bem emblemático. Um certo dia uma colega chegou para mim e disse assim: - ‘O seu marido também é de cor?’ - Eu falei: - Não! Primeiro eu fiquei chocada com a pergunta, me deu até um nó na garganta que eu não sabia o que responder. Aí eu falei – Não, meu marido não é “de cor”, meu marido é branco como você. Então dizer “de cor” Fale negro, preto, mas “de cor”, não. Então essa coisa foi para mim a mais grave. (MARIA VALÉRIA).

Já Luzia corrobora com Maria Valéria com relação ao racismo ao dizer que:

Eu sou uma mulher militante, participo de grupos sociais, é uma pauta discutida diariamente há quase 30 anos. E o estudo, o conhecimento são a base de tudo, e as mulheres precisam ocupar o espaço sempre. Participar do Movimento Negro é gratificante, é alegria, ainda mais com o que vem acontecendo na atualidade, então, é uma luta diária, é encarar de frente a sociedade. No mundo de hoje, acham que é “mimimi”, nós temos que ir com muita garra, com muito esforço, muito estudo, conhecimento. E nós, nós temos que fazer esse trabalho, que para mim é muito gratificante pode falar da nossa mobilização, da nossa luta porque os que vieram antes de nós também lutaram, chegaram aqui escravizados. Eu sofri muito com o racismo e foi por causa do racismo que eu comecei a trabalhar com mais garra nesses movimentos aqui na cidade, porque é só quando você passa, sofre na pele, é que se tem uma bagagem bem maior para explicar, para impulsionar as outras pessoas para lutar em prol da igualdade. Então, é uma luta diária porque sofremos muito com o racismo. Tem o racismo do dia a dia, só que hoje tem as leis, por mais que elas ainda não funcionem como deveriam. Eu sou mulher negra e gorda. (LUZIA).

Diante do exposto, percebemos que existem restrições às mulheres, não apenas pelo fato de serem mulheres, mas pelo fato de serem negras, de serem gordas, de serem mães, de optarem por seguir carreiras que por mais que tenham mulheres atuando, ainda é um domínio masculino. O racismo é uma questão recorrente para muitas, dado que a divisão social da qual Ribeiro (2020, p. 12) aponta “vem da falta de reflexão sobre o tema que constitui uma das bases para a perpetuação do sistema de discriminação racial” que imposta por meio da divisão social existente, fator que necessariamente precisa ser debatido.

Ao trazermos as falas de Luzia, de Maria Valéria e Helga, deparamo-nos com a personagem presente em “Um Lugar ao Sol” Dona Docelina, a dona da pensão em que Amaro, que possuía uma paixão platônica por Clarissa vai morar. Dona Docelina e Amaro mantêm um relacionamento. Dona Docelina como era chamada nutria uma paixão por Amaro. Ela aparece algumas vezes no decorrer do romance, como contatamos na seguinte passagem: “[...], foi direto ao quarto. Encontrou no corredor Dona Docelina, a senhora que alugava os quartos. Uma mulata, gorda, de enormes seios e braços polpudos [...]” (VERISSIMO, 1963, p.242). Diferente das demais personagens femininas que fazem parte desse romance, vê-se que ela é a única a possuir características físicas, mesmo que poucas.

Há poucas personagens negras presentes nas obras de Erico Verissimo e quando há, elas ocupam um lugar não muito relevante dentro da trama. Diante disso, compreendemos por meio dos pensamentos de hooks (2020, p.94) que o racismo e o sexismo, ao se combinarem, “criam barreiras nocivas entre as mulheres”. Ao associarmos os apontamentos de hooks (2020) ao discurso das mulheres negras, percebemos que o caminho ainda é longo, embora algumas delas tenham assumido cargos relevantes dentro de universidades, empresas, elas ainda são minoria. Diante de tal afirmação, notamos que Verissimo mais reforça a inserção do sujeito, no caso as mulheres, dentro do contexto da época em que viveu do que realmente pensar à frente de seu tempo.

Neste subtópico, procuramos por meio dos discursos das mulheres entrevistadas mostrar os vários olhares que elas têm sobre o trabalho, sobre a casa e a sociedade. Consideramos que as mulheres entendem que o trabalho lhes dá independência, que é por meio dele que elas conseguem se manter e se emancipar, todavia as atividades domésticas ainda recaem sobre elas, havendo uma menor participação dos pais, irmãos e maridos. Já os olhares que nossas entrevistadas têm para a sociedade, partindo da família, ressaltando que este é o primeiro grupo social do qual fazemos parte, a maioria delas tem como inspiração, como espelho as mães, as avós, dado que essas figuras sempre mostram a elas a importância de serem independentes. No entanto, duas de nossas participantes têm no pai a figura relevante justamente por mostrar a elas a importância do estudo e do trabalho.

A seguir apresentaremos as reflexões sobre as transformações sociais, sobre as histórias vividas por elas e pelas mulheres de suas famílias.

4.2.3.1. As transformações sociais: uma reflexão a partir do ponto de vista das entrevistadas

As entrevistas são um meio de compreender não apenas a maneira como as pessoas pensam, vivem, mas também é uma forma de conhecermos um pouco daquilo que estudamos, em nosso caso, as entrevistas agregam valor à teoria e também ao romance *“Um Lugar ao Sol”* em que a personagem Clarissa, e por vezes Fernanda nos apresentam suas experiências e suas vivências do papel que desempenham na sociedade em que vivem como o lugar em que ocupam em casa e no trabalho

Optamos por entrevistar 12 mulheres que possuem características semelhantes às das personagens acima citadas. As participantes destas interlocuções mostraram-se abertas a responder nossos questionamentos, bem como complementar suas respostas abordando fatos de suas vidas ligados diretamente à história de suas mães, avós, da importância delas para a construção de suas identidades e de suas famílias, apesar de algumas delas compartilharem em partes das experiências e vivências com as suas mães, as mesmas discordam em outros pontos, como os que estão relacionados ao sexo, a submissão ao marido, a dificuldade em se relacionarem. Porém, há mulheres que mantêm um bom relacionamento com as mães, e com elas podem conversar abertamente sobre tudo.

De um modo geral, os encontros nos deram informações relevantes sobre nossas partícipes, sobre os acontecimentos que não apenas marcaram suas vidas, mas também as fizeram enxergar sob outro ponto de vista, foi possível reconhecer em cada uma a força, a determinação e a vontade de serem livres e usufruírem dessa liberdade de maneira plena. Tais impressões serão apresentadas no decorrer deste tópico, assim como as histórias as conquistas e também as decepções de cada uma delas.

No decorrer do tempo, muitas transformações ocorreram, sobretudo, as que aconteceram na segunda metade do século XX devido a Segunda Onda Feminista. Transformações que alteraram e influenciaram a vida das pessoas, das gerações, mas precipuamente a vida das mulheres. Nessa categoria debruçamo-nos sobre as transições notadas por nossas entrevistadas que as influenciaram e como elas olham para si e para os que estão a sua volta.

Abordamos as questões relacionadas à forma como as participantes desta pesquisa vivenciam as transformações, a maneira como criam seus filhos, o que mudou e o que permanece, os comportamentos diante das mais variadas situações e atrelado a tudo isso, está também o olhar que elas têm para a sociedade em que vivem.

Nos discursos analisados, todas elas expuseram um pouco da história das mulheres de suas famílias, as avós e as mães, sobretudo, a maneira como elas foram criadas e como isso as

influenciou na criação de seus filhos. Logo, entendemos que as mudanças não acontecem de uma mesma forma para todas. As transformações ocorreram principalmente no campo do trabalho e do estudo, pois, a maioria das avós e das mães não tiveram a oportunidade nem de trabalhar nem de estudar. Como a própria mãe de Clarissa, que era dona de casa, não possuía autonomia por ser dependente do marido e vivia na condição de submissão.

Para Capitu, ocorreram várias mudanças na sociedade “a primeira coisa é em relação à educação, a própria formação. Outra questão é a forma de encarar o mundo, é claro que isso muda de geração para geração, mas em relação à mulher que eu sou para a mulher que a minha mãe é, apesar dela lutar muito”, para ela as perspectivas são diferentes.

Capitu durante a entrevista relembra de quando era criança “[...] eu assistia o Fantástico e eu via aquelas jornalistas fazendo reportagens em vários lugares do mundo e eu ficava encantada! [...] pela oportunidade de conhecer lugares diferentes, pessoas, culturas. E por muito tempo o meu sonho foi ser jornalista para viajar o mundo”.

Destarte, Capitu sempre buscou a sua independência, vejamos o que ela diz:

A primeira oportunidade que tive condições financeiras e idade o suficiente para viajar, conhecer os lugares, pus a mochila nas costas e fui. Essa atitude levou um certo tempo para a minha mãe conseguir entender isso. Nessa minha perspectiva, se tem algo que eu quero, vou correr atrás e não preciso estar junto com outras pessoas ou com namorado, amiga para fazer essas coisas. É simplesmente ir e fazer, eu vou ter que lidar com as consequências por estar ali sozinha, mas é algo que penso.

Outro ponto abordado por Capitu refere-se ao pensamento de morar sozinha, porém existe uma preocupação por parte da sua mãe por achar que não deve morar só e que precisa ter alguém. Para Capitu:

Vejo que eles ainda têm essa concepção de que marido cuida, protege a sua família, a mulher não! Eu percebo que existem formas diferentes de enxergar o mundo. Eu gosto de sair à noite, ir para um barzinho com as minhas amigas, tomar um sorvete, mas a minha mãe é de uma geração que não faria esse tipo de coisa, a vida dela está mais voltada para dentro de casa, para cuidar dos filhos, do marido, do almoço, da janta, tudo bonitinho, tudo na hora certa, mesa posta para ele. Eu não tenho muito disso.

Já em relação ao sexo, Capitu destaca que houve muitas mudanças da sua geração para a geração de sua mãe, ela pontua durante a entrevista que sua mãe nunca tocou nesse assunto. Assim sendo Capitu diz:

A minha mãe nunca conversou comigo sobre sexo. Então, o que aprendi foi na escola, nas aulas de ciências no ensino fundamental e depois também lendo,

pesquisando. Sou a caçula e tenho quatro irmãs mais velhas e quando nasci as minhas irmãs já tinham 15, 16 anos e elas também me auxiliaram muito nesse processo. Elas pegavam livros para eu ler sobre, mas muito do que aprendi, aprendi sozinha, por interesse meu de ler, de pesquisar de saber como funciona, mas eu percebo que existe mesmo em mim, apesar de ser de outra geração, uma concepção muito arraigada, que é difícil para desconstruir, que o sexo é algo negativo, é algo que não é confortável para a mulher. E para desconstruir isso é um esforço, envolve terapia, estímulo e tudo mais do que tenha acesso para fazer.

Por fim, Capitu ressalta que não é culpa dos pais, tendo em vista que eles são reflexos de uma sociedade carregada de tabus. Porém, se “eu estivesse em uma família em que esse diálogo fosse mais aberto, mais claro, talvez hoje eu não tivesse essa concepção, o sexo como algo negativo, que parece obrigação para a mulher, porque por mais que hoje eu tenha uma visão ampla”, diante disso, ela complementa dizendo que: [...] essa concepção está muito mais arraigada na minha mente e para desconstruí-la não é fácil” (CAPITU).

No sentido oposto a Capitu, temos Silvia que pontua: “Olha, Úrsula, eu vim de uma família que é da Congregação Cristã, uma igreja bem conservadora em questões de hábitos e costumes, eu nasci nessa doutrina, e a mãe da minha mãe, também não me lembro na adolescência ter conversado sobre “isso” com a minha mãe”. Silvia pontua que conversava com as amigas na escola. “Mas essas conversas que pretendo ter quando eu tiver meus filhos”.

Silvia relata durante a entrevista que “a minha mãe casou-se com 15 anos, com 19 anos ela já tinha a minha irmã e aos 27 ela teve o meu irmão e até o nascimento dele não trabalhava fora, ela era totalmente dependente financeiramente do meu pai”. Quanto ao pai, Silvia comenta que sempre “foi um homem muito trabalhador, voltado para a igreja, com esse viés um pouco machista, de que homem tem que trabalhar, colocar comida dentro de casa”, já a mãe de Silvia, a partir de 2001, começou a trabalhar fora sendo que ela ficava com o meu irmão, na sequência a irmã também começou a trabalhar fora de casa.

Por fim, Silvia fala a respeito da mãe sobre orientação sexual, “mas em questão de relacionamento sobre sexo, tive pouquíssimas conversas com a minha mãe, mas ela também não teve oportunidade de estudar na infância, ela fez até a 5ª série. Eu não me lembro de nada, de nenhuma conversa com a minha mãe sobre gravidez, sobre sexo, preservativo, sobre nada” (SÍLVIA).

Já no sentido oposto a Capitu e Silvia, temos Bibiana: “vejo mudanças de mentalidade muito claras até em relação ao trabalho, a minha mãe, até por conta desse histórico, ela fala que por sorte tem a profissão, e o objetivo dela é passar num concurso para ter estabilidade”, para a mãe de Bibiana é importante “fazer carreira no trabalho, independente se você goste ou não, o

importante é ter estabilidade”. Assim, Bibiana relata durante a entrevista que foi “criada para entrar na universidade e para fazer o que faço hoje”, devendo desempenhar esse papel dentro da minha família.

Diante disso, Bibiana pontua os valores recebidos por parte dos seus pais que eram compartilhados, por exemplo:

Em casa é meio assim: cada um tem o seu papel, meu irmão tinha que ser jogador de futebol, minha irmã tinha que casar, e eu tinha que ter sucesso profissional, então fui criada para ser assim. Eles não gostavam nem de imaginar que eu me casasse, meu pai, por exemplo, tinha dificuldade em aceitar os namorados que tive, porque na ideia dele, eu fui imaginada para ser solteira porque para ter sucesso profissional qualquer relacionamento poderia atrapalhar os seus planos. Já para a minha irmã não, enquanto ela não se casasse, ela não estaria feliz na vida dela, por mais que estivesse infeliz no seu trabalho, então assim: no trabalho a gente se ajeita, o importante é você casar. Essa era a referência. A minha mãe meio que criou nós duas dividindo as suas duas personalidades: a independência profissional e o sonho de se casar e ter filhos, sonho que foi transmitido para minha irmã.

De acordo com Bibiana, a sua mãe vê dentro da família os valores transmitidos pelos pais, quanto “à compreensão sobre o que é família e o trabalho em sociedade”, porém ela pontua a sua convivência com a diversidade, com outras experiências “eu escuto muito, eu quero saber o que o outro pensa, enquanto que elas ainda vivem na mesma bolha social, no mesmo tipo de ambiente que não estimula, isso é a realidade delas, afinal é isso que elas vivem e não consegue ver outra realidade”. Assim, ela compartilha com a sua mãe as experiências de sua profissão como docente “eu não queria ser professora de jeito nenhum, mas acabei sendo e hoje eu gosto, mas os mesmos perrengues que a minha mãe passou em termos de estrutura da profissão acabamos compartilhando bastante coisas”.

Bibiana comenta que pretende estruturar sua família bem diferente da família de sua mãe, portanto: “não quero reproduzir muitas coisas na minha família, pois eles são bem conservadores” diante disso ela comentou que: “a minha mãe não falou de sexo comigo, nunca passou pela cabeça dela. O meu pai prefere nem perguntar, nem pensar, porque ele acha que eu ainda sou virgem, que eu tenho que casar dessa forma”.

Assim sendo, Bibiana pontua que:

Eles não compartilham dos meus valores e dizem: quando você se casar, quando for com você, você vai ver que não é assim! Ou se fosse o seu filho ou a sua filha, você veria que não é assim. Por exemplo, na minha família seria extremamente difícil se algum primo ou prima fosse da comunidade LGBTQI+L, não tem espaço de aceitação. Os meus pais começaram a conviver com gays porque os meus amigos são, e a fala deles é assim: Ah! Ele é tão legal! Mesmo sendo gay, ele é tão legal. Essas falas, assim, desse jeito, eles nem escutam as coisas que estão falando. Eu pontuo, por exemplo, as falas que a gente tem que são racistas no nosso dia-a-dia, as expressões que a

gente usa. Por isso, sou a que bato o pé aqui em casa: - Não, não fala isso, é preconceituoso, isso é racista, aí eles ficam bravos: - Você fica corrigindo a gente toda hora! Aí eu falo: Não! Eu estou ajudando vocês a serem pessoas melhores! Mas, não tem esse tipo de diálogo mais aberto. Com a minha irmã, eu tenho diálogo um pouco mais aberto porque compartilha um pouco mais dos valores, até porque minha família é bastante religiosa, então, isso os tornam um pouco conservadores em relação a esses temas e discussões” (BIBIANA).

Destarte, Bibiana é bem diferente dos seus pais, possui outra visão de sociedade e procura romper os laços conservadores dos pais aceitando as pessoas realmente como elas são, sem discriminação e com uma mente aberta para a diversidade respeito como elas são.

Por fim, Maria Valéria expõe que “Não houve esse diálogo sobre sexo, eu e minha mãe temos um relacionamento muito bom, embora ela seja muito tímida, por isso não falou nada sobre sexo, falava mais sobre a vida, sobre Deus, sobre conduta, sobre virtudes, sobre valores, sobre postura”.

Maria Valéria comenta que houve diferença dela em relação ao irmão: “sempre teve mais liberdade, coisas que nós não tínhamos, que ela era mais rigorosa, talvez por ele ser mais novo”.

Quanto à mãe de Maria Valéria, ela diz:

A minha mãe trabalhava fora e para mim é uma supermãe. Ela tem um ateliê de costura, já teve dois, hoje apenas um com funcionários. Enquanto que meu pai é aposentado, passivo e gosta de pescar. Minha mãe é nova, tem 63 anos, trabalha, faz academia todos os dias, é superativa, empreendedora, já teve bazar, e bar, agora tem um ateliê, aprendeu a costurar.

É importante salientar que a mãe de Maria Valéria diverge das demais mães das entrevistas por ter liderança, por ter uma visão além do tempo, por ser empreendedora e por sustentar a família por ganhar mais do que o marido, além do apoio dado aos filhos (a).

A minha mãe sempre trabalhou, sempre ganhou mais do que o meu pai, por isso sempre nos sustentou. Então quem nos impulsionou a estudar, quem nos encorajou a ir para frente foi ela, tanto é que meus irmãos todos estudam. O mais velho está terminando a faculdade agora porque não quis estudar. Por outro lado, a minha irmã está na segunda faculdade, e os três são professores de Educação Física, graças à minha mãe que nos incentivou e incentiva a todos.

Porém, conforme já apresentamos, o incentivo da mãe de Maria Valéria foi fundamental para ela, vejamos o que ela diz.

Ela nos incentiva a tudo, a não se casar cedo, a não se casar com o primeiro namorado, a ter o dinheiro próprio, a trabalhar. Essa visão minha mãe sempre teve, de não casar para ter alguém para sustentar, porque infelizmente hoje ainda existe essa visão. Então a minha mãe sempre foi assim. Sem dúvidas! O exemplo da minha mãe é a minha referência depois de Deus. Ela é a minha maior referência de empenho e dedicação” (MARIA VALÉRIA).

Nos excertos supracitados, podemos perceber as semelhanças, principalmente no discurso voltado para as mães e avós, é notória a percepção de que as mudanças aconteceram, como disseram Capitu e Sílvia, consideravelmente no campo da educação, pois a mãe de ambas, não tiveram acesso ao estudo. Por outro lado, são apresentadas as transformações na maneira de pensar, sendo que Capitu entende que as transformações ocorrem na maneira de enxergar o mundo, dado que o olhar muda de uma geração para a outra, portanto as perspectivas das filhas em relação as das mães são outras.

Sílvia diz ter havido transformações, embora poucas, principalmente na falta de diálogo sobre sexo, e da mesma forma de pensar, compartilham Maria Valéria e Bibiana já que todas não tiveram acesso a diálogos com as mães sobre sexo e namoro, mas com as amigas e com as irmãs. Outro ponto relevante, é o fato de Maria Valéria ser casada e ter um filho e como mãe ela pretende ter conversas abertas sobre sexo e outros assuntos, mas mostrando à criança que deve existir respeito e que ela está desempenhando o papel de mãe e não de colega. Um dos discursos que também é relevante dentro desta subcategoria, é a fala de Bibiana que diz compartilhar com a mãe experiências voltadas para o trabalho, mas que ela não compartilha determinadas posturas de sua família, justamente por ter tido a oportunidade de morar em outro Estado e ter experiências nesse campo diferente dos demais familiares.

Se de um lado temos duas mulheres que as mães e avós sempre estiveram dentro de casa, cuidando da família e da casa, do outro temos a mãe de Maria Valéria, que sempre trabalhou fora e sustentou a casa com o dinheiro de seu trabalho, e a de Bibiana que viu no estudo e no trabalho uma maneira de se tornar independente, todavia, dentro do lar não abdicou do papel de mãe, de dona de casa.

Por outro lado, temos entrevistadas que as mães e as avós tiveram e têm uma percepção diferente, um olhar diferente sobre a maneira como conduziram e conduzem suas vidas. Vejamos o que diz Luzia.

Com certeza tiveram várias mudanças. A minha família é em sua maioria mulheres, mulheres muito guerreiras e além do tempo delas. As minhas avós pensam muito além, e para nós, as netas, no meu caso, eu já vim de uma linha de empoderamento formado através do que elas passaram e ao tentar nos proteger, elas já foram nos ensinando o que é a vida e já nos prepararam. [...]. Já a minha mãe ficou um tempo em casa, enquanto nós éramos pequenos, depois começou a trabalhar fora também em fábricas de costura e depois quando nós morávamos em Vitória ela ficou mais em casa, costurando em casa, ela tinha um ateliê em casa.

Luzia, durante a entrevista, destaca que a sua mãe era tímida para falar sobre sexo: “[...] mas explicava do jeito dela. Porém, quando o meu pai faleceu ela passou a ser pai e mãe, então ela teve que explicar para os meus irmãos, mas ela explicava bem essas questões. Ela era bem

aberta ao diálogo”. Luzia relembra do falecimento do pai depois da mãe, dos irmãos que casaram, diante disso ela diz “[...] você se sente na luta do dia-a-dia sozinha. E nós tivemos que amadurecer muito cedo. Nossos pais ensinaram-nos a fazer tudo, cozinhar, trabalhar, se tivesse algum curso para fazer, eles nos incentivavam, eles diziam que não seriam eternos”. Assim sendo, Luzia pontua “Eu criei uma responsabilidade muito rápido, porque perdi meus pais muito cedo. A vida sempre foi de luta e é de luta até hoje” (LUZIA).

Assim, Helga complementa as ideias apresentada por Luzia ao dizer que:

É tudo muito diferente se for comparar as gerações. A minha avó sempre costurou, por mais que houvesse todo um preconceito, ela sempre procurou ganhar o dinheiro dela, o meu avô trabalhava na roça. E a minha mãe estudou porque tinha que conquistar o espaço dela. E antigamente o dinheiro que a minha vó ganhava era para ajudar em casa, já a minha mãe, o dinheiro era para ela.

Quanto à Liberdade, Helga pontua que é bem diferente de sua mãe e da sua avó “[...] A minha mãe me ensinou a não ser tão dependente dela, a conquistar o meu espaço. De que forma essas mudanças afetam a minha vida? Mudaram totalmente. Desde que ela engravidou de mim, ela pensava que não seria fácil, porque ser mulher negra seria difícil”. Para Helga, sua mãe teve muitas dificuldades para conquistar o seu espaço, porém ela “[...] sempre me incentivou a estudar, a conquistar o meu espaço, a fazer sempre o melhor que eu pudesse para ser reconhecida por quem eu sou e fazer bem o que eu faço, independente do que seja” (HELGA).

Já Leonora em sua entrevista deixa evidente a relevância de ser independente, tanto nos aspectos pessoais quanto no profissional. Vejamos o que diz Leonora:

Eu tenho uma avó do lado da minha mãe, ela sempre trabalhou em casa, é dona de casa, nunca exerceu nada além da casa. O meu avô era comerciante, era ele quem mantinha a casa. E já do lado do meu pai, a minha outra avó sempre foi muito independente, minha avó sempre trabalhou na área da educação, sempre trabalhando, dando aula, sempre exercendo o papel de presidente da APAE. Ela sempre foi muito independente. E o meu avô também trabalhava e os dois mantinham a casa. A minha mãe foi morar fora para estudar, quando ela era nova, só que ela casou cedo, acho que com 23 anos. O meu pai era gerente de banco, então, eles foram morar muito longe do Paraná, a gente morou lá no Norte, eu nasci no Norte. E, assim, a minha mãe era administradora hospitalar, então conseguiu trabalhar até ter a primeira filha, a partir daí começaram os impedimentos de ter que trabalhar e exercer o papel de dona de casa e de ser mãe. Assim, ficou com medo de deixar a minha irmã mais velha com a babá e por causa disso, ela resolveu abandonar o emprego e cuidar das filhas. Desse modo, entre seguir a carreira ou cuidar das filhas optou por ser dona de casa, assumindo definitivamente esse papel. (LEONORA).

Ao contrário da mãe de Leonora, a mãe de Clarissa não teve opção, não foi escolha ser mãe, casar, a sociedade da época exigia da mulher esse comportamento, conforme pontua

Corrêa (2019) que a mulher não possuía autonomia, não era ela que escolhia com quem queria se casar, era o pai e diante disso, fica clara a mudança ocorrida entre a vida da mãe da entrevistada e a mãe de Clarissa, a mãe de Leonora fez a opção que na ficção a mãe de Clarissa não pode fazer.

A entrevista de Alice difere das demais, tendo em vista que os esclarecimentos da mãe sobre sexo e também por abordar uma discussão emergente e necessária que é a questão do assédio da mulher no trabalho. Para Alice, “nós tivemos uma evolução muito grande de lá para cá. Eu sempre tive liberdade para conversar com a minha mãe. Com o meu pai tudo, menos sobre sexo, eu acho que para ele já era muita conformação a gente falar sobre sexo com ele”.

Segundo Alice, o diálogo com a mãe era tranquilo, por exemplo: “Olha, desde pequenininha, a minha mãe falava: você vai menstruar, você vai sangrar, são tantos dias, vai ter cólica, não vai! E essa parte da virgindade, isso nunca foi um tabu com a minha mãe. Olha, quando acontecer me contem. E eu falei!”. Alice destaca que sempre teve liberdade para falar tudo com seu pai, exceto sobre sexo, que era a sua mãe que orientava.

Alice relembra na entrevista que o pai não queria que ela saísse de casa com quinze anos para trabalhar, pois não tinha essa necessidade, diante disso ela diz:

Eu entendo hoje que o receio que ele tinha sobre minha imaturidade, porque eu só tinha quinze anos. Mas se eu não tivesse saído de casa, não teria passado pelas coisas que eu passei, eu não teria sofrido os assédios que sofri e nem teria chegado em casa chorando porque um patrão, um chefe me chamou na sala dele para perguntar se eu estava grávida porque ele percebeu que os meus quadris tinham aumentado. Certamente eu não teria passado por esses assédios. Diante disso, como poderia ter a maturidade que tenho hoje se não fossem esses problemas que vivi. Hoje compreendo-os e imagino como fui capaz de trabalhar e, ao mesmo tempo, ter a sutileza de ser educada o bastante para não agredir o patrão. Essa atitude fez-me minimizar aqueles assédios e sobreviver no trabalho, mesmo em uma situação vulnerável. Meu pai previa tudo isso (ALICE).

Alice traz à tona uma problemática vivenciada por muitas mulheres brasileiras, principalmente as mais jovens que são vítimas de assédio no trabalho pelo patrão ou pelo chefe, muitas vezes submetendo a situações vexatórias por meio de “cantadas” ridículas e insinuações sexuais, ou simplesmente pelos olhares.

De acordo com Alice, toda essa situação vivenciada por ela foi importante, contribuindo, assim, para o seu fortalecimento enquanto mulher, vejamos o que ela diz:

Entender que esse tipo de assédio acontece e iria acontecer. E para eu aprender a me defender, o meu pai sabia disso e não poderia estar presente o tempo todo ali para me defender. É claro que eu gostaria que isso fosse possível, e ele também, mas eu tive que aprender a me virar sozinha. Para esses e outros episódios que poderão acontecer, que nós mulheres precisamos estar unidas para a nossa própria defesa. Foi por essa experiência que precisei estabelecer

limites e compreender que hoje eu tenho mais condições de orientar outras mulheres e até a minha filha que está crescendo e já está entendendo que cada um pode tomar suas próprias decisões. São essas decisões que podem nos defender de todas as atitudes machistas, fazendo-nos fortes para garantir um “lugar ao sol”. Vale salientar que ninguém tem nada a ver com as nossas vidas, pois se estivermos preparadas e fortalecidas, lutaremos para garantir as decisões que forem precisas para as nossas vidas. (ALICE).

Por fim, Laurinda enfatiza a presença da sua mãe na sua formação pessoal enquanto mulher, no que tange a discussão referente a sexo. Vejamos trecho da entrevista de Laurinda

Eu acho que mudou muita coisa porque eu me sinto mais livre para conversar sobre tudo com a minha mãe. Tem determinados assuntos que eu converso com a minha mãe e que jamais conversou com a minha avó. Sabe, era um tabu gigantesco na época dela, principalmente falar sobre sexo. Hoje eu converso abertamente com a minha mãe, pois ela me ouve, tira dúvidas, mas ela não tinha isso com a minha avó. Essas transformações não alteram a convivência. E a minha avó, coitada, ela não consegue (não sei se é a palavra certa) se adequar a esse novo mundo, a esse jeito de vermos o cotidiano da vida. Já com a minha mãe é diferente porque está aberta ao diálogo. Já como profissional nem tanto, fala o necessário apenas. Eu acho que nem tanto, mas com as pessoas na profissão, ela é mais aberta. Eu tenho meus amigos e eles me falam. Caso não pudesse conversar certos assuntos com a minha e se eu não tivesse a oportunidade de entender o que está acontecendo, eu teria medo, eu acho que não me sentiria preparada para viver o mundo atual. (LAURINDA).

Da mesma maneira que compreendemos que para algumas pessoas, as transformações, principalmente as referentes às conversas mais íntimas, são difíceis de aceitar, pois os ensinamentos estão atrelados às maneiras como as gerações se comportam e se modificam. Por isso, é compreensível que algumas mães tiveram seus comportamentos modificados, entendendo que precisavam explicar às suas filhas e filhos assuntos ligados ao sexo, a sexualidade, e tudo isso influenciou e influencia essas mulheres a terem um olhar diferente para si e para a sociedade em que vivem. Como é o caso de Leonora que teve uma avó que sempre trabalhou fora, a mãe que saiu de casa para estudar em outra cidade; já a mãe de Laurinda que trabalha fora e dá todo o suporte para que a filha compreenda a si e a sociedade na qual ela está inserida. Além delas, também temos a mãe e as avós de Luzia que sempre trabalharam e sempre se mostram acessíveis para conversar. Ou ainda no caso de Alice, que tem na mãe uma aliada, e também tem no pai a mesma confiança. E mesmo passando por assédios em empregos que ela teve, buscou tirar deles força para se ajudar e também para ajudar outras mulheres que passaram e passam pelos mesmos problemas. E ainda procura passar esses valores para sua filha. Por outro lado, Helga, estudante de Engenharia Florestal, comunga das mesmas situações das demais mulheres, uma vez que sempre viu a mãe e a avó trabalharem e é a partir delas que Helga se espelha.

No próximo subtópico, abordaremos as escolhas profissionais, os desafios da inserção no mundo do trabalho e os múltiplos olhares que essas mulheres possuem sobre a vida profissional delas.

4.2.4. Os múltiplos olhares experiências e vivências: das escolhas profissionais aos desafios da profissão

Clarissa risca com o giz o quadro negro a paisagem que os alunos devem KM copiar. Uma casinha de porta e janela, em cima de uma coxilha [...]. Clarissa recua um pouco para olhar. O zumzum das conversas abafadas aumenta e diminui, como a música dum órgão [...]. – Quietos! – exclama a professora, voltando a cabeça para os alunos [...] (VERISSIMO, 1994b, p.9).

Sobre as experiências e vivências a partir das escolhas da profissão até os desafios que enfrentados pelas mulheres, podemos observar as de Clarissa sobre ser professora e como tal desempenha seu papel em sala de aula. Os múltiplos olhares que se tem sobre as profissões, a escolha da mesma e a inserção das mulheres no mercado de trabalho no levam a refletir sobre relevância que o trabalho possui na vida das mulheres da ficção bem como na vida de nossas entrevistadas.

E as experiências e vivências das participantes no que diz respeito ao trabalho, a profissão no fazem perceber o quanto ele é importante para que uma sociedade, embora ele seja uma das formas de emancipação das mulheres, dando a elas novas possibilidades de ocupar lugares em espaços que até então eram ocupados apenas por homens, contudo, ao incluirmos as mulheres nesse novo contexto social nos deparamos com a parcela de mulheres negras, que sempre trabalharam muito mas ainda não possuem total acesso ao espaço público, diante disso, torna-se evidente que o trabalho dá a todas as mulheres as mesmas oportunidades. Seja por meio de Clarissa, que sai de Jacarecanga para estudar em Porto Alegre, pois vem de uma família tradicional da cidade e que tem oportunidades diferentes de sua amiga de infância, a Conca, moça negra que mora em um bairro extremamente pobre da cidade e dois filhos, sejam outras mulheres negras que a todo momento são expostas a todos os tipos de preconceitos e também a falta de oportunidades.

E ao tratarmos dessas múltiplas experiências, vivências das participantes, reafirmamos que o trabalho está associado ao conhecimento, a educação, e é essa junção que dá à personagem Clarissa de “*Um Lugar ao Sol*” não apenas a possibilidade de ocupar outro lugar de dentro da sociedade na qual vive como também de ser autossuficiente, a maioria das participantes percorrem caminho semelhante ao de Clarissa, pois passam tanto a desempenhar papéis como também ocupam lugares nos espaços públicos que antes eram destinados apenas aos homens.

Apesar de haver algumas semelhanças entre as mulheres, nesta categoria houve uma variação, pois algumas escolheram a profissão que naquele momento era a mais viável, outras gostariam de ter seguido uma carreira diferente, mas tinham a docência como uma segunda opção, outra acabou se tornando docente por descobrir que a sua escolha profissional não era o que ela esperava. Houve escolhas também por afinidade, por já existir na família pessoas que exerciam a profissão. Todas compreendem que ter uma profissão, um trabalho é necessário para que se tenha autonomia e independência.

E nesse sentido destaca Alice: “não, eu não sofri influência de ninguém, muito pelo contrário, eu vim de uma família humilde, foi bem difícil ingressar numa faculdade, numa academia, num centro acadêmico. E foi uma coisa muito doida, porque eu sou filha de costureira e de caminhoneiro”.

É importante destacar que existem muitas mulheres semelhantes à Alice, filhas de famílias humildes que não possuem recursos financeiros para ajudar nos estudos dos filhos (as), para muitos pais o ensino superior é um sonho quase impossível. Era dessa forma que o pai de Alice encarava a realidade, vejamos o que Alice diz: “e o meu pai não acreditava, não que ele duvidasse de mim, mas ele sempre achou muito difícil “-Minha filha, faculdade é coisa para rico. Só faz faculdade quem tem dinheiro”. E aí eu fui trabalhar fora, “mas é o que eu quero”, eles sempre me apoiaram”.

Apesar de todas as dificuldades encontradas, Alice não desistiu de seus objetivos, fez vestibular e ingressou no curso de História, “quando eu me formei na faculdade de História, meu pai ficou extremamente emocionado, ele falava: - Eu não acredito! Eu não acredito que a filha de um caminhoneiro se formou em uma faculdade. Era uma coisa muito longe da nossa realidade”.

Outro ponto a se destacar é a presença dos pais na formação de Alice, independente de não ter recursos financeiros para custear os estudos da filha eles sempre foram pais presentes, veja o que diz Alice:

Em contrapartida, eles sempre me apoiaram muito nas minhas escolhas e sempre lutaram para que eu pudesse estudar, mas o máximo que os meus pais imaginavam é que eu pudesse concluir, já que eles cursaram até o quinto ano, o que seria a quinta série, o mais longe que eu chegaria seria o quinto ano. E na cabeça do meu pai, eu cursar duas faculdades, uma já seria impossível, mas duas!? Nunca! E ao mesmo tempo em que eu “metia a cara” ele falava: - Então, então vai! Então vamos embora! E eles me apoiaram em absolutamente em tudo, tudo o que eles puderam, apoio moral, porque apoio financeiro eles não tinham como me dar. Apoio moral eu tive muito.

Esse apoio moral foi fundamental, Alice durante a entrevista relembra da presença da mãe nas noites de estudo com admiração, da dedicação do carinho, diante disso ela destaca:

Eram duas, três da manhã estudando, sei lá, escrevendo artigo, a minha mãe estava lá com uma caneca de chocolate quente no inverno para me ajudar a estudar, matar a fome e dizer “estou aqui, estou te fazendo companhia”. E são coisas muito singelas, mas que no “frigor dos ovos” faz toda a diferença. E isso foi para mim muito importante para que eu pudesse persistir. Trabalhar fora o dia inteiro no comércio e sair dali e ir direto para a faculdade não é mole! E sair da faculdade, chegar em casa morrendo de fome porque não tinha dinheiro para fazer lanche na faculdade, pois era caro. Ao chegar em casa às onze da noite, e a minha mãe estava acordada com um prato de comida na mão me esperando e dizia: “eu sei que você está com fome”. Eu ficava acordada e, às vezes, virava à noite estudando e ela ali comigo, para mim essa era a forma de dizer: - olha, estou contigo! Então para mim foi de extrema importância, foi a minha mola no fundo do poço para dar impulso né. O apoio deles foi essencial para mim (ALICE).

Assim, entendemos que Alice lutou por um ideal, superando todas as dificuldades que apareceram ao longo da sua trajetória até conseguir concluir a graduação em História. Algo que era impossível para o pai de Alice, tornou-se realidade, o apoio moral superou o apoio financeiro.

Já Leonora tinha uma situação bem diferente de Alice, ela relembra durante a entrevista do tempo do vestibular que gostava de Português e História e não gostava de cálculo. Diante disso, ela decidiu “fazer vestibular para Direito e Medicina Veterinária porque eu gostava também muito de animais. E eu passei nos dois. Passei numa faculdade particular de Campo Mourão e numa faculdade particular de Maringá”.

É relevante pontuar que a situação de Leonora é o oposto da de Alice, pois seus pais tinham condições de pagar um curso superior para a filha, assim Leonora relembra da fala da mãe “o que é que você quer? Qual curso você quer fazer? Já o posicionamento do meu pai foi: - Você tem que fazer faculdade aqui em Campo Mourão! Porque as duas são pagas e aqui vai ser só a faculdade, seria menos gasto”, assim ela cursou Direito: “essa foi a minha escolha, na família tem advogados também, já eram pessoas de quem eu gostava eu já tinha um pouco de interesse na profissão”.

Maria Valéria em sua entrevista deixa claro a escolha profissional, a “paixão” por ser professora, é uma mulher determinada no que diz, vejamos:

A gente é sempre influenciada, a gente sempre tem uma referência, alguém sempre nos ensina. O fato de você se empenhar, correr atrás, não significa que você é autodidata, sempre tem alguém que vai te ensinar, não é verdade? - Ah! Eu aprendi sozinha ou você assistiu a um tutorial ou alguém te ensinou? Primeiro eu tive um professor de Geografia que era maravilhoso, as aulas dele no ensino médio eram maravilhosas!! Então esse foi o “pontapé” inicial.

Assim, Maria Valéria inicia a sua trajetória escolhendo no vestibular o curso de Direito “eu queria ser juíza, olha só! [...] então eu fiz para Direito, não passei”. Diante disso, continuou fazendo vestibular e acabou cursando Geografia, vejamos o que Maria Valéria diz:

[...] eu amei a Geografia! Eu acho que ela é o caminho, ela possibilita a explicação da nossa realidade social [...]. Acho que ela é muito mal interpretada, mal trabalhada no ensino médio, na educação básica. Ela é uma ciência fantástica, maravilhosa, mas tive alguém que, de certa forma, me influenciou e também era uma primeira opção. Eu sempre quis ser professora e a Geografia me completa.

Para Maria Valéria se não tivesse cursado Geografia teria feito outro curso, o importante para ela era ser professora. Diante disso, enfatiza:

É porque realmente eu gosto, eu não sou uma professora frustrada, claro que eu “engrosso o coro” dos colegas que falam que a gente ganha mal, realmente, a gente não é respeitado, é desvalorizado, tudo isso, eu não discordo, mas eu não sou uma pessoa que se pudesse voltar atrás eu escolheria outra coisa, não! Eu escolheria a docência, o magistério novamente” (MARIA VALÉRIA).

Assim, percebemos a determinação de Maria Valéria quanto à escolha profissional e a valorização da Geografia enquanto ciência “ela é uma ciência fantástica”.

Já Lola durante a entrevista menciona a sua formação em Pedagogia, porém relembra alguns momentos da sua vida, por exemplo “[...] eu sempre tive vontade de ser professora. Eu lembro que na época, quando eu era criança, isso sempre, tinha, comigo. Mas, com o passar dos anos, mudei esse pensamento, na realidade, a vontade era de me formar em psicologia, porém não consegui isso”. Assim sendo, Lola realizou o curso de Pedagogia, porém destaca que sente muito “[...] por não atuar na área que eu gostaria. É que a parte da Educação Infantil demanda demais da gente [...]. Eu tive um problema na coluna”. Por fim, Lola pontua “eu já dei aulas para o magistério durante seis meses, depois fui para a parte da biblioteca, fiquei lá um ano e quando surge algumas aulas, eu pego. Isso me satisfaz tranquilamente”.

Quanto à escolha profissional, Bibiana evidencia a cobrança da família ao destacar que o papel a ser desempenhado deve ser de “sucesso profissional, mas não qualquer sucesso profissional, eu deveria ter uma posição, um papel de destaque, porque aquela ideia de que você é muito inteligente. Você tem que ter uma profissão que mostre o quão inteligente você é [...]”. Neste sentido, Bibiana passa a fazer pesquisas em guias de estudantes e começa a investigar o que os diplomatas faziam, diante disso ela criou, como notamos no seguinte trecho:

Toda uma fantasia na minha cabeça [...] primeiro é uma profissão extremamente diferente, nunca ninguém tinha ouvido falar, eu lembro que depois eu tinha ouvido na tevê [...] um diplomata [...] li também que era uma profissão que demandava muita coisa, o que correspondia a expectativa familiar de que não poderia ser qualquer profissão (BIBIANA).

Assim, Bibiana pontua que “é uma profissão que é mais do que uma demonstração de sucesso, que era algo assim mais fácil de demonstrar, era algo super diferente, era uma profissão quase inacessível, eu não conhecia ninguém ali na minha realidade. E eu já tinha certeza daquilo que eu queria”. E neste sentido, Bibiana destaca que é: “[...] uma oportunidade de sair da realidade que eu estava e a diplomacia é exatamente isso, você viaja, a ideia é que você viva viajando, mas não é assim que acontece na realidade, é um trabalho extremamente burocrático”.

Destarte, Bibiana, por morar em Brasília, teve contato com vários diplomatas, inclusive um ex-namorado e a partir desses contatos vieram a “certeza que não era isso que eu queria”. Assim, ela pontua que sua realidade não “dava aquilo que eu desejava enquanto construção de ser humano, que era sair dali ter outras coisas, conhecer outras coisas, não ficar naquele lugar e talvez reproduzir a minha mãe, a minha irmã, hoje eu vejo dessa forma”.

Na entrevista, Bibiana destaca que acabou atendendo o interesse da família e acabou-se casando, pois era o “que a minha família esperava”. Porém, por meio do Guia do Estudante continuou a pesquisar e constatou que os cursos que mais se aproximava do interesse “estava relacionado a Relações Públicas era Direito, Ciências Sociais, e eu olhei e vi que aqui tinha Ciências Sociais, meus pais queriam que eu fizesse Direito, mas eu li sobre Ciências Sociais e vi que se encaixava melhor [...] tinha ciência política, sociologia, antropologia”. A partir dessa percepção relacionada à escolha do curso superior Bibiana também verificou a possibilidade de cursar Direito e também verificou o que o curso estudava. Assim, optou-se por “Ciências Sociais” tendo em vista o interesse por “ciência política [...] essa foi a minha escolha e o Direito era para complementar e como eu tive um choque de realidade muito grande fazendo Ciências Sociais, então percebi que não conseguiria ser diplomata”.

É importante destacar que Bibiana acabou cursando Direito: “os meus pais queriam que eu fizesse direito, especialmente meu pai”, porém para ela foi uma decepção total do primeiro ao último ano, eu não via a hora de acabar só que eu vejo que eu não podia desistir. Hoje, eu vejo o quanto eu joguei dinheiro fora, mas conhecimento é conhecimento. Eu aprendi muita coisa, mas eu vejo por esse lado também”.

Já a situação de Silvia é bem diferente da de Bibiana, porém ambas sempre foram muito estudiosas. Silvia relata que sempre estudou em escola pública e tirava boas notas, ao terminar o ensino médio e prestou “o primeiro vestibular para Ciências Biológicas numa faculdade particular de Campo Mourão”. Silvia destaca que sua irmã também resolveu fazer vestibular no mesmo período e passou em matemática na Fecilcam. Nesse sentido, Silvia enfatiza “meu pai com pouca condição financeira, o que ele fez? – Olha filha, eu não vou poder pagar a

mensalidade de Ciências Biológicas para você porque a sua irmã passou e embora seja uma faculdade pública vou ter que ajudar com o ônibus, com as despesas”, portanto: “[...] você vai ter que esperar um pouquinho mais”.

Assim sendo, Silvia viu os seus sonhos serem interrompidos, para ela o:

[...] mundo caiu, porque eu já queria sair do ensino médio e ir para a faculdade. E aí falei: - Nossa! E agora? E aí foi quando comecei a trabalhar na Assistência Social em Nova Cantú, conheci a assistente social e ela falou como era o curso e a profissão. Realizei várias leituras e iniciei o curso de Assistência Social a distância, ganhava um salário mínimo, mas enfim, dava para pagar a mensalidade, não tinha outras despesas, pois morava na casa dos meus pais. A Geografia veio depois de dois anos porque eu tinha aquela sensação de: “não, eu quero ir para a faculdade, universidade, eu quero sentir a emoção de ver os professores, o contato com o mundo acadêmico de fazer colegas na faculdade”. E dos cursos que a Fecilcam ofertava, a Geografia era o que eu gostava mais. Aí eu prestei, fiquei na segunda chamada. Eu entrei, foi maravilhoso, aproveitei demais.

Porém, apesar do esforço de Silvia em cursar Serviço Social e Geografia ela pontua que “o desejo mesmo, se eu pudesse ter escolhido e se meu pai tivesse condição era Ciências Biológicas, eu gostava muito, mas era uma forma de amenizar o curso que eu realmente queria que era o curso de Farmácia” e assim ela finaliza dizendo “e aí a gente foi fazendo o que dava”. A situação de Silvia é o retrato de muitas mulheres brasileiras que têm os seus sonhos interrompidos por não ter condições financeiras de custear um curso superior de acordo com o seu interesse.

Já Ana Terra foi influenciada pela ideia do pai, pois ela relembra a fala do pai durante a entrevista “[...] então eu preciso dar a elas uma profissão que não dependa nem do marido nem da lavoura [...]. Naquela época não tinha o querer ou o não querer, se o pai falasse, a mãe falasse a gente nem olhava atravessado né? Nós não sabíamos dizer não, o não, não existia para o pai e para a mãe”.

Da mesma maneira que Ana Terra fala sobre o querer ou não, temos a personagem Clarissa, que também morava em um sítio e foi mandada para a cidade de Porto Alegre para estudar e se tornar professora, não era opção da menina ir para Porto Alegre, era desejo dos pais que ela fosse. E como muitas meninas de sua época, Clarissa não possuía liberdade, como podemos notar no seguinte trecho: “Uma menina do sítio que veio estudar na capital” (VERISSIMO, 2005c, p.36).

Ana Terra relembra que morava no sítio e estudou “na Escola Rural, depois, da quinta a oitava série e ensino médio eu fui para Mandaguaçu, não era muito perto, mas tinha ônibus, pegava a gente e levava. E aí eu fiz magistério, foi meu pai quem colocou a gente no magistério, vocês vão ser professoras, vão dar aulas”.

Para Ana Terra, a sua mãe tinha objetivos diferente do pai, pois “minha mãe queria que nós aprendêssemos crochê, a costurar, a limpar a casa. Então eu e minhas irmãs ficamos fazendo as duas coisas, estudando e aprendendo a ser donas de casa. Porque se você estuda, como se dizia antigamente: “você pega umas aulinhas e ajuda o marido em casa”. Porém, “você consegue ajudar seu marido em casa, só que você tem que saber cozinhar, limpar a casa, a costurar”.

Assim sendo, Ana Terra terminou o magistério e foi de Mandaguapé para Maringá onde iniciou o curso de graduação: “fiz o curso que dava para fazer, não dava para eu tentar um curso muito concorrido, fui lá peguei o curso que eu conseguia passar, por isso eu fiz. Física. Deu certo porque você começa a estudar e começa a gostar do que você faz”. Para ela, a dificuldade financeira impediu de continuar fazendo cursinho pré-vestibular, e assim fez um vestibular para um curso pouco concorrido.

Ao final da entrevista, Ana Terra conta que fez o curso de Direito, “mas só por fazer, eu não quis atuar em mais nada. Sou feliz como professora, gosto de dar aulas, gosto muito de orientar, de trabalhar com pesquisa, mesmo sendo aquela pesquisa que a gente não está no laboratório, mas a gente entra em contato com professores e instituições” e desenvolve “[...] temos muita dificuldade em desenvolver pesquisa em nosso país”.

Nos discursos apresentados acima, notamos que as mulheres possuem alguma semelhança na decisão de escolhas profissionais, como pudemos notar, algumas mulheres sofreram influências diretas de alguns professores que tiveram no decorrer da vida escolar, outras optaram pelo curso que mais tinham afinidade, uma tornou-se professora porque o pai foi influenciado pela irmã que era professora e assim, as filhas se tornaram docentes e depois disso, uma delas seguiu a carreira acadêmica, não era o que ela queria, mas foi a possibilidade que teve para estudar. Destacamos o discurso de algumas de nossas entrevistadas no que diz respeito ao apoio familiar, seja ele financeiro ou moral, o apoio foi recebido tanto por Alice, por Ana Terra e Sílvia. Da mesma forma que houve apoio por parte da família, seja financeiro ou moral e também os dois, uma das participantes saiu de casa para poder ter sua independência financeira, para estudar, mas não contou com o apoio dos pais em momento algum.

Do mesmo modo, Clarissa enfrenta os desafios de se ver à frente de uma classe de alunos de ter pouca experiência, de ter que se posicionar como profissional. Fato observado no seguinte trecho: “D. Ermelinda, a diretora do Elementar, continua implicante. Hoje ela me disse com a sua voz seca” Clarissa, precisas fazer umas preleções cívicas para os seus alunos [...]” (VERISSIMO, 1994b, p.115). Associados aos desafios da profissão como é exposto na fala de Clarissa estão os desafios apresentados por Maria Valéria, Alice e Bibiana, elas falam sobre os

desafios enfrentados, principalmente as que trabalham em instituições privadas, dado que nessas instituições há uma cobrança não apenas sobre o conteúdo que é dado, mas também na forma em que ele é trabalhado em sala de aula.

Para Bibiana existe muita diferença entre a instituição privada e a instituição pública: “[...] ano passado comecei a trabalhar em uma universidade privada e depois, em agosto eu passei num concurso para temporário para uma universidade pública. Estou levando as duas juntas agora [...]”. Porém, em ambas as universidades “existe uma coordenação e um departamento, mas existe uma diferença enorme entre a instituição privada e a pública”.

De acordo com Bibiana,

Na empresa privada em que trabalho existe uma subordinação enorme, você tem que prestar conta de tudo o que é feito, e a demanda é extremamente alta para os professores. É, você não tem liberdade de atuação, de ser professor ali. Eles têm um padrão que deve ser seguido. Eu dou aulas no EaD e no presencial, porém tenho que enviar todos os planos de aula, as aulas são gravadas, passam por curadoria, os slides também passam por curadoria, existem regras implícitas, como por exemplo: existem termos que não podemos usar em aulas, mas eu sou afrontosa, eu uso mesmo.

Durante a entrevista de Bibiana, algo chamou atenção, dando uma conotação de censura de alguns conteúdos a serem ministrado pela professora. Vejamos o que ela diz:

Termos como gênero, por exemplo, eles pedem ao máximo para não usar, porque os alunos reclamam, dependendo do curso que você está dando aula, de alguma colocação sua [...] se você for falar de minorias, negros, mulheres indígenas, LGBTQ+L, nossa! Se você falar de LGBTQ+L, aí o que acontece [...] o nosso coordenador é subordinado ao que eles chamam de RED, e aí chega esse RED e cobra o coordenador.

Porém, Bibiana destaca a sua situação no trabalho ao ministrar disciplinas nos cursos ligados à Sociologia, por exemplo, as Ciências Sociais, neste caso, é muito difícil dadas as especificidades dos conteúdos trabalhados em sala, diante disso:

[...] o coordenador tem que fazer uma justificativa para falar da liberdade que os professores ligados aos cursos de Ciências Sociais, que são termos que fazem parte do conteúdo, então às vezes os slides voltam ou então eles corrigem, assim tiram algumas coisas, e como tudo fica gravado, você se sente muito restrita mesmo, sabe? Parece uma vigilância, às vezes passo uma atividade e meu coordenador vai lá e muda totalmente a atividade sem ao menos me consultar, foi o que aconteceu no semestre passado, eu fiz uma atividade para os alunos e simplesmente ele mudou.

Assim sendo, Bibiana também expõe a suas experiências e vivências em uma instituição pública e destaca as disparidades existentes entre a pública e a privada, vejamos o que ela diz.

Na universidade pública é uma paz trabalhar em relação à censura que sofro na empresa privada, é muito desconfortável. É de maneira muito implícita, mas é de maneira muito forte aquela ideia de que se você não se adequa porque

tem quarenta querendo seu lugar. E eu não lido muito bem com isso. É complicado porque às vezes eu sinto que estou ali e não estou fazendo meu trabalho, que é instigar, refletir, fazer meus alunos a pensar sobre determinados temas, mas mesmo assim, eu procuro falar o que eu acredito, eu me posiciono. Agora, algo que não pode ser falado lá é sobre política partidária. Eu sinto que não estou fazendo meu trabalho, às vezes eu não sinto essa liberdade de atuação, eu tento fazer o máximo que eu posso, pegando disciplinas que eu posso falar sobre isso, faço questão de falar, trazer exemplos, de usar esses termos (BIBIANA).

Já Alice durante a entrevista também expõe a sua opinião sobre o trabalho em instituição pública e privada: “eu dei aulas na rede particular e no Estado. E mesmo eu tendo um cargo efetivo no Estado e tanto na rede particular nós somos subordinados, existe uma predeterminação do conteúdo que será trabalhado, dos livros didáticos, os conteúdos pré-estabelecidos”. Diante disso, Alice procura conduzir o conteúdo de forma neutra “eu não posso pregar aquilo que eu acredito, mas posso fazer com que o aluno encontre a sua forma de pensar [...] a sua criticidade, a responsabilidade social, o lugar que ele ocupa na sociedade, o poder transformador que ele tem no meio em que vive”.

Alice é formada em História e afirma que “de alguma forma eu sou subordinada aquilo que me é determinado, àquela grade curricular, mas mesmo diante dessa grade, a gente tende a estabelecer essa construção do ponto de vista”. Porém, na disciplina de História, procura-se compreender os fatos de forma crítica, despertando o conhecimento e a criticidade do conteúdo ministrado “vamos construindo esse conteúdo juntos, porém não posso interferir em sua construção, mesmo que o ponto de vista dele não me agrade, eu preciso respeitar”.

De acordo com Maria Valéria, ela trabalha em uma instituição pública “na instituição de ensino superior pública que trabalho, temos um colegiado, não é mais um departamento, é um colegiado onde nós escolhemos o coordenador e ele está à frente e nos representa, mas estou subordinada ao Governador do Estado do Paraná, mesmo eu sendo estatutária”. Segundo Ana Terra na instituição pública, ela tem “total autonomia para trabalhar dentro do colegiado. Claro que tudo é partilhado, dividido, mas não me sinto cerceada em nada na minha forma de conduzir as aulas e os projetos”.

Ana Terra durante a entrevista fala sobre a instituição privada em que trabalhou e destaca que é bem diferente da instituição pública. Segundo ela “na instituição privada é um pouco diferente [...] a cobrança é maior, temos os coordenadores, pedagogos, orientadores, diretores e mantenedores da instituição privada [...] temos uma hierarquia maior e também muita cobrança”. Porém, “nunca senti uma influência direta, cerceamento, nunca tive problemas, nem assédio”.

Sobre os desafios, as dificuldades que essas mulheres enfrentam em seus trabalhos podemos destacar que há por parte de Ana Terra, já citada anteriormente, a dificuldade em se fazer pesquisa em nosso país. E apesar de toda dificuldade, ela procura fazer com que seus alunos, orientandos caminhem, pois ela assim como Clarissa exerce o papel de professora com maestria, gosta do que faz. O mesmo diz Maria Valéria sobre ser professora, sobre o ato de ensinar. Por sua vez, Alice nos aponta a necessidade de fazer com que os alunos tenham um pensamento crítico, mesmo que eles pensem de maneira diferente dela, que sejam cidadãos conscientes. Bibiana, professora universitária de uma Instituição Privada e também de uma Pública nos aponta as dificuldades de se trabalhar em uma universidade privada, porque além da demanda de atividades para os professores ser alta, há outras questões relativas ao trabalho que, de certa forma, a impedem de desempenhar de forma completa o seu papel de professora, que é fazer com que os alunos reflitam, sejam incentivados a pensar.

De um modo geral, entendemos que todas elas, apesar de algumas terem autonomia no modo como trabalham, estão subordinadas a alguém ou algum órgão acima delas, assim como Clarissa é subordinada a diretora da Escola em que trabalha. Da mesma maneira que temos entrevistadas que se assemelham a Clarissa no que tange a profissão que escolheram, temos mulheres que possuem outras carreiras, que trabalham autonomamente, que enfrentam problemas, desafios em suas profissões. Como é o caso de Leonora que é advogada, e Helga estudante de Engenharia Florestal que ainda não trabalha, mas enfrenta desafios e problemas nas aulas da universidade em que estuda, principalmente em aulas que exigem a prática.

Segundo Helga, a sua área de atuação: “[...] é predominantemente masculina tem professores que acreditam que não damos conta de realizar determinadas atividades, duvidam de nossa capacidade e querem colocar homens para fazer, e, muitas vezes, nós damos muito mais conta do que os alunos”.

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Helga, Leonora evidencia: “[...] o que é difícil de separar é no trabalho, eu vi muita diferença entre o advogado homem e a advogada mulher. Tanto do patrão para os funcionários quanto dos próprios funcionários”. Leonora deixa claro essa diferença em sua entrevista, “por exemplo sempre que tinha uma diligência para fazer fora do escritório - Ah” Manda um advogado homem, como se ele fosse dar conta porque a advogada mulher não vai dar conta do problema”.

Outra argumentação de Leonora refere-se ao trabalho: “no escritório eu senti muita diferença entre advogado homem e advogada mulher. Eu brigo pelos direitos iguais. É pela experiência mesmo”. Ela relembra do tempo em que era acadêmica de graduação em Direito: “os professores viam, falavam que as turmas estavam mudando, tem uma predominância de

mulheres no Direito, mas eu não percebia muito”. Porém, Ele Leonora deixa claro na sua entrevista algo já mencionado por Helga quanto aos homens na profissão, ou seja, uma valorização em detrimento à mulher: “passei a perceber essa diferença, a discriminação quando comecei a trabalhar, e se o advogado for mais velho, é mais valorizado que a advogada e se for nova então.... É muito triste perceber as diferenças e eu vi isso quando comecei a trabalhar” (LEONORA).

Nessa categoria apresentada, buscamos trazer o olhar das mulheres para o mundo do trabalho, o que as levou exercer a profissão que possuem, o que as influenciou a seguir a carreira que seguem hoje. Isso é perceptível no discurso de cada uma delas, a relevância do estudo, do trabalho para o desenvolvimento pessoal e profissional. O fato é que as mulheres de acordo com Silveira e Fleck (2017), a presença das mulheres no mercado de trabalho vem aumentando no decorrer dos anos, principalmente a partir do fim do século XX e início do século XXI, tal mudança foi proporcionada pelo Movimento Feminista, principalmente o movimento que ocorreu nos anos de 1970.

Além disso, é óbvio que as mulheres têm buscado cada vez mais se dedicar aos estudos obtendo a melhor capacitação e é justamente por uma melhor qualificação que as mulheres vêm se destacando. Para Silveira e Fleck (2017, p.07) “as mulheres modernas estão buscando [...] seu reconhecimento profissional e pessoal [...] sua independência financeira, não apenas para mostrar ao outro sua capacidade, mas também para reafirmar que a diferença de gênero não qualifica um como melhor que o outro.

Apesar de as mulheres encontrarem obstáculos em suas vidas profissionais, o fato é que elas quebram as mais diversas barreiras para serem reconhecidas profissionalmente, e, ainda assim, é preciso demonstrar o tempo todo o quão capazes são para desenvolver as mais diversas atividades. Foi o que nos pontuou Maria Valéria quando começou a lecionar na universidade pública:

Quando eu entrei para dar aulas, era muito jovem e fui dar aulas para “marmanjo”. E a primeira turma que abrimos de Engenharia tinha inclusive alunos mais velhos que eu. E para fazer os outros terem respeito primeiro é preciso respeitar. E sempre fui de respeitar muito meus alunos, só que nunca fui muito de “mostrar os dentes”. Até hoje, quando entro na sala de aula, é para dar aulas. E só na instituição pública que eu trabalho, eu tenho 23 anos. E agora, depois de muitos anos, eu consigo porque eu tenho o respeito dos estudantes, os alunos já entram na sala sabendo que aquela professora é assim, que se chegar atrasado, não vai entrar. Eles já sabem das minhas regras. E graças a Deus eu não recebo nenhuma crítica por ser assim (ANA TERRA).

Dessa forma, as mulheres como Ana Terra e Maria Valéria, Bibiana e Alice se posicionam da mesma maneira quando se trata da profissão, todas concordam que ser professora

é algo prazeroso, mesmo que elas em alguns pontos divirjam, principalmente na questão do ensino da universidade privada. Já Leonora que advoga, percebe que hoje trabalhando para si é mais feliz e consegue realizar suas tarefas com mais agilidade, mesmo assim ela percebe que na profissão que ela escolheu seguir há discriminação e dificuldades em desempenhar algumas funções que são dadas preferencialmente aos homens. As escolhas profissionais dessas mulheres deram a elas a possibilidade de percorrer um caminho que mulheres de sua família não conseguiram.

No próximo subtópico, debruçaremos sobre as questões relacionadas à liberdade e diferenças no educar meninos e meninas a partir do pensamento das mulheres.

4.2.5. Da educação formal à liberdade: o que pensam as mulheres entrevistadas?

Liberdade é a capacidade do homem¹¹ de obter o seu espaço, organizar o seu tempo, tomar posse de si mesmo, repudiar as pressões e assumir com responsabilidade sua vida e sua história. Destes cinco elementos na descrição da natureza da liberdade podemos elencar os dois mais fundamentais: autoconsciência como posse de si mesmo e a assunção responsável do verdadeiro compromisso com a vida. Liberdade é o princípio interno que capacita o homem a assumir uma responsabilidade. Procurando definir melhor: liberdade é a autoconsciência de poder assumir um compromisso; é a autoconsciência, enquanto responsável (SAUTHIER, 2008, p.45).

Se a liberdade é a capacidade do ser humano de ocupar o espaço que lhe pertence, o que seria ser livre para as mulheres? A liberdade significa ser igual?

Poderíamos trazer aqui vários conceitos de liberdade, poderíamos contextualizar a liberdade em vários momentos. Mas o que queremos saber nessa categoria é o que as mulheres pensam sobre a liberdade, se é por meio dela que se tem independência, se é a educação que as liberta e se liberta, de que maneira ela ocorre?

São vários questionamentos, porém dentro de um que nos debruçamos e procuramos responder a partir dos pontos de vista das mulheres que nos concederam as entrevistas. As participantes relataram seus posicionamentos sobre a educação, sobre a forma como a educação é importante nas questões relacionadas à liberdade e ao conhecimento. Ao fazerem referência à liberdade, as mulheres expuseram um pouco de sua condição de mulher, de indivíduo, de mãe e profissional. Nos discursos analisados, constatamos a presença de elementos que consideram a educação um princípio para a liberdade, assim como o trabalho está para a independência. Constatamos também questões relacionadas ao conhecimento e como ele também é relevante para entendermos as diferenças entre a educação e o conhecimento.

¹¹ O homem ao qual o autor se refere não faz referência ao sexo masculino, mas sim ao ser humano.

Assim como definimos a liberdade, precisamos definir o que é conhecimento e como ele é adquirido. O dicionário *On line* da Língua Portuguesa define a palavra conhecimento como um substantivo masculino, o dicionário dá várias definições do significado dessa palavra. E a definição de conhecimento que melhor nos atende para concebermos as questões ligadas à liberdade que “o conhecimento é a ação de entender por meio de inteligência, da razão ou da experiência¹²”.

Ao analisarmos os discursos das participantes, delimitamos os significados e as diferenças que existem entre os conceitos de liberdade, estudo e conhecimento, dado que as mulheres entendem que a liberdade está de alguma forma associada à liberdade, mas essa, por sua vez, nem sempre estará diretamente ligada ao ato de ser livre.

Para Lola, “a educação abre um leque para entender diversos assuntos [...] adquirimos conhecimento, entendemos certas coisas e temos atitudes que a gente não teria com o mínimo de estudos. A educação começa em casa. A educação é parte da família, desde pequenininho”.

O que poderia ser feito para mudar a visão que os homens têm a respeito das mulheres? De acordo com Lola:

[...] a visão que os homens têm das mulheres precisa ser trabalhada nas crianças desde o nascimento até à infância. Precisamos ensinar os meninos a lidar com essas questões, vamos dizer: um serviço de casa, por que eles não podem fazer? O menino, ele brinca com o carrinho, e a menina brinca com a boneca, por que o menino não pode brincar com a boneca? Somos nós que temos que deixar isso claro, que não existe diferença nisso. A partir do momento que transferimos isso para a família, começamos a mudar o pensamento deles em relação à mulher.

Quanto à educação escolar, Lola pontua que “[...] deve ser a mesma coisa, os professores trabalhando com essas questões em sala de aula, devem dissociar dessa ideia, dessa cultura que está impregnada de que a mulher é mais sensível [...] que não pode fazer certas coisas, não tem o seu lugar” ela destaca que é necessário mudar essas atitudes em relação à mulher.

Diante disso, Lola finaliza a entrevista dizendo: “tivemos muitas conquistas”, porém “não tivemos uma modificação radical”, pois isso somente será possível “através da educação, da educação familiar, quanto à escola, ela pode contribuir para mudar tudo isso. É importante as atitudes mudem. Isso tem que mudar” (LOLA).

Já para Blimunda, “o estudo abre muito a cabeça. O estudo nos dá uma visão de mundo diferente [...] ficamos menos ignorante” [...]. Você tem que estudar, se esforçar, temos sempre que adquirir mais conhecimento”.

¹²Verbetes retirados do Dicionário *on line* Português. Retirado de: <https://www.dicio.com.br/conhecimento/>. Acesso em 25 mai. 2021.

Segundo Capitu, a mulher deve “conquistar mais espaço, mais igualdade. Na verdade, não só das mulheres, mas também para os homens”. Portanto, essa questão deveria ser trabalhada desde “a educação infantil de uma forma séria, concreta e bem fundamentada, assim os resultados seriam diferentes”. Capitu evidencia que a “questão da igualdade precisa ser estimulada desde criança não só na escola, mas em casa também”.

Por fim, Capitu expõe que “quanto mais as mulheres estudam, mais elas têm consciência, não só delas, mas também da sociedade na qual estão inseridas e dos problemas vivenciados, assim elas têm mais condição de se posicionar, de se defender e lutar pelo seu espaço”.

Segundo Maria Valéria, o estudo é a única forma de melhorar as condições de vida das pessoas “[...] eu penso assim, o estudo é a única forma de tirar o pobre da extrema pobreza. É o meu caso. Eu não vejo outra forma, não digo o estudo para ter um diploma de curso superior não, ter pelo menos o ensino médio [...]” o importante é “[...] você continuar estudando, não precisa ser na universidade, pode ser um curso profissionalizante, sou muito a favor de cursos profissionalizantes, às vezes as pessoas não têm necessidade de um curso universitário”. Porém, Maria Valéria é enfática ao dizer que “o estudo em sala, até o ensino médio e depois o curso profissionalizante, eu vejo como principal fator para o desenvolvimento pessoal” (MARIA VALÉRIA).

Levando em consideração que a educação pode ser definida como a aplicação de métodos para afiançar o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um indivíduo, concebemos que para Maria Valéria, Lola, Capitu e Blimunda, a educação não somente carrega em si os atributos de permitir a mulher que se desenvolva dentro das questões que a educação transmite, mas é por meio dela, como consta nos discursos de Lola e Capitu que a educação é um passo relevante para transformar a vida das pessoas, e ela deve ser trabalhada não apenas pela família, ela deve ser continuada na escola para que se possa mudar a forma de pensar. Capitu ainda diz que quanto mais as mulheres estudam, mais elas são conscientes de si e da sociedade em que vivem. E quanto mais igualitária for a educação, mais comprometida em desvincular as questões associadas ao machismo, mais fácil seria inserir as mulheres na sociedade.

Juntamente com Capitu e Lola temos Blimunda que corrobora com as duas ao afirmar que a educação possibilita à mulher a ter outra visão do mundo. E complementando o posicionamento das três, temos Maria Valéria que ressalta ser a educação um meio para os pobres conseguir conquistar o seu lugar na sociedade, principalmente das mulheres pobres de saírem da extrema pobreza. Diante disso, aponta Hooks (2017, p.35) que a educação é a prática

da liberdade”, portanto é por meio da educação que se chega à liberdade. O que nos leva a entender que a educação também é libertadora por dar à mulher a possibilidade de se inserir em outro contexto; o contexto da vida pública.

Por outro ponto de vista, temos as mulheres que compreendem que a educação faz parte do processo de liberdade, porém elas percebem existir diferenças entre o conhecimento e a educação, levantando assim outros pontos que estão ligados à liberdade.

Assim sendo, Laurinda durante a entrevista comenta “eu acredito [...] estudo é conhecimento e, conhecimento hoje em dia é primordial [...]. Tudo o que você aprende, seja o que for vai te levar a algum lugar. Você vai aperfeiçoar suas ideias, suas opiniões, e isso vai fazer você se desenvolver como pessoa”. É nesse sentido, Laurinda pontua que “a mulher que estuda vai ter mais oportunidade no mercado, ela vai ter um diploma, o que vai fazer com que ela seja independente”. Ela relembra que “não vai ser como as mulheres de antigamente que eram educadas para casar, ter filhos e ficar dentro de casa, cuidar do marido. E agora, agora a mulher vai ter o trabalho dela, o dinheiro dela, vai fazer o que ela quiser”.

Leonora corrobora com Laurinda quanto à relevância de adquirir conhecimentos, tendo em vista que: “isso te impulsiona a não deixar que outras pessoas te influenciem, não tomem decisões por você, então o estudo é fundamental na vida de uma mulher, para [...] tomar decisões próprias, seguir seu próprio caminho, então o estudo é fundamental” afirma Leonora.

Silvia fala da “autonomia que o conhecimento traz, eu vejo até no meu local de trabalho, que a gente influencia as pessoas e isso é muito bom. Eu tenho visto isso constantemente. E desde que comecei o mestrado, vejo uma transformação à minha volta – “ah eu quero fazer mestrado! ”

Destarte, Silvia corrobora com Leonora e Laurinda ao afirmar que “o conhecimento traz essa liberdade, liberdade de alcançar outras coisas, conhecer pessoas novas, de fazer contatos com professores, é um mundo diferente [...] é isso que falta na sociedade, as pessoas realmente precisam entender o que o conhecimento pode fazer”. Silvia relembra que tanto ela quanto o esposo ambos vieram “de famílias muito humildes e conquistamos muitas coisas. Para nós, o estudo é muito importante” (SÍLVIA).

Já Luzia traz à tona algo que consideramos relevante nessa discussão, além do estudo já pontuado, a liberdade que o conhecimento proporciona à mulher, para isso ela afirma que é preciso “conhecer a si mesmo, porque quando você não tem conhecimento, você fica sujeito a ficar presa no machismo”, gerando muitas vezes a violência doméstica e até mesmo o feminicídio, conforme noticiados na imprensa.

Outro ponto alertado por Luzia refere-se às discrepâncias salariais entre o homem e a mulher “Ah! Ganham menos no emprego pelo fato de ser mulher e mesmo tendo qualificação maior do que o homem, de ser vista como incapaz em certos lugares, de não acreditarem no seu potencial”. Essa afirmação de Luzia ainda é algo corriqueiro em nosso país, onde a mulher tem o salário muito inferior aos dos homens e também pouca representatividade na esfera pública.

Por fim, Luzia acredita que somente por meio “do estudo, do conhecimento, as mulheres vão conseguir avançar e superar” os problemas enfrentados pelas mulheres brasileiras. “Nós podemos demonstrar o conhecimento, pois temos potencial, principalmente na política. A mulher, as que estão vindo, estão chegando com muita garra, mostrando às outras mulheres que elas têm que ocupar todos os lugares” (LUZIA).

Segundo Alice “[...] quando você tem uma abertura intelectual, a nossa mente tem novas experiências, obviamente que a gente começa a ter outra visão do mundo, meio que tira a venda dos olhos. As pessoas terem conhecimento é muito libertador, conhecimento é poder”.

Porém, Alice deixa evidente que “é muito complicado o mundo em que vivemos” [...] nesse modelo patriarcal, nesse modelo social é muito difícil ter conhecimento porque quanto mais conhecimento nós temos mais sofremos”. Assim sendo, Alice destaca que:

O conhecimento é libertador e ao mesmo tempo quebra essas correntes, em contrapartida você se sente muito engessada porque não pode mudar algumas coisas, pois elas não dependem só de você, dependem de uma maioria que ainda é alienada e manipuláveis. Sendo assim, é necessário que a mulher tenha o conhecimento científico, para que ela possa decidir o que ela quer para a vida pessoal e profissional, sobretudo, porque você só consegue entender algumas coisas a partir do conhecimento [...]. Só assim, os paradigmas são quebrados na sua cabeça a partir do conhecimento adquirido.

Destarte, Alice considera que o conhecimento é libertador e a partir dele “muda a visão de mundo, muda-se a postura frente aos outros, a vida, os problemas e aí você estabelece novas estratégias, novos caminhos. Por isso, eu considero o estudo fundamental, embora seja muito sofrido. O conhecimento é poder” afirma Alice.

Para Maria Valéria: “[...] a universidade é uma possibilidade de ascensão social e econômica para a mulher, além do conhecimento. Agora, eu não sei se liberta, porque essa liberdade está envolvida em relação a valores do que é o conhecimento em si”. Assim, Maria Valéria pontua que o conhecimento formal é essencial, porém para conseguir a liberdade depende de cada pessoa. Ela afirma que “o conhecimento não é adquirido só na universidade, portanto não podemos desprezar outros tipos de conhecimento”.

Dessa forma, Maria Valéria toma como exemplo “o conhecimento empírico [...] que deve ser transformado em conhecimento científico, porém não podemos desprezar os outros

tipos de conhecimento porque eles também compõem quem nós somos. O que me leva a pensar dessa forma? ”.

A minha formação moral e cristã, sem sombra de dúvidas, são os meus valores. A educação tem o propósito de levar o conhecimento da verdade, mas não consigo acreditar que a educação tem o objetivo de formar cidadãos porque a educação básica durante todos os anos tem um único objetivo: transformar nosso aluno em cidadão, cidadão é uma parte do aluno. Ser cidadão é uma parte, eu sou muito mais, você é muito mais que a cidadania. Então eu tenho que ter conhecimento, valores, respeito, eu tenho que ter virtudes” (MARIA VALÉRIA).

Para Bibiana, a luta das mulheres “vai ser uma luta por muito tempo [...], precisamos ser mais qualificadas em termos de diploma, de conhecimento para ao menos tentar não sair ou não ficar dentro das relações de meios abusivos e não saudáveis que reproduzem ali um machismo, um patriarcado”. Para ela as mulheres precisam “tecer a ideia de um sucesso profissional, de ter minimamente uma independência financeira, ela seria a dependência emocional e às vezes nós ficamos em meios que não são saudáveis justamente por causa dessas questões”.

Segundo Bibiana,

[...] a possibilidade de abertura do estudo em si para ter uma profissão ou pelo menos para ter uma qualificação para conseguir uma renda-que é fundamental, **FUN-DA-MEN-TAL!**¹³ A inserção da mulher no mercado de trabalho é fundamental para cortar amarras, mas essas amarras estão muito enraizadas, por isso é preciso rompê-las para além da independência financeira, de modo que tenha o fortalecimento da autoestima e da identidade. [...]. Para isso, é fundamental a aquisição do conhecimento de tal maneira que possamos lidar com a construção dos nossos papéis sociais. Quanto à questão do trabalho e da inserção profissional, eu volto a repetir, a sociedade nos cobra a todo o tempo para que sejamos mais qualificadas (para cargos), às vezes cargos que os homens não necessitam.

Bibiana ressalta a necessidade das mulheres ocuparem o lugar que elas merecem, portanto temos que “ser as melhores para ao menos termos respaldo para justificar o porquê estamos naquele lugar e isso não muda de pessoa para pessoa, de professoras para médicas, e para nós, o meio acadêmico é nosso meio profissional e nós passamos isso”.

Para finalizar, Bibiana reforça a ideia de ficar o tempo todo se justificando para os outros, vejamos o que ela diz:

[...] dentro da academia precisei durante toda a minha vida profissional ter que ficar me justificando, parece que eu era obrigada a me justificar que eu merecia estar ali, sendo que eu passei por processos seletivos. Eu acho que a escolaridade, o trabalho e o conhecimento sobre o que nos amarram, às vezes nos fazem pensar de determinadas formas, pois isso é fundamental e na

¹³ Grifo da entrevistada

maioria das vezes não vem com a escolaridade, e é um conhecimento que vai nos trazer autonomia enquanto seres humanos para não termos amarras nem financeiras, nem emocionais e nem sociais, porém é simplesmente ter a nossa identidade, no papel que desenvolvemos socialmente” (BIBIANA).

Ao serem questionadas sobre a educação, as entrevistadas compreendem que ela também é um pilar de sustentação na tríade conhecimento, educação e trabalho, dado que os três caminham lado a lado no que diz respeito a liberdade da mulher. Todavia, ao apontarmos o conhecimento, consideramos a existência de outros tipos de conhecimento, por exemplo, o conhecimento empírico do qual fala Maria Valéria, pois o conhecimento empírico está presente na formação de cada indivíduo. Luzia assevera que tanto o conhecimento quanto a educação são relevantes para as mulheres, dado que ambos quando associados são determinantes para que a mulher ocupe seu (s) lugar (s), o mesmo diz Alice, para ela muitos paradigmas podem ser quebrados a partir do conhecimento. Da mesma maneira, pensam Leonora e Laurinda sobre o conhecimento abrir possibilidades para as mulheres serem independentes e livres.

As divergências ocorrem nos mais variados campos de estudo, inclusive em entrevistas, não é possível que ao entrevistar várias pessoas que foram criadas de formas diferentes e vêm de estruturas familiares diferentes pensem da mesma forma. É por meio da divergência, das diferentes maneiras de pensar que construímos nosso texto. A partir dos discursos, dos posicionamentos antagônicos que também entendemos como essas mulheres entendem o estudo e o conhecimento e como é a percepção de Helga:

Esse assunto é meio complicado [...]. Eu acho que o estudo te abre mais um caminho. Já a liberdade depende do ponto de vista da mulher, ela pode ser o que quiser, mas é claro que se a mulher não quiser estudar, quiser estar em casa, não faz de você melhor ou pior do que uma mulher que está no mercado de trabalho. Porque o estudo, ele é um caminho que você pode seguir, mas não é o que dá mais liberdade, porque até mesmo essa questão da conquista do espaço da mulher implica no que ela quer ser e isso é independente do estudar, porque ela pode ser o que ela quiser independente do que a sociedade acredita que seja melhor.

Assim sendo, Helga acredita que:

[...]não é só por meio dos estudos que a mulher pode ter liberdade. Porque o estudo está ligado diretamente às questões da independência financeira, mas isso não é tudo, tudo bem que o estudo gera conhecimento, e o conhecimento não tem preço, porque ninguém tira o conhecimento da gente, mas você também pode ser livre sem precisar fazer uma faculdade, porque você também pode fazer outras coisas. O estudo pode te dar maior liberdade, porém não trata da liberdade da conquista do espaço para a mulher. Existem mulheres que não estudaram e conquistaram o espaço e a liberdade”.

Para Helga, o conhecimento e a educação são fatores importantes, todavia ela deixa claro que não existe uma única via para a mulher ser livre, o estudo é apenas um dos caminhos, ele auxilia na busca pela liberdade. O ponto de vista de Helga difere das demais nesse ponto.

O reflexo tanto do estudo quanto do conhecimento por parte das mulheres demonstra que ambos são essenciais para que elas possam ocupar seu (s) lugar (es) na sociedade, a maioria compreende que o conhecimento e a educação associados garantem às mulheres a possibilidade de uma vida profissional melhor.

No próximo subtópico, abordaremos a questão da educação de meninos e meninas, o que permanece igual, se existem mudanças na forma em que as participantes foram educadas e como elas enxergam a educação que é dada a meninas e meninos.

4.2.5.1. Entre as bonecas e os carrinhos: a educação de meninos e meninas é igual?

Nessa categoria, fazemos alusão às questões relacionadas às mudanças ocorridas na maneira de educar meninos e meninas, levamos em consideração as percepções das entrevistadas voltadas para a educação que elas tiveram e de como enxergam as diferenças de educar as crianças, o que para elas ainda permanece igual, o que mudou foi a maneira como lidam com isso. Vale ressaltar que do total de entrevistadas, três são mães, Lola é mãe de duas meninas e um menino, Maria Valéria de um menino e Alice de uma menina.

De um modo geral, houve por parte das entrevistadas um consenso a respeito da educação de meninos e meninas. Elas compreendem que as diferenças biológicas expostas por Adiche (2014) são responsáveis pelas divergências também na maneira de educa-las. Tais dissimilaridades são apontadas por Maria Valéria, que compreende não existir meninas e meninos de uma mesma forma, para ela, não há como educar como de uma mesma maneira porque “as pessoas não são iguais”. Porém, Maria Valéria compreende que sim, existem divergências na educação de meninas e meninos, como apontado em seu discurso:

Eu não tenho outro filho, mas procuro ensinar educá-lo a respeitar as mulheres. “Não vou falar – Ah! Homem fala palavrão mesmo”, ser machista, Ah! Homem não precisa lavar louça, não precisa arrumar cama. Não, eu não educo o meu filho dessa forma. Inclusive, ele com quatro anos já me ajuda a arrumar a cama, a juntar os brinquedos, eu não tenho esse esforço, eu não tenho que falar e meu marido também não tem.

Maria Valéria relembra durante a entrevista a atitude machista do pai quando ela era criança, juntamente com o seu irmão, quando os dois brincavam juntos e ao mesmo tempo brigavam “coisa de criança [...], mas eu lembro até hoje: - Se vocês continuarem brigando,

daqui a pouco um vai dormir e outro vai lavar a louça. Olha só! Ele podia ter falado: - Enquanto uma lava a louça o outro arruma a cama, varre o quintal, porque dormir é descansar!”

Assim, Maria Valéria finaliza dizendo: “Você está vendo a cabeça do meu pai? Meu pai, sim, meu pai até hoje é assim, nós respeitamos, ele é uma pessoa de idade, teve outra criação. Mas sim, existe essa diferença absurda. Acho assim, como a maior parte do tempo, a criança fica com mãe, é a mãe que educa”.

Com relação à educação de meninos e meninas, Bibiana comenta “Não, nem de perto. Não, é igual nem pelos pais, nem pelos tios, nem pela sociedade. O tratamento é extremamente diferente. É por isso que os estudos de gênero me ajudaram muito a visualizar muito isso. Então, essas raízes do patriarcado que estão em nossa sociedade, elas que fundamentam isso”.

Bibiana relembra o tempo de criança, as atitudes dos pais em relação a ela e seu irmão e afirma que a ideia do patriarcado estava muito presente, por exemplo:

O meu irmão nunca precisou secar uma louça, nunca precisou ser responsável pelas coisas que ele faz porque sempre tem um discurso de justificativa: Ah! Porque homem é imaturo assim mesmo! Não, não é, porque eu com nove anos tinha mais responsabilidades do que o meu irmão de quinze. Eu não podia ser criança, eu já tinha que ser adulta. Ele até hoje pode ser criança, e a sociedade dá todo esse respaldo. E isso para mim está justamente nesses fundamentos patriarcais que estão em nossa sociedade, que a estruturam desde muito tempo (BIBIANA).

Para Bibiana existe uma desvalorização da mulher, “a minha mãe tentou criar a mim e a minha irmã para sermos independentes, então essa independência vinha de saber fazer tudo, não necessariamente para casar, mas para não depender de qualquer homem”. Já o irmão de Bibiana, ele foi criado bem diferente, tendo sempre “o respaldo, o meu pai é tratado diferente e muitas vezes ele não vê a necessidade de tratar a minha mãe igual, da mesma forma que ela trata ele”. Desse modo, percebemos uma reprodução que: “os valores que se carrega determinam como a educação de cada um vai ser, de como você vai se comportar” (BIBIANA).

De acordo com Silvia, “a sociedade em si é tendenciosa, e temos histórico de machismo ainda presente”, diante disso ela destaca como a “própria escola acaba fazendo algumas diferenças com isso enfatizando o futebol para os meninos, o vôlei para as meninas”. Silvia pontua que as mulheres estão alcançando os seus lugares em diferentes segmentos da sociedade, porém ainda sim viemos em “uma sociedade machista e patriarcal, em que é o homem que se sobressai”.

Ana Terra, ao ser entrevistada, destaca que tem quatro irmãos, porém ela e as duas irmãs são mais velhas, ambos moravam em sítio: “eu imagino, até a gente brinca com o meu pai hoje,

eu imagino a angústia dele, precisando de homens para trabalhar com ele e vir três mulheres. É uma angústia para um pai, ele precisa de gente que tenha braço e de repente vem três mulheres de uma vez”. Assim, Ana Terra pontua: “E o que ele queria? Ele queria homens, ele queria filhos. Quando vieram os filhos, nós, as três irmãs resolvemos que os filhos, os irmãos viriam morar conosco e acabou que ele não ficou com nenhum dos meninos”

Destarte Ana Terra evidencia que os irmãos estudaram e também saíram do sítio, porém os pais sempre “inconsciente” trataram os meninos diferentes. “E para mim hoje, lavar uma louça, limpar uma casa, limpar um banheiro é trabalho, independentemente de ser homem ou mulher, é um trabalho que qualquer um tem que fazer, todos têm que fazer, mas meus irmãos não”.

Aos domingos Ana Terra relembra que após o almoço, “os meninos sentavam no sofá, aí as meninas tinham que tirar a louça da mesa para poder lavar. Fazer comida? Os meninos podiam dormir até mais tarde, aí depois iam jogar bola de manhã com os amigos e a gente tinha que ficar em casa para fazer o almoço, lavar roupa, passar roupas”, assim eles sempre foram tratados diferentes pelos pais de Ana Terra.

Outro ponto mencionado refere-se ao irmão mais velho, dentre os outros, ele tinha “as roupas que ele queria, ele escolhia. Ele trabalhava para o pai lá no sítio, pegava o dinheiro dele, ia lá e comprava as roupas que ele queria. A criação era totalmente diferente” afirma Ana Terra.

Algumas das exposições das mulheres também são encontradas no romance *Clarissa* (1933), “as recomendações da Tia não lhe saem nunca da memória. É preciso ter compostura: andar a passo normal, não rir alto não saltar.... Caminhar como o seu Amaro: descansadamente, braços caídos, cara séria, sem olhar para os lados nem para cima [...]” (VERISSIMO, 1995b, p. 11).

Em outro momento, em contraponto com *Clarissa*, está o irmão de Fernanda, Pedrinho, que chega em casa, pergunta pela irmã e sai tirando os sapatos, o chapéu e gritando a mãe. Como podemos notar: - Mamãe! Onde está Fernanda? [...]. Dona Eudóxia foi resmungando apanhar o chapéu que o filho atirou em cima da mesa. Depois pegou o casaco que estava dobrado sobre o respaldo de uma cadeira e levou-os para o quarto do rapaz [...]” (VERISSIMO, 1963, p.259). As atitudes de Pedrinho demonstram o quanto o educar meninos e meninas é diferente, vemos pela contraposição feita entre a atitude da tia de *Clarissa* dizendo que ela precisa se comportar, se resguardar e do outro lado temos Pedrinho, que sai deixando seus objetos pessoais espalhados pela casa e a mãe vai atrás para juntar. É sobre isso que as entrevistadas discursam. Corrêa (2019) aponta que essas relações são mediadas a partir das relações de poder, ou seja, como é o homem quem detém o poder, é ele que ocupa o lugar de

prestígio. Essas relações, em sua maioria, são transmitidas pelas próprias mulheres por meio de atitudes como a de Dona Eudóxia e também da Tia de Clarissa.

Todos os discursos aqui apresentados, mesmo o excerto do romance *Clarissa* demonstra o quanto a questão das diferenças entre os gêneros é algo constante em nossa sociedade. Adiche (2014, p.29) completa, afirmando que: “a questão do gênero como é estabelecida hoje em dia é uma grande injustiça”. Assim, entendemos que o gênero está relacionado muito mais a uma articulação de poder, que divide as relações entre homens e mulheres, dicotomizando e polarizando essa relação imutável que se baseia nas relações de dominação e submissão, portanto ao apresentarmos os discursos das entrevistadas e também o fragmento do romance, apoiamos em Scott (1995) para, assim, compreendermos como se dão as injustiças apontadas por Adiche (2014). Pois, se os meninos podem dormir até mais tarde, se eles não possuem as mesmas responsabilidades que as meninas, como podemos ter uma sociedade justa?

Apesar de as mulheres compreenderem que há uma desigualdade em relação ao educar meninos e meninas, Alice compreende que:

[...] A diferença é total, por exemplo, eu não posso criar a minha filha da mesma forma que eu crio um menino, porque mesmo eu repetindo essas práticas machistas, algumas práticas que eu tenho consciência que são, eu estou tentando proteger a minha filha desse mundo que é cruel. A roupa que ela vai colocar, se é ou não curta demais, se está marcando o corpinho dela, se está marcando o bumbum dela. Eu tenho que pensar nessas coisas enquanto mãe para defendê-la da maldade humana. Eu não deveria ter que fazer isso, talvez, eu não tivesse essas preocupações com um menino, mas com ela eu tenho que ter porque o mundo é muito sórdido, ela não tem que ter essa malícia, mas o mundo tem. Então, às vezes, eu acabo repetindo essas práticas que eu tenho horror porque eu considero machistas, retrógradas e patriarcais, mas eu tenho que fazer isso para protegê-la, para evitar que ela seja exposta de alguma forma” (ALICE).

Alice compreende que ainda não é possível criar meninos e meninas de uma mesma forma, devido à preocupação que ela tem com a sua filha, justamente pelos abusos que sofreu enquanto criança. E mesmo sabendo que utiliza práticas machistas para criar sua filha, para protegê-la.

Ao falarmos sobre as questões propostas por Alice, trazemos uma passagem de *Clarissa* que representa o discurso de Alice. [...]. Depois foram crescendo, cada qual para o seu lado, alheios um ao outro” (VERISSIMO, 1994b, p.43). Nesse sentido, percebemos que as situações sobre o educar meninas e meninos são diferentes porque quando se fala em gênero não se leva em consideração as questões propostas por Scott (1995), quando a pesquisadora diz que: “o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo

masculino”. Ao fazer tal afirmação, a pesquisadora deixa claro que a partir do momento em que não se aceita a ideia da existência de dois campos distintos, “e se sustenta a ideia de estudar as mulheres de maneira isolada, perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com outro sexo” (SCOTT, 1995, p.75)

Verificamos que mesmo as mulheres que não possuem filhos entendem que a diferença entre meninos e meninas é algo que ainda demorará para mudar, porque de acordo com Adiche (2014, p.36), “a maneira como criamos nossos filhos homens é nocivo”, dado que a maneira como a sociedade define a “masculinidade é muito estreita”.

Portanto, ao trazermos a questão da educação de meninas e meninos nos deparamos com os discursos em que as mães tratam as filhas e os filhos de forma diferente.

Diante da questão proposta, trazemos a fala de Fernanda enquanto estava grávida da filha, ela diz que não sabe o que será da criança quando chegar a este mundo, o medo que Fernanda tem é o mesmo temor que Alice, mãe de uma menina, possui em relação à filha, pois é a partir da proposta de dominação masculina Bourdieu (2012) que pautamos os discursos das mulheres ao afirmarem que a criação de meninos e meninas é diferente. Porém, é necessário considerar que não se leva em consideração a individualidade dos gêneros.

Dentro desse contexto de diferenças na forma de criar e educar meninas e meninos, é clara a ideia da necessidade de mudanças nesse campo para que se tenha uma sociedade mais justa. E muitas vezes, como assevera Blimunda:

Muitas vezes as falas machistas vinham mais da minha mãe do que do meu pai. Porque a minha avó por parte de pai também se separou do marido e o meu pai e os irmãos dele começaram a aprender que tinham que ajudar em casa desde cedo. Então o meu pai ajuda bem mais em casa, é bem mais tranquilo, ele exige bem mais. (BLIMUNDA).

O discurso de Blimunda é explícito, muitas vezes as atitudes machistas partem das mães, são elas que colocam os filhos e as filhas em patamares de desigualdade.

No próximo subtópico, versaremos sobre as perspectivas do que é ser mulher, do que cada uma delas pensa sobre a condição de ser mulher.

4.2.6. Um Lugar ao Sol: as diferentes perspectivas de ser mulher

O meu lugar na sociedade é o lugar que eu quiser e não o lugar que querem me colocar. Eu não posso aceitar um lugar imposto, eu tenho um lugar de fala, eu tenho voz, eu tenho vez, ser respeitada no lugar que eu quero estar (ALICE, 2020).

Mas hoje para mim, dentro do que eu vivo, do que eu penso, ser mulher para mim.... Minha filha, a gente tem que ter uma estátua no céu todos os dias (LAURINDA, 2020).

Durante a investigação dessa categoria, as participantes relataram o que é ser mulher para elas, a maneira como lidam com as diferenças existentes entre elas e os homens, as percepções que cada uma carrega consigo, o que as incomoda, o que pensam sobre questões ligadas à feminilidade, as percepções sobre si e a vida.

No último capítulo do romance “Um Lugar ao Sol”, quando Vasco vê Casanova deitado em uma tirinha de sol numa manhã, surge o título do romance escrito por Noel. Quando falamos em um lugar ao sol, buscamos a todo momento nosso lugar nos espaços públicos, privados, nosso lugar no mundo. E com as entrevistadas não é/foi diferente. Cada uma delas enxerga a vida ao seu modo, assim como Clarissa e Fernanda. São mulheres que buscam a todo momento compreender o que é ser o indivíduo mulher, seja no papel de mãe, de filha, de profissional, a luta das mulheres é constante.

Ao abordarmos a questão do que é ser mulher, enfatizamos também as indagações das construções da mulher enquanto indivíduo que por mais que a mulher tenha sido subjugada pela história, pela sociedade e também pelos discursos que cercam na sociedade em que vivemos, elas viveram e vivem transformações, mesmo que demoradas. Viera (2005) nos assegura que:

São as diferentes ordens do discurso que são responsáveis pelas mudanças do sujeito, constituindo assim a identidade feminina e, por estarem submissas a momentos históricos específicos, abrigam experiências particulares, emoções e vivências culturais que permitem a construção da subjetividade da mulher (VIEIRA, 2005, p.210).

Portanto, concebemos que a construção de mulher está atrelada ao que Vieira (2005, p. 211) define como “resultado do percurso histórico único e singular de cada sujeito”. Sendo assim, procuramos aqui, diante dos discursos de cada uma das mulheres que foram entrevistadas trazer por meio de suas histórias, suas concepções e vivências o que é ser mulher, porque os indivíduos não são meros espectadores de suas histórias, “de suas vidas, ele recebe influências, porém, ao mesmo tempo interfere na construção histórica de sua subjetividade”.

Diante disso, os discursos aqui apresentados sobre o que é ser mulher são resultados das experiências, vivências de cada uma delas, não podemos considerar que todas as mulheres veem o fato de ser mulher por um mesmo prisma, elas podem concordar em muitos pontos e discordar em outros, porque ser mulher é ter “traços pessoais, culturais e contextuais que se confundem com a sua própria história” (VIEIRA, 2005, p.214).

Expostas as considerações acerca das possibilidades do que é ser mulher e nos apoiando nos processos históricos, nos movimentos feministas que auxiliaram as mulheres a conquistar

não apenas seus direitos, mas também a emancipação e o direito de tomar conta de sua vida, de seu corpo, das perspectivas, em como se encaixam as concepções, as necessidades de cada uma delas. Sendo assim, compreendemos que ser mulher está além da definição de uma simples palavra que designa as lutas diárias de cada uma delas e também as lutas que Clarissa e Fernanda travam todos os dias trabalhando e passando por todos os percalços que a vida lhes impõe.

Quando questionadas sobre o que é ser mulher, as participantes da pesquisa tiveram as mais variadas reações, algumas pararam para pensar, uma disse que era uma pergunta filosófica, a maioria disse ser uma indagação difícil de responder, mas todas procuraram mostrar a concepção do que é ser mulher.

Para Lola:

[...]. Ser mulher é uma pergunta tão complexa! Ser mulher é ter liberdade para o que você quer, sem pré-julgamentos, sem ofensas, é ter direitos iguais em relação ao homem [...]. Ser mulher é ter opções de escolhas, é ser o que ela quiser. A mulher tem que ter seu espaço. As mulheres hoje em dia por estarem em um patamar abaixo, elas ficam dependentes e os homens se aproveitam disso, e isso precisa mudar. Mudar o lugar que a mulher ocupa, ter seus direitos, seu modo de ver, de pensar. A mulher precisa ter mais voz porque os homens acabam ocupando esses lugares, mas o abismo entre homens e mulheres ainda é grande (LOLA).

Já para Helga, “ser mulher para mim hoje é ter coragem, é ter resistência, é ter liberdade, é conquistar nosso lugar. Ser mulher é conquistar nosso lugar, é lutar todo dia para estar inserida dentro da sociedade” (HELGA).

Já na concepção de Alice, “ser mulher é uma luta diária, constante, é matar dez leões por dia, são os doze trabalhos de Hércules e mais um leão. [...] é se impor a todo momento, impor respeito, credibilidade, é provar que você pode ser independente, bonita, inteligente e não só bonita e não só inteligente”.

Alice durante a entrevista comenta que “ninguém questiona intelecto de homem bonito, só da mulher, já percebeu? Ah, ninguém questiona. Ah, não, o cara é bonito, mas certamente é burro! Não, ninguém questiona. Só o intelecto da mulher é questionado e nós sofremos isso a todo momento”, outro ponto destacado por Alice “e se não for bonita, tem que ser gênio, já não é bonita né!

Assim sendo, Alice pondera:

É uma luta diária e constante para garantir os seus direitos presentes e lutar para que haja mais direitos para as futuras gerações. Eu sempre me pego pensando em como me portar diante do mundo. Ser mulher é isso, não tirar um dia de folga, é lutar por ela e pelos outros, mesmo que esses outros não tenham a menor consciência do que está acontecendo, mas eu acho que até por elas temos que lutar. Temos que lutar para que um dia, quem sabe, a ficha

caia, que nós crescamos enquanto movimento. Acho que a proposta é essa” (ALICE).

Diante das ideias apresentadas, Alice corrobora com Capitu quando ela diz: “ser mulher é uma luta constante [...]. É uma luta do conquistar, do defender o espaço que ocupo, para mostrar que sim, que aquele espaço ali é meu, que se eu estou ali é porque tenho condições de estar, de fazer, de representar o que eu represento”.

Capitu durante a entrevista em tom de brincadeira diz: “ser mulher também, às vezes eu brinco é uma coisa triste! Mas é uma brincadeira machista: - Ah, na próxima encarnação eu quero nascer homem! Porém, Capitu afirma que “ser mulher é também um privilégio, é ter orgulho de ser mulher, de ter conquistado tudo o que conquistei, de ocupar o lugar que ocupo e de ter qualidade, não que os homens não tenham”.

Por fim, apresentamos o que é ser mulher para Maria Valéria, algo bem diferente das demais entrevistada, vejamos o que diz:

Ser mulher é uma benção, é um dom de Deus, é maravilhoso! É muito bom ser mulher, é muito bom ter a nossa profissão. Os homens têm receio, mas a gente pode ser amorosa, carinhosa, pode abraçar, beijar, a gente não tem aquela preocupação do que os outros vão pensar. Eu acho que a mulher tem essa liberdade de ser mais amorosa, carinhosa; não que os homens não possam ser, mas acho que as mulheres têm mais possibilidades de ser mais afetuosas. Eu acho que a mulher tem um papel essencial na sociedade porque ela é educadora, é formadora, porque é ela quem vai formar os homens. Eu acho fantástico! (MARIA VALÉRIA).

As três primeiras entrevistadas declaram que ser mulher é ter os mesmos direitos que os homens, é também conquistar o espaço que ocupa, é lutar para estar inserida dentro da sociedade. Mas os pontos de vista dessas três mulheres vêm pautados nos discursos feministas, pois as mulheres hoje que travam batalhas para ocupar o (s) seu (s) lugar (es), entendem que houve uma compreensão do que Hooks (2020, p.34-35) denomina de “pensamento patriarcal” que fazia com que as mulheres se vissem como “pessoas inferiores aos homens” e foi o pensamento feminista que libertou as mulheres desse pensamento.

As questões ligadas à liberdade, à luta e à resistência são constantes nos discursos dessas três mulheres, por outro lado temos o ponto de vista de Maria Valéria, que possui outra perspectiva de ser mulher, que não é por meio do feminismo, das lutas feministas que se é mulher, ela entra em consenso com a questão de ser mulher é algo maravilhoso, todavia ela afirma que a mulher tem sim um papel muito relevante dentro da sociedade, justamente porque a mulher cumpre seu papel de formadora, de educadora. Durante a entrevista com Maria Valéria, realizamos o seguinte questionamento: Você falou que as mulheres não entenderam

qual é o papel delas dentro da sociedade, qual é o lugar dela? Apesar de que o meu estudo é justamente entender qual é o lugar que a mulher ocupa dentro da sociedade, qual é o papel que essa mulher desempenha ou deveria desempenhar? Para você qual seria o lugar dela na sociedade, dentro da própria casa?

De acordo com Maria Valéria: “as feministas acham que se dividir, que se impor para o marido, para a sociedade é conquista. É justamente o contrário! Quanto mais você deixa o seu marido em evidência, quanto mais você deixa o seu marido em decisão, mais você decide”.

Para Maria Valéria:

O papel da mulher está equivocado, o papel dela é entender o que é ser feminina, é entender o que é ser mulher. Eu falo por mim, meu papel é o de ser mãe, esposa, profissional. É difícil conciliar? Eu sei que tenho privilégios, porque se eu falar para o meu marido hoje – eu não vou mais trabalhar, tudo bem, a nossa situação econômica não vai mudar muito. Mas eu sei que existem mulheres que tem que trabalhar, pronto e acabou! Não estou discriminando essas mulheres porque elas têm que trabalhar, elas veem o filho pela manhã e à tarde quando chegam, eu percebo isso, elas sofrem por isso, porque elas não acompanham o primeiro sorriso, a primeira palavrinha, o primeiro tombo. Eu sei que isso é difícil, mas é necessário conciliar. E aí a questão é se reinventar. Eu acho que a mulher precisa se reinventar, ela precisa descobrir esse lugar, sabe? **E entender que determinadas funções serão sempre delas**¹⁴, porque a mulher é agregadora, é a mulher que junta a família, quando você casa, se tiver sabedoria, você traz a família do seu marido porque é a mulher que reúne, é ela que estabelece e por conta disso, ela que tem, entenda o que eu vou dizer: **é ela que toma as decisões das coisas, as decisões estão nas mãos delas, algo pelo qual as feministas lutam. Eu quero poder decidir, eu quero brigar e acaba que isso acontece de uma forma natural**¹⁵. Eu acho que é esse o papel da mulher” (MARIA VALÉRIA).

O posicionamento de Maria Valéria diverge das demais participantes em vários pontos, principalmente na questão do que é ser mulher, dado que ela tem para si que a mulher não precisa confrontar com os homens, brigar para ser mulher e desempenhar um papel que naturalmente é dela. Mesmo divergindo nesse ponto, o posicionamento de Maria Valéria corrobora com o pensamento de hooks (2020, p.23), quando a autora afirma que independentemente do posicionamento da mulher, seja ela liberal ou conservadora, o pressuposto do feminismo é que as mulheres possam ser feministas sem necessariamente “desafiar e mudar a si mesmas ou a cultura”, posto que é possível ser mulher, mãe, esposa e profissional, mas que tudo isso seja uma escolha e não uma imposição. Contudo, é necessário destacar que o pensamento de Maria Valéria corrobora em partes com o pensamento de Hooks,

¹⁴ Grifo nosso: as funções as quais a entrevistada se refere são as funções de mãe, de esposa e profissional. Levamos em consideração posicionamento da entrevistada.

¹⁵ Grifo nosso. A entrevistada não deixou explícito qual/quais são as funções que sempre serão das mulheres.

sendo que a entrevistada, assim como muitas mulheres compreendem o feminismo de maneira errônea, pois para o feminismo ~~existem~~ inúmeras vertentes feministas.

A despeito das perspectivas, algumas entrevistadas possuem uma visão totalmente divergente das demais. Tais percepções remetem-nos aos acontecimentos, principalmente pela violência que as mulheres sofrem por serem mulheres. Vejamos o que diz Laurinda.

[...] Sinceramente Úrsula, é um fardo [...]. Hoje em dia ser mulher, pelas coisas que eu leio, pelas coisas que eu vejo [...]. Claro que é uma coisa maravilhosa, mas é pesado, é difícil. Eu reconheço que muitas mulheres passam por coisas difíceis. Abusos, seja ele físico ou qualquer outro tipo. Parece que no mundo de hoje, uma hora chega à sua vez que seremos desrespeitadas sexualmente, moralmente ou de qualquer outro jeito” (LAURINDA).

Para Leonora, a mulher em nossa sociedade ainda é vista como “aquela que casa, tem filhos, constrói uma família perfeita e feliz, porém não vejo assim, depois que estudei, que fui embora e comecei a trabalhar, vejo que isso não é ser mulher. Eu mesma não me enquadro nesse padrão”. Assim sendo, Leonora finaliza dizendo que: “ser mulher é correr atrás dos sonhos, é não deixar que os outros digam que você não vai dar conta, ser mulher é se valorizar, se respeitar” (LEONORA).

Tanto para Leonora quanto para Laurinda, existe a beleza em ser mulher, embora para elas, há um outro lado, para Laurinda, por mais maravilhoso que seja, ser mulher é um peso no sentido de passar por toda a violência, seja de gênero, seja física pelo fato de ser mulher. Já para Leonora, o papel clássico que a sociedade espera que uma mulher desempenhe não lhe cabe, justamente porque ela entende que a mulher deve buscar o seu lugar, deve desempenhar as funções as quais escolheu realizar.

Por outro lado, há mulheres que mesmo se definindo como fortes, lutadoras, que buscam a independência, há para elas outra imagem do que é ser mulher, pois elas procuram estabelecer relação com o indivíduo mulher, com a pessoa. O que também assegura não apenas outra visão, mas também a necessidade de que não é necessário ser o que a sociedade quer que a mulher seja. A partir dos discursos a seguir, perceberemos o quão ser mulher pode representar.

Assim, Silvia durante a entrevista diz: “eu tenho um orgulho muito grande de tudo o que eu já conquistei, de tudo o que venho fazendo. Não sei se como mulher, mas como pessoa, trago muito assim de generosidade, de contribuir com as pessoas [...] o fato de ser mulher me fortalece a crescer”.

Porém, Silvia pontua que ela se sente triste devido à cobrança da sociedade “faz tempo que estou casada e existe a cobrança da sociedade em ser mãe, a sociedade cobra muito, e às

vezes não é o que a gente quer nesse momento. Se você não casa, a sociedade cobra, se você casa, a sociedade cobra e quer que você tenha filhos, isso me incomoda. Na opinião de Silvia: “isso não define a mulher, o fato de você ser mãe ou não”.

Quanto a ser mulher, Silvia define que é: “ter autonomia, é ter força para qualquer situação que enfrentemos, seja no trabalho, seja pessoal. É demonstrar para a minha família, simplicidade, generosidade [...] é ter força para alcançar meus objetivos pessoais, profissionais”.

Para Bibiana não existe “[...] uma imagem do que é ser mulher porque não existe uma imagem concreta. [...] definir o que é ser mulher faz com que muitos estereótipos surjam [...]” por exemplo, pessoas “transgênero, qual o tipo de mulher, porque uma mulher é ser isso ou aquilo? Mas eu espero que a gente possa desconstruir, entender o que é o ser humano, independente do seu gênero”.

De acordo com Bibiana, ser mulher “é ser independente em termos de ter autonomia para ser quem você é e isso para mim é fundamental [...] é uma batalha diária”. Assim ela pontua:

[...] que mulher é, pela condição de gênero, de sexo, de ser mulher de acordo como a sociedade é construída [...], somos extremamente resilientes e guerreiras porque a gente mata um dragão por dia, seja o dragão estar na sua cabeça falando como você deve se vestir, seja o cara mal-educado falando no seu ouvido como você deve se vestir, eles são da mesma intensidade.

Para Bibiana:

[...] ser mulher hoje é buscar em você quem você é, sua autonomia na sua identidade, nas suas escolhas. Se eu quero ficar em casa, se eu quero ser mãe, dona de casa, eu quero ser, mas compreendo que é uma escolha minha. Eu acho que a palavra é autonomia. Não compreendendo que sou abnegada. Para mim essa seria a resposta, não tem nada de universal ou coisas do tipo. Eu espero que a mulher seja assim ou assado, não. Eu acho que é você buscar sua autonomia, suas escolhas construindo sua identidade, sua persona da maneira que ela seja e não se sentindo obrigada a fazer isso. Eu acho que isso é fundamental” (BIBIANA).

Os discursos dessas duas mulheres se pautam não apenas na questão do ser mulher, mas também do ser humano, pois como Bibiana nos deixa claro, para ela a imagem de mulher não é definida como algo concreto, envolve outras questões que estão além do gênero, mas isso não a impede de pensar sobre ser mulher, de buscar sua independência e autonomia. De forma semelhante, Silvia aponta-nos que apesar da dificuldade de definir o ser mulher, da força, da autonomia que devem buscar e carregar consigo, é preciso pensar a mulher como indivíduo, dentro de suas conquistas pessoais e profissionais.

Outro fator relevante do questionamento sobre ser mulher, foi indagar a elas o que mais as incomoda em relação às diferenças entre elas e os homens, as respostas foram as mais variadas, mas todas concordam que é preciso haver mudanças, pois elas entendem que a questão do patriarcado, do machismo é muito presente em nossa realidade.

Lola pontua que é necessário “livrar as mulheres da violência. [...]. As mulheres ficam dependentes dos homens e eles se aproveitam [...]. É preciso mudar o lugar que a mulher ocupa na sociedade, ter direitos, de ver, de pensar, ter voz, pois os homens acabam ocupando esses lugares e hoje existe um abismo entre homens e mulheres”.

Assim sendo, Leonora diz: “homem quando se junta com homem. Eles vão sempre desvalorizar a mulher, eles veem as mulheres como objeto sexual é um desrespeito muito grande. A questão salarial também é algo difícil, principalmente entre as mulheres negras, indígenas” que para ela ganham salários inferiores as mulheres brancas.

Já Silvia ressalta a necessidade de as mulheres terem mais representatividade “a gente teria ainda voos mais altos” assim ela chama atenção por algo que até o momento não foram pontuadas pelas entrevistadas, tendo em vista que: “a maioria das legislações forma feitas por homens. [...] a Constituição, as leis anteriores e outras foram os homens que formularam e que não foram atualizadas”, assim Silvia destaca durante a entrevista a necessidade de união entre as mulheres, caso contrário se “não tivermos uma maior representatividade não vai mudar essa realidade. Hoje somos a maioria de votantes em nosso país, porém é enorme quantidade de homens no poder, o que dificulta.

Helga se diz incomodada com a atitude do homem, principalmente depois que veio morar no Paraná “o homem acha que o serviço doméstico é obrigação só da mulher. Eu moro na casa, eu vivo na casa, a casa também é minha, mas o serviço é só da mulher” independente dos dois trabalharem fora é somente a mulher que faz os serviços de casa afirma Helga.

Diante dessa situação, Helga destaca uma cena corriqueira vivenciada pelas mulheres brasileiras: “os dois chegam cansados, mas o homem chega e deita no sofá e a mulher vai fazer a janta, limpar a casa, cuidar das crianças, lavar as roupas”, tal situação é resquícios de uma sociedade patriarcalista, na qual os serviços domésticos é obrigação das mulheres. Outro ponto que incomoda Helga refere-se “a mulher estar no trabalho, e o homem achar que não temos que ter o salário igual ao deles, que não podemos dentro de uma hierarquia ser mais do que eles, isso me deixa indignada. Chega a ser ofensivo”.

Capitu durante a entrevista chama-nos a atenção quando aborda a violência contra a mulher, o uso da força física do homem, “o despreparo das mulheres para lidar com esse tipo de situação, seja no preparo físico ou no psicológico para lidar com a agressão”. Por sentir

desconfortável com a situação de violência contra a mulher no país, ela resolveu praticar a luta “hoje pratico aulas de defesa pessoal é porque se um dia eu passar por essa situação, quero estar preparada para lidar com ela. Essa questão da violência é covardia e qualquer tipo de covardia sou totalmente contra”. Capitu ainda assevera que é: “intolerável homem agredir uma mulher. Eu não quero nem tentar entender os motivos dele. Eu sei se é porque é algo mais visível, mas a questão salarial está incluída no pacote, é algo intolerável” (CAPITU).

Vejamos o que diz Bibiana: “O que mais me incomoda entre homens e mulheres? Aí, tudo! Não, eu acho que o que mais me incomoda é o peso do fato de a gente ter nascido com um órgão genital e eles com outro e o peso social que isso tem”.

Na entrevista Bibiana apresenta várias reflexões sobre o direito de ser mulher, para ela:

É o peso de ser julgada, de viver e me sentir injustiçada por algo que não tem nada a ver comigo. Ah! Eu tenho que ganhar menos, eu tenho que ser desvalorizada pelo simples fato da minha biologia, de ter nascido assim e ninguém nunca me deu escolha de falar o que eu quero, de ganhar menos ou não. Eu sinto que o peso dessa diferença é o que mais me incomoda porque gera muita injustiça, da qual nós não conseguimos ser reparadas porque ela está em todos os lugares. Ela está enraizada na ideia do que é ser mulher, na ideia de que a gente deve ou não fazer, de como temos que nos vestir, de ser responsável, de como temos que falar, que temos que ser maduras, que temos que ter maturidade, que temos que fazer uma tripla jornada de trabalho, casa, isso e aquilo. É um peso muito grande, o que carregamos, nós nem precisamos nascer, ainda somos um feto, e mostrou lá que você tem uma vagina, pronto! Já tem um peso em relação a quem você é, ninguém te dá a opção de escolha. Eu acho que é isso, usurparam nosso poder de escolha” (BIBIANA).

Consideramos muito significativas as colocações de Bibiana, acreditamos que muitas mulheres brasileiras são julgadas, injustiçadas pelo simples fato de terem nascido mulheres. Afinal de quem é a culpa? É das mulheres por serem mulheres? Ou de uma sociedade machista e preconceituosa em que o patriarcalismo está mais presente do que nós podemos imaginar?

Ana Terra sente-se incomodada quando ouve uma mulher “tirando sarro” de uma amiga por alguma coisa, ou ela não casou ou ela usa roupa muito curta está querendo se mostrar. Não me incomoda um homem falar isso, porque é deles essa atitude machista e nós sabemos disso”. Assim, Ana Terra continua a sua reflexão “uma mulher falar mal da outra. E se ela não casar? Agora, você pode ficar dentro de casa sendo maltratada pelo marido, mas você é casada né?” diz Ana Terra.

Segundo Alice:

A questão do salário está muito ligada à supremacia masculina, porque o homem pode mais, ele pode se dedicar mais do que uma mulher, então, eu acho que é uma mensagem bem clara de que existe essa diferença salarial porque existe diferença intelectual, que existe diferença na hora de assumir

cargos, sobretudo em algumas profissões e em grandes empresas multinacionais. É uma realidade muito visível, é uma realidade dura.

Assim, Alice pondera: “que deve ser muito difícil para uma mulher que tem mestrado, que é mais qualificada, que se dedica, se empenha, mas que, mesmo assim, existe diferença salarial por uma questão machista. Uma diferença de gênero que nós não conseguimos mudar”.

Para Alice, as mulheres precisam assumir posições estratégicas a exemplo da vice-presidente dos Estados Unidos, pois somente assim poderão “desmistificar esses paradigmas que vão sendo quebrados. Até a vitória de uma mulher para mim diante do mundo já é uma conquista minha, porque vai se tornando um símbolo forte de resistência e vai nos fazendo questionar as coisas socialmente e qualquer avanço de uma mulher para nós é muito” (ALICE).

Laurinda também sente incomoda com a questão salarial destaca que na profissão dela não é tão comum a presença de homens, diante disso ela ilustra uma situação vivenciada: “uma vez eu fui fazer uma entrevista para uma vaga de secretária num supermercado. Quando eu cheguei lá o dono do supermercado disse que queria um homem porque era para carregar caixas. Ele nem me perguntou se eu conseguiria fazer o serviço”. O fato ilustrado por Laurinda é muito comum em muitos locais de trabalho onde a preferência ainda continua a ser pelos homens, independente da capacidade da mulher.

Sobre a questão das diferenças entre homens e mulheres há um consenso quando se fala do que está ligado a dominação masculina proposta por Bourdieu (2012, p.20), porque aliada à dominação está a questão do gênero abordada por Adiche (2014) ao falar que a biologia é um fator determinante, pois é ela que justifica a diferença social existente entre homens e mulheres e, assim, respaldando a concepção de Bourdieu sobre a questão da divisão social do trabalho. Destarte, tanto o pensamento de Bourdieu (2012) quanto de Adiche (2014) corroboram com os discursos de Alice e Bibiana, pois ambas compreendem ser a diferença biológica entre homens e mulheres que possibilita as demais diferenças entre os gêneros, o que assegura a eles a posição de dominar aqueles que se encontram fora da posição de destaque na sociedade.

Diante disso, é preciso levar em consideração que as diferenças apontadas pelas entrevistadas se originam a partir da questão biológica, e que ela não deveria ser o fator preponderante entre os gêneros.

Um ponto de vista destacado do discurso que muito representa a fala de Bourdieu (2012) é sobre a divisão social do trabalho que está presente tanto no discurso de Ana Terra quanto de Clarissa, quando elas deixam explícita a ideia de que a necessidade de ter filhos homens para auxiliar nos trabalhos, porque os homens são mais fortes, da mesma maneira, há esse discurso

da dominação masculina nas fala de Laurinda quando ela diz que ao ir à entrevista de emprego o dono do mercado não a aceitou porque para ela, Laurinda não era capaz de carregar caixas.

[...]. Nós brincamos com o meu pai hoje, eu imagino a angústia dele, precisando de homens para trabalhar com ele e vir três mulheres. É uma angústia para um pai, ele precisa de gente que tenha braço e de repente vem três mulheres de uma vez (ANA TERRA).

-Mamãe, o que papai tem comigo?

-Contigo? – Que ideia é essa?

A despeito do esforço que faz para não chorar, Clarissa não pode atacar uma lágrima que lhe brota no canto de olho, espia e resolve descer-lhe pela face [...]. – Mas que bobagem minha filha, seu pai está assim com todo mundo. – Pra que chorar bobalhona? [...]. Clarissa está de cabeça baixa. As lágrimas pingam no prato de doce e se misturam com a calda da compota. – Eu sei que o papai queria que eu fosse um homem... - Deixa disso.... - Eu sei. Ele disse que a família vai acabar [...] e que eu deveria ter nascido homem... - Mas eu.... Eu não tenho culpa de ter nascido mulher [...] (VERISSIMO, 1994b, p. 53-54).

A respeito do fragmento apresentado e das falas das entrevistadas, identificamos que é por conta da percepção da sociedade em função da dominação masculina apontada por Bourdieu, pela vigência do modelo patriarcal existente em nossa sociedade. O impacto causado pela dominação masculina ou pelo patriarcado remetem-nos às diferenças entre os gêneros que são imensas e levam à desigualdade, o que coloca a mulher na maioria das vezes em situação de inferioridade.

Portanto, para Adiche (2014, p.48), são as relações desiguais de gênero que anunciam como a mulher deve ser, porém: “não reconhece como somos”. Esse aspecto se encontra presente na fala de Bibiana, quando ela afirma sobre a maneira como a sociedade dita a maneira que as mulheres devem se portar, como elas devem ser e a tudo isso está atrelado o discurso das demais mulheres, as piadas, as falas machistas, o ganhar menos são consequências das duas condições impostas às mulheres pela sociedade.

Apresentamos neste tópico as percepções das entrevistadas sobre o que é ser mulher, o que elas pensam, o que ser mulher representa para elas, e junto a isso associamos fatores que incomodam e constrangem as mulheres. Entendemos que todas as questões que aqui nos foram apontadas explicitam que é por meio das diferenças entre os gêneros que se configura e faz perpetuar a dominação dos homens sobre as mulheres, pois são esses fatores preponderantes que incomodam e constrangem as entrevistadas. Todavia, Maria Valéria não se deixa incomodar por algumas atitudes, como demonstramos em sua fala: “uma piadinha aqui, uma coisa ali, realmente eu não passo por isso, mas se houver, aquele que fez a piada acaba sendo mais incompetente do que eu, acaba tendo menos conhecimento do que eu” (MARIA VALÉRIA). A participante entende que sim, existem comportamentos ofensivos, embora ela

compreenda que tais comportamentos não a incomodem tanto, mas isso não exime a responsabilidade de quem intimida, ofende o outro.

Nessa categoria, compreendemos que a percepção do que é ser mulher para as entrevistadas, caminha sobre uma linha tênue entre a força, a independência, o ser livre, e a tudo que esteja diretamente voltado para o gênero, para a questão da construção do indivíduo, de como se dá a construção de cada um. Na outra ponta da linha, temos as diferenças e tudo que nelas se pautam, acentuam ainda mais as diferenças, e são justamente as diferenças que dão mais poder, mais força aos homens e que mantêm a mulher em condição de subjugamento e inferioridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do romance “*Um Lugar ao Sol*” de Erico Verissimo, procuramos, por meio das investigações históricas, bibliográficas conceber a definição de lugar para a Geografia e a Literatura e, a partir disso, compreender qual (is) lugar (es) que as mulheres ocupam e qual (is) papel (eis) desempenham dentro da sociedade, sejam essas mulheres reais ou fictícias, os lugares e papéis perpassam pelas relações estabelecidas com o romance e com a realidade. Para tanto, compreendemos as transformações sofridas pela sociedade a partir da década de 1930, momento em que Erico Verissimo escreve a obra, e é por meio desse romance que entendemos a maneira como se deram as transformações do lugar ocupado pelas mulheres daquela década e como as mulheres chegam aos primeiros vinte anos do século XXI. É a partir do romance em questão, dos lugares que Clarissa e Fernanda ocupavam na sociedade em que viviam e a maneira como essas personagens em muitos aspectos se assemelham às mulheres da vida real.

Além das pesquisas já citadas, também utilizamos os estudos de gênero para interpretarmos de que maneira os movimentos feministas deram à mulher a possibilidade de não apenas ter seus direitos ao voto, ao estudo e sua emancipação garantidas como também o domínio sobre seu corpo.

Sobre os conceitos de lugar e a maneira como Clarissa e Fernanda ocupam esses lugares, foram fundamentais os diálogos entre a Geografia e a Literatura por meio da interdisciplinaridade, dado que tanto a primeira quanto a segunda são consideradas ciências, cada uma com as suas peculiaridades, mas ambas utilizam as linguagens verbais, não verbais bem como marcas do tempo, do espaço, além disso, as duas áreas de conhecimento se encontram abertas à diversidade.

Devido à aproximação entre Geografia e a Literatura por meio da abordagem cultural humanista ocorrem as relações humanas e a influência na organização espacial. Assim, a Geografia acaba incorporando a Literatura sob dois aspectos: a primeira como realidade, e a segunda como representação. Portanto, consideramos que as obras literárias contêm imagens, linguagem típica dos lugares, diante disso, o diálogo entre a Geografia e a Literatura auxiliam na construção tanto da sociedade quanto do desenvolvimento. Já a História auxilia na construção de fatos históricos, como observamos na construção e no desenvolvimento da cidade de Porto Alegre tanto na realidade quanto na ficção, além disso, a História também auxilia na compreensão do surgimento e da evolução do movimento feminista, já a Sociologia faz a análise das relações sociais existentes, como observamos em várias passagens da obra “*Um Lugar ao Sol*” em que ficam explícitas as relações de amizade mantidas entre as famílias de

Clarissa e Fernanda, essas relações que são apresentadas no romance se assemelham as da realidade. As duas disciplinas se completam, contudo, existe uma linha fina e tênue entre elas.

Entendemos que o objeto da Geografia é o espaço geográfico e tudo o que nele está contido. Por sua vez, a população se apropria dele. Existe dentro do espaço geográfico várias interlocuções, porque nele há vários sistemas que se integram, e todos esses sistemas influenciam na transformação da sociedade, independente da sociedade ser fictícia ou real. Tais transformações ocorridas dentro do espaço geográfico foram notadas no romance aqui estudado ao falarmos sobre a cidade de Porto Alegre. A Geografia traz consigo as definições de espaço, de lugar dando a ambas diferenças que se completam, já a Literatura, que tem como recurso reconstruir as cidades, as sociedades por meio dos romances, neles estão presentes descrições do espaço, do tempo, esses fatores foram percebidos no decorrer do estudo da obra “Um Lugar ao Sol”. Por isso, entendemos que o romance compartilha tanto dos princípios da Geografia quanto da Literatura, colocando evidência o lugar, dado que as duas áreas do conhecimento se equilibram em cima de uma linha tênue num frequente exercício de flexibilidade.

As associações, os diálogos construídos entre a Geografia e a Literatura são frutos dos estudos interdisciplinares a partir do conceito de lugar, palavra que se destaca no título do romance e que foi percebido no decorrer do texto, portanto é por meio da interdisciplinaridade que foi possível comprovar as relações e aproximações entre a Literatura e a Geografia, História e Sociologia

A Literatura está diretamente associada ao desenvolvimento da sociedade, dado que ela necessariamente precisa dos enlaces sociais porque eles são indutores diretos nas características da obra literária. Por essa razão, a Literatura é considerada um fenômeno originário da civilização e por tal motivo é possível estudar a obra literária, como foi feito no romance “Um Lugar ao Sol” quando discutimos a (s) conquista (s) do (s) lugar (es) da mulher construída e da mulher real. A junção entre a Literatura e o desenvolvimento da sociedade é explícita na literatura produzida por Erico Verissimo na década de 1930, pois ele por meio de suas personagens femininas consegue dar visibilidade à mulher que, naquela época, estava começando a ser inserida no mercado de trabalho e na sociedade. Embora compreendamos que por conta do momento político e histórico vivido pelo autor, fizeram-no produzir uma literatura voltada para a classe burguesa que estava se fortalecendo, daí a necessidade de se colocar a mulher em evidência.

Destarte, compreendemos que Erico Verissimo ascendeu como romancista devido a fatores relacionados à chegada de Getúlio Vargas à presidência, fator que auxiliou no fortalecimento da economia rio-grandense, na consolidação do sistema de ensino superior, além

disso não houve nenhum tipo de repressão aos escritores gaúchos, a ampliação do sistema editorial do Estado. Devido a esse último fator, a Editora Globo de propriedade de Mansueto Bernardi, local em que Erico Verissimo trabalhava e com quem tinha um bom relacionamento gerava certa ambiguidade, pois Bernardi além de ser integrante da AIB e dono de uma das maiores editoras da época.

As inovações que Erico Verissimo trouxe para a Literatura brasileira são muitas, mas a mais relevante é a técnica do contraponto, tal técnica é utilizada na música, e Erico Verissimo a levou para os textos. As mulheres verissianas são retratadas de maneira diferente dos homens, são personagens fortes, que buscam ter domínio sob suas vidas, procurando dar à família o equilíbrio necessário, movimento feito por Fernanda, pois é ela que resolve todos os problemas da família e algumas vezes dos vizinhos. Já a figura masculina é descrita a partir das características físicas não possuindo características psicológicas acentuadas como as das mulheres. Todavia, as mulheres negras dentro de suas obras não ocupam lugares de destaque, e bem diferente de Clarissa, Fernanda e as demais mulheres que compõem seus romances, as mulheres negras, como dona Doce, ganha características físicas, são empregadas, moram em lugares inóspitos e sequer sabem ler ou escrever, tal fato nos leva a compreender que os romances verissianos não retratava as mulheres menos favorecidas.

No que tange às relações entre a ficção e a realidade, é nítida a complementação de ambas, dado que a ficção possui traços da realidade, dando a ela a capacidade não de reproduzir, mas de representar uma realidade. Daí compreendermos que na ficção existem os mesmos atos de linguagem presentes na realidade, porém é a forma como tais atos se manifestam e que diferenciam a realidade da ficção, o que as particulariza é maneira como o escritor concebe as ideias, os fatos, movimento que Erico Verissimo nos apresenta o tempo todo no decorrer da obra *Um Lugar ao Sol*, pois mesmo Clarissa sendo uma mulher produzida pelo imaginário do escritor, ela passa por situações semelhantes a das mulheres da realidade. Portanto, o diálogo existente entre a ficção e a realidade corrobora não apenas com a obra aqui estudada, mas também nos faz entender que a ficção não existe sem a realidade e, mesmo que exista partículas de realidade na ficção, essa cria sua própria realidade.

Os estudos sobre o feminismo fizeram-nos compreender de que maneira e como os movimentos feministas transformaram a vida das mulheres, principalmente em relação aos lugares que as mulheres começaram a ocupar na sociedade. Portanto, esses estudos foram fundamentais para compreender as motivações de Erico Verissimo a construir personagens femininas com visibilidade, dado que as mulheres reais do terceiro decênio do século XX iniciavam sua entrada no mercado de trabalho.

Percorremos os caminhos da literatura para averiguar a maneira como a mulher fictícia era tratada na sociedade correspondente aos movimentos literários, para isso perpassamos pelas mais diferentes épocas e estilos, mas a condição da mulher fictícia não era muito diferente da mulher real, elas possuíam os mesmos deveres, eram vistas como meras coadjuvantes nas sociedades, eram colocadas à margem, situação vivenciada tanto pelas mulheres reais quanto pelas mulheres fictícias. Essa condição social da mulher começou a mudar com a chegada da industrialização, foi a partir desse momento que a mulher começou a trabalhar fora de casa, é também nesse período que começa a haver a preocupação com a mulher que procura o seu crescimento via educação, embora que esse crescimento ainda esteja relacionado ao aprendizado de administrar e coordenar a casa, tomar conta da família, do marido e dos filhos.

O magistério foi relevante para a inserção da mulher no mercado de trabalho e no espaço público, a profissão desempenhada por Clarissa e Fernanda, mulheres que permeiam o romance aqui estudado. Portanto, concebemos que as mulheres idealizadas por Erico Verissimo foram respaldadas pelas transformações históricas e políticas pelas quais a sociedade de 1930 passava. Além disso, o escritor tem em suas próprias experiências para criar suas personagens femininas. Foi a partir da visibilidade dada à mulher que o romancista procurou questionar não apenas a sociedade gaúcha, mas também a sociedade brasileira.

O conceito da palavra ‘lugar’, como apontamos em vários momentos desse texto, representa os laços que se têm com as pessoas, e os locais em que vivemos, a palavra aparece no título da obra que foi escrita em 1936, momento em que Clarissa retorna para Porto Alegre, fazendo daquele espaço citadino o seu novo lugar. Tanto Clarissa quanto Fernanda ocupam vários lugares no decorrer na obra, assim como as mulheres da realidade, as personagens verissianas transitam nos espaços públicos e privado. Clarissa ocupa na sociedade o lugar de trabalhadora, era a mantenedora da casa, por outro lado, ela tinha sonhos como todas as moças de sua idade. E é por meio de Clarissa que percebemos as transformações que estavam ocorrendo dentro da sociedade, bem como da nova classe social que surgia. É a partir dessa nova classe social, das transformações sociais apontadas no romance que chegamos a segunda metade do século XX, momento em que o feminismo renasce e ganha força em fins da década de 1960 e início da década de 1970.

Por meio da obra *Um Lugar ao Sol* que nos reapresentou personagens vindas de romances anteriores, Erico Verissimo trouxe uma Clarissa amadurecida, que vive e experencia as mais diferentes situações e foi a partir das experiências, das vivências de Clarissa e Fernanda que construímos as entrevistas apresentadas nesta pesquisa. Buscamos compreender quais são os desafios enfrentados pelas mulheres que nasceram na segunda metade do século

XX e chegam aos primeiros vinte anos do século XXI, a maneira como essas mulheres lidam com as dificuldades, com as diferenças, os diferentes lugares que elas ocupam no trabalho, em casa, o papel delas dentro da sociedade em que vivem. Ressaltamos que as mulheres que vivem no século XXI possuem diferenças da mulher que viveu na primeira metade do século XX, elas podem optar, embora algumas das funções ainda sejam destinadas às mulheres, ela estuda, trabalha fora, mas a função de ser dona de casa ainda é dela. As transformações sociais e políticas ocorridas no decorrer da segunda metade do século XX, nos anos de 1960 e 1970 deram à mulher a possibilidade de ter domínio sobre o seu corpo, sobre suas vontades, mas a mulher ainda precisa lutar para ocupar lugares que não precisariam lutar para assumir se os direitos fossem realmente iguais para mulheres e homens.

Constatamos por meio das entrevistas que as mulheres possuem graduação, mestrado, doutorado, todas trabalham e se mantêm, auxiliam também na manutenção das contas da casa, elas lutam para serem independentes. Elas compreendem que não é apenas a escolaridade que leva à liberdade mas auxilia na construção do conhecimento que, por sua vez, leva à liberdade. Em relação ao trabalho, as mulheres dizem que ele traz a independência financeira, logo é possível afirmar que o trabalho está relacionado à emancipação e com a transformação social porque é por meio dele que a mulher passa a vivenciar e a participar de outro contexto social.

As mulheres que vivem nos primeiros vinte anos deste século possuem percepções diferentes sobre si, sobre o trabalho, sobre sua vida. Em muitos pontos elas convergem na maneira de pensar, principalmente as mulheres negras, pois as mesmas compreendem haver maior dificuldade para ocupar lugares que as mulheres brancas ocupam sem muita dificuldade.

As entrevistadas percebem que as transformações sociais ocorridas de geração para geração, todavia, existem entre elas e as mães enormes dificuldades em conversar sobre sexo ou sobre assuntos relacionados ao sexo, o mesmo ocorre no romance *Um Lugar ao Sol* quando Lu, vizinha de Clarissa não compreende o porquê de a mãe ter tanta dificuldade em lidar com o momento da adolescência vivido pela filha. Ou ainda da dificuldade que a mãe de Clarissa tem de se aproximar, de fazer um carinho, de dar um abraço.

Entre as escolhas e as cobranças, é perceptível que todas lutaram e lutam para ter seus lugares dentro da sociedade, a qual é patriarcalista e machista, que mesmo com todas as transformações ainda educa meninos e meninas de maneira diferente. São as diferenças entre os sexos que fazem com que os homens dominem a sociedade.

Sobre as diferenças entre as gerações, nossas entrevistadas entendem possuir melhores condições de trabalho do que as mães, avós bisavós, principalmente em relação ao estudo e ao trabalho. As gerações anteriores a dessas mulheres foram impostos obstáculos dos mais

diferentes níveis, dentre eles a interferência direta da Igreja Católica e da medicina que tinham a concepção da mulher como mãe, dona de casa e esposa.

Verificou-se no decorrer das entrevistas a compreensão do que as mulheres entendem o que é ser mulher, de que forma elas lidam com as diferenças entre homens e mulheres e da mesma maneira que Clarissa e Fernanda percebem as transformações sociais, nossas entrevistadas também o fazem e sob os mais diferentes pontos de vista, as entrevistadas constroem o indivíduo do gênero feminino, dado que essa construção ocorre por meio das peculiaridades, da submissão as quais mulheres foram sujeitadas devido aos momentos históricos, aos quais suas experiências e vivências foram singulares a cada uma fazendo com que as identidades se construíssem a partir das subjetividades femininas. Apesar de todas as transformações ocorridas na vida das mulheres, existem fatores que permanecem iguais, as tarefas de casa, os cuidados com os filhos ainda são tarefas exclusivas das mulheres. Diante disso, nossa pesquisa aponta para a necessidade de uma participação e inserção maior da mulher dentro da sociedade em que ela vive, que não seja preciso que mulheres que tenham filhas e precisem utilizar pensamentos machistas para proteger suas filhas dos homens. A mulher passou sim a ocupar e a assumir outros papéis dentro da sociedade, contudo ainda é preciso a sociedade enxergar a mulher como cidadã, como indivíduo que não seja subjugada e tampouco viva sob a dominação masculina, pois a partir do momento em que a sociedade tratar homens e mulheres de maneira igual, teremos um melhor desenvolvimento da sociedade.

Considerando os estudos sobre o lugar que as mulheres vêm ocupando tanto na ficção quanto na realidade bem como as transformações políticas, sociais e econômicas de cada época, entendemos que nossa pesquisa colabora não só para a compreensão do (s) lugar (es) mas também do (s) papel (is) que elas têm desempenhado na sociedade muito agregam nos estudos sobre o desenvolvimento da sociedade e também da formação humana, do espaço, dado que as mulheres participam ativamente da construção do espaço da cidade, da sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos Feministas**. Tradução: Christina Baum São Paulo: Companhia das Letras, 2014
- AGUIAR, Flávio. As Mulheres de Erico. **Revista Via Atlântica**, n 02, p. 100. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica>. Acesso em 18 mai. 2018.
- ALMEIDA, Lélia. **A sombra e a chama:** (uma interpretação da personagem feminina) D'o tempo e o vento. (Dissertação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-Graduação em Letras: Área de Concentração: Estudos Literários. 147 fls. 1992. Disponível em: [www.http://lume.ufrgs.br/handle/101883/11320](http://lume.ufrgs.br/handle/101883/11320). Acesso em 20 mar. 2020.
- ALVARENGA, Augusta Thereza de et al. Histórico, Fundamentos Filosóficos e Teórico-metodológicos. In: **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação**. Ed. Manolle, Barueri, SP. 2011.
- ANITELLI, Fernando. O Anjo mais velho: São Paulo: Independente, 2013. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/o-teatro-magico/361396/>. Acesso em 30 de mar. 2021.
- ARAÚJO, Patrícia Lopes de. História e Literatura: “Um diálogo possível” Germinal de Émile Zola. **Revista Gláuks**, n. 2, v. 18, 2018. Retirado de: [www.http://revistagláuks.ufv.br/Gláuks/article/view/6172](http://revistagláuks.ufv.br/Gláuks/article/view/6172). Acesso em: 20 fev. 2020.
- ATHAYDE, Tristão. Erico Verissimo e o antimachismo. In: **Caderno de Pauta Simples: a literatura e a crítica literária**. Maria da Glória Bordini (org.). Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005.
- BARBOSA, Maria José Somerlate. Saltando os “Círculos de Giz”:as personagens femininas e a dinâmica dos gêneros em romances de Erico Verissimo. In: **Caderno de Pauta Simples: a literatura e a crítica literária**. Maria da Glória Bordini (org.). Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005.
- BARCELOS, Frederico Roza. Espaço, Lugar e Literatura – O olhar geográfico machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro. **Revista Espaço e Cultura**. UERJ. n 25, p. 41 -52, Jan./Jun. 2009. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/paraonde/article/viewFiel/61591/36421>>. Acesso: 22 de jan. 2018.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1993
- BARTHES, Roland. O Efeito do Real. In: **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BARTOLY, Flávio. Debates e perspectivas do lugar na geografia. **GEOgraphia**, v13, n.26, p. 66 – 91, 2012. Disponível em: < <http://periodicos.uff.br/geographia/articleview/13625>>. Acesso: 22 de jan. 2018.
- BELLINI, Ana Helena Cizzoto. Representações do Feminino. **Cadernos de Leitura, Jorge Amado**. Retirado de: <http://www.jorgeamado.com.br/professores/03.pdf>. Acessado em: 14 mai. 2019.

BARROS, José D'Assunção. Teoria e Metodologia – Algumas Distinções Fundamentais entre as duas dimensões no âmbito das Ciências Sociais e Humanas. **Revista Eletrônica de Educação**, n. 1, v. 7, mai. 2013. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/433>>. Acesso em 20 fev. 2020.

BELINI, Luzia Marta. O estatuto da interdisciplinaridade: conceito, uso e modalidade. In: **Formação Humana: espaços e representações**. Cristina Satiê Pátaro e Marcos Clair Bovo (orgs). Campo Mourão: UNESPAR, p. 11- 28. 2016.

BIASE, Matheus Oliveira Knychala. **Campo e Cidade: “N (um) Lugar” ao Sol de Erico Verissimo**. 2013.89f. – Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História, Uberlândia, MG.2013.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou ofícios de historiador**. Trad. André Telles. São Paulo: Zahar Editora, 2002.

BONFIM, Maria Aracy. Linha na roca, linha na pauta - **O tecer da memória na obra O Tempo e o Vento, de Erico Verissimo**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

BORDINI, Maria da Glória. **Criação Literária em Erico Verissimo**. Porto Alegre: LP&M, EDUPUC, 1995.

BORDINI, Maria da Glória. Do Moderno ao pós-moderno. In: **Cadernos de Literatura Brasileira**. Instituto Moreira Sales, Rio de Janeiro, n 16, nov. p.140- 157. 2003.

BORDINI, Maria da Glória. **A Poética da Cidade em Erico Verissimo**. Rio de Janeiro: Edições Makunaíma, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertand Brasil. 2012.

BOVO, Marcos Clair. BAHIA, Fernanda Pereira. O Livro de Registro e o Parque: diferentes experiências vividas a partir da percepção ambiental. **Interdisciplinary Line Geography Journal** n.4, v.4, article 3. oct/dec 2013. Disponível em: <<http://revista.srvroot.com/linksciencplace/index.php/linkscienceplace/article/download/416209>>. Acesso em: 19 dez. 2019.

BRAGA, Adolfo. Prisioneiros. In: **A Liberdade de Escrever: Erico Verissimo**. Maria da Gloria Bordini (org.). Porto Alegre: EDUPUC. 1997.

BRAGA, Rogério de Faria. Trabalho, Educação e Emancipação Humana. **Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos**. Retirado de: <https://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area8/area...> Acesso em: 06 abr. 2021.

BRANDÃO, Luís Alberto. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1985.

BRITO, Angélica. **Entrevista concedida** em 22 de Outubro de 2020. Via Plataforma Google Meet.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: Corrêia, R. L; Rosendahl, Zeny. (Orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2007.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo: o lugar na geografia. In: CASTROGIOVANNI, A. (Org). **Ensino de geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. 7ª edição. Porto Alegre: Editora Mediação, 2000.

CANDIDO, Antônio. A Personagem do Romance. In: **A Personagem de ficção**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1969.

CANDIDO, Antônio. Erico Verissimo de Trinta a Setenta. In: O Contador de Histórias. In: **O Contador de Histórias**. Flávio Loureiro Chaves (org.). Porto Alegre: 1980.

CANDIDO, Antônio. **Educação pela Noite e outros Ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antônio. Mas, afinal, Verissimo é um bom ou mal ficcionista? In: **O Romance da História**. Sandra Jathay Pesavento, Jacques Leenhardt, Ligia Chiappini, Flávio Aguiar (orgs). São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARNERIO, Ana Paula Lima. **A representação da figura feminina em “A Dama das Camélias” de Alexandre Dumas Filho e “Lucíola” de José de Alencar: uma análise comparativa**. 2013. 64f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba. Departamento de Letras, Catolé, PB, 2013.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade** vol. II, Cap. IV. Trad. De Klauss Brandini Gehardt. Ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro/São Paulo, 2018.

CASTRO, Júlia Fonseca de. Geografia e Literatura: Da Aproximação ao Diálogo. In: **Geografia, Literatura e Arte**: epistemologia, crítica e interlocuções [livro eletrônico]/ Júlio César Suzuki, Angelita Pereira de Lima, Eguimar Felício Chaveiro (orgs). Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. 466p.

CHAVES, Flávio Loureiro. Erico Verissimo e o Mundo das Personagens. In: **O Contador de Histórias**. Porto Alegre: Ed. Globo. 1980.

CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Verissimo**: realismo e sociedade. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1981.

CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Verissimo**: O escritor e seu tempo. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2001.

CHAVES, Flavio Loureiro. O Narrador como Testemunha da História. In: **Caderno de Pauta Simples: a literatura e a crítica literária**. Maria da Glória Bordini (org.). Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005.

COMPAGNON, Antoine. Os Mundos Fictícios. In: **O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O Movimento feminista no Brasil: Dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**, v.5, n.2, p. 1-20. Retirado de: <http://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31137>. Acesso em: 28 jan. 2021.

COSTA, Simone da Silva. Mulher, Mãe, Trabalhadora, Cidadã... Condição Feminina nas três primeiras décadas do século XX. **Revista Paraibana de História**, ano 1, 2º sem. p. 20-39, 2014. Retirado de: www.periodicos.ufpb.br/index.php/rhp/article/view/23811/13073. Acesso em 20 jan. 2020.

CORRÊA, Lorrany Mirielle Santos. **Emancipação Feminina na sociedade contemporânea: reflexões sobre o papel formativo da mulher na família**. 2019. 88f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Goiás, 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Literatura, música e espaço**. EdUERJ, 2007.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

D'Incão, Maria Ângela. Mulher e Família. Burguesa. In: **História das Mulheres no Brasil**. Mari Del Priori (org.). São Paulo: Contexto, 2004.

DEL Priori, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

DIGRANDI, Celito. Somos todos uns Mentirosos. In: **A Liberdade de Escrever**: Erico Verissimo. Maria da Gloria Bordini (org.). Porto Alegre: EDUPUC. 1997.

DOURADO, Rosiane de Jesus. **As formas modernas da mulher brasileira: décadas de 20 e 30 do século XX**. 2006, 145f. Dissertação (Mestrado em Artes e Design) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Artes e Design. Rio de Janeiro, 2006.

D'ONOFRIO, S. **Pequena Enciclopédia da Cultura Ocidental: O Saber indispensável, os mitos eternos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. A Interdisciplinaridade e os saberes a ensinar: que compatibilidade existe entre esses dois atributos? À guisa da apresentação. In: **O que é Interdisciplinaridade?** Ivani Fazenda (org.). São Paulo; Cortez, 2008.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade – Transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas. In: **O que é interdisciplinaridade?** Ivani Fazenda (org.). São Paulo: Cortez, 2008. p. 17-26

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração, Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: efetividade ou ideologia.** São Paulo: Edições Loyola, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Trad. Laura de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FERNANDES, Felipe Moura. Geografia e Literatura (Ciência e Arte): Proposições para um diálogo. **Revista Espaço E Cultura**, UERJ, RJ, n.33, p. 167-176, jan./jun. 2013. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>>. Acesso em 18 jan. 2019.

FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. Literatura e Espaço: Aproximações possíveis entre arte e geografia. In: **Transfazer o espaço: ensaios de como a literatura vira espaço e vice-versa /** Adáuto de Oliveira Souza... [et. al.]. Dourados: Ed. UFGD, 2011. 194 p.

FERREIRA, L.F. Acepções recentes dos conceitos de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território.** Rio de Janeiro, ano 5, n.9, p.65-83.jul/dez 2000. Disponível em: http://www.laget.eco.br/pdf/09_5_ferreira.pdf. Acesso em 19 out.2019.

FRANÇA, Fabiane Freire. **Representações Sociais de Gênero e Sexualidade na Escola: diálogo com os educadores.** Tese (Doutorado em Educação). 2014. 187f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Educação, Maringá, PR. 2014.

FRESNOT, Daniel. **O Pensamento Político de Erico Verissimo.** Rio de Janeiro, 1977.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades e a cidade:** literatura e experiência urbana. Ed. Rocco, RJ, 1994.

GOMES, Renato Cordeiro. A Cidade, a Literatura e os Estudos Culturais: **do tema ao problema.** Revista de Estudos Literários, Juiz de Fora, v.3, n.2, p. 19 -30. Retirado de: [www.https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19219](http://www.periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19219) Acesso em: 29 ago. 2019.

GONÇALVES, Leandro Forgiarini de. **O Estudo do lugar sob o enfoque da Geografia Humanista:** um lugar chamado Avenida Paulista.2010, 266f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, São Paulo, 2010.

GONZAGA, Sergius. Erico e os Modernos. In: **Erico Verissimo: O escritor no tempo: 1905-1990.** Porto Alegre: Editora Sulina. 1990.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. CORGOSINHO, Rosana Rios. Recortes de Lugar. **Revista Geografias**, UFMG, Belo Horizonte, n 1, v. 02, jan. jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos/periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/download/1319/10425/>. Acesso em 04 jan.2020.

HOLZER, Werter. O Lugar na Geografia Humanista: uma revisão. **Revista ESPAÇO e CULTURA**, UERJ, RJ, EDIÇÃO COMEMORATIVA, P. 137-147, 1993-2008. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6142>. Acesso em: 20 mai. 2019.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

ISER, Wolfgang. Os atos de Fingir ou o que é Fictício no Texto Ficcional. In: **Teoria da Literatura**: em suas fontes v. 2. Trad. Heidran e Luiz Costa Lima. Luiz Costa Lima (org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

KANTORSKI, Evelin Leite. **A Mulher e a cidade**: as representações femininas nos romances de Erico Verissimo nas décadas de 1930. 2011. 222f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Santa Catarina, 2011.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 5ª ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998.

LAJOLO, Marisa. Uma trajetória rara na tradição cultural brasileira. In: **Caderno de Pauta Simples**: a literatura de Erico Verissimo. Maria da Gloria Bordini (org.). Ed. Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **A Produção do espaço**. Paris: Anthropos, 1974.

LEFBREVE, Henri. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 1980.

LIMA, Solange T. de. Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem. **Geosul**, Florianópolis, n. 30, v.15, p.07-33, jul./dez. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/14190>>. Acesso em 30 set. 2019.

LISPECTOR, Clarisse. Não sou Profundo. In: A Liberdade de Escrever: **entrevistas sobre literatura e política – Erico Verissimo**. Maria da Gloria Bordini (org.). Porto Alegre: EDIPUC. 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: **História das Mulheres no Brasil**. Mary Del Priori (org.). São Paulo: Contexto, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e Educação: **Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Ed. Vozes. 2003.

MAESTRI, Mário. **Breve História do Rio Grande do Sul**: a pré-história aos dias atuais. Ed. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2010.

MAIA, Rose dos Santos. **Geografia e Literatura**: um diálogo com o sertão no romance “O Quinze” de Rachel de Queiroz. 2011. 110f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Fortaleza, CE. 2011.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARANDOLA, Janaína A.M. Silva. O Geógrafo e o Romance: Aproximação com a cidade. **Revista Geografia**, Rio Claro, SP, p.61- 81, n 1, v. 31, jan./abr.. 2006. Disponível em: <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/1340>>. Acesso em 27 out. 2019.

MARANDOLA JR, Eduardo. OLIVEIRA, Livia. Geograficidade e Espacialidade na Literatura. **Revista Geografia**, Rio Claro, SP, p.487-507, n 3, v. 34, set./dez.2009. Disponível:<<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4795>>. Acesso em 27 out. 2019.

MARINHO, Samaroni Carvalho. Geografia e Literatura: esboço crítico-compreensivo a um campo de estudo em discussão. In: **Geografia, Literatura e arte: epistemologia, crítica e interlocuções** [livro eletrônico]/ Júlio César Suzuki, Angelita Pereira de Lima, Eguimar Felício Chaveiro (orgs). Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. 466p.

MARONEZZE, Luís Antônio Glogeer. **Porto Alegre em dois cenários: a nostalgia da modernidade no olhar dos cronistas**. 2007. 258f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, RS. 2007.

MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de Gênero: Percursos e Possibilidades na Historiografia Contemporânea. **Cadernos Pagu**, n.11, p. 65-67, 1998, UNICAMP, São Paulo. Retirado de: [www.http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634463](http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634463). Acesso em 14 jan. 2020.

MATTAR, Leila Nersalla. **A Modernidade em Porto Alegre: arquitetura e espaços urbanos plurifuncionais em área do 4º distrito**. 2013. 344f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, RS, 2010.

MASSEY, Doreen. O sentido global do lugar. In: **O espaço da diferença**. Antônio A. Arantes (org.). Campinas: Papiros, 2000, 176 -186.

MELVILLE, Herman. **Moby Dick**. São Paulo: Ed. 34, 2019.

MELO, Adriana Ferreira de. **O Lugar sertão: grafias e rasuras**. 2006. 122f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais. Pós-Graduação em Geografia. Belo Horizonte, MG, 2006.

MENDONÇA, João Guilherme Rodrigues; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Algumas reflexões sobre a condição da mulher brasileira da colônia às primeiras décadas do século XX. **Revista Ibero-americana de estudos em educação**, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/3495>>. Acesso 06 de jun. 2021.

MEIRELLES, Renata Costa Reis de. **Um Retrato da atmosfera urbana de Porto Alegre: as camadas médias urbanas na literatura de Erico Verissimo**. 2008. 127f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós-Graduação em História, Niterói, RJ, 2008.

MINCHILLO, Carlos Alberto Cortez. **Erico Verissimo, escritor do mundo: cosmopolitismo e relações interamericanas**. 2013. 388f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, São Paulo, 2013.

MIRANDA, Raquel Gianolla. Da Interdisciplinaridade. In: **O que é Interdisciplinaridade?** Ivani Fazenda (org.). São Paulo: Cortez, 2008. p. 113- 122.

MONTEIRO, Christiane Schorr. **As conquistas e as trajetórias das mulheres na luta pelo reconhecimento**, 2008. 225f. Dissertação (Mestrado em Direito) Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Programa de Pós-Graduação em Direito. Santo Ângelo, RS, 2008. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/teste/arqs/cp098527.pdf>>. Acesso 06 jun. 2021.

MOREIRA, Ericka Vanessa. HESPAHOL, Rosângela Aparecida. O Lugar como uma construção social. **Revista Formação**, n 14, v. 2, [Revista Eletrônica], p. 48 -60. Disponível em:< <http://revistafct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/645>>. Acesso em 18 out. 2019.

MOREIRA, Maria de Fatima Salum. Homem e Mulher na década de 1930: Tensões Sociais e vida cotidiana. **Revista de Ciências Humanas**, v.15, n.21, p.23-35. Retirado de: www.https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfg/article/download/23352/21029 Acesso em 30 out. 2019

MORAIS, Roselusia Teresa Pereira. **Representação da Docência em romances de Erico Verissimo**. 2010. 108f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Educação. Pelotas, RS. 2010.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Edição revista e modificada pelo Autor. Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória, 8ª ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2005.

OLIVEIRA, Livia de. Sentidos de Lugar e Topofilia. **Revista Geograficidade**, n.2, v. 3, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12867>>. Acesso em 06 jan. 2020.

OLIVEIRA, Maria Eveuma de. FREIRE, Manuel. CHAVES, Sérgio Wellington Freire. Rachel de Queiroz: Uma Mulher à frente de seu tempo. **Revista Pontos de Interrogação**, n.1, vol. 2. p. 203-2015, jan./jun. 2012 Retirado de: <https://revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/viewFile/1541/1003>. Acesso em 02 fev. 2021.

ORNELLAS, Manuelito de. Erico e os Fantoches. In: **Caderno de Pauta Simples: a literatura e a crítica literária**. Maria da Glória Bordini (org.). Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005.

PAIM, Laura Maria e ARAUJO, Susylene Dias de. **A visão da figura feminina representada na obra de Erico Verissimo, frente a sociedade dos anos 30 e 40**. Disponível em: <http://dialogoseduacionais.semed.capital.ms.gov.br/index.php/diálogos/article/download/111/186>. Acesso em: 04 marc. 2020.

PERROT, MICHELLE. **As mulheres ou os silêncios da História**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **A economia e poder nos anos 30**. Ed. Mercado Aberto, Porto Alegre, 1980.

PESAVENTO, Sandra Jathay. Erico e a História. In: **Erico Verissimo: o escritor no tempo: 1905- 1990**. Porto Alegre: Editora Sulina. 1990.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. Ed. Da Universidade; Porto Alegre, 1999.

PITTY. Desconstruindo Amélia. Rio de Janeiro: Deck, 2009. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/pitty/1524312/>. Acesso em 27 abr. 2019.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e Integração dos saberes. **Liinc em Revista**, n.1, v.1, mar. 2005, p.3-15. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3082>>. Acesso em: mai.2019.

POPPER, Karl R. **A lógica da pesquisa científica**. Trad. Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1972.

RAYNOULT, Claude. Interdisciplinaridade: mundo contemporâneo, complexidade e desafios à produção e à aplicação de conhecimentos. In: **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação**. Ed. Manolle, Barueri, São Paulo. 2011.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Ed. Letramento: Belo Horizonte, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. Ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2019.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. In: **A personagem de ficção**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1969.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 5ªed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Donizeth. A Técnica do Contraponto no Romance Caminhos Cruzados de Erico Verissimo. **Revista de Literatura, História e Memória**. Dossiê Literatura e Sociedade. n. 15, v. 11, UNIOESTE/Cascavel, p. 27-42. 2015. Disponível em: <www.e-revista.unioeste.br>. Acesso em 18 nov. 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Luís Alberto Brandão. OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. Sujeito, Tempo e Espaços Ficcionalis: **Introdução à Teoria da Literatura**. São Paulo: Martins Fontes. 2011.

SAUTHIER, Ademar Agostinho. Liberdade e Compromisso O Tempo e o Vento de Erico Verissimo: **uma interpretação filosófica**. Ed. EdIPUC RS: Porto Alegre, 2008

SILVEIRA, Joseanne Corrêa; FLECK, Carolina Freddo. **Forte como.... Uma mulher: uma análise dos desafios enfrentados pelas mulheres no mercado de trabalho**. 2017, 20f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, RS, 2017.

SIQUEIRA, Camilla Karla Barbosa. As três ondas feministas e suas repercussões no direito brasileiro. **XXIV CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI - UFMG/FUMEC/DOM HELDER CÂMARA**. Coordenadores: Gilmar Antonio Bedin, Gisele Guimarães Cittadino, Florivaldo Dutra de Araújo – Florianópolis, CONPEDI, 2015, p.328-354. Retirado de:

<http://conpedi.danilolr.info/publicacoes/66fls1345/w8299187>. Acesso em: 30 jan. 2021

SOARES, Eliane Veras. Embora lidando com literatura, você está fazendo sociologia. **Revista Eletrônica CIVITAS**, v.14, n.1, p.81-92, jan. -dez. 2014. Retirado de: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/16183>. Acesso em: 20 out. 2019.

SOARES, Mozart Pereira. A Mulher na obra de Erico Verissimo. In: **VERISSIMO, Erico**. O tempo e o vento. Edições Comemorativas do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha – 1835- 1845. Porto Alegre; Rio de Janeiro; Globo, 1984.

SOUZA, Beatriz da Silva. PORTO, Gil Carlos Silveira. Perspectiva entre Geografia e Literatura: O Lugar na obra “Casa de Pensão” de Aluizio Azevedo. **Anais da 4ª jornada Científica de Geografia – UNIFAL**, Alfenas- MG. Disponível em: www.unifal-mg.edu.br4jornadageo. Acesso em 20 out. 2019.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. Geografia, Literatura e Música: O Simbolismo Artístico no Geográfico. In: **Geografia, Literatura e Arte: epistemologia, crítica e interlocuções** [livro eletrônico] Júlio César Suzuki, Angelita Pereira de Lima, Eguimar Felício Chaveiro (orgs). Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n. 02, p.71-99, jul. /dez.1995.

STANSKI, Adelita et al. O Conceito de Lugar e suas diferentes abordagens. **Revista Geográfica**, n.11, v. 9, 2014. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/geografica/article/view/11154>>. Acesso em 15 set.2019.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A Perspectiva da Experiência**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, Tempo, Lugar: Um Arcabouço Humanista. Trad. Werter Holzer. **Revista Geograficidade**, n. 01, v.01, P.04-15, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12804/pdf>>. Acesso em 07 jan.2020.

VERISSIMO, Erico. **Um Lugar ao Sol**. Editora Globo: Porto Alegre, 1963.

VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta: Memórias**, v.1, 7ª ed. Editora Globo: Porto Alegre. 1976.

VERISSIMO, Erico. **Música ao Longe**. Editora Globo: Porto Alegre, 1994b.

VERISSIMO, Erico. **Clarissa**. Editora Globo: Porto Alegre, 1995c.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 21, n. SPE, p. 207-238, 2005. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/delta/a/9zX7SwFpWpng6tcncZnsrdj/?lang=pt>>. Acesso 20 de mar. 2021.

ZILBERMAN, Regina. O Romance em zona de transição. In: **Erico Verissimo: o escritor no tempo: 1905- 1990**. Porto Alegre: Editora Sulina. 1990.

ANEXO I



ROTEIRO DE ENTREVISTA

UM LUGAR AO SOL DE ERICO VERISSIMO: MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DAS MULHERES EM DIFERENTES TEMPOS

- 1- Você trabalha? Qual o lugar ocupa em sua atividade de trabalho? Em casa? Qual lugar ocupa?
- 2- De acordo com as suas experiências e vivências de vida, de trabalho, você acredita ter havido transformações em relação as experiências e vivências das mulheres de sua família? (Mãe, avó, bisavó)
- 3- Se você acredita que houve mudanças, quais foram e de que forma afetaram sua vida pessoal e profissional?
- 4- Você escolheu sua profissão por que teve a oportunidade de escolher ou por influência de alguém?
- 5- Você acredita que os estudos podem dar a mulher uma maior liberdade em relação às escolhas pessoais e profissionais? Por que?
- 6- Mesmo com tantas mudanças no que diz respeito a educação, ao trabalho, você acha que a educação de meninas e meninos é igual? E o que a faz ter esta resposta?
- 7- O que é ser mulher para você? E o que mais te incomoda em relação às diferenças entre homens e mulheres?

ANEXEO II

TERMO DE LIVRE CESSÃO

 UNESPAR <small>Universidade Estadual do Paraná</small>	 Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento
<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ, Campus de Campo Mourão- PR</p> <p>PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO - PPGSeD</p> <p>CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL</p> <p>Pelo presente documento, eu</p> <p>Entrevistada:.....,</p> <p>declaro ceder a Pesquisadora:</p> <p>sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento referente ao papel desempenhado pela mulher no século XXI que prestei a pesquisadora/entrevistadora aqui referido, via plataforma remota, em 29/06/2019, como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná. A pesquisadora acima citada fica consequentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor. -----</p> <p>Local e Data:</p> <p style="text-align: right;">Campo Mourão - PR, 29 de junho de 2019</p> <p style="text-align: center;">_____ (Assinatura do entrevistado/depoente)</p>	
Pesquisador: Orientação: Prof. Dr. Marcos Clair Bovo	PPGSeD/UNESPAR–Campo Mourão – PR